

Diário de Notícias

A História da Taça de Portugal



51605290-010217



00001

Diário de Notícias

985.00

Pap. Vaile?

27/100

A História da Taça de Portugal



Diário de Notícias

Edição, coordenação e pesquisa, no Centro de Documentação e Informação do «Diário de Notícias», a cargo de de Viriato Mourão e Rodrigo Pinto.

Prefácio de Fernando Pires (secretário-geral do «Diário de Notícias»)

Concepção gráfica DN

Digitalização de imagens de Sérgio Mateus e Carlos Castro

Impressão Nave Printer, SA

Diário de Noticias, SA - 2 000

As imagens reunidas neste livro provêm do Centro de Documentação e Informação do «Diário de Notícias» e de profissionais como Roland de Oliveira, Lobo Pimentel Júnior e Amílcar Teixeira, bem como dos antigos jogadores Jesus Correia, Rogério, Corona, Osvaldo Silva, Carlos Manuel, Gama, António Manuel, José Mourinho, Tomé, Guerreiro, Carlos Canário e Mário Campos, tendo tido, ainda, a colaboração do Núcleo Sportinguista de Leiria.

A todos agradecemos a disponibilidade demonstrada.

A Taça de Portugal completou agora 60 edições, com a recente final FC Porto-Sporting. É um somatório que merece registo. Que justifica a série de fascículos com que, a partir de hoje, o DN vai contar a sua história. Não de forma exhaustiva, mas de forma a cativar o interesse dos leitores. A Taça, assim basta chamar-lhe, porque assim, simplesmente, todos a denominam, conheceu vicissitudes várias desde a sua criação, na temporada de 1938-39. Apenas um pormenor a distinguiu e distingue: é uma prova a eliminar.

Porque nem sempre foi uma prova inteiramente aberta.

As primeiras edições não tiveram mais de 14 clubes.

Porque nem sempre foi a uma mão. Este modelo, o vi-

gente, experimentado anteriormente não chegou

a uma dezena de vezes, só se fixou na tempora-



da de 71-72. O que até então prevaleceu foram eliminatórias em dois jogos, cada um no campo dos contendores, e desempate, se preciso, e muitas vezes o foi, em campo neutro. E em três épocas até se praticaram os dois modelos: uma primeira fase, em que predominava a «arraia miúda», a uma mão, e a duas as últimas eliminatórias, onde era suposto encontrarem-se os grandes.

Mas à margem de todas estas particularidades, a Taça tem um fascínio especial. Se é sempre incerta a sorte de um jogo, nunca o foi tanto, e tantas vezes deveras surpreendente, como na Taça.

Clubes modestos alcançaram na Taça o seu cume de glória. Efémera, mas imperecível. Entre uns quantos, porventura o mais sensacional coube ao Tirsense, quando logo na primeira eliminatória da Taça de 48-49 afastou o Sporting, por 2-1.

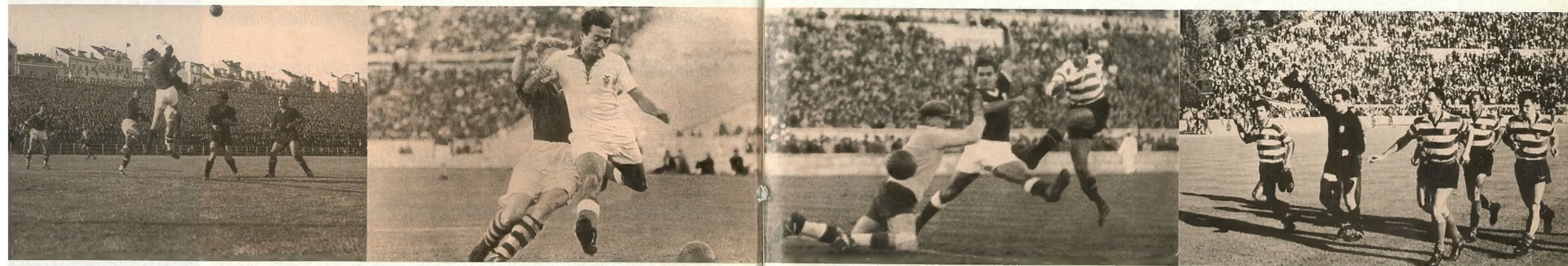
E outros culminaram passagens brilhantes com a presença na grande festa que é a final, arrebatando o troféu (Leixões ao FC Porto nas Antas!), batendo-se no mesmo plano dos mais fortes, dificultando-lhes e valorizando-lhes o triunfo, ou proporcionando finais inéditas (Amadora-Farense e Beira Mar-Campo-meioense, ambas nos anos 90).

As ocorrências de todas as finais, que, com raras exceções, tiveram o seu palco de honra no Estádio Nacional, as imagens, os acontecimentos marcantes e esquecidos e curiosos episódios de cada uma das 60 edições da Taça de Portugal, constituem o conteúdo desta publicação do DN. Que poderá, assim se presume, assinalar ainda o fim de um ciclo da prova, com a decisão da final num só jogo, recorrendo a pontapés de grande penalidade para apurar o vencedor e atribuir o troféu.

FERNANDO PIRES

A «enteada» do futebol

Manuel Mota foi um dos nossos companheiros de profissão, que, apesar de ser empregado nos Caminhos de Ferro, se notabilizou nos «Sports» e depois no «Mundo Desportivo», colaborando, igualmente, no «Diário de Notícias» além de impulsor do Clube Nacional de Imprensa Desportiva (CNID), tendo estado presente em grandes jornadas do futebol nacional – nomeadamente, no Campeonato do Mundo de 1966, em Inglaterra. Daí que se entenda importante a transcrição de parte de um seu artigo, com o título em epígrafe:



«Quando, em meados de 1938, se operou radical transformação no plano das competições do futebol português, ao nível federativo ou nacional, o antigo Campeonato de Portugal tomou a designação, aliás muito mais própria, de Taça de Portugal, enquanto os torneios das Ligas passaram a chamar-se Campeonatos Nacionais. Estas e outras expressões corresponderam, não só à crescente expansão do jogo, mas também a uma diferente men-

talização dos seus agentes. É que, entretanto, o campeonato, desenvolvido sob o sistema de eliminação directa, deixava de envolver apenas os campeões regionais e admitia já equipas não campeãs. Isto é, gradualmente, ia alastrando e ganhando uma característica na verdade nacional. Por outro lado, a Liga, prova de regularidade, dava melhor a ideia de que o campeão devia ser exactamente o mais regular, ao longo de uma prova que permitia oscilações e rectificações. Na Inglaterra, «mãe» da Taça, como se sabe, os «tomba-gigantes» nas finais são frequentes, como reflexo de um equilíbrio que não existe no nosso País! Nunca, em Portugal, a Taça foi ganha por uma equipa da 2.^a Divisão. As grandes surpresas ocorrem só nas eliminatórias.

«Em Portugal, a Taça tem conhecido frequentes modificações.



Já houve, por isso, quem lhe chamasse a «enteada» do futebol lusitano e, vamos lá, com certa razão... Houve alturas em que se caiu no incrível processo de eliminatórias em duas «mãos», que a crítica crismou de «à volta cá te espero». O objectivo era o de defender os chamados clubes «grandes» das eliminações prematuras, as quais afectariam, o seu «plafond»

financeiro. Felizmente, os espíritos foram-se abrindo para um «figurino» mais consentâneo com aquilo que deve ser a Taça e, actualmente, entram todos os clubes das três Divisões, ainda que os da primeira só a partir de certa altura.

«A Taça de Portugal adquiriu, portanto, uma estrutura mais adequada ao seu objectivo que é, fundamentalmente, o da propaganda e valorização do próprio futebol. Claro que tal estrutura não destrói o desequilíbrio de valores existentes em Portugal, mas pode contribuir para uma atenuação, o que já será excelente. Sendo, como tem de ser, sem dúvida, uma prova tipicamente popular, a Taça de Portugal já hoje conhece, na sua final, um pouco do aspecto característico que mostra no estrangeiro, com o Chefe do Estado a assistir, a cumprimentar os jogadores em campo



e a entregar, por fim, o troféu ao «capitão» da equipa vencedora, na presença do «capitão» do onze vencido. Todavia, ainda não foi possível transmitir à final da nossa Taça o colorido de que se reveste, por exemplo, a Taça de Inglaterra. Sejam quais forem os finalistas, a enchente é certa. Cá, prevalece o sentido clubista.

«Briosa» sempre teve a simpatia de quantos andaram por Coimbra a tirar os seus cursos e ficavam ligados à vida académica da Lusitana. A equipa que tinha grandes craques e muitos pergaminhos. Nas fotos desta primeira final, a par da saudação das duas equipas, é digna de referência a enorme assistência que encheu as Salésias – antes denominado Estádio José Manuel Soares, justa forma de homenagear esse ídolo que foi Pepe – e a entrega de medalhas pelo ministro da Educação, dr. Carneiro Pacheco. Já agora, imagine-se, porque contar é impossível, o que terá sido a viagem de comboio que transportou a equipa até Condeixa, onde a aguardava um cortejo automóvel até Coimbra. E o que foram aquelas noites e dias de festa. «Melhor foi experimentá-lo que julgá-lo» – como diria o Poeta...



1.ª final: 1938-1939, Salésias, 25/6/1939



Académica: 4

Tibério Antunes; José Maria Antunes e César Machado; Portugal, Faustino e Octaviano; Manuel da Costa, Alberto Gomes, Arnaldo Carneiro, António Conceição (Nini) e Bernardo Pimenta.

Marcadores - Arnaldo Carneiro (2), Manuel da Costa e Alberto Gomes.

Treinador: Albano Paulo



Benfica: 3

António Martins; João Correia e Gustavo Teixeira; Gaspar Pinto, Francisco Albino e Francisco Ferreira; Feliciano Barbosa, Rogério de Sousa, Espírito Santo, Alexandre Pinto e Alfredo Valadas.

Marcadores - Rogério de Sousa (2) e Brito

Treinador: Lipo Hertzka (Hungria)

Uma grande festa!

Lição bem estudada

Foi um bom espectáculo, valorizado por sete golos e cujo resultado final traduz a superioridade dos estudantes sobre os benfiquistas, mercê da enorme serenidade com que executaram, tecnicamente, a tática que lhes valeu a vitória: basicamente isolar Espírito Santo, com Faustino em tarde sensacional a neutralizar Albino. Os «en-

A valorosa equipa da «Briosa» que ficou na história do futebol português, ao vencer a primeira Taça

camados» tiveram uma baixa importante, porque o lateral direito, Vieira, não jogou, mas a sua pecha maior foi a de tentarem jogar por alto, enquanto o meio-campo da «Briosa» sempre actuou com a bola rasteira, em triangulações e cruzamentos, obrigando Martins a muitas defesas.

A Académica teve um período da segunda metade em que se remeteu à defesa e sofreu, assim, o terceiro golo, fruto da forte reacção da equipa das Amoreiras. Mas foi um vencedor justo, com Tibério em bom plano na baliza e uma defesa coesa, com o «capitão» José Maria Antunes a aliar a sua pujança física à técnica das suas intervenções. O interior direito Gomes e o extremo esquerdo, Pimenta, estiveram em bom plano.

Os jogadores do Benfica foram generosos e lutadores, mas não tiveram alternativas para se oporem à tática estudantil. Martins não foi culpado dos golos sofridos e Gustavo, Ferreira e Rogério terão sido os melhores, já que Espírito Santo não conseguiu nunca libertar-se da marcação que lhe foi feita, sinal do perigo que representava para os adversários.

Tem alguma curiosidade dizer que, já naquela altura, os cronistas se manifestaram contra a nomeação do árbitro que, oito dias antes, fizera um mau trabalho num FC Porto-Benfica. Parecia arriscada a sua nomeação, em novo jogo do Benfica, mas o desportivismo das equipas e do público favoreceu a actuação de António Palhinhas.

CIPRIANO: O SONHO FRUSTRADO

Muito pouca gente sabe que Cipriano dos Santos (que seria, em 1947, o guarda-redes da selecção vencedora do primeiro Campeonato do Mundo de hóquei em patins, chegou a ser titular da baliza da Académica, em futebol. Era, aliás, o seu sonho, aos 17 anos, quando, no intervalo entre duas aulas, ia até ao Calvário, como chamavam ao campo de Santa Cruz, onde quatro capas negras estendidas no solo, a fazer de balizas, davam direito a renhidas pelejas. Até que um dia, no decurso de uma dessas partidas três figuras se apro-

ximaram e uma delas, em voz alta, gritou para o bom do Cipriano: «Eh! Tu, ó franzino, vais ao balneário e pedes o equipamento de guarda-redes.»

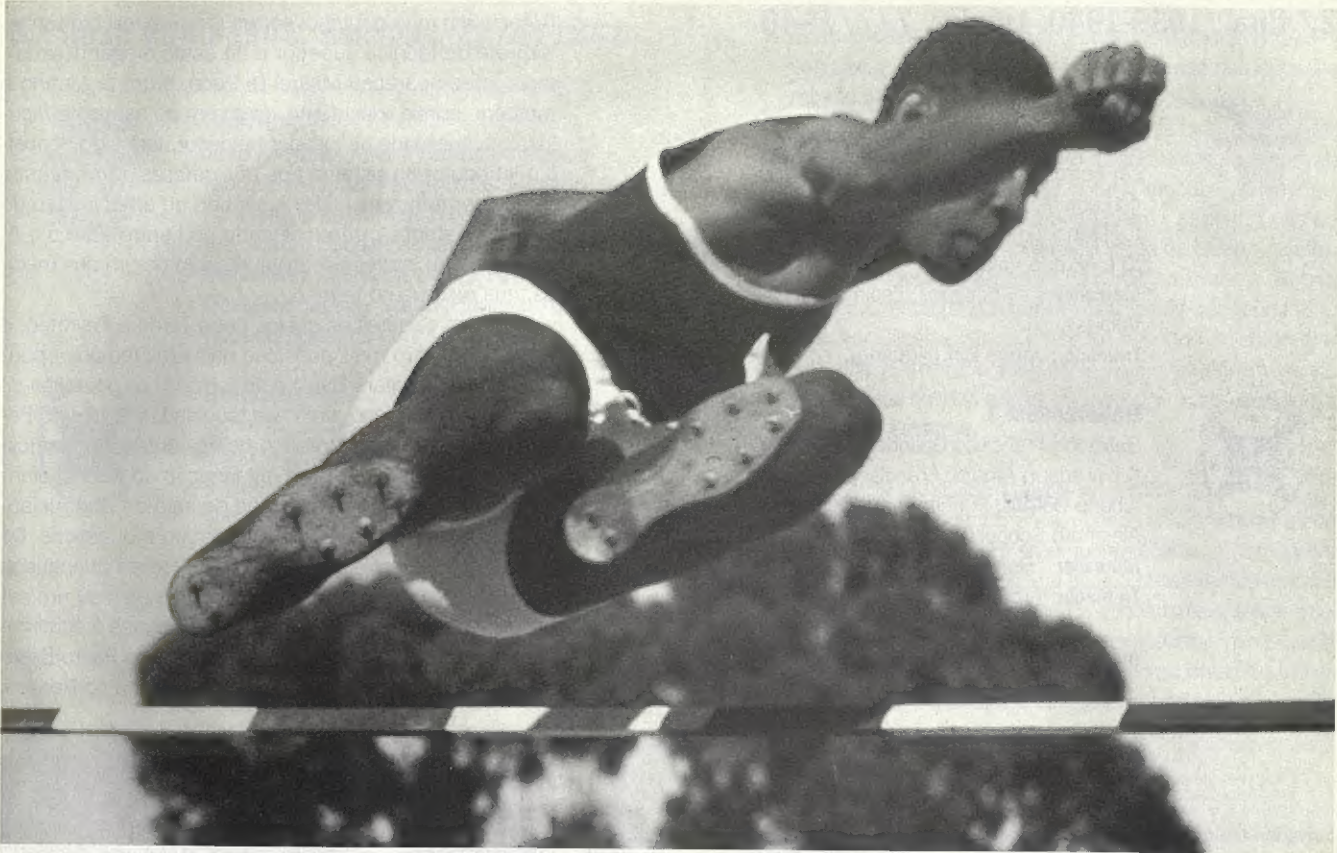
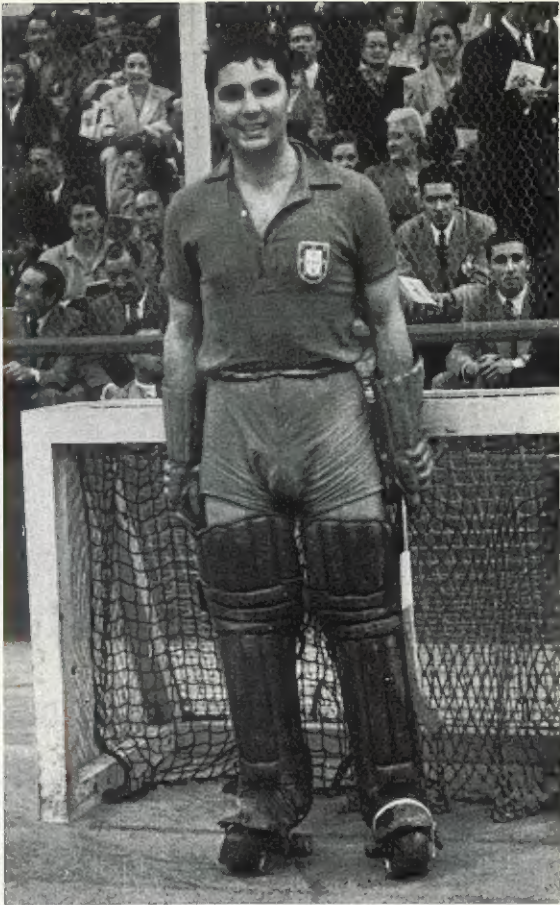
As figuras eram o treinador Puskas, o «capitão» da equipa, dr. José Maria Antunes - que foi médico e seleccionador nacional - e ainda o dr. Tibério Antunes, o efectivo guardião

Cipriano dos Santos ficou conhecido como guarda-redes da selecção nacional de hóquei em patins (campeão do Mundo e da Europa). O que se desconhecía é que também jogara como «keeper» da Académica

da baliza da «Briosa». Imagine-se a emoção que Cipriano sentiu quando fez a sua estreia oficial numa das categorias inferiores e venceu, por 8-0. E admitiu, um dia, chegar à turma principal. E, de facto, entrou no jogo inaugural do campeonato, também com o Benfica. Ele conta: «eu, que era suplente do Tibério já há duas temporadas, fui infeliz, pois sofri uma lesão num lance aos pés do interior Brito. Mais tarde, num treino, voltei a ter um percalço idêntico e fracturei a clavícula direita, ficando incapacitado de cumprir o meu sonho de ser guarda-redes de futebol».

Cipriano dos Santos lembrou a viagem da Académica a Angola, no ano anterior, onde terá nascido o espírito da equipa vencedora da Taça de Portugal.

A foto conhecida de Cipriano como hoquista, na baliza de Portugal, e outra dos tempos que era titular das redes de futebol da Académica



O «FAIR-PLAY» DE ESPÍRITO SANTO

A caminho dos 81 anos, Guilherme Espírito Santo é, eventualmente, o mais conceituado dos jogadores daquela equipa do Benfica que perdeu a primeira final da Taça de Portugal. Porque ele é um dos três futebolistas portugueses a quem o Comité Internacional Olímpico (CIO) fez entrega do Prémio de «Fair-Play» (depois de Jorge Vieira e Jesus Correia) e também porque, além do nome que criou a nível do desporto-rei, numa altura em que os contactos internacionais eram bem mais escassos foi recordista de salto em altura (com 1,88 m, durante quase duas dezenas de anos e, como ele diz, com alguma ironia, «quase sem me treinar, saltando à pai Adão») do triplo salto e do comprimento, quando o atletismo português ainda não era encarado tão a sério e havia poucos treinadores. Ele recorda, com saudade, a excepção que era Alberto de Freitas, então jomalista do «Mundo Desportivo» e do «Diário de Notícias».

Até há pouco tempo, quem o quisesse ver bastava ir à Costa da Caparica e poderia assistir aos jogos de ténis em que fazia jus ao seu amor pelo Desporto que, mesmo com o andar dos anos, continuou a ser a razão fundamental da vida deste angolano que triunfou no Benfica.

Basta de histórias à margem da Taça. Como é que os «encarnados», favoritos principais, perderam a primeira edição do troféu?

E Espírito Santo explica: «O normal era a Académica perder conosco, em especial em Lisboa mas, talvez porque tínhamos ganho o título de campeões lisboetas, se

haja instalado a ideia de que a final eram «favas contadas», o que propiciou um excesso de confiança que prejudicou a nossa equipa, obrigada a utilizar o defesa Joaquim Correia, por lesão do titular Vieira; Correia foi um «furo» que a Académica aproveitou bem. Mas isso não invalida a justiça do êxito da «Briosa».

E Espírito Santo recorda: «A Académica comemorou, durante quase meio século, esta sua vitória histórica, o que motivou excelentes convívios entre os participantes na primeira edição da Taça. A tal ponto os «maus» da Académica ficaram nossos amigos que, no Natal, nos enviavam postais».

Futebolista de eleição, o atletismo foi o sonho do campeão que, aos oitenta anos, ainda jogava ténis



2.ª final: 1939-1940, Lumiar, 7/7/1940



Benfica: 3

Martins; Gaspar Pinto e António Elói; César Ferreira, Francisco Albino e Francisco Ferreira; Espírito Santo, Alexandre Brito, Francisco Rodrigues, Joaquim Baptista e Alfredo Valadas.

Marcadores - Rodrigues, Espírito Santo e Valadas.

Treinador: Janos Biri (Hungria).



Belenenses: 1

Salvador; Francisco Galinho e Oscar Tarrío; Mariano Amaro, Francisco Gomes e Alberto Gomes; Perfeito, Artur Quaresma, Alejandro Scopelli e Rafael Correia.

Marcador - Rafael.

Treinador: Alejandro Scopelli (Argentina).

Árbitro: Santos Palma (Santarém).

fluência em todo o futebol português. Scopelli era um intérprete de técnica superior e de estilo elegantíssimo - mais tarde apareceu Miguel Di Pace, outro argentino e também exímio executante - com um pé esquerdo fabuloso; na qualidade de jogador-treinador, terá sido Scopelli o introdutor do sistema dos três defesas, aproveitando da melhor forma a solidez e sentido de antecipação do seu compatriota Tarrío, colocado no centro do trio e ficando a faixa lateral disponível a cargo de um dos médios, que recuava no terreno.

Ficaram célebres os duelos entre Tarrío e Peyroteo, o avançado-centro mais poderoso daqueles tempos - pouco mais tarde seriam igualmente famosos os do antigo dianteiro com Feliciano, uma das tão faladas «torres de Belém», herdeiro do seguríssimo defesa argentino naquela posição-chave da defesa. A organização do futebol ofensivo ficava entregue à rara visão de jogo de Don Alejandro, com o apoio dos habilíssimos Amaro e Quaresma. De resto, Scopelli, entre tantos outros jogadores que ajudou a formar, como treinador do Belenenses, deixou um seguidor da melhor estirpe, «reproduzido» quase à sua imagem e semelhança, o interior esquerdo José Pedro Basalisa, que, no final da sua carreira, ainda jogou no Benfica.

Salvador «ajudou»... mas não era preciso

Superioridade global

Mais lesto e empreendedores, mais bem preparados física e psicologicamente, os «encarnados» marcaram total superioridade. Valadas foi o principal impulsionador, mas valeu o colectivo. Aos «azuis» faltou garra; e nem a boa técnica dos jogadores argentinos, aliada ao virtuosismo de Amaro e Quaresma, deu para disfarçar.

Como se não bastasse, Salvador foi mal batido nos dois primeiros golos: no primeiro, aos 15 minutos, saiu a destempe a uma recarga de Albino e Rodrigues chegou primeiro à bola e tocou-a para a rede deserta; no segundo, aos 34 minutos, saltou com o avançado-centro do Benfica, tentou socar a bola, faliu e surgiu Valadas a empurrá-la para as malhas. No terceiro, há quem lhe aponte alguma falha mas, embora de ângulo difícil, o «tiro» de Espírito Santo não tinha defesa.

INFLUÊNCIA ARGENTINA

Esta temporada ficou marcada pela primeira de três presenças consecutivas do Belenenses na Taça de Portugal, sendo de salientar que, na última dessas edições, com o Guimarães, a equipa era toda constituída por portugueses. Mas, nesta final, a grande novidade foi a incorporação de três notáveis futebolistas argentinos - Oscar Tarrío, Horácio Tellechea e Alejandro Scopelli - com notória in-

Alejandro Scopelli, foi um dos três argentinos apresentados pelos «azuis». Mas o Benfica não deu hipóteses



3.ª final: 1940-1941, Salésias, 22/6/1941



Sporting: 4

João Azevedo; Álvaro Cardoso e Manuel Marques, Anibal Paciência e Gregório, Adolfo Mourão, Armando Ferreira, Peyroteo, Manuel Soeiro e João Cruz.

Marcadores - João Cruz (3) e Peyroteo.

Treinador: Joseph Szabo (Hungria, naturalizado português).



Belenenses: 1

Salvador; José Simões e António Feliciano, Mariano Amaro, Francisco Gomes e Varela Marques, Gilberto, Óscar Tellechea, Horácio Tellechea, Bernardo Soares e Rafael Correia.

Marcador - Gilberto.

Treinador: Artur José Pereira.

Árbitro: Álvaro dos Santos (Coimbra).

roteo iniciava o seu reinado, tendo conseguido o feito de conquistar os três títulos da época: campeão de Lisboa, campeão nacional e vencedor da Taça de Portugal.

Mas o resultado engana um tanto, já que, ao intervalo, a equipa verde e branca tinha a magra vantagem de um gol e vira o «capitão» Cardoso evitar o empate. Na segunda parte, com João Cruz em grande plano - a marcar logo aos 48 e aos 52 minutos - e a infelicidade da lesão do defesa direito Simões, a fazer figura de corpo presente, a extremo esquerdo, então o Belenenses caiu, ainda que tenha reduzido, por Gilberto, aos 53 minutos. Quando Peyroteo marcou, aos 79 minutos, tudo ficou mais que definido, se ainda houvesse dúvidas acerca do vencedor. Justo, mas aquém do que se esperava.

«SE MAIS HOUVESSE MAIS GANHAVAM»

Álvaro Cardoso, com 86 anos, quando esta edição foi elaborada - sobrevivente da equipa que antecedeu a dos celebrados «violinos» - recorda que a equipa desse tempo era muito forte e conta que um jornal da época titulava assim a sua crónica: «se mais houvesse... mais ganhavam», numa alusão clara aos três títulos alcançados». E acrescenta: «Szabo era um treinador espantoso e alterou a maneira de pensar dos



Sporting era mais forte

O dedo de Szabo

O Sporting aparece, pela primeira vez, a discutir uma final, com os «azuis» a alcançarem a segunda de três presenças consecutivas - o que prova a força que tinha, na altura, o Belenenses, considerado um dos «grandes» do futebol nacional. Mas, já com o «dedo» de Joseph Szabo - o técnico húngaro que remodelou, por completo, o futebol «leonino» - a equipa sportinguista impôs-se por um concludente «score», a atestar a qualidade da linha atacante, onde já Mourão, João Cruz e Soeiro eram vedetas e Pey-

A remodelada equipa do Sporting, graças a Szabo, como lembra Cardoso, que foi igualmente capitão dos «violinos» e da selecção nacional

jogadores, sem precisar de estágios ou de táticas especiais. Eu ainda morava em Setúbal e só vinha de manhã para Lisboa, nos dias dos jogos. Mas éramos muito conscientes e trabalhávamos de acordo com as instruções do «mister». E não havia os prémios que hoje auferem os profissionais.»

É impossível deixar de referir o facto do Belenenses ser treinado por Artur José Pereira («coitado, ele estava convencido que o seu clube nos era capaz de ganhar», comentou Álvaro Cardoso, ao evocar a figura do antigo companheiro de selecção), um homem de quem, no dia da sua morte, aos 52 anos, o dr. Tavares da Silva escreveu ter sido «o maior jogador português de todos os tempos», pois conhecia o futebol como ninguém, muito embora nunca tivesse estudado o jogo pelos livros ou pelos ensinamentos do treinador. Como responsável pelo Belenenses, clube que ajudou a fundar, fez muitos jogadores, alguns deles de grande renome.

4.ª final: 1941-1942, Lumiar, 12/7/1942



Belenenses: 2

Salvador; Simões e Feliciano; Amaro, Gomes e Serafim; Quaresma, Elói, Gilberto, José Pedro e Franklin.

Marcadores - Quaresma e Gilberto.

Treinador: Rodolfo Faroleiro.



Guimarães: 0

Machado; Lino e João; Castelo, Zeferino e José Maria, Laureta, Miguel, Alexandre, Ferraz e Arlindo.

Treinador: Alberto Augusto.

Árbitro: Vieira da Costa (Porto)

À terceira foi de vez

A taça trajou de «azul»

Costuma dizer-se que à terceira é de vez - e aconteceu aos «azuis» que, nessa temporada se apresentaram na sua terceira final consecutiva da competição. Depois das derrotas com o Benfica e o Sporting, a equipa de Rodolfo Faroleiro - ainda familiar de Pepe - bateu, com clareza, os minhotos do Vitória vianense.

O Guimarães, aliás, esteve mais três vezes na final, mas perdeu sempre. Numa tarde de fortíssima ventania, o Guimarães escolheu o meio-campo favorecido pelo vento, resistiu quanto possível à melhor técnica do opositor mas, aos 40 minutos, uma combinação de belo efeito entre Amaro e Quaresma, permitiu ao categorizado atacante «azul» marcar o golo inaugural.

Na segunda parte, intensa poeira alastrou por todo o estádio. E logo a abrir, um toque de Gilberto, em zona frontal à baliza, parecia não levar perigo, porque a bola dava a sensação de ir sair ao lado do poste; no entanto, um violento sopro de vento alterou a sua trajetória e levou-a ao fundo das redes do Guimarães, perante o espanto geral. Um golo assim sofrido, desmotiva qualquer equipa. Sucedeu aos minhotos que deram ideia, no entanto, do seu objectivo ser o de não perder por muitos nessa primeira deslocação à capital para uma

O conjunto «azul» que alcançou o primeiro êxito na Taça



final da Taça, na capital; além disso, não puderam demonstrar todo o potencial dos seus jogadores, porque era impossível jogar futebol naquelas condições. O Belenenses limitou-se a gerir a vantagem de dois golos.

Uma curiosidade da época de 41-42, foi o facto dos três «grandes» lisboetas terem ganho, cada um, uma competição: o Sporting campeão regional, ao Benfica coube o título foi nacional e o Belenenses venceu a Taça.

QUARESMA: O MAGO DO DRIBLE

Artur Quaresma foi um dos jogadores mais hábeis do futebol nacional e a sua figura franzina escondia a excelência de bem driblar, que fazia de uma forma rendilhada, quase artística. Ocupou todos os lugares da linha de ataque do Belenenses e também actuou a médio de ataque. Alinhou cinco vezes pela selecção nacional, que chegou a capitanear, para abandonar a carreira de jogador muito cedo e dedicar-se, por inteiro, às funções de treinador.

Com 82 anos, Artur Quaresma vive no Barreiro, desde que saiu de Faro, pela última vez em que treinou o conjunto algarvio, que, em 1970, subiu com ele à Divisão principal. Como treinador, percorreu todo o País, à frente das principais equipas: com ele o Guimarães alcançou o 4º lugar no campeonato nacional, pela primeira vez; Lusitano de Évora, Olhanense, Beira-Mar, Barreirense, Varzim, Braga, Tirsense, Rio Ave, Salgueiros e muitas outras foram clubes que lhe confiaram a sua orientação técnica.

Parece estranho que tão excelente jogador deixasse de jogar aos 31 anos, para, afinal, continuar no futebol mais 35 anos. A propósito revelou: «Hoje já posso dizer, sem falsa modéstia, que estava em excelente forma e tudo o que gostava de fazer era jogar à bola. Mas era funcionário da Siemens e, um dia, o meu irmão, que também trabalhava naquela empresa alemã, desafiou-me para montarmos uma loja em Lisboa. E decidi retirar-me. Só que a pressão do Belenenses foi tão forte, que acabei por aceitar ser o técnico de todas as suas categorias.»

O «bichinho» da bola está-lhe no corpo e «como não sei fazer crochet, vou à boleia com uns amigos que me convidam» para ver os jogos» Quem o quiser ver, é deslocar-se ao Restelo em dias de futebol...



5.ª final: 1942-1943, Salésias, 20/6/1943



Benfica: 5

Martins; Gaspar Pinto e César Correia; Alcobia, Jordão e Francisco Ferreira; Manuel da Costa, Francisco Pires, Júlio Correia, Joaquim Teixeira e Rogério.

Marcadores - Júlio (2), Rogério, Manuel da Costa e Armindo (na própria baliza).

Treinador: Janos Biri (Hungria).



Setúbal: 1

Indalécio; Montês e Armindo, Pacheco, Figueiredo e Rogério Cruz, Passos, Rendas, Francisco Júlio, Nunes e Amador.

Marcador - Amador.

Treinador: Armando Martins.

Árbitro: Araújo Correia (Porto).



Os «encarnados» marcaram logo no primeiro minuto, mas Arsénio estava em posição irregular e o golo foi anulado. A valer foi o remate de Rogério, aos 12 minutos; e, aos 23, após jogada brilhante do ataque benfiquista, surgiu Manuel da Costa a concretizar. Após a meia hora, Julinho fez o terceiro golo e viu o guarda-redes Indalécio negar-lhe outro, com uma defesa espantosa.

A sorte do jogo estava mais que traçada mas, no segundo tempo, os sadinos fizeram tudo para recuperar; e, na verdade, depois de um golo, aos 13 m, de Amador, o Setúbal esteve à beira de marcar de novo, não fora a estirada de Martins a um «tiraço» de Francisco Júlio. A linha média do Benfica não jogava bem e as jogadas de maior perigo eram do Vitória. Rendas e Passos perderam duas oportunidades, enquanto, do lado contrário, só Pires viu um remate embater na trave.

E, depois desse período de ascendência vitoriana, um auto-golo de Armindo e novo golo de Julinho, arrumaram as contas, já no derradeiro quarto de hora.

JULINHO: O «HERÓI» LATINO

Julinho deixou o Benfica há quarenta anos. E, a 18 de Junho de 1950, há meio século, fora o autor do golo que derrotou os Girondinos de Bordeus e permitiu ao Benfica a conquista da Taça Latina - prova que foi como que um pontapé de saída nas competições europeias de clubes. Ele recorda esses tempos: «Os jogadores ganhavam então 489\$50 líquidos, após o desconto de 25% para o fundo de desemprego e de cinco escudos para o imposto de selo... Era tudo diferente: «muitas vezes joguei injectado, pois o treinador afirmava que magoado, por magoado, vai o Julinho, que já tem nome».

Primeira equipa da Segunda Divisão numa final

Setúbal fez história

Na quinta edição da Taça de Portugal um clube da 2ª Divisão chegou, pela primeira vez, à final, podendo dizer-se que, apesar de goleado, face à superioridade do Benfica, o Vitória de Setúbal fica, por isso, na história da competição.

Os «encarnados» obtiveram o segundo êxito e Julinho marcou dois golos

6.ª final: 1943-1944, Salésias, 28/5/1944



Benfica: 8

Martins; ~~Cardoso~~ e César Correia; Alcobar, Jordão e Francisco Ferreira; Manuel da Costa, Francisco Pires, Júlio Correia, Joaquim Teixeira e Rogério.

Marcadores - Quaresma e Gilberto.

Treinador: Janos Biri.

Estoril: 0

Valongo; Pereira e Francisco Elói; Júlio Costa, António Nunes e Alberto de Jesus; Canal; Bravo, Petrak, Sbarra e Raul Silva.

Treinador: Augusto Silva.

Árbitro: Carlos Canuto (Lisboa)

Tira - telmas aconteceu à terceira vez

«Canarinhos» sem sorte

Martins
César Ferreira, Carvalho,
João Silva, Francisco Ferreira,
Esp. Santo, Arsenio, Jalicabo,
João Teixeira, Rogério,
Rogério (r), Jalicabo (z),
Arsenio

O Estoril-Praia era a sensação da época, mercê de uma equipa que acabou por subir, na temporada seguinte, à 1ª Divisão e, por isso, a final com o Benfica, deixava prever um grande espectáculo. Só que, logo aos dez minutos, o defesa central Elói saiu a coxear e, três minutos depois, os «encarnados» marcaram, em remate de Rogério com a bola a embater num dos pos-

Segunda vitória consecutiva do Benfica. Valongo apesar de goleado, foi o «herói da equipa da Costa do Sol»

Este resultado continua a ser um duplo recorde de golos numa final: da equipa vencedora e de Rogério

valorosas intervenções, na linha dos méritos que lhe eram reconhecidos, a tal ponto que foi chamado para os trabalhos da selecção nacional. O então guardião estorilista tinha um estilo que se assemelhava muito ao de João Azevedo.

tes e a ressaltar para as redes. E tudo ficou definido, porque Elói voltou de tal forma incapacitado, que passou a extremo esquerdo, sem utilidade, antes do abandono definitivo; na prática, desde a lesão do seu defensor, o Estoril contava apenas com dez jogadores. E ao quarto de hora, Julinho fez o segundo golo do Benfica e armou duas vidas.

Os «canarinhos» fizeram recuar Alberto para o sector defensivo e Sbarra para médio, mas não evitaram que Julinho voltasse a marcar, à passagem da meia hora; e, a um minuto do intervalo, Arsenio fez 4-0.

No começo da segunda parte, tudo se complicou para a formação da Costa do Estoril, pois Raul Silva caiu mal e abandonou o campo com fractura de uma clavícula. E com nove jogadores a situação piorou. E a equipa lisboeta foi aumentando o «score». Após novo golo de Arsenio, completou-se a goleada de 8-0, com um extraordinário «hat-trick» de Rogério, a conseguir, tal como o Benfica, o «record» de golos numa só final.

E VALONGO EVITOU O PIOR

Valongo justifica uma referência especial, pois, não obstante ter sofrido oito golos, conseguiu evitar o que poderia ter sido um «desastre» memorável, com uma série de



7.ª final: 1944-1945, Salésias, 1/7/1945



Sporting: 1

Azevedo; Cardoso e Manuel Marques; Lourenço, Barrosa e Nogueira; Jesus Correia, Armando Ferreira, Veríssimo, Albano e João Cruz.

Marcador - Jesus Correia.

Treinador: Joaquim Ferreira.



Olhanense: 0

Abraão; Rodrigues e Nunes; João Santos, Grazina e Loulé; Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Palmeiro.

Treinadores: José Mendes/Dâmaso Encarnação.

Árbitro: Domingos Miranda (Porto)

Afinal, o «suspense» durou até escassos quatro minutos do fim, quando tudo se preparava para o prolongamento: num lance inesperado de contra-ataque, João Cruz solicitou Veríssimo, este sustentou bem a tentativa de desarme de Rodrigues e lançou Necas, que rematou de pronto; Abraão afastou a bola para a sua frente e, na corrida, Jesus Correia, num último esforço, atirou a bola para a baliza.

Vitória feliz do Sporting, mas injusta para o excelente conjunto algarvio, pois os lances de maior perigo pertenceram-lhe durante quase todo o encontro, obrigando Azevedo a excelentes paradas; aos 25 minutos, o «keeper» leonino e da selecção estava batido por um disparo indelével de Cabrita. Mas a bola embateu na trave.

AS LÁGRIMAS DE CABRITA

Fernando Cabrita ainda mantém que o resultado foi falseado, alegando que Jesus Correia já apanhou a bola fora do rectângulo, o que teria levado José Abraão a manter-se estático na baliza. «Foi um erro do árbitro que deu essa vitória ao Sporting, quando o Olhanense fora a melhor equipa em campo. Eu estava na tropa em Estremoz, e fui toda a viagem de comboio a chorar perante uma injustiça tão chocante. Cabrita vestiu a camisola da selecção de Portugal, prolongou a sua carreira por vários clubes, e até no estrangeiro, treinou, mais tarde, várias equipas - entre elas a do Benfica, de que foi também treinador, e fez parte do grupo técnico que dirigiu a representação portuguesa no Europeu de 1984, em França.



Quanto ao borrego, o repasto ficou adiado «sine

Última final no cenário das Salésias

O borrego de Olhão

A despedida das Salésias como cenário das finais da Taça, ficou marcada por acontecimentos curiosos. O Sporting não contou com Peyroteo, magoado; Jesus Correia alinhou incapaz do seu rendimento normal; e até Armando Ferreira regressara há pouco de Barcelona, onde fora sujeitar-se ao exame de um especialista em meniscos. As gentes de Olhão aguçavam o dente para saborear um famoso borrego - tradição que ficou devida a uma aposta de alguém que prometeu um ensopado, como forma de festejar a primeira vitória do clube algarvio sobre os «leões».

Veríssimo surgiu no lugar do lesionado Peyroteo, na foto de cima, do Sporting. À direita, Cabrita, que se notabilizou no Benfica



Inaugurado a 10 de Junho de 1944

À imagem de Wembley

Com o Sporting-Olhansense, relativo a 1944-45, terminou um primeiro ciclo das finais da Taça de Portugal, durante o qual os locais variaram entre as Salésias (seis vezes) e o Lumiar (uma), transferindo-se o importante acontecimento para o majestoso panorama do Vale do Jamor, onde fora talhado na rocha o imponente Estádio Nacional, uma das mais cantadas realizações do Estado Novo.

Numa cerimónia faustosa, envolvida em ambiência marcadamente política, a jornada inaugural aconteceu na soalheira tarde do domingo 10 de Junho de 1944, perante o entusiasmo de cerca de 60 mil pessoas, vindas de toda a parte, nos mais diversos meios de transporte. O número mais atractivo do programa foi um Sporting-Benfica (3-2), que valeu aos «leões» a conquista da Taça Estádio e da Taça Império, cabendo a Peyroteo o troféu atribuído pelo semanário humorístico «Os Rídiculos» ao autor do primeiro golo naquele novo espaço desportivo.

Instituído por consenso generalizado como o principal estádio do País, por força do seu estilo arquitectónico, à semelhança de outros cenários olímpicos espalhados pe-

lo Mundo - que não era (nem é) de um qualquer clube - tornou-se o recinto indicado para acolher o encontro decisivo de uma competição rapidamente alargada a representantes de todo o território. O Estádio Nacional passou, assim, a funcionar à imagem de Wembley para a Taça de Inglaterra. As excepções ocorreram em 1961: com o argumento de que os dois finalistas eram do Norte a final Leixões-Porto (2-0) foi nas Antas; no chamado período quente pós 25 de Abril; em Alvalade, em 1974-75 (Boavista, 2 - Benfica, 1), voltando às Antas em 1975 e 1976 e, por último, em 1982-83, onde o FC Porto derrotou (1-0) o Benfica.

O complexo desportivo do Jamor foi sendo modernizado e enriquecido com uma piscina olímpica e outras obras que tomaram a zona mais adequada às condições naturais de que está cercada, proporcionando a prática de outras modalidades desportivas, como, por exemplo, ténis, atletismo e canoagem. O próprio estádio de futebol beneficiou, recentemente, de significativas obras de remodelação, com a instalação de cadeiras nos degraus de pedra, torniquetes nas entradas e a montagem de instalação eléctrica para jogos nocturnos, a fim de corresponder às exigências da FIFA e da UEFA. Restringir a sua utilização praticamente a finais da Taça parece, no entanto, um desaproveitamento lamentável de condições que poderiam servir dezenas de clubes da zona.

O Estádio Nacional passou a ser (salvo em cinco épocas) o local onde, a partir de então, se realizaram as finais da Taça de Portugal, que antes eram nas Salésias e no Lumiar

8.ª final: 1945-1946, Estádio Nacional, 30/6/1946



Sporting: 4

Azevedo, Cardoso e Juvenal; Veríssimo, Manuel Marques e Barrosa; Armando Ferreira, Sidónio, Peyroteo, António Marques e Albano.

Marcador - Peyroteo (2), Sidónio e Albano.

Treinador: Cândido de Oliveira.



Atlético: 2

Correia; Rosário e Francisco Lopes; José Lopes, Baptista e Moraes; Micael, Marques, Gregório, Rogério Simões e Manuel da Costa.

Marcador - Manuel da Costa e Marques.

Treinador: Cândido Tavares.

Árbitro: José Lira (Braga)

Exibição ao jeto de «mestre» Cândido de Oliveira

Estreia «leonina» no Jamor

Peia primeira vez, a final da Taça de Portugal realizou-se no Estádio Nacional, no Vale do Jamor, e, embora realçando a beleza do local, a qualidade da relva e as linhas arquitectónicas do complexo desportivo, a crítica apontou o problema dos ventos cruzados que entravam pela porta da Maratona e confundiam as equipas no seu jogo característico. Registe-se a estreia dos alcantarenses numa final, propiciando boa réplica ao Sporting.

Na primeira parte jogou-se melhor futebol, com o Sporting a utilizar bem os passes rasteiros e em profundidade, tão ao gosto do «mestre» Cândido de Oliveira, o que valeu ter chegado ao intervalo com 4-1 a seu favor, ou seja, com a vitória assegurada. Peyroteo foi o autor do primeiro golo, aos 15 minutos, Sidónio fez o segundo, cinco minutos volvidos. E os «leões» chegariam a 3-0 com novo golo de Peyroteo, aos 27 minutos.

Curiosamente, a partir daqui, os

alcantarenses entraram a equilibrar a partida e, aos 38 minutos, marcaram o seu primeiro golo, por Rogério Simões, com um remate que «traiu» Azevedo.

Pouco depois, num lance entre Peyroteo e Albano, o pequeno extremo esquerdo fez 4-1, golo muito contestado pelos jogadores do Atlético, mas sem razão, porque a bola ressaltou num defensor alcantarenses, antes de chegar ao avançado leonino.

Na segunda metade, o domínio do Sporting traduziu-se numa série de bolas perdidas por Peyroteo (marcou um golo, mas foi anulado) e, depois, voltou a dar nas vistas a boa réplica do conjunto de Alcântara-Santo Amaro, que obri-

Apesar do desnível do «score» final, os alcantarenses deram boa réplica perante um adversário superior e que justificou a vitória

gou Azevedo a uma maior série de defesas do que Correia, acabando os alcantarenses por conseguir mesmo o seu segundo golo, a dois minutos do fim, num remate de Marques.

A vitória do Sporting não sofre contestação e do Atlético apenas se pode dizer que se ficou com a ideia que, com maior ousadia, talvez os alcantarenses pudessem ter alcançado melhor resultado.

É claro que importa não esquecer que, a ganhar por 4-1, até aos 88 minutos, os «leões» não carregaram no «acelerador», porque tinham como certo o trínfo na Taça. O que terá ajudado à recuperação do Atlético.

Pena é que o Atlético não tenha mais conseguido, depois da década de 40, o prestígio que alcançou, da sua equipa fazendo parte alguns internacionais portugueses.

Foi esta a equipa «leonina» que alcançou a segunda vitória consecutiva na Taça de Portugal





9.ª final: 1947-1948 - Estádio Nacional, 4/7/1948



Sporting: 3

Azevedo; Cardoso e Juvenal; Canário, Manuel Marques e Veríssimo; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Marcadores - Peyroteo (2) e Albano (g. p.).
Treinador - Cândido de Oliveira.



Belenenses: 1

Sério; Vasco e Serafim; Figueiredo, Feliciano e Castela; Fernando Matos, António Nunes, Teixeira da Silva, Pinto de Almeida e Artur Quaresma.

Marcador - Teixeira da Silva.

Treinador: Comissão técnica constituída por Manuel Florêncio, Manuel Martins e José Monteiro, coadjuvados por Artur Quaresma.

Os «violinos» não deram hipótese

«Leões» imparáveis

Uma vez mais, a força e a técnica da equipa do Sporting, no tempo dos «cinco violinos» fez com que, nesta temporada, tal como já sucedera em 1941, o clube leonino vencesse todas as provas oficiais da época: o regional lisboeta, o nacional e a Taça.

Pode dizer-se que nem tudo começou da melhor forma para os «verde e brancos», porque, logo aos 5 minutos, depois de ter abandonado os postes para defender a pontapé uma iniciativa de Quaresma, o guarda-redes João Azevedo saiu do campo a coxear e passou Veríssimo a defender a

O Sporting conquistou o primeiro «tri» na Taça, e nem a força das «torres» de Belém, onde pontificava Feliciano, evitou a derrota



baliza. Era muito cedo ainda, temeu-se que a final pudesse ter ficado estragada, mas, aos 14 minutos, Azevedo voltou ao jogo, o Sporting acalmou e, depois de duas oportunidades de Quaresma, Jesus Correia bate Feliciano, centrou e Peyroteo fintou e obteve um golo de belo efeito.

Azevedo, mesmo a coxear, impediu Teixeira da Silva de chegar ao empate e, logo a seguir, a defesa belenense, atrapalhou-se e acabou por ceder uma grande penalidade, que Albano transformou. Após o intervalo, os «azuis» reduziram a diferença, por Teixeira da Silva, que aproveitou uma hesitação da defesa contrária para se adiantar e bater Azevedo. Aos 20 minutos, com no-

vo golo de Peyroteo, a centro de Albano, tudo ficou resolvido, para mais com Sério a ficar magoado na cabeça a sair, passando Vasco a ocupar a baliza. De salientar a ausência de Mariano Amaro, «capitão» do Belenenses, que se sentiu indisposto na véspera da final, e acabou por abandonar o futebol, devido a um problema pulmonar.

AS «TORRES» DE BELÉM

António Feliciano foi das «torres» de Belém (designação que englobava também o guarda-redes Manuel Capela e os laterais Vasco e Serafim), quem teve uma carreira mais prolongada, como jogador-treinador, para terminar a carreira nas camadas jovens do FC Porto, onde conquistou vários títulos.

Feliciano, cunhado do dirigente «leonino» Manolo Vidal, aos 78 anos, continuava a possuir um porte atlético impressionante. Recorda-se bem desta final, considerando que o Sporting tinha, na altura, uma equipa fortíssima, quase imbatível. Os embates entre os avançados «leoninos» e a defensiva belenense ainda hoje são lembrados por quem assistiu aos duelos Vasco-Albano, Serafim-Jesus Correia e Feliciano-Peyroteo.

Já reformado, Feliciano continuou a viver no Porto, mas agora passando algum tempo em casa da filha, Fátima da Purification Dominguez Feliciano, enfermeira no Hospital de Verin, em Espanha. Uma jovem que esteve ligada à selecção nacional feminina de hóquei em patins, na área em que se especializou.

10.ª final: 1948-1949 - Estádio Nacional, 12/6/1949



Benfica: 2

Rogério Contreiras; Jacinto e Joaquim Fernandes; Moreira, Félix e Francisco Ferreira; Corona, Arsénio, Espírito Santo, Melão e Rogério.

Marcadores - Corona e Rogério.

Treinador: Ted Smith (Inglaterra).



Atlético: 1

Correia; Baptista e Abreu; José Lopes, Armindo Costa e Moraes; Martinho, Armando Carneiro, Ben David, Armindo Silva e Caninhas.

Marcador - Martinho.

Treinador: Pedro Areso (Espanha).

Árbitro: Paulo de Oliveira (Santarém).

Perante um certo desinteresse popular

A «despedida» do Atlético

Uma nota curiosa é o facto da crónica do «DN» de 13 de Junho de 1949 ter uma abertura a referir o desinteresse que esta final mereceu do público, nomeadamente o afecto ao Benfica, que estivera em massa em Setúbal na meia-final. Situação agravada pelo intenso calor, pelo que apenas cinco ou seis mil pessoas se terão deslocado ao Jamor.

No relvado, os «artistas» também estiveram longe de corresponder ao que deles poderia esperar-se. A tal ponto que, durante 75 minutos, o marcador não funcionou. Os alcantarenses - que deixariam, por esta altura, de aparecer entre a elite do futebol nacional - tentaram proteger as redes de Correia, que fez boas defesas e viu um remate de Melão bater num poste. Na segunda meta-



De novo a Taça na posse dos benfiquistas (em cima). O guarda-redes do Atlético, à esquerda, foi Correia e não Ernesto

de, o Benfica surgiu com outra disposição e Correia voltou a ser a grande figura.

Corona apareceu em bom plano e as melhores oportunidades pertenceram-lhe, muito antes mesmo do golo obtido a 13 minutos do fim, após um centro de Espírito Santo, a chave que abriu o sistema defensivo do Atlético, embora Armando Carneiro tenha falhado uma boa ocasião de complicar a vida aos benfiquistas. Os alcantarenses aliviaram um pouco a pressão e, menos de dois minutos volvidos, de novo Espírito Santo e Corona criaram uma jogada que Rogério concluiu com êxito.

Apesar de as duas equipas estarem claramente fatigadas, Melão voltou a ter um remate à trave e Correia teve de arrojar -se aos pés de Corona para evitar novo golo.

A segundos do fim, Armindo Silva fez o golo do Atlético. Moreira e Correia foram as principais figuras do jogo, com Corona em bom plano, na segunda parte, e Ben David a mostrar valor.



ARMANDO CARNEIRO E A PONTE

Armando Carneiro - irmão de Arnaldo Carneiro, que jogou a primeira final pela Académica e morreu há uns 20 anos - fixou residência na Cova da Piedade, e, a lucidez dos seus 79 anos, permitiu-lhe continuar atento ao futebol actual:

«Hoje é tudo diferente dos meus tempos, porque sempre fui jogador, mas trabalhava como desenhador naval na Cuf do Barreiro. Quando começou a falar -se do encerramento da fábrica, optei pelo Atlético, que era uma boa equipa na altura. Daí a razão de ter estado em duas finais da Taça. Com o Benfica, se tivéssemos tido um pouco de sorte, talvez a vitória nos sorrisse. O futebol é um jogo, a sorte é indispensável. Os problemas do Atlético começaram com a construção da ponte, uma vez que as pessoas deixaram o bairro onde viviam há anos, indo morar para outros lugares; e essa desertificação acabou com o clube».



11.ª final: 1950-1951 - Estádio Nacional, 10/6/1951



Benfica: 5

Bastos; Artur Santos e Joaquim Fernandes; Moreira, Félix e Francisco Ferreira; Corona, Arsénio, José Águas, Rogério e Rosário.

Marcadores - Rogério (4) e Arsénio.

Treinador: Ted Smith (Inglaterra).



Académica: 1

Capela; Branco e Melo; José Miguel, Mário Torres e Paulo Azeredo; Duarte, Rui Gil, Macedo, Leite e Bentes.

Marcador - Macedo.

Treinador: Cândido de Oliveira.

Árbitro: Paulo de Oliveira (Santarém).

Houve quem não se esquecesse de 1939...

E que desforra...!

O Benfica não desperdiçou a oportunidade de se desforrar da derrota que os estudantes lhe infligiram na primeira edição da Taça - doze anos antes - e, com uma exibição de mérito, sempre pautada pela «alma» de Chico Ferreira e para a qual contribuiu a actuação de Rogério, marcador de quatro dos cinco golos - o segundo com uma exibição primorosa - tirou as ilusões dos jogadores e adeptos da «Briosa» que sonhavam

Rogério concretizou (4 golos) o domínio dos atacantes do Benfica

com um novo êxito e, mais do que isso, acalentavam ser a Académica a representante portuguesa na Taça Latina, como se podia ler num dístico exibido no Jamor. Um sonho desvanecido logo aos 5 minutos, devido a uma desatenção de Capela, fora dos postes e incapaz de deter o remate de Águas, a centro de Corona.

Melo impediu a bola de entrar, com as mãos, mas, na transformação da grande penalidade, Rogério não perdoou. A Académica abalou e, aos 14 minutos, Arsénio fez novo golo. Entrou-se a seguir num período de mau jogo, de parte a parte, até que, com culpas para Bastos, que estava muito adiantado, Macedo fez um «chapéu» e reduziu a diferença. Estava-se à beira do último quarto de hora da primeira parte.

Aconteceu ser a equipa de Coimbra a atacar mais, após o descanso, tendo perdido o empate, por duas vezes, em

remates de Macedo e José Miguel, com Bastos batido. Até que, aos 55 minutos, depois de já ter tido um outro «aviso», Rogério colocou o Benfica com dois golos de vantagem, podendo dizer-se que a capacidade de resistência da Académica acabou. E, com uma equipa mais fraca do que a de há 12 anos, os representantes da «Briosa» ainda sofreram mais dois golos da autoria do «pipi», como poderiam

Os «estudantes» sonhavam com nova vitória que garantisse a presença na Taça Latina, mas o colectivo do Benfica não facilitou

ter saído vergados ao peso de uma derrota maior, não fora José Águas e Corona se mostrarem perdulários e o árbitro, sem razão, anular um golo a Arsénio.

MÁRIO TORRES E OS DOUTORES

Era um defesa central, à moda antiga, de bom nível, a tal ponto que chegou a ir para Sevilha, onde jogaria no Bétis. Só que «obrigavam-no» a ser só futebolista, não podendo conciliar o jogar à bola com a profissão de médico (especializou-se em obstetícia) e voltou para Coimbra. Naquela altura, quem ia para a Académica era na mira de tirar um curso e o dr. Mário Torres recorda: «que me lembre, desta equipa de 51, médicos era eu, o Branco, que é hoje professor jubilado da Universidade, o Melo, o Eduardo dos Santos, o Azeredo, o Duarte e o Gil, enquanto o Bentes tirou o curso de professor primário e o Nana e o Macedo se licenciaram em engenharia. Nesse tempo ter-se um curso era uma boa enxada, a garantia do futuro.



O «capitão» Francisco Ferreira recebe uma placa comemorativa da final

Agora não serve para nada, qualquer júnior se fica a rir com o ordenado de um médico, uma transferência vale milhares e os pais «negoceiam» os filhos em função da melhor oferta. Não sei como é que alguns clubes podem pagar o que dizem.»

Em relação ao Benfica ter procurado desforrar-se de 39, o dr. Mário Torres não acredita nisso: «a Académica nem jogou mal e teve a possibilidade de empatar, depois do intervalo. Mas...Rogério estava nas suas tardes imparáveis e não tivemos qualquer hipótese».

Uma nota complementar: Rogério considera que «fiz uma excelente exibição, talvez das melhores da minha carreira. Alinhei no lugar que gostava, a interior esquerdo, e o Rosário como extremo esquerdo, e senti uma grande satisfação em marcar quatro golos ao Capela.»

ROSÁRIO TINHA RECEIO DE REMATAR

Rosário, com 75 anos, era dos cinco dianteiros do Benfica aquele que menos marcava, se bem que fosse um extremo à antiga, que gostava de centrar para Arsénio ou Águas concretizarem, sendo um elemento chave do ataque benfiquista nestas três finais consecutivas ganhas pelos encarnados: «sempre me criticavam por não rematar mais vezes à baliza, mas não sei, tinha muita velocidade e ganhava muitos lances, mas não gostava de me internar, acho que tinha medo de falhar no remate, ao contrário do que se passava com o Rogério.»

A sua história é um exemplo de como o futebol era diferente em Portugal, nessa altura. De facto, apenas começou a jogar quando já estava na tropa, no dia em que lhe pediram para reforçar a equipa de Valada do Ribatejo, que

ia fazer um encontro particular com o Atlético. Os dirigentes do clube de Alcântara gostaram de o ver jogar e convidaram-no a aparecer em Santo Amaro para treinar. E voltou a dar nas vistas, apesar de defrontar o defesa Baptista, um lateral direito tido por «raçudo». Alguém do Benfica estaria a «espiar» esse treino e foi logo «desviado» para o Campo Grande. Depois de assinar, trataram de o mudar da Moita, a bateria Anti-Aérea onde prestava serviço militar, para ordenança do oficial Pereira Coutinho, na Penha de França, a fim de poder treinar com mais assiduidade. E terminada a tropa, empregou-se na Aeronáutica Civil, porque o futebol não dava para ser-se profissional, nesses tempos. E, por isso, quando chegou Otto Glória e impôs as regras que revolucionaram o futebol português, Rosário abandonou, sem deixar de se sentir feliz com as vitórias alcançadas nas Taças de Portugal.

CORONA JÁ GOSTAVA DE MARCAR

Corona foi outro elemento fundamental desta linha atacante com o qual contactámos de novo para conhecer o que pensava desses tempos, quando está com 75 anos também. E, obrigatoriamente, tal como os restantes colegas, a final com o Sporting é aquela que recorda com maior emoção, porque «foi um jogo extraordinário, com constantes alterações no marcador, algo como nunca se tinha visto em Portugal». O Corona já tinha mais vontade de marcar o seu golito do que Rosário, mas não se esquece que a grande figura destas finais foi Rogério, o «matador» deste Benfica da década de 50, que havia de culminar com a conquista da Taça Latina e constituiu os alicerces para os êxitos europeus do início dos anos sessenta.



Benfica: 5

Bastos; Artur Santos e Joaquim Fernandes; Moreira, Félix e Francisco Ferreira; Corona, Arsénio, José Águas, Rogério e Rosário.

Marcadores - Quaresma e Gilberto.

Treinador: Cândido Tavares.



Sporting: 4

Carlos Gomes; Juvenal e Joaquim Pacheco; Veríssimo, Passos e Juca; Pacheco Nobre, Travassos, Martins, Albano e Rola.

Treinador: Randolph Galloway (Inglaterra).

Árbitro: Reis Santos (Santarém).

Sequência do marcador

0- 1: Sporting, g.p., aos 9 m, por Albano.

1-1: aos 23, g.p., por Rogério. Aos 43 m, Rogério falhou um «penalty». 2- 1: Benfica, aos 49 m, por Corona. 2 -2: aos 51 m, por Rola. 2-3: Sporting, aos 55 m, por Pacheco Nobre. 3- 3: aos 69 m, por Rogério. 3-4: Sporting, aos 71 m, por Rola. 4-4: aos 73 m, por José Águas.

A mais empolgante de sempre

5-4. Rogério - 89!

Um «derby» memorável

Esta foi, até hoje, a mais empolgante de todas as finais já realizadas e não só pela evolução do marcador (ver ficha). Benfica e Sporting encontraram-se, pela primeira vez, como finalistas, e capricharam em oferecer um espectáculo inesquecível.

No dia a seguir ao memorável encontro, o «DN» salientava, na primeira página: «Dá gosto ver perder assim, como perdeu a equipa do Sporting, naquela luta empolgante pela posse da Taça de Portugal. E o mesmo se poderia dizer do Benfica se têm sido os campeões nacionais os vencedores do pleito porque «águas» e «leões» bateram-se bravamente, sem se darem tréguas e cada vez menos à medida que o tempo passava (...). Benfica e Sporting foram, ontem, e mais uma vez, os gigantes de uma campanha de valorização própria e do desporto, que dura há quase cinquenta anos. Cada um deles porá legítimo orgulho nesta jornada - ambos no mesmo ângulo, pela nobreza com que se deram à luta. (...) Que nos lembre, a



história da competição estava vaga de uma final como aquela a que ontem se assistiu no Estádio, verdadeiro teatro de um grande drama desportivo a que não faltaram as lágrimas de desespero da equipa que a sorte desprotegeu nos últimos segundos; e um vencedor estatelado no solo, sem sentidos, logo a seguir a ter gozado a saborosa alegria da vitória, quando era erguido em triunfo pelos companheiros.»

A propósito desta referência, contou-nos Rogério: «O meu desmaio foi a pedido do «capitão» Passos, para se preocuparem comigo - não o culparem de estar muito adiantado no terreno e ser batido em corrida por mim;

Águas (em cima),
exibe a Taça conquistada
pela equipa
do Benfica



depois atirei para as redes, quando Carlos Gomes saiu em desespero de causa para tentar resolver o que já não tinha solução.»

ROGÉRIO: UM SENHOR !

Já recordámos que Rogério marcou cinco golos ao Estoril, quatro à Académica e três ao Sporting, o da vitória, a escassos segundos do fim. Palavras de Rogério: «Isto causou-me uma sensação enorme, uma alegria intensa, algo que não consegue explicar-se e fica para sempre na nossa memória, independentemente de também ficar na história da própria Taça». O antigo ídolo do Benfica é o goleador recordista de todas as finais, com 15 golos - um senhor do futebol.

E explica assim a sua veia goleadora: «Sempre gostei de tentar o gol mas antigamente os extremos tinham de jogar encostados à linha e a sua principal função era a de centrar a bola para os interiores e para o avançado centro marcarem. Não fugia à regra, mas procurava deslocar-me para dentro a fim de, sempre que podia, rematar à baliza. Quando Ted Smith chegou ao Benfica, disse-lhe que interior era o meu lugar predilecto; ele experimentou-me, fiz golos e já não voltei para extremo».

No percurso de Rogério figura a presença no Brasil, ao serviço do Botafogo, onde esteve um ano: «Eu nem



queria ir, porque estava para casar, mas acabei por mudar de camisola, umas vezes jogando, outras não, até cumprir o contrato, que era de 15 mil cruzeiros por mês, mais as despesas de hotel para mim e para a minha

Em três finais consecutivas, Rogério (que já marcara cinco golos ao Estoril) obteve quatro frente à Académica, três ao Sporting e um ao Porto.



No final, cansados mas felizes, Francisco Moreira e Francisco Ferreira, a par de Corona, constituem um exemplo do esforço a que foram sujeitos todos os jogadores deste «derby», em que Rogério foi quem mais se notabilizou

mulher, porque, entretanto, antecipei o casamento».

Exemplo elucidativo da sua forma de estar no futebol: um dia, os dirigentes do Benfica disseram-lhe que tinham contratado um treinador (Otto Glória), que não queria ninguém a dormir fora, pelo que tinham criado um Lar para os jogadores. Mas Rogério não aceitou a proposta e, aos 32 anos, deixou o Benfica. Ainda alinhou no Oriental, que ajudou a subir de Divisão, actuando frequentemente como defesa central de grande eficácia. Depois, futebol... só nos veteranos da Seita do Olho Vivo ou no Sport Lisboa e Saudade. A sua enorme vitalidade permitiu-lhe continuar a trabalhar, ainda aos 77 anos, no ramo automóvel.

13.ª final: 1952-1953, Estádio Nacional, 28/6/1953



Benfica: 5

Bastos; Artur dos Santos e Joaquim Fernandes; Moreira, Félix e Ângelo; Rosário, Arsénio, José Águas, Vieirinha e Rogério. **Marcadores** - Arsénio (3), Rogério e José Águas.

Treinador: Ribeiro dos Reis.



Porto: 0

Barrigana; Virgílio e Carvalho; Eleutério, Correia e Pinto Vieira; Carlos Duarte, António Teixeira, Monteiro da Costa, José Maria e Carlos Vieira.

Treinador: Cândido de Oliveira.

Árbitro: Evaristo Santos (Setúbal).

Uma goleada fora do comum

O tetra «encarnado» na estreia portista

Uma goleada entre dois clubes como o Benfica e o FC Porto não é muito comum. Se olharmos para os nomes dos jogadores que constituíam a defesa portista, a surpresa é ainda maior, porque Barrigana, Virgílio e Carvalho eram presenças constantes das selecções, ou seja, pertenciam ao escalão do futebol português de então. Que aconteceu? De acordo com as crónicas do tempo, apenas mais uma excelente exibição do Benfica. «A jogar assim, o Benfica seria irresistível perante qualquer adversário» - podia ler-se no «Diário de Notícias», que realçava, ainda, o facto de o Benfica ter alcançado o quarto triunfo consecutivo.

Os lisboetas começaram de forma fulgurante e Arsénio e Águas perderam boas hipóteses de marcar. O Benfica continuou ao ataque e Vieira, primeiro, e depois Águas falharam o alvo. Barrigana já era o melhor jogador do FC Porto - e acabou por ser até o melhor em campo - mas o ímpeto inicial dos benfiquistas surpreendeu o adversário, cuja linha média se «apagou» muito cedo.

O «onze» do Benfica que conquistou o troféu pela quarta vez



No curto espaço de cinco minutos surgiram três golos: Rogério, a emendar um livre, marcado por Águas; Arsénio, aproveitando um ressalto; e José Águas, depois de um lance bonito, combinando com Vieira, Arsénio e Rogério. Além do impacto desta rápida sequência de três golos sofridos, o FC Porto acusou a lesão do lateral esquerdo Carvalho, que voltou para a extrema esquerda, habitual «refúgio» dos lesionados, na extrema esquerda, obrigando a «mexidas» no sector defensivo. Mesmo assim, o FC Porto procurou dar luta, nos primeiros minutos do segundo tempo e Monteiro da Costa e Teixeira obrigaram Bastos a intervir.

Aos 59 minutos, o quarto golo decidiu tudo. Rogério centrou para Águas lançar Rosário e este atrasou para o pequeno interior obter um golo monumental. No último minuto, Arsénio consumou o seu «hat-trick».

BASTOS: «FELIZMENTE, TUDO MUDOU»

José Bastos foi o guarda-redes do Benfica das últimas três finais. Com 70 anos, o seu depoimento tem interesse para se entender o crescimento do profissionalismo em Portugal: «Naquela altura, ao contrário do que se diz hoje, os jogadores até tinham boa preparação física. Lembro-me de que, com Otto Glória, íamos e vínhamos a correr do estádio ao aeroporto e, depois, ainda fazíamos um jogo-treino de hora e meia. O problema é que ganhávamos mal, não havia as regalias de que beneficiam os profissionais actualmente. Isto não é uma crítica aos tempos de agora, antigamente é que as coisas estavam mal, neste e noutros aspectos. Ninguém estava preocupado em formar jogadores, por isso havia muitos elementos com jeito que chegavam ao Benfica e eram postos de lado, porque não preenchiam os requisitos necessários para entrarem logo na primeira categoria».

Bastos e a goleada sobre o FC Porto: «Todos sabíamos do valor da equipa portista, na verdade um conjunto fabuloso. Mas a Direcção do Benfica - que, como disse, pagava pouco aos jogadores (um rapaz júnior foi pa-

ra o Portimonense ganhar o dobro do que eu vencia no Benfica, veja só!) - quando chegava a estes jogos importantes, colocava a equipa em estágio, a comer e beber bem, recuperando forças, e quando entrávamos em campo, parecíamos outra equipa. O mal de muitos jogadores desse tempo, eram as deficientes condições de vida que, como atletas, lhes ofereciam. Quando lhes davam a hipótese de terem uma boa alimentação, os resultados eram imediatamente diferentes. Felizmente, tudo mudou».

VIRGÍLIO E BARRIGANA EM OPOSIÇÃO

Nasceu no Entroncamento a 27 de Novembro de 1927, um dos mais famosos laterais direitos do futebol nacional, a ponto de, um dia, a propósito da sua exibição num Itália-Portugal, a crítica lhe ter chamado «o leão de Génova». Mais tarde, o presidente do FC Porto, nas várias inaugurações de Casas do clube, para que o convidado, chamou-lhe o «dragão de Génova»...

Com notável boa disposição, quem o quisesse ver pode fazê-lo no Lar do FC Porto, onde é responsável pelos 32 jovens, iniciados e juniores, que ali estão instalados e aos quais tenta incutir, antes do futebol, o gosto pelos estudos. Lembra-se dessa goleada sofrida por uma defesa de

Virgílio, «o leão de Génova», ao lado de Bastos vendo-se, em baixo, o estilo de Frederico Barrigana, um dos melhores guarda-redes portugueses de sempre



luxo, que incluía ainda o guarda-redes Barrigana e o lateral esquerdo Carvalho, todos internacionais e comenta: «Há dias não e aquele foi um deles. Calhou-me marcar o Rogério, mas ele ainda fez um golo. Saiu-lhes tudo bem e a nós, pelo contrário, tudo correu mal».

Colega de Virgílio, o guardião Barrigana, que reside em Angeja, perto de Aveiro, a propósito desse jogo, afirma: «Nunca gostei de culpar ninguém, mas o Virgílio teve muitas responsabilidades, porque «mister» Cândido de Oliveira mandou-o marcar o Rogério à zona até ao meio-campo e homem a homem, perto da nossa baliza. E ele fez exactamente o contrário e acabou por ser responsável pela exibição do extremo esquerdo do Benfica.»

O «Diário de Notícias» referia, na altura, que «a jogar assim, o Benfica seria irresistível perante qualquer adversário»

Campeão da Segunda Divisão pelo Salgueiros, depois que deixou o FC Porto, antes de iniciar uma etapa nova, como treinador, Barrigana, a propósito de guarda-redes portugueses de classe, realçou: «Tudo tem a ver com o facto de os dirigentes dos clubes terem a ideia de que só os estrangeiros é que possuem valor. E, de entre tantos que, ao longo dos anos, vieram para Portugal, como exemplos de qualidade excepcional, cito os nomes de Mlynarczyk, Preud 'Homme e Schmeichel, mesmo já em fim de carreira, porque eram super-dotados. O mal do futebol deste tempo é que há muito dinheiro e muitos interesses».



14.ª final: 1953-1954, Estádio Nacional, 27/6/1954



Sporting: 3

Carlos Gomes; Lourenço e João Galaz; Janos Krotko, Gonçalves e Juca; Galileu, Vasques, Martins, Travassos e Fernando Mendonça.

Marcadores - Manuel Vasques (2) e Fernando Mendonça (2)

Treinador: Joseph Szabo (Hungria).



Setúbal: 2

Francisco Baptista; Jacinto Forreta e Manuel Joaquim; Artur Vaz, Emídio Graça e Orlando; António Inácio, Joaquim Soares, João Mendonça, Pinto de Almeida e António Fernandes.

Marcador - Soares (2).

Treinador: José Maria Pedroto.

Árbitro: Braga Barros (Leiria).



ting que construiu mais oportunidades de poder aumentar o «score», em especial por intermédio de Martins, que se mostrou sempre inconformado e acabou por ser o mais esclarecido atacante do Sporting.

A partida foi muito ardorosa, já que ao avanço dos leões - que fizeram os dois primeiros golos, aos 15 e aos 18 minutos, por Martins e Fernando Mendonça, o «team» de Setúbal respondeu com enorme brio, conseguindo chegar ao intervalo empatado, com golos de Soares, aos 24 minutos, após ter saltado com Juca, e aos 40 minutos, que conseguiu desfeitear Gonçalves e Carlos Gomes. Naturalmente que esta reviravolta deu mais ânimo aos

Manuel Vasques (em cima) foi o autor dos dois primeiros golos dos «leões», cuja equipa se vê em baixo



Nova «dobradinha» dos «leões»

Sporting voltou a quebrar o «jejum»

Depois do primeiro tetra conseguido pelo Benfica, o Sporting quebrou o «jejum» e voltou a inscrever o seu nome na lista das equipas vencedoras da Taça, uma vez mais, a terceira, no ano em que conseguiu ser campeão nacional. Os sadinos, por seu turno, conheceram a sua terceira derrota em outras tantas presenças como finalista: 0-3, com o Belenenses; 1-5, com o Benfica; e, agora, 2-3 com o Sporting, num encontro em que a equipa do Sado se queixou que o terceiro golo dos «leões» foi marcado em posição de fora de jogo.

A jogada foi rápida, com Janos a lançar Galileu e este a servir Martins que de imediato solicitou Travassos que a deu a Vasques e deste a bola foi ter com Fernando Mendonça, isolado frente ao guarda-baptista. O árbitro não atendeu as queixas dos jogadores do Vitória e validou o golo, mas terá sido pouco rigoroso em relação à forma como os sadinos protestaram. Faltavam, ainda, 36 minutos para jogar, mas, embora não tivesse havido mais golos, foi o Spor-

de Setúbal e fez com que o seu público vibrasse nas bancadas do Estádio.

Já nos derradeiros minutos, o Vitória esteve à beira de alcançar o empate, mas a bola, cabeceada por João Mendonça, saiu um ou dois palmos mais acima do que a posição ocupada na baliza por Carlos Gomes. Mas, se bem que os sadinos tivessem mostrado esta capacidade de luta, foi a capacidade física que se mostrou decisiva naquele período de jogo em que foi preciso ao Sporting travar o perigoso contra-ataque vitoriano. Talvez com um pouco de sorte - que, normalmente, protege os mais audazes - a equipa capitaneada por Travassos acabou por fazer jus a mais este triunfo. Valorizado, para mais, como já se viu, pela boa réplica setubalense.



JUCA SEMPRE DE VERDE...

Júlio Cemadas Pereira - que ganhou cinco campeonatos nacionais - como jogador apenas conquistou esta Taça. Pelo Sporting, claro, uma vez que foi a única camisola que envergou como desportista, tendo começado, aos 13 anos, como basquetebolista do Sporting de Lourenço Marques. Mais tarde, já como treinador, voltaria a triunfar, com o Guimarães, permitindo o acesso dos «leões» à Taça dos Vencedores das Taças, que venceram na temporada seguinte. Ele recorda-se de que esta final foi muito difícil, porque foram precisos três jogos para o Sporting eliminar o Benfica e o FC Porto, nas meias finais.

Juca aleijou-se e foi operado a um joelho na primeira des-

O estilo inconfundível de Carlos Gomes, que foi obrigado a sair do país e voltou já com um aspecto bem diferente



Outra grande novidade desta final foi a estreia na equipa do Sporting do guarda-baptista Carlos Gomes - para muitos sportinguistas o melhor dos inúmeros bons guarda-redes «leoninos», desde Dyson a João Azevedo e Dores (um eterno suplente), de Carlos Gomes a Octávio de Sá, Vaz, Conhé, Fidalgo, Carvalho, Damas e Rui Correia, para não falar noutros estrangeiros como Meszaros e em Smeichel, já no ano 2000.

Carlos Gomes era uma referência na baliza, por isso foi o grande rival do moçambicano do Benfica, Costa Pereira, na selecção nacional, mas tinha a seu desfavor - ele que era natural do Barreiro - um feitio nada

apropriado ao estilo de vida do anterior regime. E acabou por ser «expulso» do País, indo jogar para o Granada, por não estar de acordo com a saída de Alejandro Scopelli da orientação do técnico argentino, do Sporting que perdeu na época seguinte, com o Benfica. Sobre Carlos Gomes são tantas as «estórias», como lhes chamava o saudoso camarada Carlos Pinhão, que o melhor é aconselhar a quem conseguir encontrar a sua autobiografia, a comprar o livro «o jogo da vida», da autoria do excelente guarda-baptista. Um livro que conta as «perseguições» a que foi sujeito e que mostra como o «mun-do da bola» tinha facetas difíceis.

Terceira derrota dos sadinos, num jogo em que protestaram a validação do golo da vitória do Sporting, num jogo em que se verificou o regresso de Szabo e a estreia de Pedroto como treinador.

locação «leonina» ao Brasil, em 1951, mas ainda se manteve em actividade até 1960. No ano a seguir estreou-se como treinador (na tal época em que o Sporting venceu o Guimarães por 4-0) e foi, inclusivé, seleccionador nacional de futebol. Registe-se, ainda, a presença de Janos Krotko, que, conjuntamente com Fabian, viera da Hungria para reforço da equipa sportinguista; primeiro para tentar colmatar a saída de Carlos Canário, o segundo para reforço da linha atacante, uma vez mais e ainda em busca de um substituto para Peyroteo.

Outra nota curiosa é que Rita, guarda-baptista suplente de Carlos Gomes, que estivera no Covilhã, acabou por ser titular do Benfica.

... CARLOS GOMES SEMPRE POLÉMICO



15.ª final: 1954-1955, Estádio Nacional, 12/6/1955



Benfica: 2

Costa Pereira; Jacinto e Ângelo: Fernando Caiado, Artur Santos e Zézinho; Arsénio, José Águas, Mário Coluna e Palmeiro.

Marcador - Arsénio (2).

Treinador: Otto Glória (Brasil).



Sporting: 1

Carlos Gomes; Caldeira e Galaz; Pacheco, Passos e Juca; Hugo, Sarmento, José Travassos, Leon Mokuna, Martins e Albano.

Marcador - Martins.

Treinador: Alejandro Scopelli (Argentina).

Num jogo sem brilhantismos

Oportunismo do pequeno Arsénio

Mais uma jornada de Sol a iluminar a jornada de encerramento da temporada e cerca de cinquenta mil adeptos, não só dos dois clubes, encheram as arquibancadas. Algum vento forte e certo tipo de inibições afectaram a qualidade técnica do espectáculo. No Sporting, foram notórias as ausências de Barros (com uma distensão muscular) e Vasques, afectado por um surto gripal; o Benfica não conseguiu dominar eventual preocupação com a próxima deslocação ao Brasil, onde desejava apresentar-se com o prestígio reforçado pela conquista do valioso troféu.

O conjunto conseguiu o seu objectivo, mas sem uma su-

Jacinto exhibe a Taça aos milhares de adeptos do Benfica presentes no Estádio Nacional

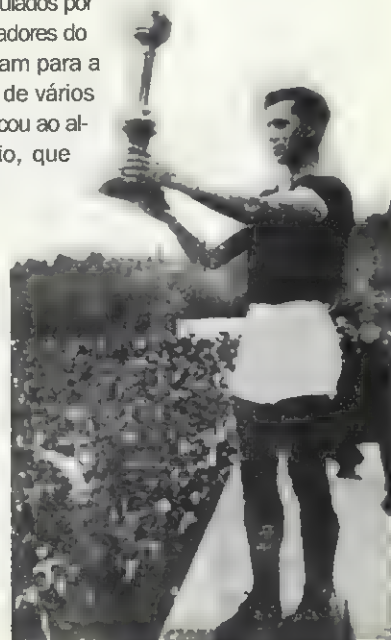
perioridade vincada, justificando o êxito pela maior capacidade de resistência e rapidez de desmarcação dos seus homens nos movimentos ofensivos, tirando partido do oportunismo de Arsénio, autor dos dois golos; aos sportinguistas, coube réplica meritória, quase sempre sob a batuta de Travassos, mas podem queixar-se de alguns defeitos de marcação da sua defesa, causa provável da sua derrota.

No primeiro tempo, houve lances de perigo nas duas áreas, com ocasiões perdidas por José Águas e Arsénio, mas Travassos chegou a ser desarmado por Alfredo, na grande área, em situação suspeita, tendo, pouco depois, forte remate ao poste direito da baliza de Costa Pereira. E a emoção surgiu logo no começo da

segunda parte, quando o Sporting se adiantou no marcador, após combinação entre Mokuna e Martins, que este concluiu com um «tiro» indefensável em corrida.

Vem a propósito lembrar que este Mokuna, um robusto negro vindo do Congo, designado o «fura-redes por se dizer que era seu hábito destruir as malhas das balizas devido ao impacto do seu podersíssimo pontapé, foi mais uma das inúmeras tentativas que o Sporting fez, durante anos, para encontrar um substituto para Fernando Peyroteo. E, por isso, mais tarde, aconteceram os «casos» com Eusébio e Carlitos. Martins e depois Figueiredo haviam de ser os «donos» da camisola nove, até que chegou Hector Yazalde. Mas isso são outras histórias...

Voltando à final desta Taça: com a vantagem adquirida, os «leões» subiram de rendimento, mas os «encarnados», à custa de um esforço constante, foram-se libertando dessa fase e, pouco depois dos 75 minutos, surgiu o empate: livre de Caiado, centro de Palmeiro e defesa defeituosa de Carlos Gomes e Arsénio, de cabeça, a aproveitar. Estimulados por este lance, os jogadores do Benfica embalaram para a vitória e, depois de vários ressaltos, a bola ficou ao alcance de Arsénio, que repetiu a proeza.



16.ª final: 1955-1956, Estádio Nacional, 27/5/1956



FC Porto: 2

Manuel Pinho; Virgílio e Osvaldo Cambalacho; José Maria Pedroto, Miguel Arcanjo e Monteiro da Costa; Hemâni, Gastão, «Jaburu», Carlos Duarte e Perdígão.

Marcador - Hemâni (2).

Treinador: Dorival Yustrich (Brasil).



Torreense: 0

Gama; Amílcar Silva e Joaquim Fernandes; Américo Belén, Carlos Alberto, José da Costa, João Mendonça, José Gonçalves e Fernando Mendonça.

Treinador: Óscar Tellechea (Argentina).

Árbitro: Hermínio Soares (Lisboa).

Torreenses contra a arbitragem

Hernâni e Yustrich os «heróis» do Porto

Sem a presença das entidades oficiais interessadas nas comemorações do 28 de Maio, à Taça, onde o FC Porto se estreou a vencer, faltou colorido e o ambiente de entusiasmo próprios de uma final. E, segundo o «DN» da época, com muitos nervos à mistura, faltou inclusive uma arbitragem ao nível do que se poderia exigir de um juiz experimentado. Um «penalty» mal assinalado e uns quatro fora de jogo em que os portistas só não fizeram golo por acaso, foram falhas demasiadas. Embora não se tire mérito ao triunfo da equipa nortenha.

O FC Porto começou muito bem e, assim, logo aos 3 minutos, depois de uma simulação de «Jaburu», na sequência de um canto, Hemâni atirou a contar, o que desnoiteou a defensiva torreense, com Gama obrigado a várias intervenções, uma delas, com alguma felicidade, num remate de Carlos Manuel. Mas Pinho foi obrigado a uma boa defesa a remate de Gonçalves, tendo Fernando Mendonça salvo um golo certo, quase sobre a linha de golo. Após a meia-hora, porém, o desafio entrou numa toada de equilíbrio, tal como sucedeu no retatamento, quando foi notória a von-

A equipa do FC Porto que conquistou a primeira Taça de Portugal para o clube



tade dos jogadores de Torres tudo fazerem para chegar ao empate. E, isolado, frente a Pinho, José da Costa terá perdido a melhor oportunidade. Pouco depois, aos 57 minutos, surgiu o «caso do jogo», com Hermínio Soares a dar a ideia de ter sido muito rigoroso ou de ter «caído» na simulação de Perdígão, atirando-se para o relvado, depois de samado por Forneri. O extremo Hemâni não perdoou e, apesar dos muitos protestos dos jogadores torreenses, o clube da região do Oeste não baixou os braços e continuou a tentar a sua sorte. Mas foi pouco feliz, porque, com Pinho batido, Forneri atirou a um dos postes e nem aproveitou a lesão de Osvaldo, que obrigou Hemâni a recuar para defesa direito. Talvez porque, nessa altura, já estavam convictos da vitória do FC Porto, com Virgílio a receber a Taça do tenente coronel Ângelo Martins, vice-presidente da Federação de Futebol. E, como já se disse, até porque o clube nortenho nada teve a ver com a infelicidade do adversário, não há a mais pequena objecção a opor ao brilho do seu triunfo.

Realce para o facto de, antes da final, os jogadores da equipa do Lusitano Futebol de Évora, cada um transportando os estandartes das equipas da primeira divisão terem dado uma volta de honra ao estádio, sob os aplausos do público, por terem sido a equipa que ganhou a taça «Correcção».

Ora aqui está uma boa ideia, que se perdeu com o andar do tempo...

NOVO CICLO COM FC PORTO

Pode dizer-se que, a partir desta 12ª final de luxo, entre o Sporting e o Benfica, à qual demos o merecido destaque, a Taça entra num novo ciclo, já que até esta temporada, os únicos vencedores haviam sido Benfica, Sporting, Belenenses e Académica. A nível das equipas fora da capital, apenas os dois Vítórias (Guimarães e Setúbal), tinham sido finalistas, uma vez que o Estoril, não sendo

uma equipa lisboeta, nunca foi considerada da Província, numa altura em que não havia, ainda, a designação da Área Metropolitana de Lisboa.

Neste novo ciclo, o FC Porto foi o primeiro clube a deslocar-se ao Jambor, abrindo - e a estreia não foi a melhor, porque, na 13ª edição da prova, como se viu, os portistas foram goleados pelo Benfica, por cinco bolas sem resposta. Mas a verdade é que, a partir desta temporada de 1952-53, com a vitória dos portistas sobre o Torreense - recorde-se que o brasileiro Yustrich alcançou a «dobradinha» e foi o delírio na Invicta - tudo se alterou e passou a haver vencedores como o Leixões - com a dupla e inesperada surpresa da sua vitória ter sido alcançada nas Antas, com o FC Porto; Vitória de Setúbal, por duas vezes, e Sporting de Braga, a evitar o «tri» da equipa sadina, na década de ouro dos anos sessenta do futebol nacional, tirando partido de excelentes jogadores, bem como dos ensinamentos de dois dos melhores técnicos nacionais, Fernando Vaz e José Maria Pedroto.

Surge, depois, o «reinado» do Boavista, com José Maria Pedroto a ser o responsável pelas duas primeiras vitórias, a que seguiram, mais tarde, já na década de 90, as estreias do Estrela da Amadora e do Beira Mar no reduzido lote das equipas vencedoras.

Um leque muito restrito de vencedores, numa demonstração inequívoca, como dizia Manuel Mota, que a Taça de Portugal, apesar das alterações dos últimos anos, ainda está longe do que se passa noutros países. Quanto ao futuro, com a problemática económica das competições europeias a influir nas provas nacionais, é uma incógnita; mas a ausência dos «grandes» na final pode não ser sintoma de efectivo progresso.

Sporting e Benfica não deixaram de estar presentes, neste período novo que se abriu na Taça de Portugal, mas sem a repetitividade dos primeiros anos. Ainda não houve uma equipa da 2ª Divisão a ganhar. Isso é incontroverso. Seja como for, a Taça passou a ter maior interesse popular. E atingiu o objectivo de ser de Portugal.

A primeira vitória portista, como se verá adiante, aconteceu com o Torreense - a equipa de Torres Vedras, anos mais tarde, nas Antas, foi considerada uma das «tomba-gigantes», ao derrotar o FC Porto numa eliminatória, e é salientar, desde já, que,



Yustrich, levado em ombros à chegada ao Porto, após os dois golos de Hermâni (em baixo) frente ao Torreense.

no seu percurso até ao Estádio Nacional, o conjunto do Oeste já afastara o Sporting e o Belenenses, enquanto os portistas, por sua vez, eliminaram o Benfica. E, enfim, para não variar, houve queixas amargas contra o árbitro, como se verá a seguir. Já agora, em Torres Vedras ainda se fala da história de um adepto da região saloia e do clube da zona que se apresentou em Lisboa com o animal e o barrete típico da região.

A hegemonia Benfica-Sporting acabou - para bem do carácter nacional da Taça - com o êxito portista, a que se seguiu, mais tarde, o «reinado» do Boavista, sem esquecer os primeiros êxitos da académica e do Boavista.

HERNÂNI «CARRASCO» DE SERVIÇO

Foi, sem dúvida, nos seus tempos, um jogador de grande valia, que nasceu em Águeda e actuou no Recreativo e no Estoril (na altura da tropa), mas foi no FC Porto que «explodiram» as suas qualidades.

Convirá lembrar que, na selecção de Portugal (ele e José Travassos, em 1947, cada um com dois tentos à sua mercê foram os autores dos quatro golos da primeira vitória oficial com a Espanha) e, em Torres Vedras, por duas vezes bateu Gama e deu a primeira Taça conquistada pelos portistas.

Jogador polivalente, pois tanto era extremo, como interior ou avançado centro, era um lutador nato, característica que lhe permitia ganhar muitos lances que pareciam perdidos. Hoje, acha que não faz sentido estar a falar-se de uma penalidade eventualmente mal assinalada, porque a supremacia da sua equipa não sofreu contestação.

Uma vez terminada a sua carreira de jogador - já agora diga-se que venceu outra Taça de Portugal, em 1957-58, com o Benfica - desempenhou vários cargos directivos no clube das Antas.



PROTESTOS TORREENSES

A primeira vitória portista na Taça, como já se disse, largamente festejada pelos adeptos do FC Porto, que levaram em ombros o treinador brasileiro Dorival Yustrich, que alcançou nessa época a «dobradinha», causou uma onda de protestos no clube torreense, que tinha tido uma carreira valiosa na Taça, eliminando o Sporting, nos quartos de final, por 1-0, e, na meia final, por 3-2, na Tapadinha, o Belenenses. O FC Porto já afastara o Benfica.

O conceituado jornalista José Olímpio escrevia, a propósito, que «pena foi que a alegria final não pudesse ter sido a desejada, não por virtude da derrota - o Torreense sempre soube perder com dignidade - mas por virtude de alguém que furtou toda a incontida e justificada satisfação que a honrosa presença na final da Taça de Portugal proporcionou.»

Bom, está-se a ver que o problema foi o de Hermínio Soares ter marcado uma grande penalidade «fantasma» contra a equipa de Torres Vedras, a qual já se sentira lesada outras vezes, nos jogos com o Setúbal, o Braga e o Beja, conforme fez questão de nos referir o central António Manuel, que tem uma papalaria na cidade onde o ex-seleccionador nacional José Maria Antunes ergueu uma clínica - que tem, naturalmente, o seu nome - para doentes pulmonares. Aliás, além do lance da grande penalidade, Jaburu, o discutido e possante avançado-centro do FC Porto, agrediu Gonçalves e ficou em campo, como se nada tivesse feito.

Armando Marques Ferreira, no programa «Talismã», o jornal «Os Ridículos», outro programa da Sonarte, sem falar nos dirigentes da altura e dos jornais da terra, perguntavam-se: «que dirá a isto a Comissão Central de Árbitros?». Tudo indica que, na verdade, o juiz lisboeta teve, no mínimo, uma tarde infeliz.

Passados todos estes anos, o guarda-redes Gama - que é, agora, secretário técnico do Estrela da Amadora - diz que o desarme de Fomeri foi correcto: «o lance passou-se perto de mim, o Perdigão vinha embalado e tropeçou no meu colega, que o desarmou sem qualquer falta, tocando primeiro na bola, e atirou-se para o chão. Foi um erro tremendo que nos limitou, muito embora faltasse mais de meia hora, porque sentimos que fomos injustiçados. Foi a minha única final como jogador, o Torreense tinha uma grande equipa e não sei o que poderia ter acontecido sem esse segundo golo do FC Porto.»

António Manuel, por sua vez, corrobora as palavras de Gama e lembra que o Torreense tinha, nessa época, um grande presidente, o Dr. Neiva Vieira, de uma enorme dedicação pelo clube, a par de outros associados da região, o que permitia recrutar bons jogadores, como Fernando Mendonça e até o Américo Belém, pelo que «tinhamos equipa para dar a volta ao resultado, se não temos sido espoliados pelo árbitro. Até porque estávamos a dominar



e o Carlos Manuel, com a sua velocidade, surpreendia a defesa do FC Porto, onde o guarda-redes Pinho foi o melhor jogador em campo.»

Um pormenor com algum sabor pitoresco, para acabar: a falta de critério de Hermínio Soares foi tal e o «penalty» tão estranho, que houve que tivesse ouvido Gastão dizer para Carlos Duarte e Perdigão: «temos de marcar outro golo, porque este foi oferecido.»



O guarda-redes Gama (ao lado) era o «capitão» do Torreense e considera que o segundo golo portista resultou de uma grande penalidade que não existiu



17.ª final: 1956-1957, Estádio Nacional, 2/6/1957



Benfica: 3

José Bastos; Jacinto e Ângelo; Vasco Pegado, Manuel Serra e Zézinho; Francisco Palmeiro, Coluna, José Águas, Salvador Martins e Domiciano Cavém.

Marcadores - Salvador, Águas e Coluna.

Treinador: Otto Glória (Brasil).



Covilhã: 1

Rita; Toledo e Jorge Nicolau; Fernando Cabrita, Amílcar Cavém e António Lourenço; Manteigueiro, Pedro Martin, Vitoriano Suarez, Carlos Ferreira e Fernando Pires.

Marcador - Cabrita. *Pires*

Treinador: Tavares da Silva/Fernando Cabrita.

Árbitro: Francisco Guerra (Porto).

Sob o signo da Irregularidade

O estranho caso da bola vazia

Correu sob o signo da irregularidade a 17.ª edição da Taça de Portugal, que trouxe à final de Lisboa a novidade do Sporting da Covilhã, um clube da província que forneceu vários jogadores à selecção portuguesa. Com efeito, nessa temporada a competição foi organizado ao sabor de um certo improviso, com eliminatórias

Mais uma Taça para a sala de troféus do clube da Luz

efectuadas à pressa, cheia de hesitações quanto ao local dos jogos.

O encontro decisivo não podia deixar de reflectir o efeito desses factores negativos e a única chama de interesse foi fornecida pela presença maciça de público.

O natural favoritismo do Benfica apenas se confirmou na expressão do resultado, pela superior valia técnica dos seus homens e rotina do conjunto, mas não pela qualidade do jogo desenvolvido; ao Covilhã coube valorizar o triunfo benfiquista por acção de uma resposta firme e muito aplicada, que fez pairar a dúvida até perto do fim, visto a vantagem mínima do Benfica poder ser anulada a qualquer momento.

Ao quarto de hora, os «encarnados» já venciam por 2-0: aos 12 minutos, passe longo de Pegado ao qual Salvador deu seguimento vitorioso com um toque subtil a iludir o guarda-redes covilhanense; três minutos passados, Águas aumentou o avanço, fazendo passar a bola por cima da cabeça de Rita, a concluir rápida e vistosa jogada de ataque na qual colaboraram vários futebolistas de vermelho, pertencendo o passe decisivo a Salvador.

A equipa serrana não se conformou, reagiu de imediato e decidiu contrariar a tendência que o encontro parecia ir assumindo. Imprimiu maior vivacidade às suas movimentações e, cerca de cinco minutos depois, reduziu a diferença, em remate do extremo esquerdo Pires, que deu à bola uma trajectória caprichosa e enganou Bastos. Tudo isto se passou em dezassete minutos apenas e, durante largo período, instalou-se a dúvida quanto ao desfecho. Animados pela perspectiva de conseguirem um feito que poderia tornar-se histórico, os jogadores do Sporting da Covilhã entregaram-se ao jogo com ânimo renovado e surgiram então na área benfiquista algumas situações de empate à vista, enquanto o guardião Rita protagonizava defesas de grande valor contendo as ofensivas que o Benfica, apesar de tudo, não deixava de tentar.

O clima de incerteza prolongou-se até muito perto do termo do encontro que, entretanto, se enriquecia ao ritmo do golpe e contra-golpe, mantendo cada vez mais vivo o entusiasmo da assistência. E só a escassos três minutos do fim, a questão ficou resolvida com o terceiro tento do Benfica quando, a um centro perfeito de Palmeiro, apareceu Coluna a enviar a bola para a rede, em cabeceamento vigoroso.

Segundo as crónicas do tempo, a arbitragem do portuense Francisco Guerra sofreu a colaboração deficiente dos seus auxiliares. As melhores actuações foram atribuídas aos irmãos Cavém (um de cada lado), Rita, Lourenço, Manteigueiro, Serra, Pegado e Zézinho.

Pormenor inusual e curioso: pouco antes dos dez minutos, o jogo teve de ser interrompido, porque a bola estava vazia...

18.ª final: 1957-1958, Estádio Nacional, 15/6/1958



Porto: 1

Manuel Pinho; Virgílio Mendes, Miguel Arcanjo e António Barbosa; Ângelo Sarmento e Albano Sarmento; Carlos Duarte, Gastão, Osvaldo Silva, Hernâni e Fernando Perdigão.

Marcador - Hernâni.

Treinador: Otto Bumbel (Brasil).



Benfica: 0

José Bastos; Francisco Calado e Zézinho; Vasco Pegado, Manuel Serra e Mário João; Palmeiro Antunes, Mário Coluna, José Águas, Azevedo e José Maria Matos.

Treinador: Otto Glória (Brasil).

Árbitro: Álvaro Rodrigues (Coimbra).

Faltou autoridade à arbitragem

Jornada de violência

Os comentadores da época deixaram registo de uma jornada deplorável na 18.ª edição da final da Taça de Portugal, para agravar a incomodidade da multidão que voltou a esgotar os cerca de 50 mil lugares disponíveis, sob as inclemências de uma temperatura escaldante. Muitos jogadores estragaram o que deveria ser uma festa, entregando-se às mais diversas práticas antidesportivas, atacando os adversários de forma contundente e perigosa, tudo acrescido de invectivas frequentes aos responsáveis pela arbitragem. Poucos foram os que escaparam às severas críticas dos observadores, incluindo-se nesse grupo de excepção os nomes de Virgílio, os Sarmentos, Gastão, Perdigão, Calado, Palmeiro Antunes e José Maria; quase todos os restantes se tornaram responsáveis pelo tom de indisciplina que maculou o espectáculo. Para esse panorama de acentuada violência terá contribuído a falta de autoridade do árbitro de Coimbra, que só muito tarde se decidiu pela expulsão de dois prevaricadores, ainda assim sem resultados proveitosos para a melhoria do comportamento geral.

Além do mais, foram notórios vários deslizos do juiz de campo, de um

Osvaldo Silva, o primeiro sentado (da esquerda para a direita) na foto, o único jogador a ganhar a Taça por três equipas: FC Porto, Leixões e Sporting

dos quais nasceu o golo do triunfo portista, já a meio da segunda parte: depois de um fora-de-jogo mal assinalado a José Águas, a defesa nortenha executou rapidamente o livre correspondente com um lançamento longo para Hernâni e quando o interior de azul e branco corria em grande velocidade para a baliza contrária, foi desarmado faltosamente por Mário João; na execução do livre, Gastão tocou para o lado e o mesmo Hernâni desferiu forte remate levando a bola a entrar, por alto, na baliza benfiquista.

Num ambiente de cariz tão negativo entrou também a circunstância de ambas as equipas se apresentarem desfalcadas de alguns titulares, o que retirou larga fatia de qualidade ao jogo. Na fase inicial do encontro, quando os ânimos ainda pareciam relativamente calmos, registaram-se alguns lances algo interessantes junto de ambas as balizas, mas Azevedo, Osvaldo Silva, Coluna e Albano Sarmento desperdiçaram ensejos evidentes de marcar, chegando este último a atirar o esférico contra um poste.

Até à meia hora, de mistura com alguns episódios de certa rudeza, o Benfica ainda desenhou algumas movimentações bem conseguidas; Coluna tentou o golo, mas Pinho opôs-se com segurança; e Azevedo desaproveitou vistosa iniciativa de José Águas. No entanto, no último quarto de hora do primeiro tempo os portistas assumiram o comando das operações, à base de velocidade e melhor execução, confundindo o opositor sem, todavia, ameaçarem seriamente a rede de Bastos.

No começo da segunda parte, surgiram dois incidentes: o grupo nortenho regressou das cabinas sem Miguel Arcanjo, que demorou a recuperar de um choque com Palmeiro Antunes e só voltou ao relvado quatro minutos depois; após o golo portista houve uma interrupção, pois Osvaldo Silva apareceu caído no meio-campo benfiquista, supostamente devido a carga violenta de Zézinho (que não terá sido observada por muita gente, incluindo o árbitro) e o avançado do FC Porto foi retirado do campo para só regressar cinco minutos passados.

A partir de então, entrou-se num período de ofensiva intensa do conjunto portuense, principalmente por acção





Otto Bumbel e Otto Glória, dois técnicos brasileiros, estiveram no «comando» das duas equipas, numa altura em que era «moda» já o ingresso de treinadores sul-americanos em Portugal

de Hemâni, obrigando Bastos e seus companheiros da retaguarda a empregarem-se a fundo. E só por volta dos 70 minutos o árbitro coimbrão resolveu tomar uma decisão drástica, que só pecou por tardia: Zézinho, reincidente em gestos de excessiva agressividade, excedeu-se (se possível...) num confronto directo com Carlos Duarte e Álvaro Rodrigues indicou ao infractor a saída antecipada para o balneário.

Na fase final do encontro, o Benfica viu-se na necessidade de duplicar esforços para suprir a falta de um jogador e resistir ao caudal atacante do FC Porto, que teve em Hemâni, Gastão e Perdigão os melhores elementos. Balanço geral notoriamente favorável à formação portista e toda a justiça na conquista do segundo troféu da nova era.

DUELOS... DE OTTOS

O encontro teve, além do mais, a curiosidade de ver como respondia Otto Bimbel, na sua primeira época em Portugal, ao serviço do FC Porto, ao seu colega e compatriota Otto Glória, o grande mentor da renovação que se deu no futebol português.

Os dois técnicos tinham feitos bem diversos, um era bem mais expansivo do que o outro e, como é sabido, Otto Glória fez o resto da carreira praticamente em Portugal, onde treinou as equipas dos principais clubes - sempre com resultados positivos - e a própria selecção de Portugal, enquanto Otto Bumbel não «vingou» no nosso País, mesmo após o triunfo com o Benfica para a Taça, o segundo, até então, na história da colectividade «azul-e-branca».

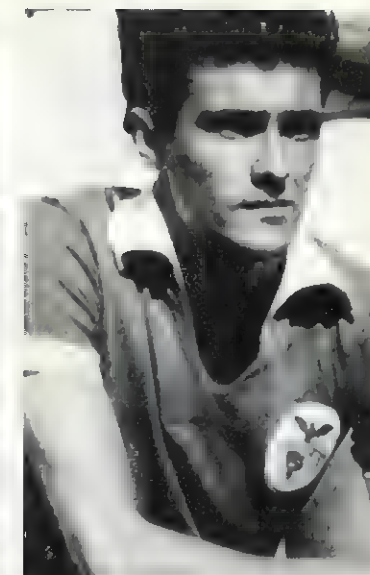
Até que ponto este clima de violência atrás referido teve a ver com um quase natural despique dos dois técnicos brasileiros é algo de muito subjectivo. Mas, conhe-

Muitos jogadores - de acordo com os comentadores da época - estragaram o clima de festa, com diversas e deploráveis práticas de anti-jogo

cendo a forma de jogar futebol no Brasil e demais países sul-americanos, não é estranho que esta final da Taça de Portugal tenha sofrido a influência directa dos homens que orientavam as duas equipas e que tinham, também eles, um certo prestígio pessoal a defender... Como quer que seja, Otto Bumbel, mesmo sem o futuro português de Otto Glória, naquela tarde levou a melhor e deu nova alegria aos adeptos portistas.

PRESENÇA AFRICANA

Antes da final, duas equipas africanas aproveitaram a sua participação nas eliminatórias da Taça, adiando o regresso a casa, para oferecerem um «aperitivo» agradável ao numeroso público presente com antecedência: Desportivo de Lourenço Marques (Moçambique)-Ferrovia (Angola), 1-1, golos de Martins e Lage. Ritmo lento, também por causa do calor; melhores atributos técnicos dos moçambicanos e aplicação dos angolanos para um equilíbrio que afinal, só ficou expresso no marcador.



19.ª final: 1958-1959, Estádio Nacional, 19/7/1958



Benfica: 1

Bastos; Serra e Mário João; Neto, Artur Santos e *Abreu*; Palmeiro, Coluna, José Águas, Santana e Cavém.

Marcador - Cavém.

Treinador: José Valdivieso (Argentina).



Porto: 0

Acúrcio; Virgílio e Barbosa; Luís Roberto, Miguel Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hemâni, Noé, António Teixeira e Perdigão.

Treinador: Bela Gutmann (Hungria).

Árbitro: Décio de Freitas (Lisboa).

Picardias estragaram o jogo

Apenas os primeiros quinze segundos...

Pela primeira vez na história da Taça de Portugal um Chefe do Estado - na circunstância, o almirante Américo Tomás - desceu ao relvado do Estádio Nacional para cumprimentar e entregar medalhas aos intervenientes da final. Aconteceu na tarde estival do último episódio da 19.ª edição.

O registo desta final deixou a referência insólita de que bastaram apenas quinze segundos (!) para o Benfica construir o novo triunfo: o pontapé de saída pertenceu a José

Águas, este colocou a bola nos pés de Coluna que arrancou em corrida vertiginosa para a grande área portista onde, com uma remate rasteiro, atingiu o poste direito da baliza de Acúrcio; no ressalto, Cavém antecipou-se a Virgílio e acertou no alvo, por alto.

Ficou por saber se tão inusitado acontecimento fora produto de estratégia pré-concebida ou obra de um dos muitos acasos em que o futebol é fértil; o certo é que se consumava desde logo o desfecho de toda a partida. E fixaram as crónicas que somente naquele tempo tão breve houve lugar para o futebol propriamente dito, já que o restante foi consumido numa série de tropelias do mais baixo nível desportivo, perante o olhar distante de um árbitro algo pusilânime que só após quase uma hora de ofensas à ética e ao jogo tomou a decisão de afastar de cena dois dos piores actores daquela peça de tão mau gosto. Mário João (Benfica) e Carlos Duarte (FC Porto) tinham vindo a exceder-se em atitudes recíprocas de anti-jogo e acabaram por sair, tristemente, pelo alçapão do palco...

Todo o jogo ficou marcado por um clima de violências de toda a ordem, do qual não pode desresponsabilizada a arbitragem condescendente do internacional lisboeta, cujo temperamento contemporizador era bem conhecido, talvez convencido de que a simples troca de faltas por livres seria suficiente para reconduzir os jogadores à razão - uma opção que a sua reconhecida experiência deveria desaconselhar em absoluto. Quando se decidiu pela punição suprema já era tarde, pelo que não lhe concedeu qualquer proveito, não disfarçando a sua evidente falta de autoridade. Só o guarda-redes Acúrcio (notável exibição) conseguiu escapar à onda de indisciplina contra adversários, árbitro e auxiliares; e, já perto do fim, Hemâni chegou mesmo a esboçar a tentativa de abandonar o campo, como protesto contra duas cargas duríssimas, quase seguidas, que ficaram sem castigo.

Percebe-se que poucos pretextos houve para falar de futebol. Mas não sofreu contestação o novo êxito do Benfica, superior em quase todos os capítulos. Na fase derradeira, a emoção subiu, pela tentativa desesperada dos portistas procurando inverter a situação.

O «onze» do Benfica que conquistou o troféu pela 4.ª vez, e José Águas, avançado-centro de gabião, pai de Rui Águas

20.ª final: 1959-1960, Estádio Nacional, 3/7/1960



Belenenses: 2

José Pereira; Rosendo e Raul Moreira; Vicente, Francisco Pires e Manuel Castro; Yaúca, António Carvalho, «Tonho», Matateu e Estevão.

Marcadores - Carvalho e Matateu.

Treinador: Otto Glória.



Sporting: 1

Octávio de Sá; Mário Lino e Hilário; Fernando Mendes, Lúcio e David Júlio; Hugo Sarmento, Faustino, Vadinho, Diego e Seminário.

Marcador - Diego

Treinador: Alfredo Gonzalez (Argentina).

Árbitro: Clemente Henriques (Porto).

Segundo êxito dos «azuis»

Organização «azul» foi chave do êxito

O Belenenses há muito que não estava presente numa final, depois daquele período de três presenças consecutivas, na década de quarenta, com a vitória conseguida em 1942, com o Vitória de Guimarães. Os adeptos do clube do Restelo tinham, por isso, a esperança de alcançar segundo triunfo, não só porque Otto Glória já tinha dado provas do seu valor como técnico, como porque a equipa tinha excelentes jogadores.

E o facto de o outro finalista ser o Sporting não foi razão para que os «azuis» não tivessem começado o jogo numa toada de franco ataque, criando perigo para as redes de Octávio de Sá, muito enervado e a não dar a confiança que a defensiva «leonina» precisava. Mas, apesar de tudo, com o decorrer do tempo, ele e Fernando Mendes seriam os únicos elementos a actuar dentro do seu perfil normal, já que as sucessivas movimentações atacantes do Belenenses acabaram por desorientar os sportinguistas. Apesar de tudo, na única vez em que Seminário - o extremo peruano que era uma das figuras da equipa - logrou bater Vicente em comida e centrar para Diego, o Sporting



Vicente, o «capitão» do Belenenses, que Otto Glória (com a equipa, na foto inferior), levou, de novo, a vencer a Taça, após a vitória em 1942



inaugurou o marcador, um tanto contra a chamada corrente de jogo, já que Tonho já atirara um remate à trave e Yaúca perdera um outro ensejo de marcar.

O Belenenses continuava a variar de flancos e a trocar a bola de uns elementos para os outros, com destaque para a boa actuação do meio-campo, com Vicente e Castro a apoiarem os seus avançados, enquanto Fernando Pires não dava a mais pequena oportunidade ao brasileiro Vadinho e também Seminário não voltou a impôr a sua velocidade e a bater Rosendo.

Faustino, entretanto, magoou-se e quando voltou foi para extremo, o que ainda complicou mais a actuação do Sporting. O empate adivinhava-se, tal a pressão exercida pelo Belenenses e, na verdade, Carvalho, depois de um lance em que Octávio de Sá largou a bola, recargou e obteve a merecida igualdade. E, à beira do intervalo, Matateu teve uma perda incrível, pois ficou isolado perante o guar-

dião «leonino» e desperdiçou aquela que terá sido a melhor oportunidade do conjunto do Restelo, de uma maneira incrível para a sua fama de goleador.

A segunda parte não foi muito diferente, embora o Sporting talvez tenha surgido um pouco mais forte, mas sem conseguir alterar a boa organização que o Belenenses continuava a mostrar, com Otto Glória a insistir com os seus jogadores em procurarem a vitória. E Matateu redimiu-se do lance perdido e marcou, aos 62 minutos, depois de uma boa jogada de Yaúca, que correu até à linha de cabeceira e centrou para o moçambicano não perdoar. A palavra de ordem do Belenenses era atacar e Tonho, Estevão e Yaúca perderam novas oportunidades de dilatar o resultado. Na última jogada, Hugo, num lance de contra-ataque perdeu o 2-2, que seria injusto, porque a própria derrota por um só golo foi um resultado lisonjeiro para os de Alvalade, tal a organização global que o Belenenses apresentou.

VICENTE E MATATEU FORAM REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

Nesta equipa, os irmãos Vicente e Matateu foram, segundo as críticas da altura, a par de Tonho e de Carvalho, os jogadores que mais se destacaram. Mas, independentemente da final, eles ainda são símbolos do Belenenses, como salientou o dr. Camacho Vieira, uma vez que Vicente, depois do falecimento de Matateu já em 2000, no Canadá - as cinzas vieram para Lisboa e a família fez entrega delas ao clube do Restelo - mos-



Matateu, autor do golo da vitória, foi um goleador que marcou a sua geração. Tal como Peyroteo e Eusébio... como ele e o irmão (foto da direita) vindos de África



le, no Eusébio e no próprio Matateu, que conheci quando estive de visita a Lisboa, com a mulher, em 1954, foi a maneira humilde de viver, sem vaidade, como se não tivessem sido grandes artistas da bola».

E Fernando Pires, aquando da morte de Matateu, aos 72 anos, acerca do ídolo dos anos cinquenta, escreveu no «Diário de Notícias»: «ele chegou demasiado cedo ao futebol. Dizemos assim, os que o vimos actuar, quando comparamos épocas e jogadores. Não há, na conclusão da análise, qualquer sentimento de nostalgia. Há tão somente, o reconhecimento de uma genialidade do futebol.»

O que muitos não se recordam é que o Belenenses, quando Matateu partiu uma perna numa deslocação dos «azuis» a Nova Iorque, foi «despedido» e transferiu-se para o Atlético, onde continuou a ser o melhor marcador da equipa, e depois ainda actuou no Amora e no Chaves. Talvez por isso, na presença da boda de prata dos «azuis», Matateu mostrou-se contente com o carinho do público, mas não deixou de lamentar a forma como, ao fim de 15 anos, foi marginalizado pela Direcção. E disse sentir-se cidadão canadiano e, portanto, não estar interessado em regressar a Portugal e muito menos em que lhe erguessem uma estátua no Restelo...

A palavra de ordem de Otto Glória foi atacar, atacar sempre. E, com Octávio de Sá enervado, Matateu acabou por dar nova alegria aos adeptos do Restelo.

trou-se muito comovido e apenas lamentou que o irmão não tivesse nascido mais tarde para poder ter jogado com ele no Mundial de Inglaterra. Para, com Eusébio, mostrar a sua categoria de goleador. O antigo médico dos «azuis» e da selecção nacional, considera que «Matateu, como Eusébio, tinha uma condição física genética fora do normal», de acordo com as histórias que lhe contava o seu antecessor, dr. Silva Rocha, médico que ficou ligado à história da Medicina Desportiva portuguesa, e lembrou que «contactei com Vicente já após o Mundial, quando passou a ser treinador do Belenenses, e uma das coisas que apreciei ne-

21.ª final: 1960-1961, Estádio das Antas, 7/6/1961



Leixões: 2

Rosa; Santana e Pacheco; Ventura, Raul Machado e Francisco Santos; António Medeiros, Osvaldo Silva, Oliveira, Silva e Gomes.

Marcadores - Silva e Oliveira.

Treinador: Filpo Nuñez (Argentina).

Porto: 0

Acúrcio; Virgílio e Barbosa; Ivan, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hernâni, Noé, Serafim e Perdígão.

Treinador: Francisco Reboredo.

Árbitro: Décio de Freitas.

Apesar do vencedor inesperado

Surpresa? Só antes de ver a equipa jogar

O facto de serem dois finalistas do Norte possibilitou que a FPF tivesse autorizado que a final fosse nas Antas, cujo estádio registou a presença de milhares de pessoas e no qual Américo Thomaz descerrou uma placa alusiva à sua primeira presença no campo do FC Porto. E esta era, na verdade, a grande favorita de quantos se deslocaram para assistir à final.

Matosinhos viveu uma noite de festa com o inesperado êxito do Leixões, para mais com o FC Porto, nas Antas

Mas, afinal, o Leixões foi um brilhante vencedor, o único «tomba-gigantes, a nível de uma final, com um «grande», mercê de uma exibição segura e com objectivos bem definidos.

A única problemática foi já a meio da primeira parte, quando Osvaldo Silva se aleijou e abandonou o relvado. Com menos um jogador e logo com o valor do brasileiro - que já ganhara um troféu pelos portistas e havia de vencer outros ao serviço do Sporting - o Leixões vacilou um tanto, mas o FC Porto não conseguiu marcar, nem com essa desvantagem. E o intervalo chegou com o resultado em branco.

Já na segunda parte, o FC Porto voltou a ser a equipa mais atacante e que tentou o golo, mas Osvaldo Silva regressou, entretanto, e o Leixões criou uma nova alma e o encontro voltou a conhecer uma fase de equilíbrio, com constantes ataques dos dois conjuntos. Até que, aos 68 minutos, Pacheco infiltrou-se e serviu Osvaldo Silva, que fintou um defesa portista e deu a bola a Silva, que não perdoou e fez o primeiro golo da partida.

O FC Porto não teve tempo para reagir, porque, dois minutos volvidos, de novo Osvaldo Silva tocou a bola para Oliveira marcar. Com dois golos à maior, o Leixões ganhou novas forças, enquanto o conjunto das Antas apenas se pode queixar de um remate de Serafim embater num poste. Mas o guarda-redes Rosas não foi chamado a nenhuma intervenção de vulto até final. Depois, como é evidente, foi a euforia, não só dos jogadores como dos adeptos de Matosinhos, que organizaram um cortejo automóvel que acompanhou os jogadores até à sede do clube.

À entrada do concelho as pessoas que não se haviam deslocado às Antas aguardavam os jogadores e transportaram-nos aos ombros, aplaudindo o feito da equipa leixonense, numa noite que se prolongou madrugada dentro.



DE SERRALHEIRO MECÂNICO A «VEDETA» DO FUTEBOL Osvaldo Silva é um caso especial da Taça de Portugal, porque foi campeão pelo FC Porto, Leixões e Sporting. Mas mais curioso, ainda é o facto de, nascido em Minas Gerais, onde jogava no Pompeia, ter sido descoberto para o futebol por «Jaburu». Daí a sua vinda para o clube das Antas. Sobre esta Taça ganha pelo Leixões, considera que foi «uma loucura que faz parte da história do clube e do concelho para sempre» e lamentou que, na Taça das Taças, «por ingenuidade dos dirigentes, os dois jogos da eliminatória com o Kaiserslautern tivessem ocorrido na Alemanha, o que nos impediu de tentar

O triunfo leixonense «foi uma loucura» que ficou para sempre na história do clube, do concelho e do próprio espírito da Taça de Portugal.

o nosso melhor, até porque o Roldão se magoou e tivemos um contratempo inesperado que foi a neve que caiu.»

Mais tarde, no Sporting, continuou a ser um jogador modesto («na minha apresentação disse que não esperassem milagres»), muito embora tenha sido um dos grandes avançados responsáveis pela eliminação do Manchester United e do Lyon - um dirigente francês ofereceu-lhe naquela altura mil contos para se transferir. Voltou ao Brasil, onde esteve pouco mais de um ano para regressar e de treinar o Académico de Viseu, União de Tomar, Vila Real, Alverca, Torreense, Avintes, Monte da Caparica e Olhanense, antes de regressar ao Sporting, que nunca mais deixou, como adjunto de Mário Lino, Di Stefano e Venglos, conquistando vários títulos de séniores, juniores e de infantis.

A chegada dos leixonenses à sede, com Raúl a mostrar a Taça, ladeado (em cima) por Osvaldo Silva



22.ª final: 1961-1962, Estádio Nacional, 1/7/1962



Benfica: 3

Costa Pereira; Mário João e Ângelo; Cavém, Germano Figueiredo e Fernando Cruz; José Augusto, Eusébio, José Águas, Mário Coluna e António Simões.

Marcadores - Eusébio (2) e Cavém.

Treinador: Fernando Caiado.



Setúbal: 0

José Mourinho; Francisco Polido e Manuel Joaquim; Herculano, João Galaz e Alfredo Moreira; Manuel Mateus, José Dimas, Manuel Pompeu, Jaime Graça e Quim.

Treinador: Fernando Vaz.

Ref.: Manuel Fortunato (Bdps)

Apesar de perderem o título nacional

Bi-campeões europeus não deram facilidades

O ambiente que rodeou esta 22.ª Final da Taça foi algo diferente do que vinha sendo habitual, pois o público deixou abertas muitas clareiras nas bancadas. Não obstante o intenso calor - e, eventualmente, o menor estatuto de um dos participantes - essa atitude dos adeptos do jogo não encontra justificação aparente, pois os atractivos não eram despidos. O Benfica, embora tendo cedido o título nacional ao Sporting, apresentava-se ali com todo o seu conjunto de futebolistas de elite e ostentando o prestigioso título de bi-campeão europeu após duas temporadas da maior exaltação clubista; e depois de haver afastado, nas eliminatórias, dois adversários nada fáceis como o FC Porto e o Vitória de Guimarães.

O Vitória de Setúbal acabara de ascender à divisão principal sob a orientação de Fernando Vaz, um dos mais conceituados técnicos portugueses que preparava então uma equipa cujos talentos viriam, poucos anos mais tarde, a causar sensação no futebol português; além disso, deixara pelo caminho, entre outros opositores, o Leixões e o Belenenses, este ainda

na galeria dos chamados «grandes». Ainda assim, das margens do Sado viajaram muitos setubalenses, pois era a segunda vez que o seu clube comparecia no majestoso recinto para a festa da final, oito anos depois de ali ter sido batido pelo Sporting (2-3 em 1954) e quase vinte anos passados sobre a sua primeira presença perante o Benfica (0-5 em 1943), então no estádio das Salésias. E pode acrescentar-se, a título de curiosidade, que o Vitória de Setúbal já fora finalista, perdendo com o Belenenses (0-3), na fase em que a competição a eliminar ainda se designava por Campeonato de Portugal.

De qualquer modo, não foram reunidos motivos bastantes para levar ao Jamor a multidão que tradicionalmente aderira ao festivo acontecimento; mas o espectáculo acabou por registar vários motivos de interesse, embora o tom geral do encontro proporcionasse certo desequilíbrio entre a mais constante ofensiva benfiquista e as preocupações defensivas dos sadinos, que não hesitavam em recorrer a jogadas faltosas para travar as iniciativas contrárias. Assim, a superioridade dos «encarnados» não deu frutos na primeira parte, com remates de Eusébio, Águas e Simões bem anulados pela segurança de Mourinho; a um minuto do intervalo, Cavém ainda rematou à trave e Mário João não conseguiu aproveitar a recarga.

Animado pelo êxito relativo da sua estratégia, o Vitória entrou na segunda parte mais afoito e Dimas chegou a ameaçar a rede de Costa Pereira. Mas rapidamente o Benfica voltou a impor superioridade e marcou aos 55 minutos: o árbitro mandou repetir um livre, por deficiente colocação da barreira sadina, Coluna passou a Eusébio e este atirou com êxito. Não surpreendeu que o Benfica arrebatasse mais um troféu, aumentando a vantagem para 3-0, com mais dois tentos da autoria de Águas e Eusébio, confirmando uma certa tendência dos «encarnados» em conseguirem vencer este tipo de torneios, a eliminar.

A elite da equipa do Benfica, embora cedendo o título nacional, brilhou na Taça



23.ª final: 1962-1963, Estádio Nacional, 30/6/1963



Sporting: 4

Carvalho; Pedro Gomes e Hilário; Péndis, Lúcio e David Júlio; Figueiredo, Osvaldo Silva, Mascarenhas, Geo e Morais.

Marcadores - Figueiredo (2), Lúcio e Mascarenhas.

Treinador: Juca.



Guimarães: 0

Roldão; Caiçara, Daniel, João da Costa, Pinto e Virgílio; Paulino, Peres, Lua, Mendes e Armando.

Treinador: José Valle (Argentina)

Árbitro: Clemente Henriques (Porto).

Um bom fim para uma má época

Minhotos não deram oposição

O Sporting não teve uma época feliz, em termos de campeonato e, na véspera da final, escrevia-se que, embora mais fracos, os minhotos tinham hipótese de fazer uma surpresa. A verdade é que até foi o Guimarães a criar a melhor oportunidade de golo, nos primeiros minutos de jogo, num remate do esquerdino Mendes - a quem chamavam o «pé de canhão» - que atirou a bola com força e, com Carvalho batido, ela foi embater num poste.

A conquista desta Taça de Portugal deu ao Sporting a possibilidade de, na época seguinte, participar e vencer a Taça das Taças

ve longe de se exibir à altura dos seus pergaminhos.

No segundo meio-tempo, depois do primeiro quarto de hora, em especial, e como o resultado não sofreu alteração, é possível dizer-se que os minhotos decidiram apostar tudo por tudo e surgiram mais balanceados no ataque, numa tentativa de alcançarem a igualdade. O Sporting, porém, em três minutos, aos 70 e aos 73 minutos, por Figueiredo, a passe de Osvaldo Silva, e na marcação de um livre, pelo defesa central brasileiro, Lúcio, passou a ganhar por três golos sem resposta e, claro, o Guimarães, deixou de ter qualquer hipótese.

Em todo o caso, os minhotos continuaram a mostrar-se aguerridos e a tentar tudo para evitar uma goleada maior e, a escassos quatro minutos do fim, Mendes teve uma entrada mais dura sobre Péndis e foi expulso. Logo a seguir, o Sporting fixou o resultado, com um golo de Mascarenhas, a concluir um lance de Geo e Osvaldo Silva.

A segunda metade foi uma monotonia, autêntico passar tempo por parte das duas equipas, quase sem um único lance de perigo ou de emoção, ainda que o Sporting mantivesse a superioridade que havia de lhe propiciar a vitória, com Carvalho, como «capitão», por razões que explicamos mais adiante, a receber a Taça e toda a equipa a dar a volta de honra ao estádio, depois de um interregno já de sete edições sem conhecerem a vitória. E Juca foi passeado aos ombros!

LINO E MENDES SUSPENSOS ENTRE HISTÓRIAS PARA RECORDAR

A final em si, como já vimos, foi fraca, mas «salvou» a época do Sporting, com Juca, nove anos depois de ter ganhado o troféu, como jogador, a repetir o triunfo, mas como treinador. Eram tempos diferentes e os dirigentes tinham por hábito multar os jogadores, se considerassem que não tinham actuado à altura do valor da equipa. Foi o que aconteceu com os «leões», apesar de terem ganhado, por 2-1, ao FC Porto, para depois empatarem (2-2) com o Vitória de Setúbal. Mário Lino e Fernando Mendes discordaram da multa que lhes foi aplicada e, como tal, fo-



Juca conseguiu salvar uma época fraca e preparar a equipa que, na temporada seguinte, ganharia a Taça das Taças.

dar mais tempo para o Sporting preparar o primeiro jogo com o MTK.

Numa final que não teve grande interesse e de uma equipa que a Direcção multara, para além do êxito na prova da UEFA, na temporada seguinte, Carvalho, Morais, José Carlos, Hilário e Figueiredo (Pedro Gomes magoou-se já em pleno estágio em Vale de Lobos e foi afastado) fizeram parte dos seleccionados para estarem no Campeonato do Mundo de 1966, em Inglaterra, em 1966, onde estiveram outros «leões» de próximas épocas, como Manuel Duarte, Lourenço e Peres, que foram suplentes nunca utilizados.

Fernando Mendes, Juca, Lino e Hilário continuam ligados ao Sporting, como Osvaldo Silva e Mascarenhas, quer como treinadores - por sinal todos alcançaram títulos de campeões, quer como técnicos principais ou adjuntos, quer no desempenho de treinadores do futebol juvenil ou de simples empregados administrativos dos departamentos juvenis. Mas tempos houve já em que, como outros símbolos do «leão», estiveram fora de Alvalade. As voltas que a vida dá...

Juca foi levado em ombros pelos jogadores do Sporting que, a seguir, deram a volta de honra ao estádio, para receberem os aplausos do público



24.ª final: 1963-1964, Estádio Nacional, 5/7/1964



Benfica: 6

Costa Pereira; Cavém e Cruz; Coluna, Germano e Raúl; José Augusto, Simões, Torres, Eusébio e Serafim.

Marcadores - José Augusto (2), Eusébio, Simões, Serafim e Torres.

Treinador: Lajos Czeiler (Hungria).



Porto: 2

Américo; Festa e Joaquim Jorge; Baptista, Almeida e Paula; Jaime, Hemâni, Azmir, Custódio Pinto e Nóbrega.

Marcadores - Custódio Pinto e Baptista.

Treinador: Otto Glória.

Árbitro: Rosa Nunes (Faro).

Falta de inspiração foi notória

Fascínio dos golos superou jogo cinzento

Mais uma vez a final da Taça não correspondeu, em termos futebolísticos, à expectativa gerada à sua volta, já que o numeroso público compôs no estádio o cenário dos grandes dias, lançando foguetes e morteiros e até houve largadas de pombos. No entanto, as equipas não responderam totalmente ao estímulo desse ambiente festivo e nem tinham motivo para queixas de temperatura elevada, pois o sol estava encoberto e soprava e do Tejo vinha uma ligeira brisa refrescante. Pode falar-se, eventualmente, de simples falta de inspiração generalizada, talvez pela fadiga de muitos jogos e emoções acumuladas; mas sem que pudessem retirar-se qualquer parcela de merecimento à goleada do Benfica, com alguns momentos de qualidade aceitável e a confirmar o seu incomparável poder ofensivo, que já lhe valera a conquista do título nacional da época, com mais de uma centena de golos no activo. À formação portista apenas foram creditados alguns rompantes mais vivos, mas sem conseguir impôr-se por falta de continuidade.

Eusébio registou um rendimento inferior ao mínimo exi-

gível a um intérprete da sua alta craveira, mas o Benfica supriu essa inesperada lacuna com firme concepção atacante e acertado preenchimento dos espaços, ao mesmo tempo que tirava o melhor partido das virtudes técnicas de muitos dos seus homens, José Augusto e Coluna em plano superior, bem acompanhados por Serafim e Simões, este fazendo alarde de individualismo excessivo.

Ainda antes do quarto de hora inicial, o Benfica já obtivera dois golos sem resposta: o primeiro, num espectacular cabeceamento de José Augusto, em voo, a concluir iniciativa de Simões; no segundo a passe de Torres, o famoso extremo-direito internacional não teve dificuldade em bater Américo, quando este se adiantou para tentar a defesa.

Surgiu então uma primeira resposta do FC Porto, que deu para Nóbrega perder boa oportunidade de marcar; mas, pouco depois, Pinto aproveitou um pontapé de canto para, de cabeça, reduzir a diferença. Não tardou, porém, que o Benfica retomasse a iniciativa e Eusébio repôs a vantagem de dois tentos, ao converter um «penalty», por falta sobre Torres na área dos portistas; estes contestaram vivamente a decisão arbitral e o juiz farense viu-se forçado a expulsar Jaime, para dominar a situação. Meia hora estava cumprida, os «encamados» continuavam na mó de cima e novo golo esteve à vista na baliza de Américo, mas Torres não foi suficientemente hábil para derrotar o guarda-linha contrário.

O segundo tempo abriu praticamente com o Benfica a



O poder ofensivo do Benfica valeu-lhe, naquela época, mais de cem golos no activo... e mais uma Taça

umentar o avanço para 4-1, por intermédio de Simões, na sequência de um livre. A equipa lisboeta desenvolveu então, durante largo período, sucessivos lances de ataque, que colocaram a defesa nortenha em sérias dificuldades para acorrer a todos os pengos, situação agravada pela inferioridade numérica. No entanto, cerca dos 70 mi-



nutos, uma reacção esporádica do FC Porto provocou a descoordenação da defesa benfiquista, aproveitada por Baptista para reduzir ainda a desvantagem. O FC Porto, todavia, quase não teve tempo de desfrutar da embalagem, visto que, dois minutos depois, o resultado passou para 5-2: Eusébio insistiu pela direita, cruzou a bola para o flanco oposto onde apareceu Serafim a pontapear fortíssimo, para a rede, tornando inútil a estirada de Américo. No derradeiro quarto de hora, o Benfica intensificou o domínio, especialmente por influência de Simões, a luzir em toda a frente atacante. E, ante as deficiências de cobertura da defesa portista, Torres deparou com relativas facilidades para encerrar o marcador, já perto do fim.

OS «HOBBIES» DE AMÉRICO E DE JOSÉ AUGUSTO

Esta sua actividade como dirigente de uma colectividade recreativa no Barreiro chegou a ser motivo para que, em determinado período, o consagrado «internacional» do Benfica tivesse alguns problemas, mas ele sempre resistiu a qualquer pressão, porque o



Uma goleada entre «grandes» é sempre um resultado inesperado, mas a força atacante dos «encarnados» era uma vantagem muito difícil de travar pelos contrários, mesmo sem jogarem mal.

seu grande interesse, neste domínio, foi sempre a parte cultural.

Por seu turno, no tocante ao antigo e conceituado guarda-redes do FC Porto, depois de abandonar o futebol, dedicou-se a actividade comercial, tendo sido dono, no Porto, da «Casa Magriço», de artigos desportivos, naturalmente assim designada devido à campanha no Mundial de 1966, em que a equipa portuguesa ficou conhecida como a dos «Magriços». Só que, e já há 11 anos, Américo decidiu dedicar-se a outra actividade e passou a ser um dos co-proprietários da Clínica da Boa-Hora, em S. Paio de Oleiros. «Como é não sendo médico, me decidi a abrir uma clínica? Olhe, é um pouco como tudo na vida. As coisas acontecem... Tinha um sobrinho licenciado em Medicina que me desafiou, aceitei e cá estamos». A clínica é uma unidade moderna, com fisioterapia, dentista, ortopedia, enfim, possui os requisitos indispensáveis para servir os utentes daquela zona, situada perto de Espinho.

José Augusto cumpriu a última presença na final da Taça, tal como Costa Pereira, Germano, Cruz, Cavém e Serafim, porque o Benfica só voltou a ser finalista em 1968/69 e ia surgindo, entretanto, uma nova geração de futebolistas. O célebre avançado internacional tem tido oportunidade de devolver ao futebol os conhecimentos

que dele recolheu, tendo pertencido a vários grupos técnicos da Federação, incluindo a sua participação no quarteto de seleccionadores para o Europeu de 1984, em França, juntamente com Cabrita, Toni e António Moraes; e esteve na origem da formação que, mais tarde, se convencionou chamar a «geração dourada» com dois títulos mundiais de juniores conquistados em Riade e em Lisboa. Sempre ligado ao futebol como técnico, dirigiu equipas do Amora, Vitória de Setúbal, Barreirense (o clube da sua terra e onde começou a ser notado), Penafiel, Farense, Portimonense e Alverca, dando colaboração ao «seu» Benfica em ocasiões diversas e actuou, ainda, como comentador desportivo. Outra faceta, talvez desconhecida, da actividade associativa de José Augusto: presidia, desde 1970, à Direcção do conhecido clube barreirense «Os Franceses».

25.ª final: 1964-1965, Estádio Nacional, 4/6/1965



Setúbal: 3

José Mourinho; Conceição, Torpes, Herculano e Cardoso; Jaime Graça e Augusto; Armando, Carlos Manuel, José Maria e Quim. **Marcadores** - José Maria, Jaime Graça e Armando.

Treinador: Fernando Vaz.



Benfica: 1

Costa Pereira; Cavém, Germano, Raúl e Cruz; José Augusto e Coluna; Yaúca, Eusébio, Torres e Simões.

Marcador - José Torres.

Treinador: Elek Schwartz (Hungria).

Árbitro: Francisco Guerra (Porto).

Uma tarde de glória

Sem reticências de qualquer jeito

O Estádio Nacional viveu uma das suas tardes de glória, com sessenta mil pessoas a aguardar esta final. Em menor número, os vitorianos não se cansavam de gritar pelo clube, de ajudar ao ambiente festivo que se vivia nos arredores do estádio. Os benfiquistas, por vezes, não deixavam de lhes dedicar umas piadas inofensivas (estilo, «hoje levas chapa cinco, nós não somos o Sporting»), a que não ligavam, continuando a acreditar que a ida ao Estádio Nacional era uma aviso de triunfo.

É mais que altura para se dizer que o triunfo final não mereceu as mais pequenas reticências da parte de ninguém, pelo contrário, os sadinos são dignos de palmas merecidíssimas pela maneira como lutaram pelo triunfo do primeiro ao último minuto, formando um colectivo que incluía todos os jogadores e o treinador. Um a pensar, os outros a executarem as suas ideias.

Ganhar ao Benfica foi um feito que teve o sabor das coisas justas, como dizia o cronista do «Diário de Notícias» - e foi o reflexo do real valor do conjunto constituído por todo o plantel sadino.

O Vitória marcou, logo aos 8 minutos, na sequência de uns «driblings» de Armando que Cruz acabou

por derrubar em falta. Na marcação do livre respectivo, Jaime Graça tocou a bola para Carlos Manuel que rematou de pronto, surgindo José Maria a desviar, com o peito, para as redes.

O Benfica reagiu, mas a equipa mostrou-se desunida, com um meio campo incapaz de se opor à manobra orientada por Jaime Graça. E assim o intervalo chegou sem mais golos.

Fernando Vaz insistiu para que os setubalenses não deixassem de atacar, logo no começo dos derradeiros quarenta e cinco minutos e o certo é que Costa Pereira teve de empregar-se a fundo para impedir que Carlos Manuel fizesse o gosto ao dedo. Mas, aos 67 minutos, após três fintas em que «trocou os olhos» aos defesas «encarnados», Jaime Graça colocou o Vitória a ganhar por dois golos. Calaram-se os adeptos benfiquistas, mas por pouco tempo, já que, na sequência de um canto, aos 82 minutos, Cavém reduziu a diferença e deu novo alento ao Benfica.

Ilusão pura. E isto porque apenas dois minutos volvidos, Quim isolou-se e rematou, Costa Pereira defendeu para perto, na passada Carlos Manuel voltou a tentar o golo e de novo o guardião internacional moçambicano do Benfica se opôs, mas já nada conseguiu à segunda recarga de Armando.

Acabaram-se as dúvidas, começou a festa. O jornalista João Lúcio «inventou» logo uma letra para cantar com a música do «Lisboa à Noite»; os vinte escudos da viagem entre Setúbal e Lisboa, fora os comes e bebes, foram dados por bem gastos. Enfim a classe, a personalidade e o ngor dos sadinos justificaram um êxito inesperado, no qual se destacaram Jaime Graça, Quim, Carlos Manuel, Conceição e Torpes. O Benfica talvez não contasse com o mérito dos sadinos, mas também teve muitas culpas própria, com muitas falhas na defesa e com Coluna e Simões incapazes de servirem um ataque, onde nem Eusébio esteve nos seus dias.

DELÍRIO DO «8.º» EXÉRCITO CLAUQUE DA EQUIPA SADINA

Passava da meia-noite quando a comitiva sadina, acompa-

Grande exibição dos sadinos a justificarem uma vitória que encheu Setúbal de alegria





Carlos Manuel (na foto superior) vai passar José Augusto e criar perigo para a baliza do Benfica. O curioso da história é que o avançado sadino (que fora cedido pelo Sporting, por troca com Alfredo) foi o «carrasco» da sua anterior equipa, em Alvalade, onde os sadinos conseguiram ganhar, na meia final, obrigando à realização de um terceiro jogo, para desempate, em Elvas, onde o Setúbal garantiu o apuramento para o Jamor.

A foto de baixo dá-nos uma bela imagem de um lance em que José Mourinho se atira ao solo para agarrar uma bola que Eusébio perseguia. O antigo jogador e treinador do Vitória, clube a que continuou ligado, colaborando nas mais diversas funções, como guardião do Belenenses esteve na festa de despedida de Gento, antigo extremo esquerdo do Real Madrid, cujos «diálogos» com Álvaro Cardoso tinham um cunho especial.



A dupla alegria sadina, com Jaime Graça a exibir a Taça e a equipa a dar volta de honra ao Estádio Nacional

nhada de um cortejo de automóveis, foi esperar os jogadores vitoriosos da Taça a Azeitão. E durante a noite continuaram a escutar-se os gritos de Vitória! Vitória! Vitória! acompanhados de cânticos e danças da juventude pelas ruas da cidade, janelas abertas viradas para o Sado à espera da chegada dos «heróis» que - depois de três jogos para eliminar o Sporting, acabaram por afastar um Benfica, ainda prestigiado com os títulos de campeão europeu. A noite prolongou-se, até que o autocarro que transportava os jogadores chegou à Praça do Bocage e Jaime Graça teve de erguê-la, de novo, bem alto, para que ninguém deixasse de expandir a sua alegria.

A ida para Lisboa começara de manhã e por várias vias: houve quem fosse de camioneta até Cacilhas, atravessasse o Tejo de barco e depois seguisse, de comboio, para a Cruz Quebrada; sessenta e três camionetas fizeram deslocações directas para o Jamor, via Vila Franca de Xira, porque isso da ponte ainda era um sonho; e até houve quem tivesse seguido nas suas traineiras da faina do peixe, que ficaram ancoradas em Pedrouços. Setúbal e as suas gentes acreditavam, como se vê. O triunfo sobre o Sporting dera um ânimo especial. E, independentemente de o rival se chamar Benfica, a fé era a última coisa a morrer. E, por isso, já madrugada alta, Fernando Vaz fez questão de dedicar a vitória na Taça ao chamado «oitavo exército», como se designava a claque do Vitória, desde os tempos em que Montgomery invadia o deserto da Líbia... Porque os jogadores vitorianos, à semelhança do militar americano, se habituavam a ultrapassar todos os obstáculos.

E, no fundo, o Governador Civil, em plena Praça do Bocage, em breves palavras, sintetizou o que ia na alma dos sadinos por esta vitória, a primeira em três presenças na Taça, onde já haviam perdido com o Benfica e o Sporting: «este dia é para todos nós inolvidável. Suponho que Setúbal e o Vitória bem o mereceram por tudo aquilo que ao longo de tantos anos tem oferecido com trabalho, dedicação e sacrifício ao Desporto nacional».



JOSÉ MOURINHO NÃO ESQUECE QUE SAIU E FOI INTERNACIONAL

José Morinho, quando lhe perguntámos algo sobre as suas recordações da Taça, não teve nenhuma hesitação: «Obviamente que não é possível deixar de me recordar da vitória sobre o Benfica, que era uma referência europeia nos anos sessenta, como também foram o Sporting, o próprio Vitória de Setúbal e a selecção nacional». Curiosamente, porém, Mourinho apenas jogou na final seguinte com o Sporting de Braga, porque na terceira presença consecutiva dos sadinos, o titular da baliza já era Vital. Mas José Mourinho continuou a jogar e até ainda foi internacional ao serviço do Belenenses. Já passara muito tempo e ele não deixa de lamentar o facto, mas não quis falar desse desentendimento com os dirigentes do Vitória, até porque continuou a ser um homem ligado ao clube sadino e foi seu treinador, sempre que o chamavam para dar uma ajuda.

Não resistimos a pensar como sente Mourinho o facto de o filho, depois de adjunto de Robson, no FC Porto, ter seguido para Barcelona tomando-se uma figura de relevo nas equipas técnicas do clube de Figo: «O Zé nasceu no futebol. Aos cinco ou seis anos já andava pelo campo a assistir aos treinos e depois jogou como júnior, quando eu estava no Belenenses. Como sabe, ele optou por tirar o curso de professor de Educação Física, mas antes de entrar ainda esteve a jogar no Sesimbra. É claro que me orgulho da sua presença num clube como o Barcelona, mas é importante esclarecer que, ao contrário do que se diz dos professores de Educação Física que se dedicam ao futebol, por tudo isto que já expliquei ele tem o chamado «cheiro do balneário», que é muito importante. E claro, muitas vezes trocávamos impressões antes dele iniciar a sua carreira, porque quando ele era um miúdo e eu ainda jogava a titular, o Vitória começava a ser uma das equipas de luxo dos anos sessenta, apreciada por essa Europa fora.»



Braga: 1

Armando; Mário, Juvenal, Coimbra e José Maria; Canário e Luciano; Bino, Adão, Perrichon e Estevão.

Marcador - Perrichon.

Treinadores: Rui Sim- Sim e Manuel Palmeira.



Setúbal: 0

Mourinho; Conceição, Torpes, Leina e Carriço; Jaime Graça e Augusto; Armando, José Maria, Carlos Manuel e Quim.

Treinador: Fernando Vaz.

Árbitro: Braga Barros (Leiria).

Primeira final sem «grandes»

Cidade dos arcebispos vibrou com o Braga

Esta foi a primeira vez que numa final da Taça não esteve um dos chamados «grandes», mas nem esse facto tirou a moldura tradicional de público que se deslocou ao Estádio Nacional. E havia razões para isso: o Vitória vencera, na temporada anterior o troféu, frente ao poderoso Benfica; o Sporting de Braga eliminara, para chegar à final, os benfiquistas e o Sporting. Razões de sobra, pois, para um bom jogo em perspectiva. O que aconteceu, ainda que talvez sem aquela emoção especial da alternância de golos a criar um «frisson», em termos de marcador.

Só que ninguém teve dúvidas, passada a primeira metade, que quem marcasse um golo seria o vencedor, tal o equilíbrio que se verificava de parte a parte. Com a defesa sadina a marcar Perrichon muito em cima e a não lhe dar grandes oportunidades de remate, com Canário, Luciano e Estevão, com um futebol coriáceo, no meio campo, a não permitirem veleidades a jogadores com a influência que usualmente Jaime Graça tinha na organização do futebol ofensivo setubalense.

Quim teve a primeira jogada de perigo, ao poste, aos 15 minutos, mas o Braga reagiu de imediato a

O êxito dos minhotos não estava na previsão, mas Perrichon (o terceiro da esquerda para a direita, no plano inferior) não perdeu uma falha de Torpes



esta toada mais atacante dos sadinos e foi a altura para Torres ter desperdiçado um remate a um dos postes da baliza de Mourinho, após um centro de Luciano. Foi a vez de Carlos Manuel e de Armando tentarem surpreender o guarda-linha bracarense, mas a melhor oportunidade antes do intervalo pertenceu a Perrichon, que rematou por alto, quando Mourinho já estava batido, após um canto apontado por Estevão. Aos 35 minutos, os minhotos reclamaram grande penalidade, o árbitro foi consultar o juiz de linha e mandou marcar um livre à entrada da área do Setúbal. Bino atirou e Mourinho fez uma estirada excelente e evitou o golo.

Este equilíbrio ou até esta alternância, embora sem golos, havia de continuar na segunda parte, ainda que tivesse pertencido a Quim o primeiro remate perigoso, a que Armando se opôs com uma boa defesa. E, apesar das constantes atenções que o homem-golo merecia à defensiva sadina, aos 31 minutos, o argentino pegou na bola pelo centro do terreno, afastou dois adversários, mas acabou por ser desarmado por Torpes. Este demorou um tanto a aliviar e, num ápice, Perrichon «caiu-lhe» em cima, reapossou-se da bola e rematou sem hipóteses para Mourinho.

Era o golo, era a vitória, porque, apesar de todas as tentativas dos sadinos, os bracarenses cuidaram muito bem de se defender e chegaram ao fim cansados, mas felizes pela justa vitória alcançada. E, tal como aconteceu no ano anterior em Setúbal, a festa, autêntico arraial minhoto, aconteceu no Norte, mas naturalmente em especial na Cidade dos Arcebispos, com milhares e milhares de pessoas a festejarem a primeira Taça ganha pelo Sporting de Braga.

CANÁRIO VIVEU A FESTA AO CABO DE 20 ANOS

Carlos Canário herdou o nome de um dos melhores médios do futebol nacional, sendo o «municipador» da famosa linha atacante dos «violinos» de Alvalade. O Sporting foi, como é normal, a colectividade onde começou

o filho, que optou por usar o seu nome de baptismo e que era idêntico ao do pai, que já não jogava. E foi campeão de júniores pelo Sporting, por duas vezes, para além da Taça que conquistou ao serviço dos bracarenses e que é o seu título mais importante. Com uma história curiosa: a de só em 1998, na época em que o FC Porto voltou a defrontar o Braga, ter «visto» a final.

E Canário - cujo irmão Jorge foi comentador da Antena 1 na Madeira - explica o porquê deste «atraso»: «na altura, julgo que a alegria do meu pai foi superior à minha, porque houve uma festa em Carcavelos, depois de termos ganho a final, mas como não estava habituado a beber, posso dizer que fiquei a «chamar pelo Gregório» e nem vi o troféu. Sei que, mais tarde, houve uma grande recepção em Famalicão, mas não segui viagem para o Norte, uma vez que, no dia seguinte, da-

O estranho não foi só o triunfo dos bracarenses, mas o facto de, na semana anterior, para o campeonato, o Vitória ter ganho por uma goleada (8-1), que, se calhar, convenceu os jogadores de demaisias e falsas facilidades

va entrada em Mafra para fazer a preparação para seguir para o Ultramar. Mas lembro-me que, na semana seguinte, me foram buscar ao quartel para irmos mostrar a Salazar a Taça ganha».

Mas, mesmo sem ter vivido a festa por fora, Canário não esquece que o Braga eliminara o Benfica (que tinha sido o campeão nacional em 64-65) e o Sporting (o novo campeão em 65-66, com direito a terceiro jogo para desempate) e depois o Setúbal que ganhara a Taça na temporada anterior.

JAIME GRAÇA RECORDA GOLEADA NO «NACIONAL»

«Já tenho saudades do campo, sinto vontade de voltar a ser treinador», assim se exprimiu Jaime Graça, o «capitão» da equipa sadina com o Benfica, que foi derrotado, depois pelo Sporting de Braga, e já era jogador do Benfica na terceira Taça consecutiva em que o Vitória foi finalista: «o Benfica já andava atrás de mim, desde o tempo de júnior e, depois do Mundial em Inglaterra, transferi-me para o clube da Luz».



Jaime Graça teve um ligeiro acidente vascular em 1998, mas já está recuperado e esteve a trabalhar na Escola de Quinho para ensinar jovens a jogar futebol.

A propósito da sua vitória pelo Setúbal: «fiquei satisfeíssimo, porque foi a primeira do clube e logo sobre uma equipa com tão grande prestígio europeu, para mais tendo feito uma boa exibição e marcado até um golo. Mas não gostei nada de ter perdido com o Braga, na época seguinte, que fez um percurso semelhante ao nosso, mas porque, para além disso - e também Carlos Canário e Carlos Manuel se referiram ao facto - para o Campeonato, uma semana antes, tínhamos dado 8-1 à equipa bracarense».

Carlos Canário, filho de uma das glórias dos «violinos» recebe a Taça e, ao colo de Estevão, vibra com os aplausos dos adeptos





27.ª final: 1966-1967, Estádio Nacional, 9/7/1967



Setúbal: 3

Vital; Conceição, Leiria, Herculano e Carriço; Tomé e Vitor Baptista; Guerreiro, José Maria, Pedras e Jacinto João.

Marcadores - Guerreiro, José Maria e Jacinto João.

Treinador: Fernando Vaz.



Académica: 2

Maló; Celestino, Rui Rodrigues, Vieira Nunes e Marques; Toni e Augusto Rocha; Crispim, Ernesto, Artur Jorge e Vitor Campos.

Marcadores - Celestino e Ernesto.

Treinador: Mário Wilson.

Árbitro: Salvador Garcia (Lisboa).

Com dois prolongamentos e meio

Maratona inesquecível com futebol e drama

A mais bela e dramática de todas as edições que se registaram até esta altura da final da Taça aconteceu no Verão de 1967. Os lisboetas abalaram para as praias para escapar à canícula, mas desde cedo a capital se encheu de invulgar colorido e movimento. Estudantes de

O «onze» sadino e o treinador Fernando Vaz, que o levou à vitória

todas as gerações e os entusiastas do «8.º exército» - como se chamava então à equipa e à claque sadina - cruzaram-se numa euforia de negro e verde e, em romaria, deslocaram-se a caminho do Jamor, enchendo as bancadas do estádio. Embora não estivessem ali os representantes dos clubes de maior cotação do futebol nacional, os adeptos do Vitória e da Académica demonstraram que a popularidade da Taça se ampliava aos quatro cantos do território.

Sob o testemunho da classe política em peso, e ainda ecoavam por ali os clamores de uma outra final, a da Taça dos Campeões Europeus (Celtic, 2-Inter, 1), quando



Mário Wilson (o «grande capitão») e Fernando Vaz (página anterior) foram dois treinadores em foco no futebol nacional. O segundo, ao serviço do Vitória de Setúbal, foi o responsável pela conquista do Troféu Internacional de Badajoz que (ver foto superior) José Maria, Guerreiro, Tozé, Carriço, Vital e Vitor Baptista exibem

desceram ao relvado os vencedores da Taça de 1939, que foram cumprimentar os finalistas e o árbitro da presente edição.

O jogo começara havia pouco e já a Académica se adiantava no marcador, aumentando a emoção entre a assistência: aos quatro minutos, na marcação de um livre, Celestino iludiu a barreira e bateu Vital. Mas este golo tão prematuro não afectou a movimentação das duas equipas e quase toda a primeira parte se desenrolou em termos de equilíbrio, com os dois guarda-redes em acção frequente, embora as ofensivas do Vitória fossem mais rápidas e ameaçadoras. E não surpreendeu o empate, aos quarenta e dois minutos, por José Maria.

Perante a fadiga patenteada por alguns jogadores da Académica, os sadinos pressionaram em busca do triunfo, mas o final do tempo regulamentar chegou sem alteração do resultado. Entrou-se, então, numa fase dramática do encontro, sendo já visível o cansaço que perturbava a maioria dos jogadores. Aos 97 minutos, Guerreiro colocou o Vitória a vencer, num lance que originou protestos dos «estudantes». O jogo foi interrompido, no único lance desagradável do espectáculo, mas o árbitro manteve a sua decisão. E, um tanto inesperadamente, a Académica ainda encontrou forças para igualar de novo, em remate de Ernesto, obrigando a segundo prolongamento e à extensão do enorme sacrifício exigido a todos. E só aos 143 minutos, já com as energias no limite, Jacinto João, o popular J. J., atirou o remate que valeu o segundo êxito do Vitória na Taça já depois de Rocha haver rematado à trave e Crispim ter perdido a recarga atirando a bola a um dos postes.

A propósito desta jornada inesquecível e do ambiente colorido e exaltante que a rodeou, o jornalista Fernando Pires escreveu na sua crónica nas colunas do «Diário de Notícias»: «nunca na história da Taça a festa foi maior e mais bonita como se o estádio fosse uma paleta mágica de um pintor extraordinário».



DELÍRIO NA PRAÇA DO BOCAGE

Os «heróis» da Taça foram recebidos em Setúbal por uma multidão em delírio e cerca de 30 mil pessoas protagonizaram um autêntico Carnaval nocturno na Praça do Bocage, ao som da marcha do «8.º exército», uma curiosa adaptação da célebre canção «Puppet on a String», divulgada por Sandie Shaw, a famosa cantora dos pés descalços, com le-

Ainda ecoavam no Jamor os ecos da final da Taça dos Campeões Europeus, entre o Celtic e o Inter, e já os «estudantes» ganhavam. Mas 1939 não se repetiu

tra de novo do jornalista João Lúcio. Aliás, estes ambientes festivos na capital do Sado, já eram normais e Tomé recorda a forma espontânea como a equipa foi acolhida após a conquista do Troféu Ibérico, em Badajoz, frente ao Las Palmas. Os vitorianos viviam, enfim e também, a época de ouro do futebol português, já que, depois dos êxitos conseguidos com Fernando Vaz, a turma sadina fez furor na Europa, mais tarde, sob a orientação de José Maria Pedroto.

Apesar de vencidos, os «estudantes» foram vitoriados em Coimbra de forma apoteótica por uma multidão que encheu as ruas e foram recebidos nos Paços do Concelho e cumulado de honrarias. Mário Wilson, outro técnico de nomeada considerava sobre esta final: «O meu maior espanto foi a capacidade física e a resistência demonstrada pelos intervenientes numa altura em que os níveis de preparação eram relativamente precários. Penso que foi uma jornada épica e com certo fatalismo para a equipa da Académica, pois perdemos duas oportunidades flagrantes de marcar, antes do golo do Vitória» e destacou especialmente «Rocha (o chinês), Toni (o craque saloio) e o virtuosismo excepcional de Jacinto João».



28.ª final: 1967-1968, Estádio Nacional, 16/6/1968



Porto: 2

Américo; Bernardo da Velha, Valdemar, Rolando e Atraca; Pavão e Custódio Pinto; Jaime, Djalma, Gomes e Nóbrega.

Marcadores - Valdemar e Nóbrega.

Treinador: José Maria Pedroto.



Setúbal: 1

Vital; Conceição, Cardoso, Herculano e Carriço; Tomé e Pedras; Guerreiro, José Maria, Petita e Jacinto João.

Marcador - Pedras.

Treinador: Fernando Vaz.

Árbitro: Joaquim Campos (Lisboa).

Terceiro êxito portista

Dez anos depois... estreia de Pedroto

Depois dos brasileiros Yustrich e Otto Bumbel, pertenceu a José Maria Pedroto, a honra de ter sido o primeiro treinador português a conquistar a terceira Taça de Portugal para o FC Porto, um feito que Pedroto repetiria, mais vezes, e não só ao serviço da colectividade das Antas, já que ele é o treinador

Primeiro êxito de José Maria Pedroto na terceira vitória portista

com mais vitórias em finais, logo seguido de Otto Glória. Uma curiosidade é que FC Porto e Vitória compareceram pela sétima vez numa final e que foi a única vez que o árbitro internacional Joaquim Campos mereceu a honra de ter sido escolhido em 24 anos de actividade.

O Estádio Nacional registou o ambiente festivo do costume, com grandes falanges de apoio dos dois finalistas. Aos portistas pertenceu a primeira ofensiva, anulada por Vital, para, aos 5 minutos, os sadinos marcarem. Tomé deu a bola a Jacinto João, rasteirado por Bernardo da Velha, já perto da grande área; o livre correspondente, marcado por Petita, permitiu a Pedras elevar-se bem e rematar certo. O FC Porto reagiu de imediato, organizou o seu sistema de jogo e igualou aos 13 minutos: após dois cantos consecutivos contra os setubalenses, surgiu um livre que Valdemar, a quase trinta metros da baliza, transformou no tento do empate. Dez minutos depois, os portistas fixaram o que seria o resultado final. Canto marcado por Djalma, com José Maria a hesitar e a permitir que Nóbrega se apoderasse do esférico e o colocasse dentro da baliza de Vital.

Até ao intervalo, os setubalenses acusaram os efeitos da desvantagem e quebraram o ânimo, o que não era muito habitual no grupo orientado por Fernando Vaz; e os portistas aproveitaram para dominar os acontecimentos com um futebol mais esclarecido e mantendo uma ofensiva mais continuada e ameaçadora. O cariz do jogo modificou-se, porém, após o intervalo. O Vitória regressou dos balneários com outra disposição, foi impondo o conjunto e a classe dos jogadores, aplicou-se com maior entusiasmo, mas, por defeito no remate ou efeito do acaso, os seus jogadores não conseguiram alterar o resultado, embora estivessem perto de bater Américo, especialmente num remate fortíssimo de Petita, que levou a bola a embater na trave e num outro de José Maria, que, já à beira do fim, e com a rede portista deserta, rematou para

muito longe do alvo. Foi a última hipótese dos setubalenses poderem ter chegado ao empate, que levaria ao prolongamento.

TRIUNFAL RECEPÇÃO NO PORTO E VAZ CONTRA A FEDERAÇÃO

O FC Porto festejou, assim, como se disse, o seu terceiro triunfo, dez anos depois de haver batido, por 1-0, o Benfica, ficando a dever este êxito à valiosa actuação de Américo, dos três guarda-redes que estiveram no Mundial de Inglaterra, o único que nunca jogou, para, quase trinta anos volvidos, o seleccionador Manuel da Luz Afonso dizer, em público, que o seu único erro, foi ter substituído Carvalho por José Pereira e não pelo guarda-redes portista. E, depois da festa ter começado nos balneários do Jamor teve o seu momento al-

Ao cabo de 24 anos de actividade, o árbitro internacional Joaquim Campos dirigiu a sua primeira final de Taça, porque não havia equipas de Lisboa

to na chegada ao aeroporto de Pedras Rubras, já perto da meia-noite: uma multidão de adeptos invadiu a zona de desembarque exaltando o feito da equipa e aplaudindo os vencedores. Ali se formou um cortejo de automóveis rumo ao Lar do Jogador, onde Djalma e Nóbrega recolheram, de imediato, aos quartos, por se terem sentido indispostos. Mas a noite de festa prosseguiu na capital nortenha.

Pedroto e Custódio Pinto (exibindo a Taça) ao lado do árbitro Joaquim Campos, dois símbolos da equipa portista



Quanto ao desfecho da final, Fernando Vaz considerou: «foi uma má derrota pelo muito que teve de infelicidade. Merecíamos o empate e se ele aparecesse, como esteve à vista, possivelmente o resultado seria outro. No entanto, o FC Porto foi uma excelente equipa e mereceu o triunfo, justificando o menor rendimento de alguns dos seus jogadores com um reparo: «aquela ideia de, antes do jogo, a Federação comunicar quais os escolhidos para a selecção nacional ir jogar a Lourenço Marques constituiu uma «chicotada psicológica» que deveria ter sido evitada. Coisas...»

O técnico portista, José Maria Pedroto, forneceu uma visão diferente: «foi uma final como eu desejava. Difícil, frente a um adversário valoroso e digno. Vitória assim tem outro sabor. É que os setubalenses, até ao último minuto tudo procuraram para ganhar».

UM CASO RARO

Pode estranhar-se que um árbitro com a categoria internacional de Joaquim Campos, apenas tenha sido nomeado uma vez para dirigir um final, depois de 22 anos com as insígnias da FIFA (caso raro no mundo) e de ter estado nos Mundiais de 1958 e 1966, e de ter participado em vinte jogos no campeonato paulista, como árbitro remunerado. Mas a explicação é fácil: naquela altura era norma não serem nomeados para a final árbitros das Associações a que pertenciam as equipas finalistas.



Benfica: 2

José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Adolfo; Toni (José Augusto, aos 73m) e Coluna; Jaime Graça, Abel (Torres), Eusébio e Simões.

Marcadores - Simões e Eusébio.

Treinador: Otto Glória.



Académica: 1

Viegas; Gervásio, Vieira Nunes, Belo e Marques; Rui Rodrigues e Nêne; Máno Campos, Manuel António; Peres (Serafim, aos 69 m), Vítor Campos (Augusto Rocha, aos 106m).

Marcador - Manuel António.

Treinador: Francisco Andrade.

Árbitro: Ismael Baltasar (Setúbal).

Crise académica marcou presença no Jamor

Eusébio ditou lei no prolongamento

Com treze vitórias em 16 presenças na final, o Benfica acabou por estragar a festa à Académica, numa altura em que a equipa da «Briosa» estava em plena crise académica, marcada por queixas contra a presença das autoridades na Universidade. Como nos referiu Mário Campos, houve várias tentativas para fazer com que a final da Taça servisse para tornar mais conhecido o ambiente de luto que a Académica ainda conseguiu mostrar em algumas das eliminatórias, actuando com um fumo branco sobre as camisolas negras; mas a Federação não autorizou essa ou outra manifestação, como a de um minuto de silêncio.

Contrariamente ao que era tradição nos últimos anos, o chefe de Estado faltou, avisado que estava do clima que os estudantes procuravam trazer consigo para o Jamor, onde grupos de alunos, de capa e batina, distribuíam panfletos a explicar a razão dos protestos coimbrões, naturalmente com muitos cuidados, devido à presença da polícia política a circundar as arquibancadas do estádio, perante uma população que não tinha nenhuma notícia do que se passava. E acabou por ser o dr. Amando Rocha, na qualidade de director-geral dos Desportos, a entre-

gar a taça ao «capitão» do Benfica, o qual, no entanto, conhecedor dos projectos estudantis, fez questão de que o da Académica se associasse ao clima festivo que representava a conquista do troféu.

Por tudo isto, no «DN» da época se dizia que talvez só a Taça de 1954 tivesse superado esta em emoção, na terceira vez em que as duas equipas se encontraram numa final. Não terá havido tantos golos; além dos aspectos já referidos, o público que esgotou o Estádio Nacional teve direito a assistir a um bom jogo, com o resultado a conhecer-se a escassos quatro minutos do prolongamento. Isto quando, à beira do fim do tempo regulamentar, a Académica estava em vantagem. Os «encarnados» estavam avisados do perigo que representava aquele jogo e com Simões, Toni, Zeca e Coluna em bom plano trataram de segurar o meio campo, impedindo o bom futebol de Peres, Mário Campos, Nêne e Rui Rodrigues e da veia goleadora de Manuel António. E se é certo que o Benfica cedo se apoderou do domínio das operações, terá faltado a Eusébio, apesar de lutar muito, estar numa das suas tardes para responder às várias ocasiões que criou ou lhe criaram feitos por aqueles companheiros e, ainda, Jaime Graça. Tantas foram as oportunidades esbanjadas que, ao cair do intervalo, Manuel António esteve à beira de inaugurar o marcador, o que, na altura, seria algo injusto.

Na segunda metade, as coisas não sofreram grande alteração, ou seja, o Benfica continuou a ser a equipa de ataque franco, enquanto a Académica se defendeu bem, com Viegas em bom plano, a par de Vieira Nunes, já que só Gervásio sentia grandes dificuldades perante Simões. E a sorte do jogo acabou por bafejar os «estudantes» a nove minutos do fim, num lance típico de contra-ataque, muito bem finalizado por Manuel António, que acabou por merecer o golo por que tanto lutou. Pode dizer-se que a festa nas bancadas começava a fazer sentir-se, mas o Benfica, se era possível, ainda se atirou mais para a frente. E, aos 86 minutos, num pontapé «de raiva», como era seu apanágio - ainda se lembram do Portugal-Coreia, no Mundial de 1966? - Eusébio desferiu um verdadeiro «tiro», que o guarda Viegas não conseguiu segurar, pois

Os vencedores da Taça de Portugal de 1968-69, faltando José Augusto e Torres



levava «lume» e Simões, oportuno, apareceu a marcar. Ele que merecia um golo pela sua exibição.

Foi necessário recorrer à meia hora suplementar, com os jogadores a darem tudo, mais com genica, do que com a cabeça, tendo a Académica feito entrar Rocha para apoiar a estratégia de contra-ataque, que era cada vez mais a única que Francisco Andrade podia tentar. Mas, já na segunda parte do prolongamento, a dez minutos do fim, outra vez a «pantera» apareceu a ditar a sua lei. Depois de uma infiltração pela zona central, Jaime Graça centrou e Eusébio pôs termo aos sonhos estudantis.

FINAL SEM TELEVISÃO

Já naquele tempo, o conflito de interesses entre o futebol e a televisão impedia largos milhões de espectadores interessados de presenciarem o jogo



Em plena crise académica, aos estudantes foram negadas pela Federação quaisquer manifestações de protesto. Mas a Briosa obrigou o Benfica a esforço prolongado e só após 110 minutos de firme resistência a equipa coimbrã cedeu o troféu aos «encarnados»

em suas casas. Desta vez, a Federação apresentou uma proposta de duzentos contos de direitos de transmissão e a garantia do pagamento da diferença entre o valor dos bilhetes vendidos e a verba correspondente à lotação esgotada no Estádio Nacional.

A RTP, na altura sozinha no mercado televisivo, considerou as condições inaceitáveis e, como não houve cédência federativa, não houve televisão em directo da final.

TONI EVOCA ESTA COMO UMA DAS FINAIS QUE O MARCARAM

Toni evocou assim o acontecimento: «Esta final marcou-me, como é evidente, porque tinha deixado Coimbra há cerca de um ano apenas e quem vive no meio estudantil coimbrão, nunca mais se pode dissociar dos movimentos estudantis. Claro que estava a par de que, para os jogadores da «Briosa», toda a moldura humana dos seus adeptos - com as capas e batinas pretas a contrastarem com as cores das fitas das várias faculdades, as pandeiretas, rocas e outros instrumentos - representava um apoio não só à vitória na Taça, como uma manifestação mais da luta travada e que ultrapassava o reivado do Jamor. Por outro lado, não nos esqueçamos que a Académica já tinha ganho uma Taça ao Benfica. A mística era toda, portanto, dos nossos adversários. Mas o Benfica nunca pensou noutro resultado que não fosse ganhar mais uma Taça, como aconteceu».



Toni (ex-Académica) e Mário Campos, símbolo da Briosa (em baixo) estiveram em foco.



Benfica: 3

José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Toni; Matine e Jaime Graça; Simões, Artur Jorge, José Torres, Diamantino (Adolfo, 65 m).

Marcadores - Artur Jorge, Torres e Simões.

Treinador: José Augusto.



Sporting: 1

Damas; Pedro Gomes, Caló, José Carlos e Hilário; Celestino, Gonçalves (Manaca, 56 m) e Peres; Marinho, Nelson, (Lourenço, 31m) e Dinis.

Marcadores - Peres.

Treinador: Fernando Vaz.

Árbitro: Henrique Silva (Lisboa).

Em três finais... três vitórias

Benfica derrotou Sporting morno

Quem não conhecesse as cores das camisolas, diria que o campeão nacional era o Benfica, tão apagada e sombria foi, na verdade, a exibição dos «leões», que ostentavam o título, frente aos vermelho-vivo de um adversário mexido, que não parou de tentar ganhar o jogo. E o resultado só não foi mais expressivo, porque Vítor Damas se opôs com uma boa série de valerosas defesas. Foi esta a terceira vez que as duas equipas se defrontaram em finais da Taça e sempre o clube da Luz conseguiu a conquista do troféu, sendo de referir, ainda, como uma nota à margem, que, a esta edição, se seguiram mais duas finais com direito a «derby», o que já não sucedia havia uns anos.

Como se disse, o Benfica entrou de rompante, carregou sobre a baliza «leonina» e, aos 14 minutos, como fruto do seu domínio, Artur Jorge, a concluir um centro de Diamantino, desembarçou-se de Caló e atirou a contar, quando Damas saiu a tentar reduzir o ângulo. Cresceu mais ainda a pressão da equipa de José Augusto e o Sporting teve a pouca sorte, logo após a meia hora, de perder Nelson, que se lesionou, sendo rendido por Lourenço. E foi no derradeiro quarto de hora da primeira parte que os «leões» tentaram reagir, com remates de Celestino, Dinis e Hilário, o mais difícil dos quais o do livre apontado pelo primeiro, que José Henrique segurou bem.

Ainda foi com esta dinâmica de reacção, mesmo sem

jogar o que se esperaria da equipa de Fernando Vaz, que o Sporting recomeçou o jogo, numa tentativa de importunar o guarda-linha «encarnado», em busca do empate. Mas José Torres, dando sequência a um lançamento de Matine, logo aos 50 minutos, colocou o Benfica a vencer por dois golos de diferença e era visível que, naquela tarde, os «leões» não tinham capacidade para dar a volta ao resultado. E, pouco depois, surgiu o «balde de água fria» com o 3-0, num lance que, aparentemente, não tinha o rótulo de perigoso: Malta da Silva centrou, por alto, mas Caló e Damas chocaram, atrapalharam-se mutuamente e a bola ficou a saltitar à frente de Simões, que atirou a contar.

Num lance muito duro, Malta da Silva fez falta sobre Dinis merecedora de expulsão e o técnico «encarnado» foi obrigado a fazer entrar Adolfo para o lugar de lateral direito, a fim de segurar o resultado. O Benfica, talvez porque tinha uma margem segura, entrou a «fazer bonitos», que desagradaram aos seus adeptos, eventualmente mais interessados em que a equipa lograsse subir o resultado com o seu «rival» de sempre. E, apesar de tudo, Artur Jorge só não voltou a marcar, porque Damas se opôs, por três vezes, aos propósitos do dianteiro da Luz. E havia de ser o Sporting a reduzir a desvantagem, por Peres, na marcação de um livre, a castigar uma falta de Humberto Coelho, quando já não havia hipóteses de se pensar na recuperação «leonina».

A entrega da troféu e a festa dos adeptos «encarnados» não deixou de ter o significado habitual, mas quem ainda se recordava da final dos 5-4, entre as mesmas equipas, sentiu-se algo decepcionado com este «derby».

Uma referência para facto de o Estádio Nacional ter registado uma das suas maiores enchentes e de, antes



A dinâmica da Taça levou os encarnados a imporem-se aos campeões nacionais

da final propriamente dita, ter havido um festival de jovens praticantes de diversas modalidades amadoras, que mereceram os aplausos do público, constituindo, ainda, uma magnífica oportunidade para uma chamada de atenção quanto à prática desportiva propiciada por outros desportos que não só o futebol.

AS SAUDADES E OS PROBLEMAS DOS JOELHOS DE JOSÉ TORRES

José Torres, o «bom gigante», como ficou conhecido, foi um avançado de grandes recursos no Benfica e na selecção - onde o seu nome igualmente ficou ligado ao apuramento de Portugal para uma fase final de um Mundial, o do México, mais conhecido pelo triste episódio de Saltillo, depois do monumental golo de Carlos Manuel na Alemanha. Nessa altura, ficou famosa a sua frase «deixem-me sonhar». Será que, numa final da Taça, os jogadores também sonham com a vitória de uma forma especial ou é apenas mais um desafio que interessa ganhar para cumprir como profissionais?

«É evidente que é diferente. Qualquer atleta, seja de um clube de nomeada e em especial se se trata de uma equipa de menor gabarito, quer conquistar o troféu e ter direito ao ambiente de festa no Estádio e, depois, nas suas terras, seja em Lisboa, Porto ou noutras localidades, uma vez que, ultimamente, já equipas como o Estrela e o Beira-Mar têm conquistado a Taça e oxalá a diferenciação possa ser cada vez maior neste aspecto. Jogar a final da Taça é uma sensação especial, porque é uma prova a eliminar, tudo se decide num ou dois jogos e só desejo que continue a imperar este ambiente que dá uma movimentação ímpar à prova.

Jogar a final da Taça é uma sensação especial já que se trata de uma prova a eliminar e tudo se resolve num ou dois jogos, o que dá maior interesse à Taça

Olhe, eu próprio, depois de ter jogado ainda no Setúbal, já no final da minha carreira, como treinador-jogador, tinha 42 anos, numa eliminatória, creio que em 1974, tive o prazer e a honra de eliminar o FC Porto, orientado por esse grande técnico que foi José Maria Pedroto.»

José Torres, antes de ser chamado para orientar a selecção esteve no Portimonense e acabou como secretário técnico do Imortal de Albufeira. Não é que esteja velho (na altura da edição deste trabalho contava apenas 62 anos), mas as muitas pancadas que sofreu, ao longo da sua carreira como jogador, fizeram com que tenha graves problemas nos joelhos e os médicos do Benfica, em especial o dr. António Martins, tudo faziam para evitar que tivesse de acabar os dias a andar de canadianas. Por isso, com naturais saudades, Torres não pode mais fazer «uma peminha».



O «bom gigante» era quase tão perigoso como Eusébio para a defesa «leonina»

Futebol só mesmo como espectador, servindo-se dos cartões especiais da FPF e do Benfica para livre ingresso em qualquer estádio, devido ao brilhantismo da sua vida como futebolista: «ganhei a «Bola de Prata» primeiro que o Eusébio, só que, depois, ele venceu cinco anos consecutivos!» Diz a mulher, Alcinda: «sinto o Zé, às vezes, mais calado do que era normal. Penso que são as saudades e não ter uma ocupação a que se possa dedicar.» Os pombos, como toda a gente sabe, são o grande «hobby» de José Torres, desde criança. O que muitos desconhecem é que a sua entrada para o Benfica - onde chegaram a jogar o pai, Francisco Torres, e um tio, Alberto Torres - teve a ver com um desgosto que sofreu, um dia, ainda jovem, quando um columbófilo o atraíu e disse que a vitória tinha pertencido ao seu pombo e não ao do Zé. Este ficou tão magoado que matou as aves todas, «ele que é incapaz de fazer mal a qualquer animal», como salienta a mulher. Foi então que o pai conseguiu a transferência de Torres Novas, em 57-58, para o Benfica e lá andou doze anos de camisola com a águia ao peito, sendo um dos pilares dos «diabos vermelhos» que sucederam e talvez tenham suplantado os «cinco violinos» (José Augusto, Coluna, Torres, Eusébio e Simões). Hoje, passa o tempo a dedicar a atenção aos seus pombos-campeões e, como os quatro filhos do casal já estão crescidos, ele e a mulher, à noite, ao cabo de 33 anos de um casamento feliz, entretêm-se a jogar às cartas. José Torres é uma figura que continua a ser um exemplo, além do mais, de um exemplar comportamento e um daqueles casos de enorme humildade.

31.ª final: 1970-1971, Estádio Nacional, 27/6/1971



Sporting: 4

Damas; Pedro Gomes, Laranjeira, José Carlos (Caló, 68m) e Manaca; Gonçalves (Tomé, 58m) e Peres; Chico Faria, Nelson, Marinho e Dinis.

Marcadores - Dinis, Nelson, Chico Faria e Tomé.

Treinador: Fernando Vaz.



Benfica: 1

José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Adolfo; Jaime Graça e Matine (Diamantino, 36m); Néné, Artur Jorge (José Torres, 70m), Eusébio e Simões.

Marcador - Eusébio.

Treinador: Jimmy Hagan.

Árbitro: Francisco Lobo (Setúbal).

Primeira vitória «leonina» em «derby» final

Confundir campeões

Um dos dados novos a assinalar no relato desta final da Taça, de acordo com o jornalista Jorge Monteiro, era a presença de um número assinalável de senhoras, um facto pouco comum na altura, naquela que foi a primeira vitória do Sporting, frente ao Benfica (e logo por uma goleada), sendo de registar que esta foi também a primeira época em que houve concursos das Apostas Mútuas Desportivas, vulgo Totobola, que ofereceu balões que coloriram, ainda mais, a festa. Antes da final houve a homenagem de consagração da selecção de júniores, classificada em segundo lugar no torneio da UEFA, na Checoslováquia, cujos jogadores foram condecorados pelo Chefe do Estado. Desta selecção de 1971, figuravam nomes que se notabilizaram mais tarde, como o guarda-redes Fidalgo, Rodolfo, Shéu, Gregório Freixo, Eurico, Jordão e José Augusto.

Foi assim, já num ambiente de euforia, que as equipas entraram em campo. E bem cedo ecoaram os primeiros aplausos de um golo: num contra-ataque rápido, logo aos cinco minutos, Peres lançou Dinis, Hum-

Os «derbies» entre Benfica e Sporting sempre foram motivo para animação especial da Taça de Portugal



berto Coelho tentou travar-lhe a corrida, mas o extremo esquerdo angolano - também conhecido por o «brinca na areia» pelos seus malabarismos - evitou o central benfiquista e desfeiteou José Henrique. O lance foi contestado pelos jogadores benfiquistas que alegaram um presumível empurrão de Dinis, mas o árbitro não atendeu os seus protestos. O Benfica reagiu, ganhou alguns cantos, mas não conseguiu os seus intentos.

Este impulso perdeu ritmo com o aproximar do quarto de hora, passando o Sporting a assumir a iniciativa, o que deu origem a algumas situações mais violentas nas quais intervieram Dinis sobre Malta da Silva; mas também Humberto Coelho apareceu estendido no relvado, após um choque com Marinho e Dinis. Lances que passaram sem qualquer punição do árbitro, que apenas puniu uma infracção de Zeca sobre Nelson. Entretanto, aos 23 minutos, novo golo ocorreu por parte dos «leões»: Laranjeira teve um passe longo para Dinis centrar de imediato e Nelson surgiu, na passada, a rematar e a introduzir a bola nas redes de José Henrique, sem qualquer hipótese para o guardião benfiquista. Seguiu-se novo período desagradável com alguns choques, após o que o Sporting dilatou a vantagem com um remate de Chico Faria, depois de uma saída algo atabalhoada de «Zé Gato», a alcinha porque era conhecido o guardião do Benfica, a defender para o poste, onde surgiu o extremo direito «leonino» a recargar com êxito.

E, com 3-0 ao intervalo, a fisionomia do jogo alterou-se um tanto, já que o Benfica logrou maior equilíbrio muito embora nunca tenha posto em causa a segurança defensiva do adversário, a jogar muito bem na tática do contra-ataque, uma tática bem utilizada pela equipa «leonina» e que confundiu a dos «encarnados». No entanto, aos 59 minutos, numa grande penalidade a castigar uma carga de Pedro Gomes sobre Diamantino, que Eusébio transformou, o Benfica ainda logrou diminuir

a desvantagem. Cerca da meia hora da segunda parte, porém, e na sequência de uma defesa magistral de Damas, a um remate de cabeça de Eusébio, os «leões» fixaram o resultado, num «tiro» de Tomé à saída de um canto, numa jogada que pôs à prova, uma vez mais, as fragilidades da defesa benfiquista.

GOLEADA EM BADAJOZ NA ESTREIA DE YAZALDE

Ninguém diria que, dois dias depois, os «leões» seriam goleados (1-6) pelo Estrela Vermelha de Belgrado, na sua primeira intervenção em mais um Troféu Ibérico de Badajoz, que já haviam ganho por duas vezes. O triunfo na Taça de Portugal e a tradição ganhadora na conhecida prova da cidade fronteiriça, fizeram com que muitas centenas de sportinguistas,idos de Lisboa e das cidades alentejanas, tivessem enchido o Estádio El Vivero. Este desaire por tão dilatada margem pode encontrar explicação no facto de Fernando Vaz ter sido forçado a profundas alterações na formação vitoriosa do domingo anterior, só tendo feito alinhar, de início, Damas, Tomé e Caló, entrando mais



José Carlos, com Simões à direita do Chefe de Estado, exhibe a Taça. Em baixo, Yazalde acaba de chegar da Argentina para se consagrar no Sporting



tarde Gonçalves e Chico Faria - com a novidade das estreias de Joaquim Rocha e de Yazalde, um valioso avançado argentino que ficou célebre na galeria dos melhores goleadores do futebol português, com 46 golos marcados, no campeonato de 1973-74, a propiciar-lhe a conquista da «Bola de Prata». Há que ter em conta, ainda, o facto da equipa jugoslava dispôr de um fortíssimo conjunto, de técnica individual superior, e já muito avançada preparação física; nesta equipa pontificavam

Dois dias depois, os «leões» foram goleados (1-6), em Badajoz, para o Troféu Ibérico, pelo Estrela Vermelha de Belgrado, de Filipovic e do famoso Djazic

Filipovic (que viria a jogar e a treinar em Portugal) e o extremo esquerdo Djazic (a esgotar todos os recursos da defesa direita Celestino e que se tornou famoso no Bastia, de França).

Na segunda jornada, o Sporting venceu o Granada (3-1), já com alguns titulares recuperados, o que lhe valeu obter o 3.º lugar, enquanto o Real Madrid, que vencera o Granada (2-0), acabou por ser derrotado pelos jugoslavos, por 3-1, tendo o Estrela Vermelha ganho, assim, esta edição da prova, tão ligada à Taça de Portugal que se justifica esta referência mais pormenorizada.

32.ª final: 1971-1972, Estádio Nacional, 4/6/1972



Benfica: 3

José Henrique; Artur, Humberto Coelho, Messias e Adolfo; Jaime Graça, Toni e Vítor Martins; Nené (Jordão, 73 m), Eusébio e Diamantino.

Marcador - Eusébio (3).

Treinadores: Jimmy Hagan.



Sporting: 2

Damas; Pedro Gomes, Laranjeira, José Carlos e Hilário; Tomé (Marinho, 104 m), Gonçalves e Peres; Chico Faria (Nelson, 46 m), Yazalde e Dinis.

Marcadores - Peres e Dinis.

Treinador: Mário Lino.

Árbitro: Francisco Lobo (Setúbal).

Teve de haver prolongamento

Com o «rei» à solta... Damas não bastou

Anteceder a final, a Direcção da Federação convidou os antigos «internacionais» Jorge Vieira, do Sporting, João Brito e Floriano Pereira, ambos do FC Porto, a acompanharem o Chefe do Estado ao relvado, por se tratar dos únicos sobreviventes do então Campeonato de Portugal, realizado em 1922, e a participarem na cerimónia da entrega das medalhas aos finalistas desta 32.ª edição, mais um «derby» lisboeta.

Por sinal, diga-se, desde já, bastante mal jogado, embora haja sempre a referir o facto de Eusébio ter marcado todos os golos da sua equipa, um «hat-trick» que adquire particular significado numa final (até porque recuperara havia pouco de uma lesão) que teve de ir a prolongamento.

Os jogadores pareceram, de facto, algo saturados por uma época desgastante, mas, mesmo assim, logo no começo, houve vários lances de perigo, junto das duas balizas, com «perdidas» de Peres, Diamantino e Tomé. Aos 19 minutos, o marcador funcionou: Diamantino centrou, Hilário meteu mal o pé à bola e colocou-a à disposição de Eusébio, para este bater Damas, que, antes, fizera excelente defesa a remate

de Diamantino. Golo um tanto frio, que pouco alterou o espectáculo, seguindo-se um período de certa monotonia, apenas animado por um livre de Peres, logo seguido de uma tentativa de Yazalde, a aproveitar falha de Messias; e também um outro livre, mas este marcado por Eusébio, a obrigar Damas a largar a bola, para a recuperar de seguida, ante a ameaça de Diamantino, já preparado para a recarga.

Na segunda parte, a qualidade do jogo baixou, sucedendo-se as faltas, nem sempre punidas pelo árbitro. O empate registou-se aos 51 minutos. Artur carregou Dinis, dentro da área, e Peres transformou o «penalty» impárravelmente. Entrou-se numa fase de supremacia dos «leões», que Tomé aproveitou para um «tiro» fortíssimo, dificilmente sustido por José Henrique, a que se seguiram uma série de ataques alternados e, aos 61 minutos, Dinis aproveitou mais um falhanço de Messias e marcou com um toque de belo efeito.

O Benfica não se conformou, intensificou os seus momentos ofensivos, obrigando Damas a intervir em várias situações muito difíceis. Mas, aos 70 minutos, Eusébio voltou a igualar, de cabeça, a seguir a um canto marcado por Nené. O jogo ganhou vivacidade, mas houve necessidade de recorrer a um tempo suplementar, no começo do qual José Henrique se magoou ao chocar com um poste, mas recompôs-se rapidamente e foi obrigado, logo de seguida, a duas intervenções extraordinárias. Quando já ninguém parecia ter forças para continuar e com a noite à vista, Eusébio ainda encontrou energia para pôr termo ao suplício geral, arrancando um dos seus habituais «tiros» fortíssimos, na marcação de um livre por falta de José Carlos, com a bola a tabelar num defesa «leonino» e num poste, ficando Damas sem capacidade de reacção. A minuto e meio do fim daquela maratona, Eusébio encerrava, assim, o seu festival, com uma das suas mais produtivas jornadas da época.

A IMAGEM DE EUSÉBIO REFLECTIDA NA TAÇA

É simultaneamente fácil e difícil escrever e falar de Eusébio. O símbolo mais notável e duradouro do futebol português,

Hagan - que também venceria uma Taça pelo Boavista - na tradicional foto antes da final



cuja fama se projectou no tempo e nos espaços mais longínquos do planeta, tomou-se protagonista de um dos fenómenos mais raros de popularidade, não só estritamente ligada com o jogo, que apenas terá confronto nas figuras celebríssimas de Pelé e, talvez, de Maradona. A sua

Jorge Vieira, João Brito e Floriano Pereira

- sobreviventes do Campeonato de Portugal de 1922 - cumprimentaram os finalistas desta temporada

história, cujos episódios mais marcantes, foram escritos nos estádios de todas as latitudes, contém alguns momentos de tristeza, como o que viveu no Mundial de 1966, em Inglaterra, bem expressa em imagens que correram Mundo captadas pela câmaras mágicas desses extraordinários fotógrafos, que foram Nuno Ferrari e «Formidável».

O traslado da riquíssima vivência de Eusébio, como futebolista e ser humano de enorme transcendência, já foi registado em livros, álbuns e vídeos de muitos autores, e dele cabe aqui uma breve e ligeira referência. Por exigências óbvias, temos de centrar-nos nas suas presenças em finais da Taça de Portugal, num total de seis. Estreou-se na festa do Jamor, em 1961-62, logo com dois golos ao Vitória de Setúbal, pouco depois da sua mediática chegada a Lisboa e quando já se consolidava o seu instinto de rematador emérito e depois da fantástica proeza de Amsterdão, que valeu ao Benfica o segundo título europeu de clubes.

Este seu «hat-trik» só foi superado pelo inesquecível Rogério (com cinco golos ao Estoril, em 1943-44; e quatro à Académica, em 1950-51) e igualado pelo mesmo Rogério (três ao Sporting, em 1951-52, nos célebres 5-4) por Arsénio, outro benfiquista ao FC Porto (em 1952-53) e por Nené (ao FC Porto, em 1980-81). Ficou como o segundo melhor marcador de todas as finais, com oito golos, até ao ano 2000, algo distante desse incontornável Rogério de Carvalho, com a marca praticamente inultrapassável de 15 golos.

Apenas como registo final, citamos a conquista de sete troféus da «Bola de Prata», das quais cinco consecutivas, duas Botas de Ouro, instituídas pelo «France Football», e uma Bola de Ouro, outra promoção daquela revista francesa.

Humberto Coelho e Eusebio, dois nomes grandes do Benfica e do futebol nacional também marcaram a Taça com as suas prestações





33.ª final: 1972-1973, Estádio Nacional, 17/6/1973



Sporting: 3

Damas; Bastos, Laranjeira, Alinho e Manaca; Tomé (Hilário), Wagner e Nelson; Marinho, Yazalde (Chico Faria) e Dinis.

Marcadores - Nelson, Yazalde e Tomé.

Treinador: Mário Lino.



Setúbal: 2

Joaquim Torres; Rebelo, João Cardoso, José Mendes e Carriço; Amândio, José Maria e Câmpora (Vicente); Duda, José Torres e Jacinto João (Arcanjo).

Marcadores - Duda e Vicente.

Treinador: José Maria Pedroto.

Árbitro: Fernando Leite (Porto).

Outra grande final

Um golo de Yazalde levantou o estádio

O Sporting já estava a ganhar, com um golo de Nelson, aos 23 minutos, na sequência de um lance entre Manaca e Yazalde. Mas, onze minutos volvidos, o argentino aumentou a vantagem «leonina» numa jogada assim relatada no «Diário de Notícias» da época: «Yazalde lançado por Manaca ficou de posse do

A conquista do troféu redimi a fraca época que tivera a equipa de Alvalade

esférico a meio do campo. Evitou jogadores, driblou outros e correu sozinho para a baliza dos setubalenses. Torres viu o espectro à sua frente. Mas lançou-se. Subtamente, perfeitamente cónscio do grande momento, Yazalde rematou quando o guardião sadino intentou o mergulho. Um golo assim tinha de ser aplaudido por uns e por outros. O estádio foi eco prolongado da ovação».

Os sadinos não reagiram, como se esperava, de imediato e só à beira do intervalo Damas foi obrigado a uma grande defesa em voo, largando a bola, que acabou por ser aliviada por um defesa. Era o prenúncio do esperado volte-face sadino, que continuou na segunda parte a obrigar Damas a boas intervenções. E, de súbito, o jogo aqueceu, em termos de

dureza, embora Dinis e Marinho mostrassem que o Sporting não perdera o seu intuito ganhador. Que se materializou, aos 66 minutos, com o terceiro golo, apontado por Tomé, na sequência de um lance de Dinis.

Parecia que tudo estava resolvido, mas Duda, dez minutos volvidos, progrediu e atirou um remate forte que surpreendeu Damas. E, a quatro minutos do fim, para emprestar maior emoção à final, na transformação de um livre directo, foi Vicente a surpreender o guardião de Alvalade. O público olhou para os relógios, com intenções diferentes, naturalmente. Mas a defesa do Sporting conseguiu evitar que o Vitória empatasse e forçasse a final a prolongamento, muito embora ainda tivesse havido um lance muito difícil para as redes sportinguistas, quando Arcanjo marcou um outro livre e se instalou enorme confusão frente à baliza.

A conquista da Taça de Portugal redimi o Sporting, foi uma dupla vitória da melhor equipa e do futebol, assim definiu a final o jornalista Fernando Pires, que não deixou de salientar o papel do árbitro, perante as «nuances» de um jogo em que uma equipa procurava a salvação europeia e a outra defender o seu prestígio: «o jogo foi quezi-lento, feio, com coisas lamentáveis e dispensáveis. Os jogadores pisaram o risco vezes em excesso, confundiram futebol com alguns exercícios do seu trabalho de campo ou de ginásio, desrespeitaram-se, de vez em quando, como profissionais. E isso ficou como uma mancha na final. Mancha que o árbitro carregou, fechando os olhos, contemporizando, abdicando da sua autoridade. O sr. Fernando Leite recebeu um prémio ao ser designado para dirigir a final. Não soube merecê-lo. A final é a festa do futebol. Mas essa festa quer-se saudável, ordeira, disciplinada. Um árbitro não estraga a festa se alguém prevarica e justifica a decisão extrema. Ao contrário - salva a festa. O sr. Fernando Leite tinha esse dever».

Uma crítica séria a algumas falhas do juiz do Porto, igualmente «atacado» por Pedroto. O treinador vencido, entendia que Bastos não devia ter ficado em campo,

depois de um lance com Jacinto João, logo no começo do jogo, enquanto Lino, técnico vencedor, «esqueceu» uma jogada em que se reclamou grande penalidade sobre Yazalde, para dizer da sua alegria e afirmar «que o Sporting foi a melhor equipa e mereceu a vitória, apesar do «forcing» final do Vitória. Isto é que é Taça.» E Fernando Leite, o juiz que não agradou nem a gregos, nem a troianos, afirmou a Silva Pires: «a primeira parte foi mais fácil de dirigir. Na segunda parte os jogadores complicaram o meu trabalho, principalmente nos 25 minutos finais». E justificou o cartão amarelo a Yazalde, por ter feito «fita» atirando-se ao solo e o de Vicente por não ter nada que protestar, por não ser o «capitão da equipa». O costume...

«CHIROLA» GANHOU APOSTA

TORRES NÃO TROCOU CAMISOLA

Esta foi a primeira Taça de Portugal em que participou o argentino Yazalde, conhecido por Chirola, talvez o avançado-centro que logrou fazer esquecer (ou lembrar?) Peyroteo, um goleador por excelência, mas também um jovem simples, educado e que ainda se tomou mais popular por ter casado com Carmizé, que era uma bonita actriz do teatro de revista. Ao longo da sua presença no Sporting - na altura não havia os meios de comunicação deste final de século - era vulgar receberem-se telefonemas da Argentina a saber se Yazalde tinha marcado e chegou mesmo a haver um padre ligado a uma comunidade de portugueses que pretendia receber jomais dos jogos em que participava Yazalde. Em relação a esta final, o facto curioso é recordar que ele fizera uma aposta de que marcaria um golo. E que golão ele fez! Daí a sua alegria, após esta primeira vitória ao serviço do Sporting...

Entretanto, enquanto os «capitães» subiam para receber o troféu, José Torres, que deixara o Benfica e fôra jogar para o Vitória, conversava com José Carlos: um diálogo animado no reencontro de dois «magiços», com um único problema: o da troca de camisolas, porque o «bom gigante» não se queria desfazer da do Vitória, por ser a única vez em que foi finalista trajando sem ser «à Benfica».

UMA TARDE LONGA

Desportivamente, é evidente, esta tarde foi mais longa do que era habitual. É evidente que, logo pela manhã, começaram a procurar o Jamor, muitos milhares de pessoas, que

alegraram o vale com animados piqueniques, como mandava a tradição, em especial para os que vinham de Setúbal com os seus faméis.

Mas, ao entrarem no recinto, para garantirem um melhor lugar, aos seus olhos deparavam-se provas de atletismo, de que talvez muitos não fossem adeptos. Mas as boas prestações de José Carvalho, nos 400 metros barreiras, de Maria José Sobral, nos 200 metros, e de Carlos Lopes, nos 3000 metros obstáculos não deixaram indiferentes os espectadores. E ainda houve outras novidades para preencher o tempo, antes do grande jogo: um Lisboa-Setúbal em infantis, numa iniciativa da Associação de Futebol de Lisboa, que criara centros de animação de mini-futebol e decidira mostrar o que a moçada já aprendera, enquanto igualmente se apresentaram os miúdos do torneio europeu de futebol organizado por uma marca de automóveis, que seleccionou oito dos treze melhores classificados, para se exibirem em testes de habilidade, quer em «driblings», quer em remates à baliza.



A alegria de Damas diz tudo o que representou esta vitória, vendo-se, em baixo, o golo de Yazalde





Sporting: 2

Damas; Manaca, Bastos, Alinho e Baltasar; Wagner (Dani, 105m), Nelson e Dinis; Marinho, Paulo Rocha (Chico Faria, 72m) e Dé.

Marcadores - Chico Faria e Marinho.

Treinador: Osvaldo Silva.



Benfica: 1

Bento; Artur, Humberto, Rui Rodrigues (Adolfo, 65 m) e Barros; Toni (Eusébio, 46m), Vítor Martins e Simões; Nené, Jordão e Vítor Baptista.

Marcador - Nené.

Treinador: Fernando Cabrita.

Árbitro: César Correia (Faro).

Cumriu-se a tradição

Distribuir os cravos e acabar «ferido»

Cumriu-se o que se tomara quase que já uma réplica do «clássico» com poucas excepções, ou seja, ganhou o menos favorito na altura, não obstante haver conquistado já o título de campeão nacional. O Benfica apresentava-se como grande senhor, distribuiu os primeiros cravos, mas no fim havia de sofrer os espinhos da derrota. O espectáculo não correspondeu à expectativa, acabando por constituir uma jornada algo decepcionante, principalmente pela condição inferior em que se apresentou a formação «leonina», longe da sua melhor condição, eventualmente afectada pela mudança do treinador Mário Lino, na véspera da final, pelo seu adjunto Osvaldo Silva.

Os benfiquistas confiavam especialmente na excepcional forma de Jordão, esperando que a sua velocidade e poder de remate amedrontassem a defesa contária. E de algum modo se confirmou essa perspectiva, embora sem o suporte de uma exibição altamente convincente. Mas, aos 31 minutos, o desfecho parecia inevitável, quando Nené abriu o «placard»: Jordão recebeu um passe da

rectaguarda, penetrou no meio-campo «leonino» e, na melhor altura, tocou para a esquerda, onde apareceu Nené a marcar facilmente. Era cedo, de facto, mas o Sporting não dava sinais para alterar a situação.

Já na segunda parte, o tom manteve-se, até que Osvaldo Silva, a um quarto de hora do fim, lançou em campo o trunfo que se tornaria decisivo, ao fazer entrar Chico Faria para o lugar do ineficaz Paulo Rocha. Utilizando a sua velocidade, o suplente recém entrado deu ao ataque sportinguista uma acutilância que até então não havia manifestado, com efeitos imediatos no sector defensivo do Benfica, habituado a um estilo de «dolce vita»... O Sporting assumiu a iniciativa e Chico Faria obteve o empate a quatro minutos do fim, correspondendo, com êxito, a um centro de Marinho, e obrigando a prolongar o jogo. Já nesta fase, os «leões» continuaram a assumir a iniciativa e voltaram a marcar, no primeiro lance da segunda parte do prolongamento, assegurando a conquista do troféu: Chico Faria correu rapidamente para a área «encarnada», iludiu Barros e propiciou a Marinho a obtenção do golo que seria da vitória, apesar do Sporting ter sofrido um revés importante. De facto, Simões e Chico Faria trocaram agressões, mas o árbitro apenas expulsou o sportinguista.

Nos vencedores, Damas foi a figura principal para o comentador do «Diário de Notícias», Silva Pires, como «o magneto que atraiu o ponteiro da bússola, com um punhado de defesas espectaculares, quase impossíveis mesmo...». No Benfica, Simões Ilharco comentou a ausência de Eusébio da seguinte forma: «o monstro que veio mais tarde. O «monstro» que falhou dois golos certos. O «monstro que tem de jogar de princípio dê lá por onde der. Parece-nos que estão a precipitar o fim da «pantera». Sobre Jordão escreveu: «a única labareda de génio «encarnado» que irrompeu no relvado».

MAGDEBURGO E O 25 DE ABRIL

Já que se falou no percurso de Mário Lino, à frente do

Sporting era o menos favorito... mas acabou por ganhar com justiça



Uma defesa de Bento, Osvaldo Silva (o «adjunto» que rendeu o treinador Lino), e Damas à conversa com o general Spínola, vendo-se, ainda, o professor Palma Carlos



Sporting, nesta temporada, em que conseguiu o título de campeão nacional e levou a equipa até às vésperas da final da Taça, altura em que foi dispensado por João Rocha, passando o adjunto Osvaldo Silva a responsabilizar-se pela vitória sobre o Benfica, há uma história que não pode deixar de se contar, já que está ligada, ainda, à estranha posição tomada pelo então presidente «leonino» e o treinador açoriano que esteve 17 anos ao serviço do clube de Alvalade. É que, na Taça das Taças, igualmente Lino conseguiu que os «leões» tivessem alcançado a segunda melhor posição naquela prova europeia - que ganharam em 62-63 -, sendo eliminados, apenas, na meia-final, com o Magdeburgo da RDA.

Acontece que este segundo encontro se realizou na antiga Alemanha de Leste a 24 de Abril de 1974, o que significa que, no regresso a Portugal, os sportinguistas tivessem sido informados de que tinha havido uma Revolução e que teriam de seguir de avião para Madrid. As informações na capital espanhola eram parcas, mas João Rocha tratou de alugar um autocarro até à fronteira de Elvas, no qual viajaram, igualmente, os jornalistas que se

Mário Lino conquistou o título nacional e levou os «leões» até à meia-final da Taça das Taças. Na véspera da final no Jamor foi afastado, algo inesperadamente, por João Rocha

havam deslocado para a reportagem do jogo. Junto à fronteira já se encontrava o autocarro do clube para transportar a comitiva até Lisboa, só que os guardas fiscais tinham ordens do MFA para não deixar passar ninguém.

Sabe-se que João Rocha terá telefonado ao general Spínola a pedir autorização para deixar que o Sporting pudesse passar, porque até tinha jogo, para o Campeonato, com o Belenenses. E, também ao que apurámos, houve um «sim» por parte do Movimento das Forças Armadas. Só que os restantes automobilistas que se encontravam na fronteira se opuseram: estilo ou passamos todos ou não passa ninguém. E, claro, o Sporting ficou mais uma noite fora e só regressou a Lisboa já na sexta-feira. Nem por isso deixou de jogar com o Belenenses, «porque tínhamos uma grande equipa», como referiu Damas, ao confirmar toda esta história, bem como o facto de ter sido chamado à Comundo, na sua qualidade de «capitão», na ausência de Hilário, para o presidente do Sporting o informar, na véspera da final da Taça, que seria Osvaldo Silva a orientar a equipa, porque decidira afastar Mário Lino. Claro que tantos anos volvidos e depois de Lino ter voltado ao seu clube, outra vez dezassete anos volvidos sobre a estranha saída, o incidente entre ele e João Rocha está mais que sanado. Mas foi uma história desta final... Isso é indiscutível.

35.ª final: 1974-1975, Estádio de Alvalade, 14/6/1975



Boavista: 3

Botelho; Trindade, Mário João, Carolino e Taí; Celso, Alves e Acácio (Barbosa, 88 m); Francisco Mário, Mané (Amândio, 74 m) e Salvador

Marcadores - Mané e Alves.

Treinador: José Maria Pedroto.



Benfica: 1

José Henrique; Bastos Lopes, Maíta da Silva, Messias e Barros; Toni, Shéu (Ibraím, 28 m) e Vítor Martins (Móia, 67 m); Moínhos, Jordão e Diamantino.

Marcador - Jordão.

Treinador: Milorad Pavic.

Árbitro: António Garido (Leiria).

Primeiro êxito axadrezado

João Alves empunhou a batuta e deu música

O Boavista venceu a Taça, na primeira vez que chegou à final, apesar do seu opositor directo ser o Benfica, e a alegria dos cerca de mil adeptos que se deslocaram ao Estádio de Alvalade foi verdadeiramente delirante, aplaudindo José Maria Pedroto, que, no final do jogo, foi passeado aos ombros dos seus jogadores. O «DN» citava - e bem - que o carismático técnico «parecia ter reconquistado, ao serviço dos axadrezados, um hábito importante do seu palmarés: o de ganhar a Taça de Portugal, troféu para que todas as equipas que orienta demonstram uma habilidade especial.» Mas Guida Júnior escreveu que a equipa nortenha demonstrara o excelente final de época, mercê da capacidade física aliada à técnica dos seus jogadores, onde João Alves atingia um nível fora do comum, vencendo «um Benfica irreconhecível».

O «luvas pretas» - que jogava no Montijo - alardeando uma classe ímpar, mandou no jogo a meio campo. Todo o futebol «xadrezado» girava à sua volta, como um «carroucel», de

A alegria natural dos «xadrezados»



que ele era o eixo, distribuindo a bola, com suavidade e destreza, para Francisco Mário, Mané e Salvador, que, na frente, confundiam, depois, a defesa «encarnada», demasiado perturbada com as ausências de Humberto Coelho e de Artur, e obrigando José Henrique a uma noite de muito e excelente trabalho para evitar uma derrota ainda maior. Em dois minutos, aos 15 e 17, Mané e Alves colocaram o marcador em 2-0, e Barros ainda salvou um outro possível golo de Taí, enquanto Botelho apenas uma vez teve que mergulhar aos pés de Moínhos.

Ao quarto de hora da segunda parte, Jordão, depois de uma «perdida» de Mário a rematar à figura de José Henrique, conseguiu reduzir a desvantagem, mas esteve sempre mais à vista o dilatar do marcador, por parte dos boavisteiros, do que o empate. Vítor Martins não se saiu bem na acção que lhe cabia no «miolo» e o substituto Moia não esteve melhor, ambos incapazes de travar a acção dos adversários e de fornecer lances ao seu ataque. Poucas vezes, na verdade, e só nos derradeiros vinte minutos, quando o Boavista já defendia a vantagem, é que Botelho teve que mostrar a sua atenção para manter uma vitória justa, a que terá faltado o cenário bonito e colorido do Estádio Nacional.

FRANCISCO MÁRIO EVOCA VITÓRIA MEMORÁVEL

Um dos participantes foi Francisco Mário, extremo direito do Boavista, um jogador de notável capacidade técnica, velocidade e bom remate. Tem memória deste jogo como uma jornada exaltante, depois de haver ultrapassado vários adversários da melhor estirpe: «recordo-me bem da enorme emoção que vivemos em Alvalade, mercê da argúcia de José Maria Pedroto, que soube montar um sistema que derrotou os favoritos, pois o Benfica conquistara o título de campeão nacional e era, então, um conjunto de grande nível. Naquela euforia, levámos Pedroto em ombros,



fizemos uma festa em Lisboa, que se prolongou, depois, no Porto, numa altura em que o futebol era tido como alienante e estava quase toda a gente mais virada para a política. Tive pena de não ter estado com os meus companheiros no Norte, mas tive que ficar em Lisboa para tratar de assuntos particulares.»

Os boavisteiros tinham, de facto, razão suficiente para festejar, pois haviam perdido com o Benfica, no Bessa (1-4) e também com o Sporting (0-2), em ambos os casos para o campeonato. E foi também o Sporting que não resistiu na meia final e foi Francisco Mário o autor do golo, no último minuto, que evitou um prolongamento e a possível transferência do desempate para Alvalade, como o antigo jogador recordou: «a centro de Zézinho, saltei muito bem, acima dos defesas contários e rematei de cabeça, deixando Damas sem hipótese de defesa».

Já nos quartos de final, o excelente Vitória de Setúbal daquela época fora afastado, também no Bessa. Aos 32 anos, Francisco Mário deixou o Boavista, fez o primeiro curso nacional de treinadores e passou a actuar como treinador-jogador no Sesimbra, passando, depois, por vários outros clubes, tal como o Amora, Seixal e Lusitânia dos Açores, além de ter sido adjunto de Carolino, no Chaves. Seguiram-se duas épocas - que Francisco Mário considerou maravilhosas no Varzim, onde era treinador principal António Teixeira. Mas ainda voltou a jogar pelo Amora, na primeira divisão, realizando o último jogo no Restelo, onde marcou o golo que garantiu a presença da equipa da mar-

gem Sul na divisão principal, «poucas horas depois de o clube ter anunciado a dispensa dos meus serviços».

NO PERÍODO «QUENTE» DA REVOLUÇÃO FINAL DA TAÇA SAI DO JAMOR

As ideias sobre o aproveitamento que o anterior regime fizera sobre o futebol (e não só, porque era famosa a trilogia dos «f») fizeram, como vimos, que já a anterior edição da Taça se não realizasse no Estádio Nacional - tido como um dos símbolos do fascismo e fachada do Estado Novo. As pressões para que houvesse como que uma constante alteração dos locais de realização da final da Taça começou a ser muito grande, com incidência particular para os dois principais clubes do Norte, através de campanhas para que as finais fossem alternadamente em Lisboa e no Porto.

Em Abril de 1974 tomou posse do cargo de presidente da FPF, o dr. Jorge Fagundes, que ainda manteve o Sporting-Benfica da final de '73-74, no Estádio Nacional (com o general Spínola a entregar a Taça a Damas), tendo-se mantido no cargo até 30 de Janeiro de 1976, altura em que pediu a demissão, tendo assumido a presidência, intennamente, António Ribeiro de Magalhães, que era vice-presidente federativo. Neste período mais quente do chamado PREC, as discussões acerca do local onde fazer disputar a final da Taça foram mais acaloradas, intensificando-se as pressões dos dirigentes Américo Sá, Taveira da Mota, Jorge Nuno Pinto da Costa e Valentim Loureiro. E, porque nada estava previsto no regulamento de provas da FPF, acerca da final ter de realizar-se no Estádio Nacional, o certo é que Alvalade foi já o «palco» da primeira vitória alcançada pelo Boavista, com José Maria Pedroto à frente dos «xadrezados», tal como aconteceu, na época seguinte, em que, já nas Antas, o clube do Bessa derrotou o Guimarães, por 2-0, com o então primeiro ministro Pinheiro de Azevedo e o major Vítor Alves, ministro da Educação e Investigação Científica, a deslocarem-se ao Porto para entrega do troféu.

Cerca de mil adeptos do clube do Bessa deliraram em Alvalade com a espectacular vitória do «Boavistão», marcado pela técnica superior de João Alves e sob o comando de José Maria Pedroto

Em Junho de 1976, o dr. António Marques - que era tesoureiro da Direcção anterior, liderada por Ribeiro de Magalhães - foi eleito presidente e esteve no cargo até 1979. A final da Taça de Portugal de 1976-77 (entre o FC Porto e o Sporting de Braga), voltou a realizar-se nas Antas. A ideia de que o Estádio Nacional estava para a nossa Taça como o de Wembley para a de Inglaterra, foi posta de lado neste período mais conturbado da Revolução. E o curioso é que, na última edição atrás referida, houve adeptos bracarenses a insurgir-se contra o jogo

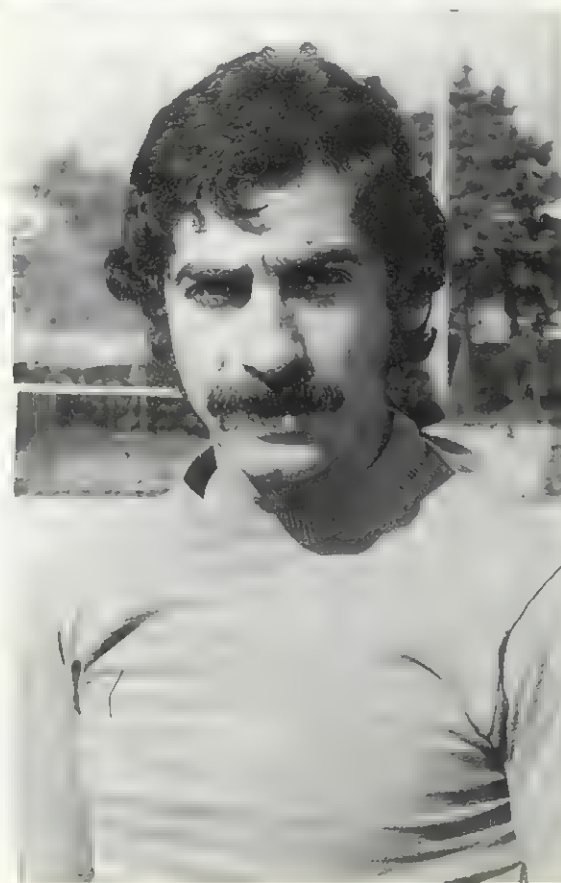
nas Antas, afirmando que a direcção do clube «vendera» a final ao FC Porto. Já no final de 1979, foi eleito presidente da Direcção da FPF o dr. Moraes Leitão, que apenas esteve como presidente até Janeiro de 1980, já que passou a ocupar um lugar no Governo. Voltou Ribeiro de Magalhães a ser presidente interino até às conturbadas eleições que, em Maio de 1981, terminaram com a tomada do lugar por parte de Romão Martins.

Em 1978, na primeira «finalíssima» da Taça, o Sporting-FC Porto realizou-se no Jamor, como as restantes edições, à excepção da referente à temporada de 82-83, com Romão Martins a presidente federativo, apesar da vitória do Benfica, nas Antas, teve problemas com os dirigentes «encarnados». Foi a partir de então que a Direcção da FPF produziu uma alteração ao regulamento de provas, aprovada em assembleia geral, a qual determinava que a final da Taça de Portugal deveria sempre ser jogada no Estádio Nacional.

Foi um período muito agitado, com a ideia de que o futebol tinha algo de alienante, e toda a estrutura do futebol sofreu vários tipos de dismantelamentos: houve greves de árbitros e geraram-se movimentos reivindicativos dos sindicatos dos jogadores e treinadores. Quanto aos primeiros, a situação registou sensível melhoria, que foi sendo processada ao longo dos anos, não obstante alguns acidentes de percurso, como o caso de Saltillo, no México, em 1986. E já nas presidências de José Couceiro e António Carraça, e no final do século, foi notória uma mais adequada acção sindical, a nível interno, e no enquadramento das directivas da UEFA e da FIFA.

No que respeita aos técnicos, a posição tem sido diferente. Por alturas de 1976-77, desencadeou-se um vivo combate entre dois grupos, liderados por Meirim e Pedroto (nomeado seleccionador nacional, pela primeira vez, no tempo do dr. Jorge Fagundes), respectivamente, pugando uns pela imposição de um novo modelo para a actividade da classe, enquanto os outros defendiam o sistema vigente. E, de entre outras pugnas, é de registar que Pedroto proibiu os jogadores do FC Porto de alinharem num jogo-treino da selecção nacional, na Corunha, com vista a um Campeonato da Europa, mais concretamente antes de uma deslocação de Portugal à Bélgica, quando o seleccionador era Mário Wilson. Destas profundas divergências entre os dois blocos resultou a dissolução do Sindicato em 1978, tendo-se desenvolvido, a partir de então, uma nova via que, até ao começo do século XXI, não encontrara solução satisfatória para elevado número de interessados.

Francisco Mário, o hábil dianteiro do Boavista, vendo-se, em cima, uma imagem do Estádio Nacional, de onde a Taça esteve ausente durante alguns anos



36.ª final: 1975-1976, Estádio das Antas, 13/6/1976



Boavista: 2

Botelho; Trindade, Alberto, Carolino e Taí; Barbosa (Mané, 46 m), Branco, João Alves e Acácio (Lobo, 82 m); Francisco Mário e Salvador.

Marcador - Salvador (2).

Treinador: José Maria Pedroto.



Guimaráes: 1

Rodrigues; Alfredo, Rui Rodrigues, Torres e Osvaldinho; Ferreira da Costa, Abreu e Almiro; Pedrinho (Pedroto, 72 m), Tito e Rui Lopes.

Marcador - Rui Lopes.

Treinador: Fernando Caiado.

Árbitro: António Garrido (Leiria).

Depois de ser vice-campeão nacional

Confirmação boavisteira

Neste segundo êxito consecutivo do Boavista na Taça, sob a direcção de José Maria Pedroto, a figura dominante foi o brasileiro Salvador, um extremo esquerdo de pele escura rapidíssimo e driblador que, além da alegria de ter marcado os dois golos do triunfo, lançou o pânico frequentes vezes na área vimaranense, em lances

As equipas antes de começar o Boavista-Guimaráes, um dos jogos que se realizaram nas Antas, no pós 25 de Abril

com todo o sinal de laboriosa preparação: passes longos de João Alves para a retaguarda da defesa contrária e corrida veloz do sul-americano geralmente concluída com remates fortes e secos. Foi assim que os «xadrezados» construíram o resultado, aos 10 e 49 minutos.

Durante toda a primeira parte, dominaram a situação, parecendo o Vitória conformado com o rumo dos acontecimentos, pois até Tito e Rui Lopes desmentiram as suas características de rematadores, desperdiçando as raras oportunidades que se lhes depararam frente à baliza contrária. Uma vez mais, tal com já sucedera com o Belenenses, na quarta edição da Taça, os minhotos davam a ideia de acusar a responsabilidade de terem chegado tão longe.

No segundo tempo, o Guimaráes não conseguiu libertar-se da seguríssima organização do Boavista que continuou a superiorizar-se pela suas melhores capacidades técnicas e táticas; e, aos 61 minutos, o mesmo Salvador esteve prestes a conseguir um «hat-trick», mas fez passar a bola rente a um poste da baliza de Rodrigues, que saíra sem êxito, perdendo, assim, não só a possibilidade de resolver a questão, desde logo, como um prémio de cinco mil escudos, previamente anunciado para o jogador do Boavista que marcassem três golos.

Um minuto volvido, Rui Lopes conseguiu diminuir a desvantagem do Vitória que, finalmente, despertou para a realidade de, afinal, ter hipóteses, procurando inverter a situação de um certo marasmo anterior, a ponto de as redes de Botelho terem passado por alguns momentos de perigo, em situações de golo à vista; foi a vez de o Boavista se desarticular, como que a esquecer toda a boa organização do seu conjunto. Chegaram a ver-se Alves e Francisco Mário em acções defensivas.

O sucesso da equipa do Boavista resultou, assim, da lucidez do seu jogo, durante quase uma hora mas, no tempo restante, a reacção aplicada e generosa dos vimaranenses recuperou o espectáculo, valorizando-o com a emoção que, até ali, não se registara e levou a inquietação

aos adeptos do Bessa pela constante ameaça dos minhotos em alcançarem o empate. A boa arbitragem de António Garido foi afectada por dois lapsos que prejudicaram mais o Guimarães.

MANUEL BARBOSA E CAROLINO FALAM DO «SALTO» EUROPEU

Estas duas vitórias consecutivas do Boavista levaram-nos a pretender saber o que delas pensavam dois dos intérpretes desse tempo. Manuel Barbosa, como Carolino - ambos no Bessa a preparar os jovens craques do futuro, como director e adjunto do departamento juvenil do clube - foram unânimes em considerar a enorme importância de que se revestiram estes êxitos na Taça de Portugal, se bem que, para Manuel Barbosa, «o primeiro triunfo teve o sabor especial de ser sobre o Benfica e de representar a conquista de um troféu que o Boavista nunca tinha alcançado. Mas foi um jogo a meio da semana - acho que a época ia muito adiantada e o jogo teve de fazer-se num estádio com iluminação eléctrica, daí a escolha de Alvalade, não creio que tenha tido nada a ver com o 25 de Abril, como se disse - por isso não estava muita gente. Vieram do Porto umas centenas de pessoas mas, anos mais tarde, na final com o Sporting, que também ganhei, fomos apoiados por uns largos milhares de adeptos, muitos dos quais ficaram em Lisboa a dormir, mesmo ao relento... A verdade é que tínhamos ficado em 4.º lugar no campeonato, o que era um feito inédito na história do clube; estávamos moralizados e nunca tememos o Benfica. Para mais o João Alves - que ficará sempre como um jogador especial - marcou a diferença e vencemos bem. Foi mais difícil, ao invés do que se afirma, a vitória sobre o Guimarães».

Manuel Barbosa em situações diferentes da sua carreira e, em baixo, Carolino, recordaram o triunfo sobre o Guimarães



Guimarães não fica longe do Porto e o Vitória também teve muitos adeptos a apoiar a equipa orientada por Fernando Caiado e que tinha muito valor. Talvez tenha maior retumbância o êxito alcançado com o Benfica mas, para mim, este encontro com os minhotos foi mais difícil, dada a época carregadíssima que tínhamos tido. Mas, claro, a equipa contava com a confiança que nos era transmitida por «mister» Pedroto, embora soubéssemos que, depois da Taça, ele iria para o FC Porto iniciar uma nova etapa da sua vida».

E, uma vez mais, os dois ex-jogadores, que continuaram ligados ao Boavista, foram unânimes em concordar que, depois da subida do clube à primeira divisão, estas vitórias na Taça de Portugal representaram o salto e a projecção europeia do clube, com vista a atingir objectivos mais ambiciosos, como, na realidade, aconteceu.

O Boavista acabava de ser vice-campeão nacional e o sucesso na Taça confirmou a lucidez do seu futebol; a réplica do Guimarães valorizou o espectáculo

Essa foi exactamente a opinião de Carolino, o qual recordou que, nesta temporada, o Boavista conseguiu ainda uma posição de maior relevo no «Nacional», já que terminou a dois pontos do Benfica, como vice-campeão, mas andou sempre na luta pelo título até quase ao fim: «Esse facto, como é normal, desgastou a equipa e, apesar de a final ser nas Antas, isso não era uma vantagem de maior, porque

37.ª final: 1976-1977, Estádio das Antas, 18/5/1977



Porto: 1

Torres; Gabriel, Freitas, Simões e Murça; Octávio, Rodolfo e Taí (Seninho, 46 m); Oliveira, Gomes e Duda (Celso, 74 m).

Marcador - Fernando Gomes.

Treinador: José Maria Pedroto.



Braga: 0

Fidalgo; Artur, Serra, Ronaldo e Manaca (Fernando, 54 m); Pinto, Beck (Caio, 46m) e Marinho; Paulo Rocha, Chico Gordo e Chico Faria.

Treinador: Máio Lino.

Árbitro: Porém Luis (Leiria).

Sob o signo da polémica

Sucesso desluzido nove anos depois

Ficou marcada por enorme efervescência esta edição da final da Taça de Portugal, cujos antecedentes próximos provocaram acesa contestação dos adeptos do Sporting de Braga, quanto ao local da sua realização; estava - se em pleno PREC e os dirigentes bracaraenses chegaram a ser acusados de haverem aceite o estádio das Antas a troco de uma determinada verba. Com mais de cinquenta mil espectadores nas bancadas o encontro começou num ambiente altamente emocional e as crónicas do tempo deixaram notícia de uma final falhada, na qual faltou festa, alegria e desportivismo, com a agravante da ausência de futebol de qualidade, o principal motor do entusiasmo do público. Nove anos passados sobre o mais recente sucesso portista nesta competição, a justiça da vitória ficou ofuscada por uma exibição de nível modesto e um forte motivo de desgosto resultante de um choque violento entre Rodolfo e Manaca, aos 51 minutos, a obrigar o defesa bracaraense a sair de maca.

Foi precisamente pela zona que competia a Manaca cobrir - e com o Braga ainda reduzido a dez jogadores (visto Fernando só ter entrado aos 54 minutos) - que surgiu, um minuto

Apoteose portista no termo do encontro com o Braga, esmaltado de incidentes vários

depois, o golo portista: no flanco direito do ataque, Duda ganhou a bola a Serra e, perto já da linha de cabeceira, depois de iludir Marinho, centrou a meia altura, Ronaldo não foi rápido a intervir e Gomes cabeceou para as redes. Ainda soavam os aplausos da falange portista, quando o insólito aconteceu: com o jogo parado, um espectador saltou para o relvado, por detrás da baliza do FC Porto, correu na direcção do árbitro, sem que ninguém pudesse travar-lhe a marcha pela surpresa do ocorrido e agrediu-o no nariz; com o rosto ensanguentado, Porém Luis foi socorrido por vários jogadores e o jogo sofreu nova interrupção. Mais tarde, segundo o relato do «Diário de Notícias», o agressor foi identificado: tratava-se de um metalúrgico de Braga, desempregado, e que já havia sido tratado a doença do foro neurológico.

A acalmia voltou ao rectângulo e não tardou que uma série de dribles de Seninho, em progressão, proporcionasse a Oliveira um remate fortíssimo, que levou a bola a um dos postes, com Fidalgo sem poder intervir. Inexplicavelmente, este lance viria a estimular os bracaraenses para uma réplica mais firme, perante uma quebra de ritmo dos portistas, com desatenções mais notórias de Gabriel e de Rodolfo. Alterado, assim, o panorama do encontro, o Braga intensificou os seus movimentos ofensivos, mas sem conseguir alterar o resultado.

GOMES E OLIVEIRA: PORTISTAS DE LUXO

Desse triunfo desluzido ficaram dois apontamentos importantes relacionados com futebolistas do FC Porto, cujas proezas - independentemente da sua classe - significaram o alvor das suas notabilíssimas trajetórias. Fernando Gomes, autor do golo do triunfo, viria a consagrar-se como um dos melhores avançados-centro de todos os tempos. A sua eficácia na final da Taça de Portugal limitou-se a dois golos em sete presenças, pois já jogara em 67-68, nove anos antes, na anterior vitória portista nesta competição. Mas teve uma carreira marcada por uma sucessão de êxitos, com destaque para seis Bolas de





Sêninho com Pinto da Costa e Pedroto e, ao centro, o primeiro ministro Mário Soares na entrega do troféu

Prata e duas Botas de Ouro e, ao sair do FC Porto, ainda esteve como jogador de relevância no Sporting.

Quando a António Oliveira, esta foi a sua primeira presença vitoriosa numa final, ele que haveria, mais tarde, de alcançar outra vitória frente ao Braga, em 1981-82, mas pelo Sporting, treinado por Allison (e marcou dois golos), para voltar a derrotar os bracarenses noutra final, já como treinador do FC Porto, em 1997-98 (2-0). Claro que o seu maior destaque - para além de ter sido seleccionador nacional no Europeu de 1996 - acabou por ser como técnico portista que conseguiu o tetra, desde 1994-95 até 1997-1998, igualando o feito do Sporting, de 1950-51 a 53-54, proeza que Fernando Santos ampliou ao alcançar o pentacampeonato, em 1998-1999, registando um feito inédito, até então, no futebol português.

SÉNINHO NOS EUA

Outra das novidades desta equipa teve a ver com o facto do extremo Sêninho (também jogava a médio ofensivo) ter estado a jogar nos EUA, depois que abandonou o FC Porto, tendo sido dos primeiros futebolistas portugueses a tentar carreira no Cosmos de Nova Iorque, na altura em que o clube americano tentou construir uma equipa de futebol, que chegou a ter jogadores como Pelé, Beckenbauer e Carlos Alberto, entre outros, na expectativa de conseguir combater - a nível de negócio, está-se a ver - o baseball. Com uma empresa como a Metro Goldwyn Mayer por detrás, o estádio do Cosmos tinha um relvado sintético, muito pouco apreciado pelos jogadores de prestígio, mas a sua lotação era da ordem das 50 mil pessoas. O facto é que, mau grado o chamariz do ingresso de grandes nomes do futebol mundial, não resultou e, como não havia lucros, bem ao invés (anos mais tarde, a empresa responsável por um dos estúdios mais conhecidos do mundo foi vendida pelo Crédit Lyonnais, devido a um passivo superior a um milhão de francos deste banco francês), o Cosmos

Numa final falhada como espectáculo, o FC Porto impôs a superioridade técnica dos seus jogadores, enquanto a resposta dos bracarenses chegou tarde e foi inútil

acabou alguns anos depois, não sem que antes tenha feito uma digressão pela Europa, com Sêninho incluído na equipa.

Sêninho terá sido convidado, quando ainda estava em muito boa forma, por um moçambicano, Abdul Zubaida, que esteve no Vitória de Setúbal, no tempo de Fernando Vaz, mas não foi titular, devido a problemas de lesões. Este mesmo Zubaida veio a ser, por isso, transferido para o Académico de Viseu, onde não teve melhor sorte, como jogador; mas acabou por se ligar a um industrial têxtil da cidade e foi, depois, viver para Londres e «meteu-se», a seguir, no «negócio» do Cosmos, clube onde chegou a desempenhar as funções de secretário técnico.

38.ª final: 1977-1978, Estádio Nacional, 24/6/1978



Sporting: 2

Botelho; Artur, Laranjeira, Menezes e Inácio; Ademar, Vítor Gomes (Cerqueira, 81 m) e Ailton; Manoel, Manuel Fernandes e Kerta.

Marcadores - Vítor Gomes e Manuel Fernandes.

Treinador: Professor Rodrigues Dias.



Porto: 1

Fonseca; Gabriel, Teixeira, Simões, Teixeira e Taí; Octávio, Duda e Brandão; Sêninho e Gomes.

Marcador - Sêninho.

Treinador: José Maria Pedroto.

Árbitro: Mário Luís (Santarém).

Com direito a «caso»

Primeira finalíssima de «leões» e portistas

Foi preciso a Taça atingir esta edição para ser necessário o recurso a uma «finalíssima» - o tempo se encarregaria de mostrar que os embates entre Sporting e FC Porto teriam tendência para se resolver somente num segundo jogo. E, claro, também houve pretexto para os portistas terem protestado contra a validação do primeiro golo do Sporting, por Mário Luís, devido às razões que explicamos em pormenor mais adiante, e que se prendem com a deslocação do juiz de Santarém na caravana que os «leões» fizeram deslocar à China. A reportagem do «Diário de Notícias» afirmava que Vítor Gomes estava em posição legal, no momento do remate vitorioso, mas houve incúria dos dirigentes da arbitragem e da FPF em terem nomeado o árbitro escalabitano, que se sabia, há muito, que iria com os «leões» na primeira deslocação de uma equipa portuguesa para jogar em território chinês.

O jornal afirmava, pelo contrário, que Mário Luís tinha estado bem melhor do que o seu colega Francisco Lobo, uma semana antes, num encontro que terminou empatado, com golos de Fernando Gomes e de Menezes, este na transformação de uma

grande penalidade. Como quer que seja, o FC Porto apresentou-se com uma estranha disposição super-defensiva.

Na primeira parte não houve golos e o Sporting marcou, por Vítor Gomes (55 minutos), num lance tornado válido pelo alheamento deliberado de Ademar, que estaria em fora de jogo posicional. Sete minutos depois, Keita viu bem a desmarcação de Manuel Fernandes, aos 62 minutos, e este tirou partido do adiantamento dos defesas nortenhos para aumentar a vantagem do Sporting. Só então o FC Porto pareceu despertar da sua letargia e Pedroto desfez a muralha superdefensiva e fez avançar Taí e Duda, para reforço do ataque. Esta decisão resultou no golo portista, num remate de Sêninho, além de outras situações perigosas, junto à baliza de Botelho.

No primeiro jogo da final, a 16 de Maio, também no Estádio Nacional, verificara-se um empate (1-1), com golos de Gomes e Menezes, e as equipas alinharam, com arbitragem de Francisco Lobo (Setúbal):

SPORTING - Botelho; Artur, Laranjeira, Menezes e Inácio; Barão (Ademar), Vítor Gomes e Ailton; Manuel Fernandes (Freire), Manoel e Keita.

FC PORTO - Fonseca; Gabriel, Simões, Freitas e Murça (Teixeirinha); Octávio, Teixeira e Ademir; Sêninho (Duda), Gomes e Oliveira.

«CASO» MÁRIO LUÍS E A VIAGEM À CHINA

Esta foi a primeira «finalíssima» da Taça e a primeira que haveria de ocorrer entre os dois «grandes» e, como é normal, nestes embates, os dirigentes do clube vencido apresentam quase sempre um «caso» para justificar a derrota entre os adeptos. Não foi, portanto, uma novidade que os portistas tenham reclamado da arbitragem de Mário Luís, porque o juiz santarenense tinha sido anteriormente convidado para acompanhar a comitiva do Sporting - que embarcou no dia seguinte ao da realização da final da Taça para Pequim. E a não marcação de um alegado fora de jogo a Vítor Gomes, no

O plantel «leonino» com o professor Rodrigues Dias ficou na história como vencedor da primeira «finalíssima»





primeiro golo do Sporting, foi o bastante para os comentários contra a arbitragem.

É inegável que, mesmo à distância, não custa reconhecer que houve alguma falta de atenção, por parte dos dirigentes em nomearem um árbitro que já se sabia ir

Menezes transforma o «penalty»; Manuel Fernandes oferece a camisola a João Rocha

seguir viagem a convite do Sporting. É certo que, quando o clube «leonino» convidou Mário Luís - que fizera uma excelente temporada - desconhecia que ia haver uma «finalíssima» e Mário Luís poderia ser nomeado. Por isso, não nos parece que seja de acusar a Direcção presidida por João Rocha, mas sim lamentar a falta de atenção dos dirigentes que tinham entre mãos a escolha do árbitro. Por sinal, deslocou-se um outro árbitro português, Porém Luís, da Associação de Futebol de Leiria - mas com este não houve problemas, já que nada teve a ver com os dois jogos entre o Sporting e o FC Porto - tendo António Garrido telegrafado a comunicar a sua impossibilidade de aceitar o convite.

Já que estamos a falar da viagem dos «leões» à China, terá interesse recordar o facto de a comitiva sportinguista incluir, além do presidente do Sporting, João Rocha, o prof. dr. Veiga Simão, que fora reitor da Universidade de Lourenço Marques (mais tarde foi membro de diversos governos, antes e pós 25 de Abril), a título de «conselheiro» da Direcção «leonina», da qual seguiram viagem também os dirigentes dr. Nunes dos Santos, Sousa Marques, Adriano de Oliveira, Manuel Fervença e José Arsénio e, ainda, o treinador jugoslavo Milorad Pavic, o médico, dr. Branco do Amaral, o massagista Manuel Marques e o roupeiro Carola. E os seguintes dezanove jogadores: Menezes, Ademar, Botelho, Jordão, Cerdeira, Barão, Artur, Valtér, Inácio, Manuel Fernandes, Freire, Ailton, Laranjeira, Vítor Gomes, Isaías, Mota, Murça, Vítor Manuel e Manoel, tendo Salif Kerta ficado em Lisboa.

Em representação da Associação Democrática de Amizade Portugal-China, integraram a comitiva Carlos Ricardo e Joaquim Morato.



A deslocação do árbitro Mário Luís à China, com o Sporting - há muito conhecida, tal como os convites a Porém Luís e António Garrido - deveria ter feito com que os dirigentes da arbitragem não tivessem designado o juiz escalabitano para dirigir a «finalíssima» entre «leões» e portistas. Era óbvio que os dirigentes e jogadores do FC Porto se queixariam; no caso, alegando fora de jogo a Vítor Gomes no lance do primeiro golo do Sporting (foto do meio). Na primeira imagem, o Sporting, já na China, antes de um dos jogos que a comitiva «leonina» fez a convite da Associação Democrática de Amizade Portugal-China, vendo-se Mário Luís, mesmo atrás de João Rocha, de pé, no plano superior. Uma viagem que teve uma ligação com vertentes, que não só as do Desporto, até porque foi convidado para consultor do presidente «leonino», o prof. Veiga Simão. Finalmente, e regressando à festa no Jamar, é possível ver os jogadores, no final do encontro levando em ombros o professor Rodrigues Dias



39.ª final: 1978-1979, Estádio Nacional, 1/7/1979



Boavista: 1

Matos; Barbosa, Mário João, Artur e Taí; Moínhos (Queiró), Albertino, Eliseu (Amândio) e Salvador; Júlio e Jorge Gomes.

Marcador - Júlio.

Treinador: Jimmy Hagan.



Sporting: 0

Botelho; Ademar, Menezes, Laranjeira e Inácio; Marinho, Fraguito e Baltasar; Manuel Fernandes, Manoel (Jordão) e Freire.

Treinador: Milorad Pavic (Jugoslávia).

Árbitro: Rosa Santos (Beja).

Férias adiadas por um dia

Calculismo de Hagan surpreendeu Pavic

Após a «finalíssima» da temporada anterior - a primeira no historial da Taça - há a registar que, logo na época imediata, houve necessidade de um segundo jogo para se apurar o vencedor, uma vez que Sporting e Boavista empataram no primeiro embate (1-1), com golos de Jordão, aos 70 minutos, de grande penalidade, e de Júlio, dois minutos volvidos. Só que, neste ano, devido ao adiantado da época, não houve uma semana a separar a final da «finalíssima» e «leões» e «axadrezados» voltaram ao Estádio Nacional 24 horas depois do primeiro encontro.

Para o terceiro êxito do Boavista na final da Taça, contribuiu poderosamente o calculismo estratégico de um técnico britânico, Jimmy Hagan, que tivera já uma carreira meritória no Benfica. E muito justamente os seus jogadores mostraram-lhe o seu reconhecimento, levando-o em ombros no final do encontro.

Com o intuito de economizar todas as energias possíveis, dada a fadiga provocada pelo jogo da véspera, o treinador dos nortenhos concebeu e pôs em prática um esquema que privilegiava em primeiro lugar a protecção das suas redes, concentrando em disposição adequada os seus jogadores no seu próprio meio campo. E, a partir daí, em contra-ataques, procurava surpreender o adversário.

Isto permitiu ao Sporting assumir o comando das operações, mas mais consentido deliberadamente pelo opositor do que por méritos dos «leões» no desenvolvimento dos seus lances. Numa primeira fase, o Sporting dispôs de algumas oportunidades para golo, provocadas pelas rápidas movimentações de Freire e o guarda-redes Matos teve sérias dificuldades em deter alguns remates do citado avançado e ainda de Manuel Fernandes. Perante a ineficácia dos seus ataques, os sportinguistas foram perdendo lucidez e abrandaram o ritmo, ao mesmo tempo que os de «xadrez» desfaziam o seu reforçado bloco defensivo e começavam a incomodar a área oposta. E assim, aos 40 minutos, aproveitando uma iniciativa de Taí, Salvador tentou um cruzamento e, ante a precipitação de Menezes e Laranjeira optou por atrasar a bola para o centro da área; Botelho foi iludido pelos companheiros e Júlio, deixado livre, frente à baliza, não teve dificuldade em marcar.

Na segunda parte, a entrada de Jordão, apesar de inspirado, não alterou as tendências do jogo, que terminou com o Sporting a tentar alterar o resultado, sem o conseguir.

Na véspera, com arbitragem de Marques Pires (Setúbal), as equipas tinham alinhado:

BOAVISTA - Matos; Barbosa, Mário João, Artur e Taí (Amândio, 110m); Albertino, Eliseu e Salvador; Moínhos (Queiró, 105m), Júlio e Jorge Gomes.

SPORTING - Botelho; Bastos (Manoel, 42 m), Menezes, Laranjeira e Inácio; Marinho, Fraguito e Ademar; Zandonaide (Baltasar, 71 m), Manuel Fernandes e Jordão.

TAÍ «VIROU» PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Jimmy Hagan foi um dos treinadores britânicos que chegou a Portugal para treinar o Benfica, numa fase em que os nossos principais clubes voltaram a apostar nos técnicos britânicos. E, no clube da Luz, teve momentos importantes, na conquista de campeonatos e da Taça de Portugal. O Sporting contratou-o para orientar a equipa, na época de 1976-77, e Hagan chegou ao fim da primeira volta com três pontos de avanço sobre o Benfica e dezoito sobre o FC Porto. Mas, na segunda volta, o treinador inglês teimou em não fazer algumas alterações que se impunham e a verdade é que o Benfica conseguiu chegar ao título, com nove pontos de

A equipa do Boavista que obteve o terceiro êxito do clube na final da Taça de Portugal



vantagem, enquanto os portistas reduziram a desvantagem para um único ponto dos «leões». Anos mais tarde, já ao serviço do Boavista, o técnico britânico voltou a impedir o Sporting de ganhar esta edição da Taça de Portugal, pois a equipa «axadrezada» acabou por vencer a «finalíssima».

Taí, um dos jogadores que, na altura, vestia a camisola «axadrezada», recordou um pormenor curioso, a propósito de Hagan: «Estava assente que deixaria o clube no final da época e, como tal, ele e Valentim Loureiro, que era o presidente da Direcção, estavam a acertar contas. E, quando o major Loureiro estava para lhe passar o cheque, o «mister» disse-lhe que faltava dinheiro e acrescentou de imediato: «Falta o prémio da Taça, que vamos jogar amanhã e vamos ganhar...» E a verdade é que, depois de um empate no primeiro jogo - já agora, num lance em que o árbitro marcou grande penalidade num derrube meu ao Jordão, em plena área, só que já vínhamos em luta quase desde o meio campo e julgo que teria sido aí que deveria ter apontado a falta - no dia a seguir conseguimos vencer a finalíssima».

Ainda no FC Porto, Taí, que participou em cinco finais consecutivas (três pelo Boavista e duas com a camisola do FC Porto), com quatro vitórias e uma única derrota (com o Sporting) conseguiu licenciarse em Educação Física e, quando deixou de jogar, foi dar aulas para Amarante, onde continuava a leccionar no ano 2000, já após um curso de pós-graduação tirado na capital nortenha: «De vez em quando, pontualmente, fiz uma peminha no Amarante e no

Hagan «exigiu» que Valentim Loureiro pagasse o «prémio» da Taça (que só se iria jogar no dia seguinte) porque ia ganhar o troféu

Lousada, como treinador; mas, como profissional, a minha vida passou a ser a de professor.»

Uma vez que Taí esteve presente em tantas jornadas vitoriosas da Taça de Portugal, acrescentou: «A primeira, por ser com o Benfica, e em Alvalade, deu-me um particular sabor. Mas este duplo jogo com o Sporting foi igualmente muito importante, porque nos exigiu um esforço muito grande, já que a final fora na véspera e, claro, pelo prestígio inerente a ser uma final no Estádio Nacional. Mas também não esqueço os triunfos alcançados ao serviço do FC Porto, porque este foi um outro jogo com um «caso», quando apareceu Mário Lino a dizer que os dirigentes portistas tinham «comprado» os seus homólogos bracarense para que a final fosse nas Antas».

BOAVISTA PASSA A OCUPAR LUGAR NO PÓDIO DA TAÇA

Com esta terceira vitória de novo com um «grande», o Boavista passou a ocupar o quarto lugar que nunca mais perdeu, pelo contrário, aumentou, no pódio dos clubes com mais taças conquistadas, logo a seguir às três equipas principais do futebol português.

É, na verdade, um dado que corresponde ao perfil que



Hagan com a Taça, abraçado a dois «axadrezados»; em baixo, Júlio e Laranjeira lutam no meio campo

o próprio clube do Bessa foi tomando, passando a ocupar a posição que, durante anos, foi pertença do Belenenses. E assim continuou até ao final do século, com a equipa «axadrezada» a conseguir mais dois sucessos na Taça, que a levaram a manter o tal quarto lugar entre as escassas vencedoras do troféu.

Como quer que seja, e porque as suas duas primeiras vitórias, com José Maria Pedroto, frente ao Benfica e ao Guimarães, começaram relativamente tarde, em relação ao historial a Taça, mais concretamente na temporadas de 74-75 (35.ª edição) e 75-76 (36.ª edição), é importante sublinhar o salto quantitativo e qualitativo que representa a entrada do Boavista nesta galena dos vencedores do troféu. Tanto mais que, como dissemos, estava isolado, com cinco triunfos, quando se chega ao final da temporada de 1999-2000, com mais dois triunfos que o Belenenses.



Uma das curiosidades desta primeira foto é ver-se o avançado do Boavista, Mané, em luta com o então lateral esquerdo do Sporting, Inácio um jogador que já ganhou a Taça de Portugal, ao serviço dos «leões» e do FC Porto e que, no final da temporada de 99-2000, voltou ao Estádio para, como treinador principal do Sporting, tentar vencer o troféu, mais uma vez, e fazer a «dobradinha», exactamente contra a equipa do FC Porto, onde também esteve já como adjunto do técnico principal. Mas os boavisteiros carregaram sempre mais sobre a baliza do Sporting, como se pode ver na segunda foto, cheia de movimento, a provar a luta que os jogadores puseram em campo para que não houvesse mais prolongamento na «finalíssima» e pudessem ir, finalmente, de férias. Uma luta viril, mas correcta, como se pode ver, na cerimónia final da entrega da Taça, em que Artur, «capitão» do Boavista, abraça Manuel Fernandes, também com a camisola «axadrezada», mas «capitão» do Sporting



40.ª final: 1979-1980, Estádio Nacional, 7/6/1980



Benfica: 1

Bento; Bastos Lopes (Reinaldo, 70m), Humberto, Laranjeira e Alberto (Frederico, 9m); Pietra, Carlos Manuel, Toni e Sheu; Nenê e César.

Marcador - César.

Treinador: Mário Wilson.



Porto: 0

Fonseca; Teixeira, Simões, Freitas e Lima Pereira; Rodolfo (Albertino, 46 m), Frasco, Quinito (Bife, 65 m), Sousa e Romeu; Fernando Gomes.

Treinador: José Maria Pedroto.

Árbitro: César Correia (Faro).

A mais pobre das finais dos últimos trinta anos

Nem festa nem futebol

Desde os anos cinquenta que não se via uma final da Taça com tão grande afluência de público, calculando-se que mais de setenta mil pessoas ultrapassaram a lotação normal do Estádio, na grande maioria adeptos benfiquistas, aos quais se juntavam algumas bandeiras verdes, com a representação «azul e branca» em minoria. A esta exuberância do público não correspondeu a qualidade do espectáculo no seu todo, não tendo havido nem futebol, nem emoção e muito menos festa, assistindo-se, ao invés, a uma série de incidentes, nomeadamente a grave lesão sofrida, logo aos nove minutos, pelo benfiquista Alberto, que fracturou a tibia e o peróneo da perna esquerda, num lance aparentemente não intencional com Gomes e Frasco; houve, ainda, um conflito entre Lima Pereira e Carlos Manuel; e a terminar, uma tremenda confusão resultante da invasão do relvado por grande número de assistentes que a Polícia não conseguiu conter, a inviabilizar a tradicional cerimónia da entrega da Taça ao «capitão» Humberto Coelho, que regressou ao balneário quase despojado de roupa.

Este pormenor revelou a evidente incapacidade organizativa da Federação

O mérito da equipa «encamada» foi o de ter aproveitado a única oportunidade de golo, por César

de Futebol perante um acontecimento que se antevia conflituoso - de acordo com a crónica de Fernando Pires, no «DN» - completada por Simões Ilharco, no comentário à equipa do FC Porto, em que afirma: «Somos os primeiros a condenar a guerra fria de Pedroto, as injustas acusações que faz aos árbitros e os seus excessos verbais. Tudo isto cria mal estar no futebol português, provoca uma rivalidade doentia Norte-Sul, alimenta também regionalismos fanáticos, é, sem dúvida, pernicioso e, como tal, desaconselhável. Pedroto precisa, na realidade, de rever a sua forma de estar no futebol».

Para a falta de qualidade futebolística, muito contribuiu a atitude do conjunto portista, ao refugiar-se no seu meio campo, povoado com cinco médios e deixando Fernando Gomes isolado na frente. Da parte do Benfica, o esquema não era melhor, pelo que quase tudo se passou na zona central do rectângulo. No entanto, o mérito da vitória dos «encamados» assenta no simples facto de os seus jogadores terem sabido aproveitar o segundo ensejo de que dispuseram. Aconteceu aos 35 minutos, em jogada individual do brasileiro César, adomada de pormenores técnicos e concluída com um remate à meia volta, que surpreendeu Fonseca.

No resto do tempo, as duas equipas pareciam apostadas em confiar aos designios do acaso uma questão que cabia a cada uma resolver, com os muitos recursos que possuíam, até porque estava em causa um lugar na Taça das Taças, já que o Sporting fora campeão nacional. Em resumo: sem avançados, o êxito é impossível, como escreveu Simões Ilharco, e só na parte final do jogo o FC Porto se aventurou na busca do empate, deixando à vista as fragilidades do sector defensivo do Benfica, onde Bento foi figura de excepção, a par de Carlos Manuel, principal «motor» da equipa e lutador insuperável.

Uma curiosidade: pouco antes de marcar o golo da vitória, o brasileiro César - conhecido entre os companheiros como «olho de boga» - estava prestes a ser substituído. O seu remate certo, valeu-lhe ficar em campo até ao fim.





BENTO AINDA RECORDA
INFORTÚNIO DE ALBERTO

Um dos principais intervenientes nesta final, o guardião «internacional» Manuel Bento, sentiu de forma muito especial o acidente sofrido pelo seu companheiro de equipa, Alberto. E ainda na altura em que este trabalho foi feito, já no ano 2000, não esquece o infortúnio do lateral esquerdo benfiquista - que foi viver para Cabo Verde, depois de ainda ter jogado pelo Belenenses - visto

A invasão do recinto - que impediu Humberto Coelho de receber a Taça - revelou (a par de outros incidentes) a incúria organizativa da FPF

que ele próprio mais tarde, no Mundial do México, em 1986, depois de ter feito parte da equipa que ganhou à Inglaterra, partiu uma perna num treino e foi obrigado a ceder o lugar a Damas, na fase preliminar.

Logo que se verificou a queda de Alberto, perpassou pelo estádio a ideia de uma lesão grave, confirmada pelo alarme estampado no rosto dos jogadores. E Bento recordou: «Pelo aparato do choque, vimos logo que o caso era grave, tanto mais que Alberto contorcia-se com dores. O meu colega abandonou o campo em maca, foi conduzido ao Hospital de S. José e confirmou-se uma fractura oblíqua no terço médio da tíbia e do peróneo da perna esquerda. De seguida foi transferido para o Hospital da

Alberto sai em maca, Lima Pereira e Carlos Manuel trocam «mimos» (em cima), a contristar com a alegria de César e o companheirismo de Frederico e Murça



Cruz Vermelha, onde foi operado. E ainda me lembro de um choque semelhante entre Alberto e Jordão, em representação de outros clubes, em que o último foi vítima de fractura idêntica, tendo estado afastado largos meses, já que nestes casos a recuperação é sempre bastante demorada».

Numa carreira de catorze anos no Benfica (1972-86), Manuel Bento conquistou cinco Taças de Portugal em seis presenças na final. Depois de abandonar a actividade, esteve três anos como treinador de guarda-redes no Benfica e foi técnico do Amora, na época de 1999/2000, ano em que decidiu abrir um bar, junto à praia do Barreiro, passando o futebol para segundo plano.

Manuel Bento lembrava-se ainda do conflito entre Carlos Manuel e Lima Pereira, mas não se apercebeu bem das circunstâncias do mesmo, dada a distância a que se encontrava. No entanto, na versão dos enviados do «DN» aos 56 minutos, Carlos Manuel agrediu o defesa portista, numa simples reposição de bola em jogo, com um soco na vista direita. Gerou-se natural «sururu» e entraram no campo repórteres fotográficos, da televisão e da rádio, pois, de longe, viera a correr Romeu, que deu um pontapé em Carlos Manuel. Mas César Correia nem um «amarelo» mostrou, tal como não puniu Simões que agrediu César a murro, já perto do fim. Enfim, uma arbitragem negativa do juiz «internacional» algarvio.



41.ª final: 1980-1981, Estádio Nacional, 6/6/1981



Benfica: 3

Bento; Veloso, Frederico, Laranjeira e Pietra; Alves (Bastos Lopes, 86m), Shéu e Chalana; Carlos Manuel (Vital, 84m), Nené e César.

Marcador - Nené (3).

Treinador: Lajos Baroti (Hungria).



Porto: 1

Tibi; Gabriel, Simões, Freitas e Lima Pereira (Romeu, 80m); Rodolfo, Teixeira (Sousa, 86m), Jaime I e Jaime II; Walsh e Costa.

Marcador - Veloso, na própria baliza.

Treinador: Hermann Stessl (Áustria).

Árbitro: Alder Dante (Santarém).



Com três golos de Nené

«Motor» de Shéu superou fogachos

O extremo direito internacional Nené entrou para a história dos goleadores da Taça, ao marcar os três golos da sua equipa ao FC Porto, um «hat-trick» que é sempre de destacar e que tinha maior dimensão num jogo entre dois «grandes». E o feito do avançado natural da

À dupla Baroti-Caiado ficou o Benfica a dever a conquista de mais uma Taça

Beira ainda deve ser mais realçado, porque os «encarnados» começaram com algum desnorte, a ponto do primeiro golo do jogo ter pertencido, aos 8 minutos, ao FC Porto, num lance infeliz de Veloso, que introduziu a bola na própria baliza. Sem contar com Humberto Coelho, a defensiva da Luz acusou o toque, mas surgiu em grande outro moçambicano, Shéu, verdadeiro «motor» da equipa «encarnada» e que esteve na origem da reacção dos campeões nacionais. A partir daí, Costa que estava a passar à vontade por Veloso - a acusar a mudança de lateral esquerdo para defesa direito - deixou de causar perigo e o FC Porto passou a viver dos fogachos do avançado-centro Walsh. O que foi manifestamente pouco...

Antes do empate, aos 31 minutos, com Nené a aproveitar um centro de Carlos Manuel, Tibi já se notabilizara numa defesa aos pés de Alves. No golo, teve algumas culpas, porque largou a bola para a frente, mas os centrais também não «estavam lá». Uma certa lentidão inicial no recomeço do jogo, com cuidados defensivos por parte dos portistas, não impediu que Shéu voltasse a «pegar» no jogo

e foi um passe seu, após uma excelente jogada individual, a bola foi entregue a Nené e este colocou o Benfica a vencer. Estavam decorridos 55 minutos e, antes, em estilo de contra-ataque, o FC Porto obrigara Bento a uma intervenção própria da sua experiência, desarmando Jaime I no momento propício. A perder, Stessl mexeu na equipa, fez entrar Sousa, mas Bento mostrava-se seguro e o «miolo» dos benfiquistas não deixava que os portistas se organizassem. E pertenceram a Tibi as maiores dificuldades para parar remates de César e Nené, com este a marcar de novo, aos 85 minutos, no primeiro lance em que Vital tocou na bola, depois de render Carlos Manuel. Já tudo estava mais que resolvido e a saída de Alves foi mais para Bastos Lopes integrar a equipa vencedora do que para defender o resultado.

Os fogachos de Costa, apenas antes de Veloso se encontrar, e de Walsh, ao longo dos noventa minutos de jogo, servem para se entender que, uma vez mais, o FC Porto entrou no Jamor com demasiados cuidados para não perder e não com o pensamento aberto em conquistar o troféu. Para mais, Baroti trocou as voltas a Stessi ao colocar Shéu com funções de médio atacante e o certo é que o médio moçambicano foi o grande «motor» da equipa, com Nené a ser o goleador de serviço. Mas Alves e Chalana também completaram muito bem o sector intermédio e Bento mostrou a segurança que era usual nele e dava tranquilidade aos companheiros. Deve dizer-se que, na baliza oposta, apesar de batido três vezes e de algumas culpas no primeiro golo, Tibi também teve uma boa actuação e foi, a par de Freitas, a excepção de uma linha defensiva que teve algumas falhas inesperadas, se bem que ainda se possa falar da calma de Lima Pereira. Do meio terreno para a frente é que foi o diabo...

Alder Dante
peremptório: falta
contra um FC
Porto demasiado
defensivo e falto

minutos, na tal altura em que Costa «trocou os olhos» ao lateral direito, e ainda a Rodolfo, Chalana, Freitas, Fredenco e Simões. Mas, quando Nené surgiu com a Taça lá no alto da tribuna, ninguém tinha dúvidas sobre o mérito do triunfo da equipa do Benfica e foi possível ver-se, inclusivé, o técnico Baroti a mandar beijos de despedida para a bancada, uma vez que ia abandonar o clube, onde tinha estado como chefe de uma equipa técnica que englobava o adjunto Fernando Caiado e o preparador físico Monge da Silva.

Daí que os «mininhos», no balneário, entre taças de champanhe a comemorar a vitória, o cumulassem de abraços, enquanto Gaspar Ramos afirmava: «estes rapazes são um grupo excepcional», afirmação que se percebia porque estava em vias de ser substituído por Júlio Borges. Do lado portista, a ideia era que tudo tinham feito para cumprir o espectáculo, pelo que estavam de consciência tranquila.



«Hat-trick» de Nené entrou na história da Taça, igualando as proezas de dois outros benfiquistas (Eusébio e Arsénio) e só ultrapassado por Rogério

O ADEUS A BAROTI

A final não terá sido espectacular, em termos de futebol, mas foi bastante emotiva, aqui e além com alguns problemas disciplinares, que Alder Dante sanou, mostrando os adequados cartões amarelos a Veloso, logo aos dois

NENÉ: «FIZ 32 «HAT-TRICKS»
«ESTE TEVE SABOR ESPECIAL»

Nasceu para o futebol a 7 de Fevereiro de 1967, no Ferroviário da Beira, mas só jogou seis meses naquele clube moçambicano, porque, veio logo a seguir para o Benfica, de onde nunca mais saiu. Primeiro como jogador, de grande qualidade técnica, excelente velocidade e até bom marcador de golos, o que não é muito comum num extremo, depois como treinador do futebol juvenil, onde se mantinha no ano 2000.

Acerca dos seus três golos e do feito que sempre representa obter um «hat-trick», Nené fez um ar de quem quer

chamar a atenção que não se tratou de uma proeza única e adiantou, de facto, que «na minha carreira obtive trinta e dois «hat-tricks» e, às vezes, não quer dizer que só tivesse marcado somente três golos. Mas atenção que está tudo contabilizado nos meus papeis lá em casa: os dias, os adversários e os golos que marquei. Mas, de facto, numa final da Taça de Portugal, esta foi a única vez em que obtive três golos e é óbvio que ser o autor de todos os golos que permitiram ao Benfica conquistar o troféu tem outro sabor. Para mais em confronto com outro «grande» do futebol português».

Esta proeza de Nené continua a ser motivo para recordação dos companheiros que participaram neste jogo, como aconteceu com Frederico, que foi viver para o Algarve, mas que, exactamente neste ano de 2000, se ligou à Lusotar, uma empresa de Vilamoura, que procurou criar uma escola para miúdos aprenderem a jogar à bola: «pode ser que volte o bichinho. Por agora, só tenho jogado em encontros de solidariedade ou no Clube Portugal.»



FERNANDO CAIADO: 20 ANOS NO BENFICA

A propósito de mais esta Taça, é justo citar aqui a participação do adjunto de Lajos Baroti, o precioso colaborador Fernando Caiado, figura destacada do futebol português não só como técnico, mas também como praticante de reconhecidos méritos, que esteve ligado ao Benfica um total de vinte anos, nas duas funções. Embora naturalmente preocupado com o estado de saúde de sua mulher, Caiado dispôs-se a rebuscar na memória alguns acontecimentos de uma longa carreira pelos estádios e bastidores do futebol.

Depois de ter estado onze anos no Boavista - onde começou como junior - transferiu-se para o Benfica, tendo

participado como jogador em duas edições da Taça de Portugal: em 1954/55, na vitória final sobre o Sporting; e na derrota frente ao FC Porto, em 1958, em ambos os casos dirigido por Otto Glória. As outras intervenções na final da Taça deram-se em 1962 - então como técnico principal, quando Bela Guttmann, de quem era adjunto, deixou Portugal - com triunfo sobre o Vitória de Setúbal; e em 1976, quando era responsável pelo Vitória de Guimarães e perdeu com o Boavista. Recorda com particular saudade a temporada de 1966/67, quando dirigiu o Sporting de Braga numa campanha de enorme relevância, numa altura em que os «grandes» não passavam incólumes na capital minhota, além de haver orientado a turma bracarense na sua participação na Taça das Taças, uma herança que lhe fora deixada pelo técnico anterior Rui Sim-Sim, ex-jogador do Atlético e que vencera a Taça pelo Braga.

A sua extensa trajectória como treinador transformaram-no no espécie de «globetrotter», com passagens pelo Spor-



A festa nas
cabinas dos «en-
car-
nados», vendo-se
Monge da Silva e
Gaspar Ramos em
primeiro plano e
(à esquerda) Nené
com a Taça

ting, Guimarães, Boavista (por duas vezes), CUF, Académico de Viseu (onde ajudou a manter esta equipa na divisão principal) e Sporting de Espinho. No Benfica, além de Baroti, coadjuvou Otto Glória e deste foi também colaborador directo quando da campanha do Mundial-66; e Guttmann também teve a sua colaboração na conquista das duas Taças dos Campeões Europeus - fica, portanto, directamente associado a dois dos mais notáveis feitos do futebol português de todos os tempos. Já na fase final do seu percurso no futebol, foi convidado para secretário-técnico do Benfica e, por fim, funcionou como «olheiro» do Boavista, após o que, já a rondar os 75 anos, entendeu que de futebol já tinha a sua conta...



42.ª final: 1981-1982, Estádio Nacional, 29/5/1982



Sporting: 4

Meszaros; Ademar, Zézinho, Bastos e Inácio; Marinho (Nogueira, 62m), Virgílio (Menezes, 77m) e Lito; Manuel Fernandes, Oliveira e Jordão.

Marcadores - Oliveira (2), Manuel Fernandes e Jordão.

Treinador: Malcolm Allison (Inglaterra).



Braga: 0

Valter; Artur, Guedes, Dito e João Cardoso; José Carlos (Spencer, 78m), Serra, Vitor Oliveira, (Malheiro, 62m) e Fontes; Chico Faria e Vitor Santos.

Treinador: Quinito.

Árbitro: Raúl Nazaré (Setúbal).

Trio de luxo tardou a aparecer

Allison assinou a «dobradinha»

O sempre discutido técnico inglês, Malcolm Allison, mesmo depois de ter ganho o campeonato nacional, fez alterações na equipa finalista da Taça, que os comentadores não entenderam, ainda que, no final do jogo e depois de tantos - e, em princípio, desnecessários cuidados defensivos para uma equipa que tinha no ataque

Foi com este plantel que o Sporting obteve a sua última dupla vitória até hoje

um trio atacante de luxo, constituído por Manuel Fernandes, Jordão e Oliveira - tudo tenha acabado em beleza para os «leões», que conseguiram a sua última «dobradinha» até ao ano 2000, ano em que Augusto Inácio (que foi titular desta equipa do treinador inglês) - esteve à beira de repetir a proeza, mas acabou por ganhar o Campeonato, após dezoito anos de «jejum», mas falhou a Taça de Portugal, na «finalíssima» com o FC Porto.

Com Eurico suspenso e Carlos Xavier lesionado, o técnico solucionou as duas ausências com a inclusão de Zézinho - que não jogava há meses - a formar a dupla de centrais com Vitorino Bastos, suporte do sector defensivo, recuando Ademar para defesa direito, onde se sentia pouco rotinado, deixando no «banco» Barão e Nogueira,

que tinham sido titulares praticamente toda a época. Além disso, colocou Virgílio como médio ofensivo, forçado a recuar com frequência, no entanto, para cobrir a falta de ritmo de Zézinho. E, para cúmulo, Oliveira e Lito viram-se coagidos a dar apoio ao sector do meio-campo, deixando isolados, nas faixas, Manuel Fernandes e Jordão, sujeitos a uma marcação firme de João Cardoso e Serra.

E assim, aproveitando este ritmo extremamente lento e preocupado dos «leões», durante a primeira hora os bracarense conseguiram equilibrar e só se preocupavam com ou outro contra-ataque, partindo a equipa do Braga para o mesmo tipo de jogo, com Vitor Santos a passar por Ademar com facilidade. E Meszaros foi forçado mesmo a defesa espectacular, a remate intencional de Fontes. A única nota de emoção apareceu aos 37 minutos, quando Jordão conseguiu lançar a bola para a rectaguarda da defesa minhota, onde surgiu Oliveira a marcar, de cabeça, sem oposição.

O Sporting despertou do marasmo, finalmente, com a entrada de Nogueira, que imprimiu ao meio campo um dinamismo que, até ali, não tinha tido. E da sua acção resultou o segundo golo: Nogueira marcou um livre perto da área do Braga, fazendo a bola sobrevoar a defesa contrária e Manuel Fernandes libertou os sportinguistas da tensão sofrida até aí. Iam passados 66 minutos. Tudo se modificou, então, com o Sporting a desenvolver lances ofensivos em velocidade, aparecendo a classe do trio de luxo acima referido. E o resultado passou, naturalmente, para números mais de acordo com a diferença de classe existente entre as duas equipas, com mais dois remates certos de Jordão (71m) e de Oliveira, a bisar, aos 86 minutos. O Braga tudo tentou para conseguir um golo e o objectivo esteve prestes a ser alcançado, num «tiro» fortíssimo de Fontes, mas a bola bateu na barra. Um registo especial para a correcção de todos os jogadores, a permitirem uma arbitragem positiva.

EANES RECUPEROU TRADIÇÃO

A final foi de festa, em especial para os sportinguistas (trinta e cinco mil contra cinco mil bracarense foram os

números fornecidos, a propiciarem uma receita de dez mil contos), muito embora muitos não esquecessem a estranha eliminação do Sporting, na Suíça, com o Neuchatel, ainda que o problema maior tenha sido o empate com esta equipa helvética em Alvalade. Aliás, o próprio Allison, com aquele seu típico sentido de humor, no final do jogo no Jamor, lamentava que o clube não tivesse ganho em todas as frentes em que esteve envolvido.

Um dado especial foi a presença do Presidente da República, general Ramalho Eanes, a recuperar uma tradição, interrompida há vários anos. E que, como é óbvio, foi muito aplaudido.

Allison - ao contrário do que era normal - começou com estranhos cuidados defensivos. Mas o Sporting acabou em beleza. E o inglês acabou por sair...

ALLISON E ROGER SPRY DE ALVALADE PARA O SADO

A presença do britânico Allison, que mais tarde juntou à sua equipa técnica o preparador físico Roger Spry, foi uma lufada de ar no futebol português. Pelos métodos que ambos utilizavam, do ponto de vista profissional (ainda se recordam de Spry pintar a cara dos jogadores, na sua passagem pelo Bonfim?), mas porque o primeiro teve uma relação de especial amizade com Jaime Lopes, que rendeu Sousa Marques no departamento de futebol, e com o dr. Manuel Pinto Coelho, um médico que, mais recentemente, se especializou no combate à droga e fundou uma clínica em

Roger Spry e Malcolm Allison, uma dupla inglesa que fez furor em Alvalade e em Setúbal. Em baixo, Lito tenta passar entre três bracarense



Galamares, perto de Colares e outra cerca de Gondomar. Era sabido que o treinador gostava de um bom charuto e não dispensava o bom peixe, nem vinho do melhor e, por isso, muitas das suas opções eram mal entendidas, no mínimo, pelos adeptos. Na Suíça, com o Neuchatel, teve azar, porque o campo era pequeníssimo e tinha caído um nevão na véspera, o frio era intenso e tudo junto fez com que o Sporting não pudesse render o que estava ao seu alcance, sendo eliminado, precocemente, da Taça UEFA.

Muito embora, depois da Taça, Allison ainda admitisse falar com João Rocha, em Paris, acerca da sua continuidade no Sporting, um pouco de tudo isto terá feito com que o carismático presidente o tivesse dispensado. E Allison apareceu, mais tarde, em Setúbal, para onde foram jogar outros nomes bem conhecidos do Sporting, nomeadamente Jordão e Manuel Fernandes, este último, já com Fernando de Oliveira à frente do Vitória, a ser adjunto do treinador inglês, que haveria de substituir para ser, pela primeira vez, treinador efectivo.





O importante desta imagem é fixar a atenção com que até o árbitro Raúl Nazaré segue a trajetória da bola chutada por António Oliveira, que se consagrou como técnico portista - autor do primeiro tetracampeonato conseguido pelo FC Porto - na altura a jogar no Sporting, equipa que chegou a treinar quando Venglos deixou Alvalade

Jaime Lopes, Allison e João Rocha atentos às inspecções do massagista Manuel Marques, com Carlos Xavier (à esquerda), Ademar, Zézinho e Inácio a aguardarem a sua vez, no antigo departamento clínico do estádio



43.ª final: 1982-1983, Estádio das Antas, 21/8/1983



Benfica: 1

Bento; Pietra, Oliveira, Bastos Lopes e Álvaro; José Luis, Carlos Manuel, Stromberg (Shéu, 85m) e Veloso; Nené e Filipovic (Padinha, 58m).

Marcador - Carlos Manuel.

Treinador: Sven-Goran Eriksson (Suécia).



Porto: 0

Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio (Rodolfo, 43m); Jaime Magalhães (Walsh, 46m), Frasco, Jaime Pacheco e Sousa; Jacques e Gomes.

Treinador: José Maria Pedroto.

Árbitro: Mário Luís (Santarém).

Houve vários incidentes de percurso

Zé Beto facilitou golão de Carlos Manuel

O Benfica conquistou novo triunfo duplo - Campeonato e Taça - no ano marcado pela estreia do treinador sueco e por uma série de incidentes

relacionados com o facto de os campeões não quererem que a final se realizasse no campo do FC Porto, já que a equipa lisboeta fizera um digressão aos Estados Unidos e Canadá e acabara de regressar de Bilbao, onde perdera (1-2), no jogo da primeira «mão» do Torneio Ibérico.

O Estádio das Antas não esgotou a lotação, mas a decepção dos portistas foi total. Embora a equipa de Pedroto tenha feito tudo o que estava ao seu alcance para ultrapassar o golão espectacular marcado, aos 20 minutos, por Carlos Manuel, num remate fortíssimo de fora da área, entrando a bola na baliza com com algumas responsabilidades para o malogrado guarda Zé Beto (vitima, mais tarde, de um acidente mortal de automóvel). O jogo começara cheio de movimento, com os nortenhos a assumirem a iniciativa,

Novo duplo êxito marcou uma boa temporada dos benfiquistas

ao que os benfiquistas respondiam com uma marcação directa, homem a homem, e apurado sentido de antecipação, cortando à partida as acções do adversário. Para contrariar essa tendência, o Porto passou a imprimir maior velocidade aos lances e o jogo entrou numa fase intensa de golpe e contra golpe. Depois do golo, que premiou o sentido do seu autor, verificou-se maior emoção, com os portistas na tentativa desesperada de alcançarem a igualdade. Apareceu a classe do guarda-redes Bento, que se impôs com valentia a tentativas de Sousa e Jacques. O tom dos despiques era ainda mais viril e já na segunda metade, as tentativas de Pedroto para dar a volta ao resultado, com as entradas de Rodolfo e Walsh resultaram infrutíferas e o jogo terminou com lances de perigo para ambas as balizas, mas os remates de Jacques e Padinha não atingiram o alvo.

A correcção no campo foi geral, apenas se registando um pequeno «sururu», quando os portistas pretenderam que Carlos Manuel, lesionado, saísse mais rapidamente do relvado. Apesar de tudo, a arbitragem de Mário Luís foi considerada algo benevolente, quanto a certas cargas...

Recorda-se que Romão Martins, eleito presidente da FPF, teve problemas com os protestos do Benfica para que a final da Taça voltasse a realizar-se nas Antas. De facto, os dirigentes «encarnados» chegaram a apresentar um recurso contra a decisão federativa, o qual acabou por não se concretizar por dificuldades de ordem burocrática.

Chegou a correr o boato de que a turma da Luz se apresentaria nas Antas com uma equipa secundária, mas foi o próprio treinador e muitos jogadores a manifestarem o desejo de jogar no campo do adversário. E, mais tarde, como já afirmámos na altura em que falámos dos tempos do PREC, Romão Martins, já eleito presidente,





Sven-Goran Eriksson - o primeiro treinador sueco em Portugal - teve uma importância indiscutível no salto qualitativo das exibições do conjunto benfiquista

acabou por conseguir alterar o regulamento da prova, aprovado pelas Associações em Assembleia Geral.

A INFLUÊNCIA DE ERIKSSON

No princípio desta temporada, tinha chegado a Lisboa o primeiro treinador sueco para trabalhar no futebol português, antecedido pelo sucesso alcançado no comando do IFK Gotemburgo, que triunfara na Taça das Taças da temporada anterior. Sabia-se que a fama conquistada se baseava numa nova interpretação do jogo, a qual libertava os jogadores para um estilo de futebol claramente ofensivo. Foi indiscutível a sua importância no salto qualitativo das atuações do conjunto benfiquista, com nítida repercussão em muitas das outras equipas portuguesas do primeiro plano; o seu trato afável nas relações com agentes do futebol, incluindo jornalistas, aumentou o seu prestígio e ajudou a formação técnica do seu adjunto Toni.

Nené com a Taça e, em baixo, Eriksson e Toni no «banco»

1980-81, «em que dei a marcar os três golos ao Nené»; sobre Eriksson considera que «ele foi dos melhores treinadores que passou pelo Benfica». Isto, apesar de não ter sido titular, como era usual, apenas tendo entrado, perto do fim, para substituir outro sueco, Stromberg.



A sua personalidade de grande senhor do futebol, marcou duas épocas do Benfica, com dois títulos consecutivos - embora neste final da Taça a bondade dos seus ensinamentos não pudesse ter sido tão visível como habitualmente, porque não era o melhor o estado de espírito que antecedeu e rodeou este «clássico». Saiu para outras paragens, sem o destaque merecido na sua primeira presença no campeonato italiano. Também no regresso a Portugal e ao Benfica não teve o fulgor que dele se esperava e, então voltou a Itália, para afirmar, mais uma vez, a sua capacidade de treinador vitorioso. Assim, na temporada 1999-2000, alcançou o primeiro título da Lazio, aliás com o «auxílio» de Sérgio Conceição e Fernando Couto.

Shéu, que participou em sete finais, com seis triunfos, e continua a ser um «homem da Luz», recorda-se melhor da edição de

44.ª final: 1983-1984, Estádio Nacional, 1/5/1984



Porto: 4

Zé Beto (Barradas, 74m); João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luis; Frasco (Quinito, 46m), António Sousa e Jaime Pacheco; Jaime Magalhães, Fernando Gomes e Vermelhinho.

Marcadores - António Sousa (2), Gomes e Vermelhinho.

Treinadores: José Maria Pedroto/ António Morais.



Rio Ave: 1

Alfredo; Sérgio, Brito, Antero e Duarte; Carvalho, Adérito, Carlos Manuel, Cabumba (N'Habola, 29m); Pires (Pinto, 65m) e Casaca.

Marcador - N'Habola.

Treinador: José Mourinho.

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa).

Com o País mergulhado na dor por Agostinho

A «máquina» portista funcionou bem cedo

João Agostinho estava à morte no Hospital da CUF, em Lisboa, depois do desastre no decurso da Volta ao Algarve, quando um cão o fez cair da bicicleta, na chegada a Quarteira. E o País estava já mergulhado na dor, depois que o prof. dr. Lobo Antunes, o neurocirurgião que operara o maior ciclista português de sempre, afirmara: «Agostinho está muito mal e o seu estado piora a cada momento. Será muito difícil salvá-lo». Foi, pois, num ambiente de grande tristeza para os desportistas portugueses, já a adivinharem o fatal desenlace, que esta final nortenha da Taça de Portugal se realizou e teve um justo vencedor, porque a «máquina» portista funcionou bem e depressa.

O resultado, apesar da boa réplica do conjunto orientado por José Mourinho, expressa a diferença de categoria entre os dois conjuntos, não só do ponto de vista técnico, mas sobretudo físico, já que ambos haviam empatado, 72 horas antes, para o

António Morais e toda a equipa portista festejam a conquista do troféu



campeonato e num campo pequeno como é o de Vila do Conde, ou seja, uma realidade bem diversa daquela de ser finalista da Taça de Portugal. Como se disse, o FC Porto marcou cedo, logo aos 16 minutos, por Sousa, na conversão de um livre, e passados nove minutos, Gomes fez o segundo golo que «arrumou» as esperanças dos vilacondenses.

Com um meio campo muito forte e a jogar solto, porque, do lado contrário, os médios do Rio Ave não cuidaram de fazer a marcação devida ao «miolo» portista, Frasco, Sousa e Jaime Pacheco não tiveram que se preocupar com manobras defensivas e trataram de apoiar o seu ataque com o fulgor do seu génio. E ainda antes do intervalo, aos 37 minutos, Vermelhinho obteve o terceiro golo, aproveitando algumas facilidades concedidas pela defensiva contrária. É justo dizer-se, aliás, que não fora a excelente exibição do guarda-redes Alfredo - se houve algo a apontar-lhe terá sido apenas no livre de Sousa, por ter sido apontado de longe e a bola ter passado por uma nesga da barreira, mas estes lances são muito traiçoeiros, como se sabe - o Rio Ave poderia ter saído do Jamor com uma goleada daquelas que já não se viam, há muito, em finais da Taça.

Na segunda metade, o jogo não teve grandes alterações, ainda que a dignidade com que sempre se bateram os vilacondenses tenha feito com que o FC Porto, com a vitória na mão, baixasse um tanto de ritmo. Mesmo assim, aos 52 minutos, Sousa voltou a marcar e o guarda-redes continuou a mostrar a sua classe para evitar que a derrota fosse mais dilatada. Já mesmo em cima da hora, com Barradas nas redes do FC Porto, mais como um prémio de presença, do que por outra razão (Zé Beto foi quase um espectador, ao longo do tempo que esteve em campo), o Rio Ave alcançou o prémio da sua abnegação e reduziu a diferença, com um golo de N'Habola, a aproveitar-se de uma defesa incompleta do guarda-redes portista.

CAMPEÃO LIMA PEREIRA

«DESCOBERTO» AOS 29 ANOS

Lima Pereira, no ano 2000, fazia parte da dupla técnica do Ermezinde, com outro jogador do FC Porto, o médio



Frasco, que igualmente foi conhecido como um dos bons médios do conjunto do FC Porto. Aliás, já antes tinham estado a trabalhar no Lourosa, de onde saíram para o Desportivo das Aves, que estava em riscos de descer e mantiveram na Honra: «gosto muito de estar ligado profissionalmente ao Frasco e espero que ambos consigamos chegar, um dia, a uma equipa de maior gabarito. Mas, de momento, é bom estarmos a criar as estruturas para o Ermesinde subir à Divisão de Honra.»

Lima Pereira, ao contrário do que é usual, apesar de estar ligado à fase mais importante do FC Porto, apenas começou a jogar na equipa principal do clube das Antas

Gomes acaba de rematar para obter o segundo golo do FC Porto

Agostinho estava à morte no Hospital da CUF quando o FC Porto - justamente - goleou o Rio Ave e venceu a sua quinta Taça de Portugal

com 27 anos: «comecei, como amador, no Varzim e passei depois pelo Rio Ave, antes de ir fazer a tropa. Depois, voltei ao Varzim e tomei-me profissional e foi num encontro com o Benfica (1-1) que o senhor Pedroto - que estava acompanhado do presidente Pinto da Costa - me viu jogar e aconselhou a minha contratação. No dia a seguir, lá estava a assinar o contrato com o FC Porto - campeão enfim, ao cabo de um grande «jejum» de dezoito anos - que constituiu o ponto alto da minha carreira.

A nível da Taça de Portugal, ganhei esta edição ao Rio Ave (com Pedroto e o inditoso António Morais na liderança

da equipa técnica) e também me recordo bem do triunfo sobre o Guimarães, com «mister» Ivic».

Ainda que tenha conhecido êxitos bem mais salientes, a nível da Europa, com a conquista da Taça dos Campeões Europeus e depois da Taça Intercontinental, ambas com Ivic - como referiremos na altura própria - e de ter conquistado cinco Taças Cândido de Oliveira, para Lima Pereira vencer a Taça de Portugal «foi algo muito importante, porque se trata de uma prova a eliminar e que reúne as duas equipas que melhor se comportaram ao longo das várias eliminatórias. O Rio Ave fez um bom jogo, dificultou-nos a vida ao máximo, mas, na verdade, o FC Porto tinha uma excelente equipa, onde todos éramos também grandes amigos. Já com os vimeirense apenas vencemos por um golo, mas o que importava mesmo era conquistar o troféu».

PEDROTO (COM MORAIS) ALCANÇA ÚLTIMO TROFÉU
Esta final fica como o último troféu ganho por José Maria Pedroto, que tinha como adjunto António Morais, sendo que a este pertenceu a orientação da equipa no Estádio Nacional e a ficar na foto com a Taça, uma vez que a doença do técnico principal e o mais carismático de todos os que passaram pelo FC Porto, já estava demasiado doente para poder ir para o «banco».

Mas nem os dirigentes, nem os jogadores se esqueceram de ir a casa do «mestre» para com ele partilharem a vitória frente ao Rio Ave. Morais Treinaria, mais tarde, o Sporting, que levou aos quartos de final da Taça UEFA, para morrer num violento desastre, a caminho das férias, no Algarve.

45.ª final: 1984-1985, Estádio Nacional, 10/6/1985



Benfica: 3

Bento; Pietra, Bastos Lopes, Oliveira e Álvaro; Carlos Manuel (Vando, 73 m), Shéu e Nunes; José Luis, Manniche e Diamantino (Nené).

Marcadores - Manniche (2) e Nunes.

Treinador: Pal Csernai (Hungria).



Porto: 1

José Beto; João Pinto, Eurico, Lima Pereira (Mito, 34m) e Inácio; Quim, Frasco e Vermelhinho; Jaime Magalhães, Gomes (Semedo, 34m) e Futre.

Marcador - Futre.

Treinador: Artur Jorge.

Árbitro: Raúl Nazaré (Setúbal).

Uma surpresa merecida

Jogo muito nublado dos «azuis e brancos»

A surpresa foi geral. Como salientava António Castro, «confundidos não ficaram só jogadores nortenhos, passados que foram os primeiros minutos e se tornou possível advinhar a tendência do despique. A surpresa foi geral, pois ninguém esperava, mesmo os mais fervorosos adeptos da Luz ver um Benfica a arrastar-se penosamente durante a época, evoluir no relvado do Jamor com semelhante desenvoltura e confiança.» Esta síntese que o «Diário de Notícias» fazia da exibição dos benfiquistas, fica ainda mais completada se lembrarmos que Silva Pires escreveu que a exibição do FC Porto foi para esquecer e que, depois de um ano de actuações em que justificou que se gastassem todos os adjectivos, os azuis e brancos claudicaram e não conseguiram ser, «a imagem pálida do campeão contestado, autoritário, que passou sobranceira e classe pelos relvados do País».

As previsões gerais apontavam para o triunfo portista e, mesmo sabendo-se que numa final tudo pode acontecer e que nos jogos chamados

«clássicos», muitas vezes vence a equipa tida com estando em pior forma, ninguém admitia, mais que o desfecho, a forma como as duas equipas se comportaram em campo. Digamos, como Fernando Pires sublinhou, que «o orgulho ferido» do Benfica fez com que o campeão parecesse «uma sombra de si mesmo», mas o certo é que quando aos 15 minutos, a inspiração «encarnada» rendera um golo, por Nunes, a aproveitar um mau posicionamento de Lima Pereira, já a baliza portista estivera em perigo por três vezes, por José Luis, Manniche e Álvaro. E depois de, à meia hora, os lisboetas estarem prestes a alcançar novo golo, com Zé Beto a opor-se com brilhantismo, tudo se complicava para o Porto, já que Gomes deu sinal para o «banco» de não estar em condições. Só que enquanto Semedo se preparava para entrar, aconteceu mesmo o segundo golo, por Manniche, depois de um passe de Diamantino.

A perder por duas bolas, Artur Jorge decidiu modificar, também a estrutura defensiva da sua equipa e fez sair Lima Pereira, por troca com Mito. Curiosamente, até ao intervalo, a alteração não surtiu, porque foi Manniche, de novo, a perder um golo certo. E, no recomeço, Mito cometeu uma grande penalidade sobre Manniche, que o sueco transformou no terceiro golo. Escusado será dizer-se que era a festa nas bancadas do Jamor e que a própria equipa parecia outra daquela que actuou durante toda a época. Aliás, pode dizer-se que, nesta final, foi o único conjunto em campo, como o próprio Artur Jorge reconheceu: «a equipa do Benfica foi superior, em especial no primeiro tempo. E quando uma equipa é superior não devemos arranjar esta ou aquela desculpa para o fracasso».

Um fracasso que o FC Porto conseguiu minimizar com um golo de Futre, ao apontar uma grande penalidade marcada por Raúl Nazaré - com uma arbitragem considerada incerta - que deixou muitas dúvidas aos cronistas, mas

O recorde de 23 taças em 31 finais mostra bem a aptidão do Benfica para ganhar a Taça



nenhumas a Bento ao afirmar que «o "penalty" não existiu». O Benfica da segunda parte foi diferente, talvez evidenciando demasiada confiança por ter chegado tão cedo aos 3-0, mas também não sofreu qualquer dissabor por isso, já que ao genial meio campo do FC Porto, como a super-defesa das Antas e o ataque mais goleador do campeonato não estiveram nunca no Jamor.

PAL CSERNAI-VEIO CÁ SÓ PARA PASSAR FÉRIAS
António Bastos Lopes terminou nesta edição a sua presença numa final da Taça de Portugal. Numa época marcada por um treinador, Pal Csernai, que não conseguiu nunca ter a simpatia das pessoas ligadas ao futebol. A sua explicação é simples: «cada treinador é uma pessoa diferente, com as suas ideias e métodos, além da sua personalidade específica. Ao fim de todo este tempo, creio que é possível dizer que o senhor Pal Csernai veio a Portugal passar férias e não para treinar o



Segundo António Bastos Lopes, o técnico húngaro Pal Csernai, veio passar férias a Portugal: «Quem ganhou a Taça de 84-85 foram os jogadores do Benfica»

Benfica. Por isso, mas isso sempre foi a minha convicção, quem ganhou a Taça de Portugal em 84-85, foram os jogadores e não o técnico húngaro». Em cinco presenças em finais da Taça, António Bastos

Nunes ao colo de Maniche após o golo do suco, com Pal Csernai, sempre com um ar turístico (e antipático) e o abraço dos presidentes da assembleia geral dos dois clubes doutores Martins da Cruz e Sardoieira Pinto

Lopes, só perdeu a primeira, em 74-75, tendo sido suplente, utilizado, para o lugar de João Alves, na temporada de 1980-81. Depois que deixou de jogar, tem estado sempre a trabalhar no departamento do futebol juvenil dos benfiquistas.

Com ele esteve, ainda, na equipa da Luz, seu irmão Alberto, o qual teve um acidente quando já trabalhava no Braga e foi obrigado a sofrer quatro intervenções à vista, em Espanha. Tem feito, no entanto, uma carreira importante em clubes como o Estoril, o Atlético, o Odivelas, o Malveira, o Vilafranquense, em resumo, e parafraseando António Bastos Lopes, «muitas vezes há pessoas que se esquecem da importância de quantos trabalham em clubes mais modestos».



46.ª final: 1985-1986, Estádio Nacional, 27/4/1986



Benfica: 2

Bento; Veloso, Oliveira, Samuel e Álvaro; Nunes (Rui Pedro, 65m), Shéu e Diamantino; Vando, Rui Águas e Manniche (José Luis, 74m).

Marcadores - Nunes e Rui Águas.

Treinador: John Mortimore (Inglaterra)



Belenenses: 0

Jorge Martins; Canito; Murça (Jorge Silva, 62m), Sobrinho, Artur e Alberto; Paulo Monteiro, Kostov e Norton de Matos (Djão, 50m); Jaime e Joel.

Treinador: Henri Depireux (Bélgica).

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa).

Antes da partida para o Mundial do México

Decepção dos «azuis» após vinte e seis anos

Era grande a euforia dos adeptos dos «azuis» por a equipa do Belenenses se apresentar nesta final, 26 anos depois da sua última participação, assinalada ainda com a conquista da Taça (2-1 ao Sporting), sentimento bem visível na sua presença maciça, que ajudou a esgotar a lotação do Jamor. Para os benfiquistas, o acontecimento já entrava na esfera de uma certa rotina - iriam alcançar o 20º triunfo.

Mortimore estava preocupado com a ausência de Carlos Manuel, que garantira a qualificação de Portugal para o Mundial do México, mas, por outro lado, satisfeito porque Shéu, Vando e Samuel recuperaram a tempo das suas mazelas.

Por parte de Depireux, a maior incerteza residia em Norton de Matos, que acabou por alinhar, mas não concluiu o jogo, lesionado em forte colisão com o guarda-redes Bento (sem culpa no lance) pouco depois do intervalo, tendo de recolher ao hospital para ser radiografado ao nariz.

A confirmar os propósitos de protagonismo da equipa do Restelo,

À euforia «azul» em tentar nova vitória, o Benfica respondeu com a conquista do seu vigésimo triunfo

na primeira meia hora pertenceu-lhe a iniciativa do jogo e Jaime, por duas vezes, e Joel estiveram à beira de marcar.

Contido este primeiro rompante do adversário, o Benfica começou a tomar conta da situação e, aos 34 minutos, Nunes obteve um excelente golo de cabeça, na sequência de um canto. Já na segunda parte, com Djão no lugar de Norton de Matos, o Belenenses correu mais riscos à procura do empate, mas a defesa do Benfica, embora com oscilações, suportou o assédio. Veloso realizou uma exibição notável, acorrendo a todas as zonas, sobrando-lhe tempo, ainda, para iniciar ofensivas ameaçadoras para Jorge Martins.

A defensiva «azul», nesta fase do jogo, ficara exposta ao perigo dos contra-ataques contrários, e, globalmente, a equipa foi baixando de rendimento. Alguns dos jogadores perderam inspiração, processando-se os seus movimentos sem a mesma lucidez e ousadia da primeira parte. Bento e Oliveira tiveram, no entanto, de utilizar todos os recursos para anular remates de Artur e Jaime.

Então, o Benfica subiu no terreno, passou a surgir mais vezes junto da baliza dos «azuis» e, como corolário dessa pressão, Rui Águas, depois de cabecear a um poste, repetiu o movimento, aos 69 minutos, e, dessa vez, a bola foi beijar as malhas, a concluir um centro perfeito de Manniche.

Na posição de vencedor, o Benfica tranquilizou-se, tanto mais que o Belenenses se mostrava menos ameaçador. Lástima que, no tempo restante, se registassem alguns confrontos de menor lisura, como uma entrada violenta de Jorge Silva sobre Manniche, que inutilizou o dinamarquês, praticamente para o resto do jogo. Também Joel foi vítima de uma carga duríssima que o atingiu na região dorsal, além de ter ficado a sangrar, sem o árbitro autorizar que lhe fosse prestada assistência dentro do terreno.



Um acontecimento inédito ocorreu antes do jogo: tratou-se do rebentamento de um cano de água, junto à tribuna, que provocou a inundação das bancadas inferiores e obrigou a que, durante largos minutos, os espectadores não se pudessem sentar, para ficarem a salvo da água que corria. Só depois da primeira parte, foi possível pôr cobro ao incidente.

VELOSO QUER ESTRUTURAR O FUTURO DO ATLÉTICO

O lateral direito do Benfica, Veloso, para além de outras presenças de vulto, no plano nacional e internacional, ao serviço do Benfica, que abandonou, como jogador, em

Mortimore estava preocupado com a ausência de Carlos Manuel e que os jogadores se «defendessem» a pensar no Mundial do México. Mas, 26 anos depois, o Belenenses não logrou a desejada vitória

1994-95, esteve ainda como adjunto de Artur Jorge e, depois, seguiu com Mário Wilson para o Alverca, onde lhe prometeram uma porta aberta... se, um dia, rompesse a ligação com o clube da Luz. Isso não se verificou, mas Veloso seguiu o seu caminho, e assumiu funções de técnico principal no Atlético. E disse-nos:

«Foi uma experiência ótima porque a responsabilidade era toda minha e foi possível garantir a subida da equipa alcantarense, no final desta última temporada, à II Divisão B, motivando os associados, que estavam algo traumatizados com a descida, na época anterior (98-99). Agora, há que reestruturar e recriar toda a envolvimento



Nunes marca o primeiro gol dos «encarnados». Em baixo: Bento com Mario Soares e Silva Resende, presidente da FPF

que rodeia o clube para, um dia, poder subir à I Liga, e voltar a viver os momentos de glória que já conheceu no futebol português. Mas não é uma tarefa fácil, nem rápida».

Veloso esteve presente em seis edições da Taça, das quais venceu cinco, e, na qualidade de capitão da equipa, teve a honra de subir à tribuna para receber a Taça de Portugal, experi-la à multidão, e, com os companheiros, passear-se com o troféu no relvado do Estádio Nacional.

Apesar do tempo já passado, Veloso ainda agora não quer lembrar-se daquele pontapé da marca de grande penalidade que falhou na final europeia de Estugarda, contra o PSV Eindhoven, o que permitiu a vitória da equipa holandesa. Era a segunda série de penalties, digamos assim, para facilitar, e não foi por não ser um especialista que Veloso falhou. Aconteceu, infelizmente para ele, e para o Benfica, como tem acontecido a tantos outros. Lembre-se o leitor do Euro 2000...



47.ª final: 1986-1987, Estádio Nacional, 7/6/1987



Benfica: 2

Silvino; Veloso, Dito, Edmundo e Álvaro; Diamantino, Carlos Manuel, Shéu e Nunes (Tueba, 82m); Rui Águas e Chiquinho (Vando, 42m).

Marcador - Diamantino (2).

Treinador: John Mortimore



Sporting: 1

Damas; João Luís, Duílio (Marlon Brandão, 72 m), Venâncio e Virgílio (Mário Jorge, 66 m); Oceano, Mário e Silvino; Meade, Manuel Fernandes e Houtman.

Marcador - Marlon Brandão.

Treinador: Keith Burkinshaw (Inglaterra).

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal).

Uma proeza «record»

Segundo «tri» na Taça e oitava «dobradinha»

Treze anos depois do último confronto directo, Benfica e Sporting apresentaram-se, mais uma vez, no Jamor. E a vitória dos «encarnados» - que já haviam ganhado o Campeonato - propiciou um «record» que viria a perdurar: um novo tri de êxitos na Taça de Portugal e oitava «dobradinha». Mesmo assim, o treinador John Mortimore foi dispensado e afirmava abertamente: «Saio, porque não me querem».

Veloso, Silvino e Rui Águas levam em ombros o técnico inglês, que conduziu a novo triunfo



Presenciada por uma assistência que, mais uma vez, esgotou o Estádio, esta final ficou assinalada com a magistral exibição de Diamantino, enriquecida com a obtenção de dois golos espectaculares: aos 39 minutos, num livre perto da área «leonina», o internacional benfiquista, com um pontapé cheio de efeito, fez a bola sobrevoar a barreira, iludindo Damas, que, eventualmente, esperaria o remate de Carlos Manuel, ao lado da bola, também, na altura da marcação da falta; aos 54 minutos, desviado no flanco direito, escapou à vigilância de Venâncio e Virgílio e, já dentro da área, «fuzilou» o guardião do Sporting, com um remate seco, a meia altura.

Numa análise global, o comentário de António Castro, no «Diário de Notícias», justificava a vitória benfiquista com «superior dose de confiança e, também, certa constância nos movimentos ofensivos, enquanto os sportinguistas se distinguiram por frequentes passes transviados e nítido propósito de explorar o contra-ataque».

A entrada do brasileiro Marlon Brandão, a cerca de quinze minutos do fim, introduziu, no entanto, uma certa dose de «suspense», quanto ao resultado, já que aquele atacante, rapidíssimo nas suas infiltrações pela direita, criou certa instabilidade na defensiva contrária; e, sete minutos depois de ter entrado, aproveitou um passe de Oceano para bater toda a defesa benfiquista e fazer o golo do Sporting, no momento da saída de Silvino.

Instalada a intranquilidade na equipa do Benfica, frente ao «pressing» do Sporting, onde o inconformismo de Mário era notório, o encontro terminou com a amostragem do cartão amarelo a diversos jogadores de ambos os lados, suscitada por alguns despiques menos correctos, na fase final.



A DEMISSÃO DE MORTIMORE E O AUTISMO DE BURKINSHAW

Causou enorme surpresa nos meios do futebol nacional, o afastamento de John Mortimore, que, nos seus dois anos em Portugal, ao serviço do Benfica, conquistara um título de campeão nacional e duas Taças de Portugal, para além de ser um técnico que gozava de simpatias gerais, incluindo da Comunicação Social, e cujos métodos se inscreviam no rigoroso estilo inglês. A argumentação apresentada, na altura, pelo presidente da Direcção do Benfica, João Santos, para justificar a proposta de rescisão amigável - «por conveniência de John Mortimore» - baseou-se alegadamente num clima hostil instalado entre o técnico, sócios e jogadores, o que pareceu contrariar as manifestações de cordialidade que eram publicamente visíveis.

Rescisão entre o Benfica e Mortimore nunca foi muito bem esclarecida, mas o Sporting leva a palma em contratação de técnicos de valor que dispensa pouco depois



Por outro lado, Mortimore limitou-se a declarar: «Quero estar bem comigo mesmo e não podia continuar a trabalhar com pessoas que não queriam trabalhar comigo. Assim, resigno ao lugar de treinador por razões pessoais». Sem iludir o seu desapontamento, Mortimore acrescentou ainda: «Antes de mais, preciso de férias e de arrumar ideias... mas saio com orgulho pelo meu trabalho».

E, na sua digressão aos Estados Unidos e Canadá, para onde partiu no dia seguinte à final, a equipa do Benfica já foi dirigida, provisionamente, por António Oliveira (Toni).

O Sporting, com o dr. Amado de Freitas na presidência, depois do abandono de João Rocha, voltou a escolher um técnico da escola britânica. E surgiu em Alvalade Keith Burkinshaw, que não foi feliz no Campeonato e menos ainda na Taça UEFA (eliminado pelo Barcelona), mas acabou por levar a equipa à final da Taça de Portugal. A derrota com os «encarnados» garantiu a continuidade de Burkinshaw, pela participação «leonina» na Taça das Taças. Tendo como adjunto Fernando Mendes, o treinador inglês

O dr. Fernando Ferreira, Oliveira Duarte, Fernando Mendes e Burkinshaw no «banco» e, no final, do jogo, Mário Soares, com os dois «capitães», na cerimónia da entrega da Taça



mostrou sempre um certo autismo, chegando nas concentrações a sentar-se sozinho, a ler um livro, distante do restante grupo de trabalho.

Nessa temporada de 87/88, além do mais, com aquela teimosia tipicamente britânica, decidiu tirar Damas da baliza e substituir o experiente guardião do Sporting por Rui Correia, ainda um jovem à procura de afirmação. E tal facto permitiu que, depois de uma vitória fácil sobre um «inocente» Tirol, em Alvalade, por 4-0, no jogo da segunda «mão», nos Alpes austríacos, a equipa tirolesa tivesse ganho por 4-2, tendo chegado a reacear-se a eliminação dos «leões». Estava-se em Outubro, o Sporting ainda afastaria o Kelmar, da Suécia, mas seria eliminado pelo Atalanta, já sem Burkinshaw, sendo mais tarde contratado o treinador António Morais, no final da época vítima de um brutal desastre de viação - em que

morreu toda a família - quando seguia de férias para o Algarve.

Ao contrário de outros treinadores da mesma nacionalidade, como Randolph Galloway, Ronnie Allen e Jimmy Hagan, Burkinshaw nunca se adaptou, de facto, a Portugal e ao nosso futebol.

E foi tão-só por isso, pois há que reconhecer que o mau feitio de Burkinshaw nada teve a ver nem com os resultados obtidos nem com a sua dispensa. Para além de outros britânicos, como John Toshack (de quem Pedro Gomes foi adjunto), e até Bobby Robson, mais simpáticos que o próprio Hagan, também outros técnicos de valor, como Venglos (sem falar nos portugueses) tiveram a mesma sorte. E, goste-se ou não do seu perfil, Carlos Queirós, a quem se deve a «revolução» nas estruturas do futebol juvenil que conduziu a dois títulos mundiais e uma série de europeus - com reflexos, a nível de seniores, na carreira da selecção no Europeu - 2000 - não teve tempo, no Sporting, para a renovação desejada e para alcançar resultados de vulto.



48.ª final: 1987-1988, Estádio Nacional, 19/6/1988



Porto: 1

Mlynarczyk; João Pinto, Lima Pereira, Celso e Inácio; Jaime Magalhães, Bandeirinha e Jaime Pacheco; Rui Barros, Sousa (Jorge Plácido, 46m) e André.

Marcador - Jaime Magalhães.

Treinador: Tomislav Ivić (Jugoslávia).



Guimarães: 0

Jesus; Costeado, Bené, Néné e Basílio (Caio Júnior, 85m); N'Dinga, Adão e Nascimento; Carvalho, N'Kama e Tózé II (Décio António, 60m).

Treinador: José Alberto Torres.

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa).

Mais uma final inédita

O preço amargo de um descuido

Com as bancadas do Jamor bem preenchidas de público afecto ao FC Porto, e no habitual ambiente festivo, compareceram para mais uma final inédita duas equipas nortenhas, pela quinta vez, sendo a 15ª presença dos portistas. Numa época em que corria o Europeu

Na sua décima quinta presença, o FC Porto, de Tomislav Ivić, obteve mais um troféu, numa final nortenha

controlava a situação», segundo a versão do jornalista Fernando Pires, nas colunas do «Diário de Notícias». Com efeito, a oito minutos do termo do encontro, e para espanto geral, o FC Porto fez funcionar o marcador, tirando partido de uma desconcentração momentânea do adversário. O Guimarães concluiu mais uma ofensiva, com um remate muito intencional que o guardião portista defendera com extrema dificuldade; alardeando a sua classe e experiência, o «internacional» polaco repôs rapidamente a bola em jogo, com um despacho longo, que Jaime Pacheco aproveitou para lançar Jaime Magalhães no desguarnecido meio-campo contrário. O remate foi imparável.

O primeiro tempo corria monótono e sem rasgos, com enorme concentração de jogadores na zona central, mas a manobra dos minhotos era mais harmoniosa, enquanto os portistas aparentavam alguma fadiga. Na segunda parte, o cariz do jogo manteve-se, mas o espectáculo melhorou globalmente, com movimentações mais soltas e amplas. Ivić, face ao nulo, não escondia a sua intranquilidade. O Guimarães acabou por pagar o preço de um descuido, quando tudo apontava para a hipótese de prolongamento, o mínimo que os minhotos mereciam.

Após o jogo, o treinador Tomislav Ivić deixou claramente expresso o golpe de sorte que favoreceu a sua equipa, ao declarar: «... devo dizer, antes de tudo, que Deus esteve perto de nós. Neste jogo não realizámos o futebol bonito que desejávamos, porque estava muito calor e os jogadores ficaram afectados fisicamente. Mas creio que merecemos ganhar».

IVIC: UM ESTILO PRÓPRIO, COMPLEXO E RENOVADOR
O extenso percurso de Tomislav Ivić, ligado ao futebol desde a infância, ficou repleto de êxitos e de alguns insucessos, como técnico de comprovados méritos e com um currículo de invejável importância, que só começou em plano descendente a partir dos anos noventa.



Natural de Split, capital croata da antiga Jugoslávia, onde nasceu a 30 de Junho de 1933, desde cedo se sentiu atraído pelo fascínio do futebol, jogando no conhecido clube da sua terra natal, o Hajduk, onde revelou excelentes qualidades como praticante. Mas recusou sempre aderir ao profissionalismo, vindo a licenciar-se em Educação Física na Universidade de Zagreb, para entrar, decididamente, nos domínios da pedagogia e da técnica.

A sua primeira passagem por Portugal, nesta temporada de 87-88, ao serviço do FC Porto, assumiu foros de transcendente. Tendo herdado de Artur Jorge a equipa campeã europeia da época anterior, Ivic só não igualou esta proeza do seu antecessor, mas superou-a largamente, com a conquista do título nacional, da Taça de Portugal, da Supertaça Europeia e da Taça Intercontinental. Do seu valiosíssimo «palmarés» constam, ainda, três Taças e três títulos de campeão da Jugoslávia; triunfou também nos campeonatos da Holanda, Turquia e Grécia.

A partir da temporada de 1989-90, as suas estadas no Paris St Germain, Atlético de Madrid e Marselha foram menos conseguidas. Voltou ao nosso País em 1992-93, para dirigir o Benfica, mas não acabou a época e ficaram célebres os conflitos rocambolescos com três futebolistas soviéticos (Iuran, Kulkov e Mostovoi), cujas carreiras prosseguiram noutros clubes, nomeadamente os dois primeiros no FC Porto, e o último até com maior relevo envergando a camisola do Celta de Vigo, ainda em 1999-2000.

Foi muito falada a controvérsia gerada quando pretendeu retirar 30 me-

Uma fase do jogo entre vimeirense e portistas, com Bandeirinha a tentar um remate. Em baixo, Lima Pereira e Ivic confraternizam



tros ao comprimento do rectângulo do Estádio da Luz, com o argumento falacioso de que à profundidade do jogo da equipa faltava precisamente aquela distância. Na temporada seguinte, regressou ao FC Porto, mas também viu o seu contrato anulado, após seis empates e duas derrotas no Campeonato. Pinto da Costa garantiu, segundo o «Diário de Notícias», na altura, «não se tratar de uma chicotada psicológica, mas sim de um acordo para a saída de um treinador que ia ocupar na FIFA um lugar de prestígio». Depois disso, Ivic passou pelo Irão, esporadicamente, como seleccionador; e, ultimamente no Standard de Liège, primeiro como treinador, depois como secretário-técnico, chegando a trabalhar com o internacional português Dimas.

Mantinha, então, as suas funções de conselheiro da FIFA.

Um homem do Futebol, indiscutivelmente. E com um passado de luxo ao serviço do FC Porto. Personalidade caracterizada por várias e desconcertantes facetas, de trato afável nas relações pessoais mas, segundo alguns biógrafos, observando no exercício da sua profissão uma atitude serena e calculista, na busca permanente da perfeição.

No auge da sua carreira, era tido como um renovador pelas novas tendências que tentava imprimir a um estilo virado para a modernidade; no entanto, como personagem de contrastes que era, deparou com alguma incompreensão na cena internacional. Existe, todavia, a noção quase generalizada de tratar-se de alguém que se movia com o maior à vontade nos bastidores do mercado e mantinha oportunos contactos junto dos empresários mais importantes.

49.ª final: 1988-1989, Estádio Nacional, 28/5/1989



Belenenses: 2

Jorge Martins; Teixeira (Carlos Ribeiro, 89m), José António, Sobrinho e José Mário; Juanico, Baidek, Macaé e Adão; Chico Faria e Chiquinho (Saavedra, 67m).

Marcadores - Chico Faria e Juanico.

Treinador: Marinho Peres (Brasil).



Benfica: 1

Silvino; Mozer; Veloso, Ricardo e Fonseca (Vata, 46m); Diamantino, Vitor Paneira e Valdo; Abel, Magnusson e Pacheco.

Marcador - Vata.

Treinador: Toni.

Árbitro: Alder Dante (Santarém).

Emoção até dizer basta

Inteiramente justo o êxito belenense

A conquista da Taça «fugia» ao Belenenses desde 1959-60. É fácil, assim, entender a alegria e a emotividade que se apossou de todos os elementos do clube, com o próprio presidente da Direcção, Mário Rosa Freire, a abraçar o do Benfica, João Santos, no final de um jogo que talvez tivesse tido uma «bolsa de apostas» diferente, não obstante os «azuis» já terem deixado pelo caminho adversários poderosos, como o Sporting e o FC Porto. Por isso, talvez, se entenda melhor a efusiva alegria nos balneários, pese Marinho Peres, surpreendido pela presença da mulher, só ao cabo de algum tempo ter aparecido para elogiar o esforço dos jogadores e, surpreendentemente, anunciar que ainda não decidira se continuaria ou regressaria ao Brasil, «porque as saudades da família [eram] muitas». E, já agora, não tinha nenhum convite de outra equipa portuguesa.

Toni, por seu turno, aproveitou para considerar que o Belenenses merecera a vitória, pelos muitos erros que o Benfica cometeu ao longo dos 90 minutos. Para ele, a primeira parte foi melhor jogada, até porque não teve os incidentes que mancharam, de certa forma, a segunda metade.

Chico Faria marcou aos 27 minutos, depois de ter evitado uma tentativa de obstrução de Mozer, desviando a bola do alcance de Silvino, mas nem esse golo fez com que o Benfica tivesse deixado o ar de sonhador ou de indiferente, como se o ponteiro dos relógios não andassem e o adversário não mostrasse maior organização e melhor pendor atacante.

Certo que, depois do empate, se assistiu a um quarto de hora a criar dúvidas e expectativas quanto à possibilidade de um volte-face dos «encarnados», mas, sob a batuta de José António, o bloco defensivo do Restelo mostrou-se impenetrável. Jorge Martins, por seu lado, dava confiança, com duas ou três boas defesas a remates de Diamantino e Valdo e as tentativas de apoio de Mozer não resultavam frutuosas. A expulsão de Valdo agravou as coisas, mas, curiosamente, foi depois dela que, à meia hora, o Benfica igualou, naquela que terá sido a única jogada com princípio, meio e fim. Foi, então, como dissemos, um quarto de hora de autêntica emoção, com muito boa gente a acreditar já no prolongamento.

José Mário foi expulso, aos 79 minutos, por ter tirado desforço de uma falta cometida por Vitor Paneira. Com as duas equipas reduzidas a dez jogadores, gerou-se alguma confusão e, restabelecida a calma, na transformação de livre, Juanico arrancou um violento petardo e a bola foi beijar as redes do surpreendido guardião do Benfica. Faltavam nove minutos, é óbvio que os «encarnados» reagiram à base do coração, não mais à custa de bom futebol, e os «centrais» do Belenenses, com a ajuda dos restantes jogadores do sector intermédio, construíram uma muralha à frente de Jorge Martins, que nem obngado foi a nenhuma defesa pengosa, porque Magnusson nunca logrou escapar à marcação de que foi alvo. E neste período Juanito tomou «conta do leme» e levou a «nau azul» a bom porto.

«Silvino foi igual a si próprio - escrevia Guido de Carvalho no «DN» - e foi ele quem salvou algumas situações



Desde 1959-60, que a Taça «fugia» aos «azuis». Esta foi a equipa que conseguiu a terceira vitória para natural alegria dos adeptos belenenses

criadas pelos avançados contrários e consentidas por alguns colegas. Veloso esteve oscilante, Mozer e Ricardo igualmente mostraram um certo descontrolo e o próprio Fonseca (que só actuou na primeira parte) esteve algo irregular. Com uma defesa assim - dos médios e atacantes já falámos - era difícil o Benfica ter hipóteses, perante a estratégia de Marinho Peres em colocar três centrais de valor: José António, Sobrinho e Baidek. E nem Abel ou



O Belenenses já deixara pelo caminho o Sporting e o FC Porto, mas a «bolsa de apostas» dava o Benfica como favorito. Mas o certo é que os «encamados» cometeram muitos erros e os «azuis» foram justos vencedores

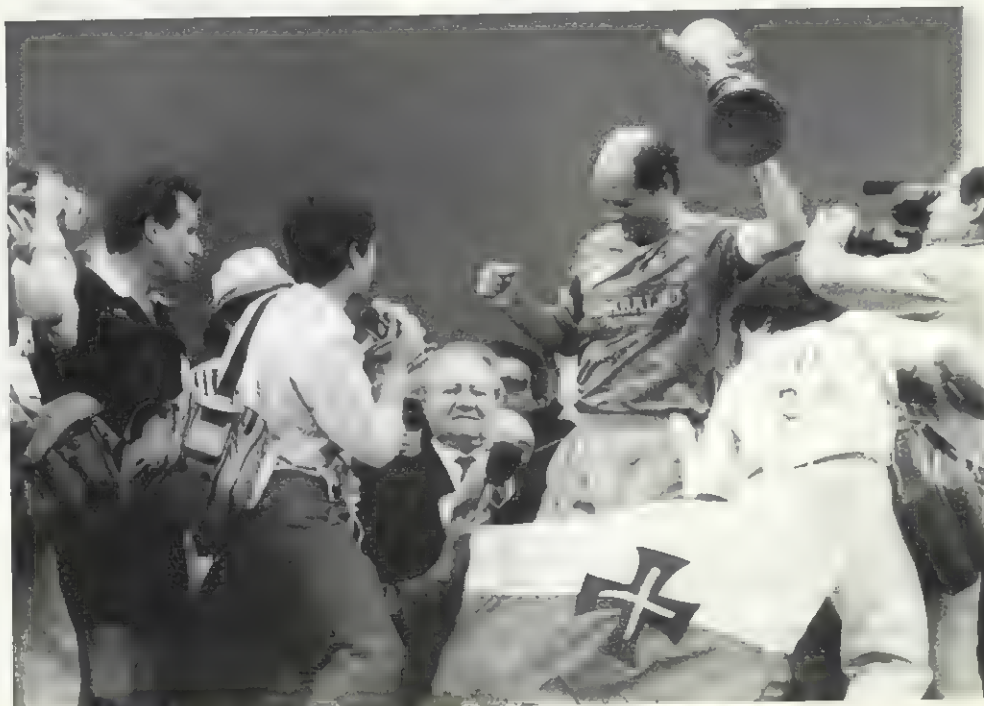
Magnusson tiveram qualquer possibilidades de êxito. Ao invés, no ataque do Belenenses, Chico Faria obteve um belo gol e foi sempre perigoso, tal como Saavedra e o próprio Chiquinho, bom a jogar com e sem bola.»

**JOSÉ ANTÓNIO REVÊ
MARINHO PERES**

José António era o «capitão» da equipa do Belenenses, vencedora da Taça pela terceira vez, dezanove anos depois do triunfo sobre o Sporting (na época de 1960) recorda perfeitamente esta jornada gloriosa para o clube. «Possuíamos uma equipa muito equilibrada e bem preparada fisicamente, pelo que a nossa vitória foi absolutamente merecida. De resto, ultrapassámos anteriormente, no Restelo, dois adversários de categoria; o Sporting (3-1), nos quartos de final, e o FC Porto (1-0), na meia-final».

O antigo defesa central do Belenenses elogiou a contribuição valiosa do treinador brasileiro Marinho Peres para a valorização do conjunto do Restelo, lembrando, também, a sua grande experiên-

Luta acesa a meio campo, vendo-se (em baixo) a alegria de José António após receber a Taça



cia de alto nível como jogador internacional. Além disso, salientou o facto de o Belenenses ter terminado o Campeonato no terceiro lugar, considerando que a conquista da Taça representava o corolário da magnífica campanha conduzida pelo técnico brasileiro.

A propósito, refira-se a circunstância de José António, entretanto nomeado director desportivo do Belenenses, voltar a encontrar-se com Marinho Peres, que regressou ao Restelo cerca de doze anos depois. E sobre a constituição da dupla técnica para a temporada 2000-2001, declarou: «É aliciante voltar a trabalhar com Marinho Peres, um profissional de vastos conhecimentos, capacidade organizativa e excelente leitura

de jogo. É muito estimulante para mim a sua presença, de novo, no Belenenses, cujos adeptos guardam dele as melhores recordações. Além disso, a sua facilidade de relacionamento cria uma ambiente afectivo nos jogadores, incutindo-lhes um espírito ganhador».

No seu percurso em Portugal - depois de ter começado no América em 81-82 - Marinho Peres esteve ao serviço do Vitória de Guimarães, em 86-87, conseguindo o 3.º lugar no Campeonato (a melhor classificação de sempre dos minhotos, que levou aos quartos de final da Taça UEFA) para a seguir orientar, pela primeira vez, o Belenenses. Após um ano no Santos, regressou a Portugal, onde, durante duas temporadas, dirigiu o Sporting (1990-1992, sendo semi-finalista da Taça UEFA na época

de 90-91) e, na temporada seguinte, ingressou novamente no Vitória de Guimarães. Foi para o Botafogo, em 1995-1996, e obteve o seu primeiro título no futebol carioca, substituindo Paulo Autuori.

Como jogador profissional, teve destaque a sua presença na selecção do Brasil, que participou no Campeonato do Mundo, em 1974, na Alemanha Federal.

Os dirigentes do Belenenses saberão das razões por que voltaram a contratar Marinho Peres. Em todo o caso - e o mundo do futebol está cheio de superstições - o facto de Marinho Peres ter sido o último treinador a conquistar um troféu para o Belenenses pode muito bem ter a ver com essa opção. Às vezes, estas coisas até batem certo...

Não se pense que estas são meras opiniões de circunstância. Já naquela altura, Barcínio Pinto, que era o chefe do departamento de futebol, afirmava que «Marinho Peres faz parte já da família do clube». Isto em termos de um pré-acordo de contrato para a temporada imediata, que, como escrevemos, e se sabe, acabou por não se realizar. O técnico brasileiro continuava a invocar as saudades da família, muito embora a mulher tenha vindo a Lisboa, de surpresa, e estado com ele no Jamor. Mas em todas estas situações há um elemento essencial chamado dinheiro. E Marinho acabou por voltar para o Brasil.

Mas não era só o caso de Marinho que preocupava



Os «azuis» festejando a Taça no relvado, enquanto Mário Rosa Freire e João Santos, presidentes dos dois clubes, se abraçam



os dirigentes do Belenenses. E, assim, Barcínio Pinto comentava, também, a possível hipótese de saída do ex-sadino Sobrinho, para um «grande» ou para o estrangeiro, e também do próprio José Mário.

Por seu turno, o presidente do Benfica acedeu ao convite dirigido ao treinador Jesualdo Ferreira por Angola, para ser o seleccionador-treinador responsável da equipa daquele país, durante três meses, com vista à fase de apuramento para o Campeonato do Mundo. O adjunto de Toni, que mais tarde trabalhou como técnico na FPF, contou com alguns futebolistas angolanos que actuavam no campeonato português, como Abel, Saavedra, Jesus e Lufemba.

Triste pela derrota, mas concordando com a justeza do triunfo contrário, João Santos igualmente colocava o dedo na ferida do dinheiro, ao falar das condições que o Marselha teria de cumprir para a cedência de Mozer, adiantando que o jogador só sairia da Luz por uma verba que compensasse a transferência, porque o clube contava com os seus serviços.

O que se pretende salientar, ao cabo e ao resto, é que estes jogos de final de época já então serviam para se falar em vários tipos de «negócios» com vista ao futuro. Por exemplo, na altura dizia-se que o Belenenses pagara mil contos de prémio de vitória a cada jogador e que a final rendera uma receita bruta de 47.500 contos. São números que hoje fazem sorrir. Mas já havia controlo antidoping: Pacheco e Mozer foram os jogadores sorteados pelo lado do Benfica, enquanto Chico Faria e Adão o foram pelo Belenenses.



Estrela da Amadora: 2

Melo; Rui Neves, Duílio, Chico Oliveira e Bamy; Rebelo, Bóbo, Paulo Bento e Nelson Borges (Elias, 77m); Ricardo (Jaime, 86m) e Baroti.

Marcadores - Paulo Bento e Ricardo.

Treinador: João Alves.



Farense: 0

Lemajic; Carlos Pereira (Ricardo, 55m), Sérgio Duarte, Marco e Eugénio; Pereirinha, Ademar e Formosinho (Mané, 46m); Pitico, Fernando Cruz e Nelo.

Treinador: Paco Fortes (Espanha).

Árbitro: Fortunato Azevedo (Braga).

Lição aprendida em oito dias

«Estrelinha» esteve com os mais fortes

Se não tivesse havido «finalíssima», era possível dizer-se que os algarvios tinham sido infelizes, que tinham feito mais pela vitória que o Estrela e que podia ter acontecido o primeiro triunfo de uma equipa da II Divisão na Taça de Portugal. Os algarvios, na verdade, no primeiro jogo, uma semana antes (e que terminou empatado, mesmo após o prolongamento, a uma bola), talvez possam queixar-se de alguma infelicidade, e, não tivesse sido Melo, nos derradeiros minutos do tempo regulamentar, a efectuar uma defesa espantosa, nem a meia hora suplementar teria sido necessária. O Farense marcou primeiro, por Fernando Cruz, para o Estrela empatar, por Nelson Borges, num período em que a turma de Paco Fortes como que temia a reação dos pupilos de João Alves. Na «finalíssima», tudo foi diferente. Sabendo que a sua força física e anímica era diferente, o Farense tentou surpreender o Estrela e, para tal, o treinador espanhol colocou Pitico mais ao lado de Fernando Cruz, na tentativa de surpreender Duílio e colegas. Mas Alves terá contado com este «pressing» inicial e os amadorenses resistiram à pressão algarvia,

A equipa do Estrela que levou o troféu para a sala de taças do clube da Amadora



mesmo sem poder contar com algumas das suas pedras habituais. E com Baroti encostado à linha lateral esquerda, e Paulo Bento ou Oliveira, no lado oposto, abriu a defensiva farense e, logo aos 18 minutos, Lemajic não seguiu um centro de Ricardo e na recarga a bola saiu ao lado. Paulo Bento, entretanto, passou a surgir ainda mais pelo corredor central e, aos 25 minutos, marcou o primeiro golo. Era cedíssimo, mas a sensação com que se ficou no Estádio é que o Farense já tinha perdido a final.

Não houve, por parte dos algarvios, nem a reacção possível, menos ainda surgiu a equipa com garra e o querer ganhar o jogo de uma semana antes. Mesmo assim, como lhe competia, ao intervalo, Paco Fortes fez entrar mais um avançado (Mané) em detrimento de um médio (Formosinho), mas o comando das operações continuou a pertencer ao Estrela. E começaram a suceder-se os lances de perigo junto à área de Lemajic. Perdido por um, perdido por cem, Paco ainda reforçou mais o ataque, com a entrada de Ricardo, tendo saído o defesa Carlos Pereira. Era o tudo por tudo. Só que este convite ao ataque acabou por permitir que o Estrela lograsse um contra-ataque vitorioso, com Lemajic a sofrer um «chapéu» de Ricardo, aos 63 minutos, que pôs de lado, em definitivo, as veleidades de um empate do Farense.

Um triunfo justo, sem qualquer margem para dúvidas, tendo-se evidenciado Baroti, Duílio e Bóbo, nos amadorenses, onde Melo teve uma tarde sem qualquer trabalho; nos algarvios, Pitico terá sido o jogador com uma exibição mais regular, logo seguido de Sérgio Cruz e de Marco, a tentarem, na defesa, prolongar ao máximo o domínio do Estrela. Lemajic esteve uns furos abaixo da exibição rubricada uma semana antes e não terá ficado isento de algumas responsabilidades no golo de Ricardo.

A festa no Estádio teve duas fases distintas, mesmo pelo lado dos vencedores: é que as lágrimas de alegria de

João Alves confundiam-se com as da sua tristeza por ir abandonar o clube que trouxera à I Divisão - e voltaria a subir com ele, depois de ter «caído», após Manuel Fernandes ter falhado na Taça das Taças e Jaime Salvado o ter dispensado, em favor de Jesualdo Ferreira, que não evitou a descida. O «luvas pretas» confessava: «A minha vida desportiva estará sempre ligada à deste clube, onde passei anos ditosos». E destacou as figuras do presidente José Gomes e do dirigente Armando Biscoito, que ficaram ligados à sua contratação.

No jogo da primeira «mão», sob a arbitragem de Manuel Nogueira, alinharam:

ESTRELA DA AMADORA - Melo; Rui Neves, Duílio, Bamy e Caetano; Basaúla, Bobó (Nelson Borges) e Rebelo; Baroti, Paulo Bento e Paulo Jorge (Ricardo).

FARENSE - Lemajic; Carlos Pereira (Ricardo), Marco, Sérgio Duarte e Eugénio; Pereirinha, Pitico e Formosinho (Mané); Ademar, Fernando Cruz e Nelo.

CATALÃO PACO FORTES CADA VEZ MAIS ALGARVIO

Foi jogador do Barcelona, mas estava «muito contente com a primeira vitória do Desportivo da Corunha, porque é o clube da minha terra». Está em Portugal há 17 anos, tendo ingressado no Farense, como jogador, e continuando no clube da capital algarvia como treinador. Optou por ficar, e continuar no Algarve, justificando: «Deve ser difícil sair nesta altura, porque gosto muito da minha família e tenho as três filhas a estudar, numa idade em que mudar de



A estreia dos amadorenses e dos algarvios numa final foi uma festa que deu um colorido diferente ao Estádio.

Se tudo tivesse que resolver-se num só jogo... Com o Estrela a conseguir o direito à «finalíssima», a equipa de Alves mereceu ganhar à de Paco Fortes

As duas equipas alinhadas frente à tribuna e um lance de ataque dos algarvios

País iria prejudicá-las. Por outro lado, tanto eu como todos os meus familiares fomos recebidos e temos sido tratados como se fôssemos portugueses e, por isso, apesar de ter tido alguns convites de clubes da I Divisão espanhola, muito dificilmente deixarei o Algarve».

Passando ao futebol, e ao seu actual clube, Paco Fortes declarou: «Esta última temporada no Imortal de Albufeira foi muito dura, só eu sei o que sofri, para manter a equipa sem baixar de divisão. Agora, há que estudar os projectos futuros».

O Farense, quanto a nós, ao chegar à final da Taça, conseguiu um «milagre»: o de acabar com certos regionalismos doentes. E gente de todo o Algarve esteve em peso no Estádio Nacional a apoiar a equipa. «É completamente verdade isso» - reconheceu Paco Fortes. «Foi o primeiro ano em que acabaram certas «guemnhas» entre clubes, como o Olhanense, o Farense, o Louletano, com cerca de 25 mil adeptos a apoiarem a equipa no Estádio Nacional. Foi uma pena não termos ganho, porque tivemos todas as hipóteses para alcançar a vitória. Mas a sorte não estava connosco. Depois, no segundo jogo, era





sabido que o Estrela - porque tinha outro traquejo, superior ao nosso, já que estava na I Divisão - era favorito. Lutámos o que nos foi possível, mas dois jogos consecutivos, e um deles com prolongamento, era demais para o Farense daquela fase. Mas ainda muita gente se me dirige a recordar a única presença de um clube do Algarve na final da Taça».

Paco Fortes, que estava a fazer um joguinho particular em Albufeira, a favor das vítimas das cheias de Moçambique, quando conversámos com ele, e foi muito aplaudido pelos simpatizantes do clube de Fernando Barata, o ex-presidente do Farense que o trouxe para Portugal e para o clube da capital algarvia, acrescentou ainda sobre a final com o Estrela da Amadora: «Muitos adeptos do Farense, como é normal, estavam convictos de que teríamos alguma hipótese no segundo jogo. Mas eu não tinha dúvidas, embora, naturalmente, não pudesse traduzir esse sentimento nem aos jogadores, nem aos sócios. A sorte não esteve connosco no primeiro jogo. Foi tudo».

DÚLIO FOI A FÁTIMA CUMPRIR PROMESSA

Duílio, «capitão» do Estrela da Amadora, que já jogara no Sporting e havia de continuar no Estrela com Manuel Fernandes, na Taça das Taças e no Campeonato, recebeu a Taça das mãos do primeiro ministro Cavaco Silva, e declarou aos jornalistas que iria a Fátima cumprir a promessa de oferecer a camisola a Nossa Senhora. Recorde-se que o antigo jogador brasileiro era dos mais supersticiosos da equipa.

O professor Cavaco Silva entrega o troféu a Duílio; o Farense, de Paco Fortes, eliminou o Belenenses, nas meias-finais

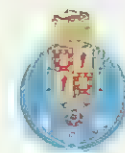


Quanto a prémio, os algarvios, embora não tenham conquistado a Taça, tiveram direito a uma verba considerável para uma equipa que militava na II Divisão. A partir do momento em que a equipa eliminou o Belenenses, nas meias finais, os dirigentes aumentaram o valor dos prémios aos jogadores. Com a agravante, passe o termo, de a final ter exigido dois jogos e a recompensa, assim, ser mais apetecível.

Também por isto, a pena de Paco Fortes em não ter logrado vencer o primeiro jogo, numa jornada em que só faltou aos algarvios a apoteose final, já que foi sua a maior contribuição para a grande festa no Estádio Nacional, pelo número de adeptos e simpatizantes que se deslocaram do Algarve.

Ainda como curiosidade, refira-se que, nesta altura, presidia ao Farense António Boronha, actual vice-presidente da FPF e responsável pela selecção no Euro 2000, enquanto Álvaro Braga Júnior era o Relações Públicas do clube. Este último começou por ser jornalista e depois de ter estado, com Luís César, no departamento de futebol do FC Porto, passou a Relações Públicas no Boavista. Foi do Farense que se transferiria, mais tarde, para o Sporting, antes de ingressar na Liga de Clubes, que abandonou neste final do século para desempenhar funções no Benfica.

51.ª final: 1990-1991, Estádio Nacional, 2/6/1991



Porto: 3

Vítor Baía; João Pinto, Fernando Couto, Aloísio e Paulo Pereira; André, Jaime Magalhães, Semedo e Lubomir VLK (Abílio Novais, 91m); Jorge Couto (Kostadinov 73m) e Domingos.

Marcadores - Domingos, Kostadinov e Jaime Magalhães.

Treinador: Artur Jorge.



Beira Mar: 1

Helder Catalão; José Ribeiro, João Redondo, António Oliveira e Petrov; China, Jorge Silvério, Mitó (Jarbas, 77m) e António Sousa (Penteado (100 m); Dino e Abdel Ghany.

Marcador - Abdel Ghany.

Treinador: Vítor Urbano.

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa).

Com o primeiro egípcio em Portugal

Aveirenses só caíram no prolongamento

Um dos intervenientes nesta edição era o estreante Beira Mar, circunstância que provocou enorme euforia em Aveiro, tendo alguns milhares de adeptos viajado até Lisboa em sessenta autocarros, dois comboios especiais e cerca de duzentos e cinquenta automóveis. Mas a equipa de Vítor Urbano não foi feliz nesta estreia, embora, mais tarde, como se verá, tivesse conquistado o troféu; mesmo assim, apenas cairia no prolongamento, por evidente cansaço, ao fim de duas horas de jogo. Os portistas conquistaram, assim, o seu sétimo troféu em dezasseis presenças, com um triunfo muito discutido por um adversário cheio de ambição e que chegou a pôr em causa o natural favoritismo dos portistas.

Quando Domingos bateu Helder, logo aos cinco minutos, na sequência de uma descida de João Pinto, pela direita, entre a assistência ficou a sensação de que a vitória já não

fugiria à equipa das Antas. Mas o conjunto da «Veneza de Portugal» pensava de maneira diferente e, embora Jaime Magalhães e Semedo tivessem intervenções ameaçadoras para a sua baliza, o Beira Mar igualou à meia hora, quando China marcou um livre e o ressalto da bola na barreira portista foi aproveitado para um «tiro» certeiro de Abdel Ghany, o primeiro egípcio de que há memória na primeira divisão do campeonato português. Só quase dez anos mais tarde viria, para o Benfica, o seu compatriota Sabry.

A situação equilibrou-se e uma troca das defesas laterais produzida por Vítor Urbano permitiu maior segurança defensiva ao Beira Mar e a conquista do meio campo, onde Sousa começou a dirigir frequentes acções atacantes, enquanto do lado oposto, Semedo e VLK iam caindo numa certa vulgaridade. A entrada de Kostadinov repôs um certo equilíbrio, mas a situação não se modificou até ao final dos noventa minutos. No início do prolongamento, o internacional búlgaro teve artes de se escapar pela esquerda e colocar o FC Porto a vencer.

Então, os aveirenses já dominados pela fadiga, começaram, finalmente, a perder fulgor e ainda com vinte minutos ainda por jogar, Abílio atirou a bola sobre o lado direito onde Jaime Magalhães a recolheu e rematou de pronto, sem defesa para o guardião contrário. Quatro minutos foram suficientes para resolver a questão a favor da equipa mais cotada, na qual a inspiração de dois substitutos - Kostadinov e Abílio - foi decisiva para o desfecho. A arbitragem foi francamente positiva e Vítor Correia só por duas vezes teve de usar o cartão amarelo para sancionar entradas menos correctas.

JOÃO PINTO CONTRA A LEI BOSMAN

Lateral direito e capitão do FC Porto, após Fernando Gomes, a raça de João Pinto ficou bem conhecida de quantos o viram jogar, no seu clube e na selecção. Além de treinador do departamento de futebol juvenil da colectividade «azul e branca», é proprietário de uma bomba de gasolina em Vila Nova de Gaia, num terreno que lhe

O «onze» do FC Porto, que conquistou mais um êxito para o clube



pertence, mais uma prova de como o futebol lhe serviu para acautelar o futuro.

Em relação ao facto de o FC Porto ter começado a impôr-se nos últimos anos no futebol nacional, João Pinto considerou que «isso ficou a dever-se ao 25 de Abril, porque antes, mal atravessava a ponte D. Luís, a nossa equipa era muito aplaudida e bem tratada, mas a verdade é que, depois, perdíamos, como me aconteceu, uma vez, com o Amora, e logo por 3-0. Mas claro que toda a projecção que tivemos na década de oitenta e cujo ponto mais alto foi a conquista do título europeu, em Viena de Áustria, em 1987, não aconteceu por acaso, nem de um dia para o outro. O FC Porto tinha, na verdade, um lote de excelentes jogadores, que lutavam pela conquista de campeonatos e taças através do seu valor indiscutível, passando o clube a ter um



Antes do 25 de Abril - afirmou João Pinto - mal a equipa do FC Porto atravessava a ponte

D. Luís, para ir jogar ao sul, apesar de ser bem recebida e aplaudida, já entrava a perder

cunho nacional que era inviável anteriormente.»

João Pinto completou no ano 2000 o seu terceiro ano como treinador do departamento de futebol juvenil «cuja finalidade é conseguir formar jogadores que, um dia, possam fazer parte da equipa principal». A este propósito e

A preocupação do banco contrasta, depois, com a expressão de João Pinto ao exibir o troféu

recordando exactamente a final com o Beira Mar, lembrou que nada menos do que oito titulares eram ex-júniors portistas e que, neste momento, a equipa «B» do FC Porto é constituída por elementos que foram feitos nos júniores».

Reconhece, não obstante, que «a Lei Bosman veio complicar o trabalho de formação das escolas de jogadores, mesmo nos «grandes», porque talvez agora seja mais fácil adquirir jogadores no estrangeiro, mas acho que é uma situação que terá de se alterar, mais tarde ou mais cedo, apostando cada vez mais nos jovens formados dentro do clube, porque cada vez mais um craque custa balúrdios. E é quase chocante ver equipas da terceira divisão espanhola, em risco de descida, virem contratar jogadores a Portugal por preços que os nossos principais clubes não podem pagar-lhes.»

Com a sua experiência, João Pinto pôs o dedo na ferida de um dos mais preocupantes problemas do futebol português, com uma frontalidade que se aplaude. Tanto mais que ele é responsável, no seu clube, por um conjunto de jovens futebolistas de amanhã.



52.ª final: 1991-1992, Estádio Nacional, 24/5/1992



Boavista: 2

Alfredo; Paulo Sousa, Pedro Barny, Samuel e Fernando Mendes; Casaca, Bóbó e Tavares; Marlon Brandão (Nogueira), João Vieira Pinto (Nelo) e Ricky.

Marcadores - Marlon Brandão e Ricky.

Treinador: Manuel José.



Porto: 1

Vitor Baía; João Pinto, Fernando Couto, Aloísio e Paulo Pereira (VLK, 66m); Jaime Magalhães, Rui Filipe e André (Semedo); Kostadinov, Domingos e Timofte.

Marcador - Jaime Magalhães.

Treinador: Carlos Alberto Silva.

Árbitro: Veiga Trigo (Beja)

Quarta vitória em quatro finais

Um pandemónio... feito de alegria

«Valentim Loureiro há muito não parava na cadeira. Ao dar o terceiro salto, a Taça cantava para o Boavistão. Era a ida à Taça das Taças de pleno direito, era o pandemónio de quase todos os «panteras negras» - como dizia Carvalho Santos no «Diário de Notícias», ao referir o ambiente de alegria natural de quem acabava de ganhar o quarto troféu em outras tantas presenças em finais. Para Manuel José, «os automatismos» tinham funcionado e a equipa que começara a jogar em 4x3x3 acabou em 5x3x2, sempre a dar espectáculo.

O FC Porto, que se sagrara campeão nacional, com todo o mérito, não teve arte, nem engenho para se opor aos boavisteiros que, aos 33 minutos, já estavam a ganhar, com um gol de Marlon Brandão, o qual terá sido a primeira «arma» a dar água pela barba ao meio campo e à defesa portista, demasiado preocupados em marcar Ricky e deixando à solta o antigo «leão». E se é certo que os jogadores foram de um

Os capitães com a equipa de arbitragem e, em baixo, os boavisteiros vencedores



empenho inexcedível, importa dizer que Manuel José conseguiu recuperar uma série deles e fazer uma equipa de muito gabarito, onde Alfredo, Casaca, Fernando Mendes, Samuel, João Vieira Pinto e Paulo Sousa eram já elementos que dava gosto ver jogar.

No FC Porto, a experiência de João Pinto servia bem para justificar o ditado de quanto mais velho é o vinho melhor ele é, com a alegria e força de um júnior, de longe o melhor de um conjunto onde Kostadinov e Timofte tudo tentaram para conseguir melhor do que conseguiram, enquanto Domingos ainda não fazia esquecer Fernando Gomes.

No meio campo, o infortunado Rui Filipe - que o FC Porto todos os anos evoca junto à campa onde repousam os seus restos mortais - e André bem se esforçaram por quebrar o ímpeto dos «axadrezados», em especial na segunda metade, tentando a velocidade de Jaime Magalhães, que haveria de alcançar o empate, aos 52 minutos, depois de ter obrigado Alfredo a mais trabalho.





Parecia reacender-se a chama do FC Porto, só que, três minutos volvidos, o nigeriano Ricky silenciaria as hostes portistas ao marcar o último golo da época, após uma série de descuidos da defensiva contrária, com Vitor Baía a confessar não saber se tivera culpa nos golos; mas o «DN» apontava antes alguma displicência a Fernando Couto e a Paulo Pereira e o técnico Carlos Alberto Silva, lacónico, confirmava a «superioridade do conjunto do Bessa».

As claques, irmanadas num sentimento nortenho, até porque os dois clubes dividiram Campeonato e Taça (o Boavista afastando o Benfica na meia final, o FC Porto afastando o Sporting logo nos quartos de final) não fizeram grandes ondas, digamos que terá havido uma certa solidariedade regionalista, aqui e ali com alguma piada mais soez, mas sem problemas de maior. À parte os habituais epítetos contra o árbitro, digamos que, face à quase esmagadora superioridade «axadrezada», tudo acabou em bem.

RUI CASACA EXULTOU AO VENCER O FC PORTO
Rui Casaca entrou para o Boavista como jogador em 1984, e notabilizou-se, ao longo de onze anos de carreira, por uma correcção exemplar que justificou o Prémio «Fair Play», instituído por uma companhia de



Valentim Loureiro triunfalista, **João Rodrigues** e **Mário Soares;** **Manuel José** (em baixo), já a «passear» a Taça

Os «automatismos» criados por Manuel José funcionaram e os portistas - preocupados em marcar o nigeriano Ricky - deixaram à solta o «ex-leão» Marlon Brandão. Afinal... ambos marcaram

seguros e patrocinado pelo diário desportivo «Record». Em relação às várias finais de Taça em que participou, «esta que ganhámos ao FC Porto foi a que mais me marcou, porque eu era o capitão da equipa e tive a honra de receber o troféu entregue pelo Presidente da República, Mário Soares. A nível internacional, fomos eliminados da Taça das Taças somente nos quartos-de-final, pelo Inter de Milão; a nível nacional, além do FC Porto, derrotámos o Benfica, na meia-final. Culminando, assim, um ano muito importante para o nosso clube».

Terminada a carreira como jogador, Casaca foi treinador-adjunto de Manuel José e João Alves, no Boavista; e treinador principal da sua antiga equipa até à chegada de Mário Reis, técnico que ajudou a conquistar a Taça de 1996/97, com vitória sobre o Benfica, na final. Apesar desta ligação profunda ao clube do Bessa, Rui Casaca sempre viveu em Braga e tencionava abandonar o futebol para se dedicar aos vários negócios que entretanto montara e dirigia na capital do Minho. Só que, nessa altura, os dirigentes do Sporting local, ao saberem que a sua vida se fixara naquela cidade, convidaram-no para director desportivo do clube (sem função específica no futebol), ao mesmo tempo que mantinha a sua actividade comercial.

INTEGRAÇÃO NA LIGA E JUSKOWIACK «LEÃO»

Aproveitando a presença de dirigentes associativos para assistirem à final da Taça, Valentim Loureiro marcou uma reunião, em Lisboa, para discutir a integração da Liga no seio da Federação, passando a dirigir, no futuro, o futebol profissional, facto que mereceu a aprovação dos representantes das dez associações presentes. Entretanto, afastado da Taça, o Sporting contratou, nesse mesmo dia, o avançado centro polaco Juskowiak, tido como goleador no Lech Poznan, e que ainda jogou na selecção do seu país nos Jogos Olímpicos de Barcelona. A contratação, por quatro anos, mereceu a aprovação de Robson. Juskowiak havia de jogar a final da Taça dois anos depois. Curiosamente já contra o seu antigo técnico, pois Robson já estava no FC Porto.



53.ª final: 1992-1993, Estádio Nacional, 10/6/1993



Benfica: 5

Neno; Veloso, Mozer, William e Schwarz; Vitor Paneira (Helder, 77m); Paulo Sousa, Rui Costa (Isaias, 77m) e João Pinto; Rui Águas e Paulo Futre.

Marcadores - Vitor Paneira, João Pinto, Futre (2) e Rui Águas.

Treinador: António Oliveira (Toni).



Boavista: 2

Lemajic; Rui Bento, Nogueira e Garrido; Caetano (Nelson Bertolazzi, 70m), Bobó e Paulo Sousa (Ricky, 46m); Tavares e Rui Casaca; Artur e Marlon Brandão.

Marcadores - Marlon Brandão e Tavares.

Treinador: Manuel José.

Árbitro: Veiga Trigo (Beja).

Primeira derrota da turma de xadrez

A indiscutível classe de jovens talentosos

Já entrou nos domínios do lugar-comum dizer que a final da Taça é a festa do Jamor, pois foram raras as jornadas em que não se cumpriu essa tradição. Desta vez, quando passava o 49.º aniversário da inauguração do Estádio a uma quinta-feira, feriado do então chamado Dia da Raça repetiu-se o cenário festivo, enriquecido com a

Os «encarnados» estavam prevenidos e não deixaram que o Boavista repetisse a vitória anterior



participação de cerca de cinco mil adeptos do clube nortenho, estimulados pela circunstância de o Boavista já ser considerado um «especialista» desta competição, com reconhecimento geral não só da qualidade do seu jogo, mas também pelo facto relevante de registar quatro vitórias em outras tantas presenças, em reduzido espaço de tempo. Manuel José já conduziu o Boavista ao triunfo na época anterior, mas não pôde conquistar o quinto troféu porque lhe surgiu pela frente um adversário poderoso e em dia inspirado, que dificilmente consentiria veleidades a qualquer pretendente.

Do embate entre dois conjuntos de tantas virtudes resultou um espectáculo dos mais agradáveis, com as equipas a mostrarem dis-

positivos diferentes, de acordo com a filosofia dos seus técnicos e com os valores de que dispunham. Os nortenhos preferiram um esquema no qual a prioridade era a protecção da sua baliza, criando os obstáculos possíveis à invasão do seu território, tarefa na qual assumiam papel importantes homens robustos e destemidos como Paulo Sousa, Bobó, Tavares e Casaca, deixando à dupla brasileira formada por Artur e Marlon, velozes e rematadores, as incumbências ofensivas. Toni assentou a sua estratégia no poder do quarteto defensivo, confiando a construção do resultado aos restantes, pois pontificavam no meio-campo jovens de enorme talento



mais tarde exuberantemente confirmado, pois tratava-se «simplesmente» de Vítor Paneira, Paulo Sousa, Rui Costa e João Vieira Pinto; na frente, para maior eficácia do esquema estavam Rui Águas e Paulo Futre, este em tarde magnífica a recordar gloriosos tempos ainda recentes, com a particularidade de marcar dois golos, o que nele já vinha sendo pouco frequente.

Foi tal a eficiência da proposta atacante apresentada pelos benfiquistas que foram necessárias algumas fragilidades da sua retaguarda para que o Boavista obtivesse os seus golos: no primeiro, em cima do intervalo, Mozer «facilitou» a entrada de Marlon para um remate imparável; no segundo, houve desconcentração de todo o sector, permitindo que Tavares surgisse isolado diante de Neno. Para agravar, William ainda falhou na marcação de um «penalty». Cabe aqui uma referência muito elogiosa ao internacional sueco Schwarz, que teve artes de serenar os seus companheiros nos raros momentos de alguma intranquilidade, quando o adversário se aproximou no marcador, isto é, no começo da segunda parte com o marcador em 2-1 e 3-2.

A força e o talento do meio-campo benfiquista, aliados à capacidade rematadora de Águas e Futre, tornaram inoperantes as indiscutíveis virtudes da equipa do Boavista

PAULO FUTRE VAI CONSTRUIR CENTRO COMERCIAL NO MONTIJO

Paulo Futre, mesmo enquanto jogador de futebol, depois de ter jogado nos três «grandes» de Portugal e, principalmente,

Lance entre Bobó e Paulo Sousa; em baixo, a compreensível alegria de Futre e Rui Costa ao dirigirem-se para os balneários, depois de terminado o jogo



quando actuava no Atlético de Madrid, cuidou, com o irmão Artur como principal conselheiro, de dedicar-se a diversos negócios. Terminada a sua longa e acidentada carreira de futebolista, devido a lesões graves que o impediram de ir ainda mais longe, o antigo extremo esquerdo internacional tomou-se empresário de várias firmas de construção no Montijo e possui, entre outros empreendimentos, um restaurante e já solicitara autorização para edificar um moderno centro comercial também na terra onde nasceu.

Considerou-se orgulhoso por ter encerrado a sua carreira no Futebol Português com dois golos ao serviço do Benfica: «Marcar dois golos na final da Taça nos escassos meses que estive no Benfica foi uma alegria muito grande, tal como senti enorme

tristeza quando soube do que se passara com Gil y Gil que, além de presidente do Atlético madrileno, era também meu amigo pessoal. Tinha a certeza, porém, de que nada lhe iria acontecer, como efectivamente sucedeu. Infelizmente, voltei a ficar muito triste com a descida dos «colchoneros» à II Divisão, um daqueles fenómenos inexplicáveis do futebol. No entanto, para mim, como futebolista e português, os momentos mais altos continuarão a ser a conquista da Taça dos Campeões Europeus com o FC Porto e a Taça de Portugal com o Benfica».

Ainda a propósito da ida de Paulo Futre para Madrid, onde viveu durante uns anos, lembramos que com ele seguiu o massagista Helder Martins, que também exerceu a sua actividade no clube de Manzanares, mas mais tarde deixou o futebol e montou uma das mais sofisticadas clínicas na capital espanhola.

54.ª final: 1993-1994, Estádio Nacional, 10/6/1994



Porto: 2

Vítor Baía; João Pinto, Fernando Couto, Aloísio e Rui Jorge; Secretário, Paulinho Santos, Anídré (Vinha) e Timofte (Rui Filipe); Drulovic e Folha.

Marcadores - Rui Jorge e Aloísio.

Treinador: Bobby Robson (Inglaterra).



Sporting: 1

Lemajic; Nelson, Peixe, Vujacic (Carlos Jorge) e Paulo Torres (Marinho); Poejo, Luís Figo, Capucho, Paulo Sousa e Pacheco; Jorge Cadete.

Marcador - Vujacic.

Treinador: Carlos Queirós.

Árbitro: José Pratas (Évora).

Erro estratégico de Sousa Cintra

E Pinto da Costa não perdoou

Foi a segunda vez que Sporting e FC Porto tiveram de recorrer a uma «finalíssima» e, desta feita, os portistas saíram vencedores, num jogo em que os leões tiveram a infelicidade de ficar reduzidos a dez jogadores, devido à expulsão de Pacheco, numa decisão muito contestada de José Pratas (terá sido Fernando Couto a pisar primeiro o médio «leonino»)

que, logo a seguir, não puniu uma agressão de Paulinho Santos a Paulo Sousa. O encontro ficou marcado, muito antes de se saber que poderia ser a final da Taça deste ano, por uma série de acontecimentos, em que, se é lícito dizer-se assim, Pinto da Costa aproveitou da melhor forma uma série de erros estratégicos de Sousa Cintra e seus pares, como adiante se explica. De uma maneira geral, este segundo jogo foi melhor do que o anterior, ganhando particular emoção, a dez minutos do intervalo, num remate - surpresa de Rui Jorge, a conseguir o primeiro golo, e a propiciar o início de uma fase em que o FC Porto surgiu mais embalado no ataque. No recomeço, Jorge Cadete perdeu o empate, para logo após, Timofte ter pedido a hipótese de fazer

o segundo golo portista, de uma forma particularmente incrível, já que estava isolado à frente de Lemajic e atirou ao lado, para, aos 55 minutos, Vujacic bater, de longe, Vítor Baía. Vale isto por dizer que se chegou ao final dos noventa minutos com nova igualdade, sem golos (no primeiro jogo verificara-se idêntico resultado) e houve necessidade de se recorrer ao prolongamento de meia hora.

As coisas não podiam ter corrido pior para o Sporting, já que, logo no primeiro minuto do prolongamento, aos 91 minutos, Lemajic não susteve um remate de Vinha e, sobre o risco, apareceu Peixe a defender com as mãos e a provocar uma grande penalidade que Aloísio não perdoou. E os «leões» ficaram reduzidos a nove unidades, o que, em princípio, tal como aconteceu, lhes tirou qualquer hipótese de ainda tentarem nova igualdade, apesar dos esforços de Figo, que saiu a chorar do relvado e da raiva de Cadete, diz Vítor Martins no «DN». Mas se o Sporting deixou o Estádio «de cabeça erguida, honrosamente vencido, o trofeu que o FC Porto leva para as Antas é justo e merecido», como escrevia Bertolino de Carvalho no «Diário de Notícias».

No primeiro jogo, a 5 de Junho, o nulo, sem golos, após 120 minutos, foi um justo castigo para as duas equipas que, sob a arbitragem de Fortunato Azevedo, de Braga, alinharam:

FC PORTO - Vítor Baía; João Pinto, Aloísio, Fernando Couto e Rui Jorge; André (Rui Filipe), Secretário, Paulinho Santos e Timofte (Jorge Couto); Drulovic e Folha.

SPORTING - Lemajic; Nelson, Paulo Torres, Valck e Vujacic; Figo, Paulo Sousa, Pacheco (Poejo) e Peixe (Marinho); Juskowiak e Capucho.

O «ADEUS» DE ANDRÉ

André, que ganhou a sua última Taça de Portugal pelo FC Porto manifestou a sua alegria, ainda que «a primeira, como deve calcular, tem sempre um valor especial. Não

Nesta «finalíssima», os portistas «vinguaram-se» da anterior derrota com os «leões»





acredito, porém, que haja algum jogador que não sinta um prazer enorme em vencer a Taça de Portugal. A nossa equipa, pelo menos, tudo fez sempre para conseguir este tão importante troféu e para isso sempre respeitando os adversários, utilizámos o maior rigor e disciplina, a par de uma organização que todos conhecem que existe no clube e não sofre contestação».

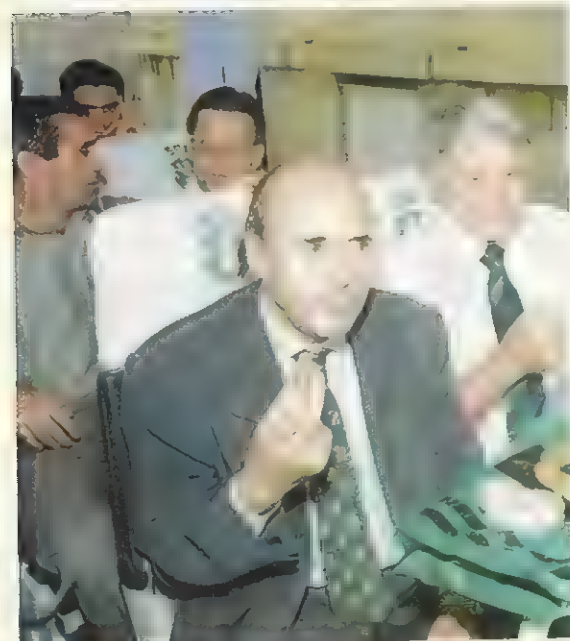
Secretário, na «finalíssima», esteve em destaque, mas André foi o «pivot» na final: «São tantas que já nem me

Juskowiack e Figo em luta com a defesa portista; Cintra e Robson, ainda amigos, e a alegria do inglês após a vitória já como treinador do FC Porto

lembro» (diz, agora, em pleno final do século, o adjunto de Fernando Santos que venceu a Taça de 1999-2000), acrescentando: «O importante é o êxito do colectivo».

UMA SÉRIE DE «CASOS»

Esta Taça - na qual se comemoravam as bodas de ouro do Estádio Nacional - independentemente do que se passou nos dois jogos, ficou marcada por uma série de «casos» que acabaram por beneficiar o FC Porto. O mais



importante de todos, do nosso ponto de vista, e em relação propriamente dita às competições nacionais, foi o erro de Sousa Cintra - talvez mal aconselhado por quem era o advogado representante do professor Carlos Queirós - ter substituído a dupla técnica constituída por Bobby Robson e Manuel Fernandes, depois do Sporting ter sido eliminado da Taça UEFA, com dois golos em que Costinha foi muito mal batido e a dupla técnica não podia ser responsabilizada por isso; mas era a equipa que praticava melhor futebol e, além disso, seguia no primeiro lugar do Campeonato.

Mas Cintra estava numa de promoção pessoal e depois de ter ido buscar Paulo Sousa e Pacheco - que haviam de custar caro aos «leões», face ao processo movido pelo Benfica; não melhorou o contrato com Figo, que acabou por ir de graça, quase, para o Barcelona, tal como Peixe e Capucho, em relação à contratação pelo FC Porto - não esteve com meias tintas e contratou mesmo Queirós e despediu Robson e Manuel Fernandes, este a mostrar, tal como Lino, Mendes e Juca, por exemplo, que «santos de casa», em Alvalade, «não fazem milagres», ainda que ganhem campeonatos e taças.

Quem chamou um figo, passe a expressão, à saída de Robson foi o FC Porto, que contratou o técnico britânico. E se este não venceu o campeonato, a Taça foi dele, e como tal festejou a vitória, exactamente contra um Queirós que, apesar de tudo, foi «Prémio Stomp».

CENAS LAMENTÁVEIS ESTRAGAM A FESTA

Uma vez mais, a festa ficou manchada pelos incidentes entre as claque, neste caso com evidência para a dos «leões» que, no final da «finalíssima», lançaram uma série

Queirós junto ao banco do Sporting; Timofte e Drulovic, ao lado de Reinaldo Teles, que pouso a Taça na cabeça de Inácio

de garrafas e pedras para a tribuna presidencial, onde se encontrava a então ministra da Educação, dr.^a Manuela Ferreira Leite - por sinal irmã de um destacado sócio do Sporting, várias vezes dirigente e membro do Grupo Stomp, o dr. Dias Ferreira -, acompanhada de Vítor Vasques, presidente da FPF, criando dificuldades a que João Pinto recebesse a Taça e pudesse descer, depois, a escadaria para se juntar aos seus colegas.

São cenas sempre lamentáveis, que o natural desejo de vitória dos adeptos não justificam e que, ainda que longe dos problemas dos «hooligans» ingleses não devemos deixar passar sem uma nota recriminatória. Infelizmente, porque, anos mais tarde, como se verá, esta luta entre as claque havia de propiciar um caso mortal, que em nada dignifica o futebol e a festa da Taça.

Luís Vasques nomeou seleccionador nacional António Oliveira, na altura ex-treinador do Braga, um caso que mereceu de Carlos Trigo, no «DN», o seguinte comentário: «o futebol ficará eternamente recordado de dirigentes tão empreendedores. À porta do n.º 25 da Praça da Alegria só falta uma placa: Edifício Olivedesportes»...





Sporting: 2

Costinha (Lemajic, 89m); Nelson, Naybet, Marco Aurélio e Vujacic; Figo, Carlos Xavier (Filipe, 75m) e Oceano; Iordanov, Balakov (Sá Pinto, 80m) e Amunike.

Marcador - Iordanov (2).

Treinador: Professor Carlos Queirós.



Marítimo: 0

Everton; Heitor (José Pedro, 72m), Robson, (Vado, 57m), Carlos Jorge e Soeiro; Humberto, Luis Gustavo, Zeca e Edmilson; Alex e Paulo Alves.

Treinador: Paulo Autuori.

Árbitro: Bento Marques (Évora).

Após treze anos sem conquistar o troféu

O «verde e branco» foi a cor da certeza

Diz-se que o verde é a cor da esperança. Mas, após 13 anos sem ganhar nada, a conquista da Taça fez com que o «verde e branco» que coloriu as bancadas do Estádio Nacional fosse a cor da certeza da vitória. Um êxito que uniu jogadores, técnicos actuais e futuros dirigentes, enfim, até deu para que a Juventude Leonina, por intermédio do seu presidente, Fernando Mendes, tivesse ofertado flores a Manuela Ferreira Leite como pedido de desculpas pelo que se passara na temporada anterior. Iordanov, o búlgaro que marcou os dois golos, na tarde da despedida do seu compatriota Balakov, parecia um menino a quem tivessem dado o melhor brinquedo do mundo.

Carlos Queirós - a obter o primeiro troféu como treinador de um clube - mantinha um ar sorridente, atirado ao ar pelos jogadores e abraçado por dirigentes, que nem sempre estiveram de acordo com ele, e seria, mais uma vez, «Prémio Stomp» do ano. Alberto João Jardim entendeu que «o Marítimo dignificou a Ilha», enquanto Autuori, mais filósofo, disse que «os grandes vencedores são aqueles que sabem conviver com a derrota e esperar pela hora da vitória», numa clara

A equipa sportinguista que conquistou a ambicionada Taça pondo fim a um longo «jejum»



alusão à esperança e alegria sentida pela massa associativa «leonina».

No relvado, era a confusão: Sousa Cintra, de saída, ao lado de Abílio Rodrigues, teve direito a levantar a Taça, uma promessa feita por Santana Lopes, o nável presidente; mas com os drs. Roquette, Miguel Galvão Teles e Paulo Abreu (futuros dirigentes com vista à reestruturação do Sporting/SAD) a juntarem-se ao lote de jogadores e a Norton de Matos, Costa e Hilário, estes adjuntos de Queirós. E, enfim, não sendo possível referir todos os ilustres presentes nas bancadas, a presença de antigos jogadores, como Jesus Correia, Peres, João Barnabé, José Torres e também de dirigentes como Gilberto Madail, Amândio de Carvalho, Vítor Vasques e o presidente da Câmara de Oeiras, Isaltino de Moraes.

Não, não é costume começar assim o registo da Taça. Mas, no fundo, deu-se já a imagem real de um Estádio Nacional virado sportinguista, à espera, perante um adversário mais fraco, no tal consenso de favoritismo que, às vezes, falha, do êxito que escapava, há longos treze anos, ao Sporting. E a festa ainda se tornou mais festa, passe o pleonismo, quando Iordanov marcou, logo aos dez minutos, de cabeça, após um cruzamento primoroso de Carlos Xavier. Depois, como diz o relato do «Diário de Notícias» foi uma longa meia hora de «tiro ao boneco», quer dizer com tudo e todos, mas em especial Amunike, Figo e Balakov - que queria fazer o gosto ao pé na hora da despedida - a obrigarem Everton a brilhar. O golo e a superioridade atacante dos «leões», a que só faltou a devida concretização, pôs termo à ideia do Marítimo de procurar manter o nulo a zero o mais tempo possível e, eventualmente, num contra-ataque, surpreender o adversário. Mas se essa era a técnica que Autuori tentava colocar em campo para surpreender o adversário, raramente os jogadores madeirenses conseguiram passar do meio-campo e causar qualquer problema a Costinha. E foi assim durante todo o tempo,



de tal modo que Carlos Queirós até substituiu o guarda-redes à beira do fim, para que Lemajic - que já falhara várias hipóteses de ganhar a Taça - pudesse ter direito a essa honra. Deu para tudo...

O tempo, porém, ia passando, o Sporting não voltava a marcar e os ilheus surgiram mais atrevidos na segunda parte, mas sem nunca atemorizarem as redes dos «leões». Pelo contrário, continuava a ser Everton quem era obrigado

Mais um ataque do Sporting, cuja vitória propiciou a festa (em baixo), que envolveu, entre outros, Oceano, Sousa Cintra e Santana Lopes

aspectos da formação e da falta de relvados a obrigar o estádio dos Barreiros a sofrer um grande desgaste todos os fins de semana.

O PAPEL DE SANTANA LOPES

Já deixámos antever que a rendição de Sousa Cintra por Santana Lopes foi algo que estava previamente combinado com o dr. José Roquette, em termos de, no futuro, este

Santana Lopes - que fez a «ponte» entre a saída de Sousa Cintra e as eleições que colocaram o dr. José Roquette na presidência do Sporting - começou bem o seu mandato



assumir a liderança do clube. Houve a nítida intenção de não criar mais problemas internos, depois da confusão que se gerou no tempo de Jorge Gonçalves, e enquanto a empresa que foi encarregue de fazer a auditoria não apresentasse os números que permitissem ao dr. Roquette propor o Sporting/SAD.

E, com o espírito que o caracteriza, o certo é que Santana Lopes começou bem o seu mandato, pois logrou contratar os avançados Ouatarara, da Costa do Marfim, e o brasileiro Assis, que estava no Sion e que (dizia-se) interessavam ao FC Porto. Por outro lado, igualmente pôs termo ao caso da possível contratação de um tal Niall Quinn, um irlandês que jogava no Manchester City e já tinha estado em Lisboa a assinar um pré-contrato com o Spor-



ting, responsabilizando o clube inglês, porque se atrasara a mandar uns papéis necessários e pondo fim à situação.

O RIGOR DE QUEIRÓS

Carlos Queiros - pelos êxitos alcançados no futebol juvenil (com dois títulos mundiais de juniores!) - foi convidado, mais tarde, para seleccionador na qualificação para o Mundial, na época de 1993-94 (posteriormente, António Oliveira foi designado responsável para o Europeu de Inglaterra de 1996).

Mas, depois da derrota com a Itália, Queirós manifestou a falta de apoio da estrutura federativa - e, como era o treinador que muitos adeptos sportinguistas pretendiam, como já se disse, ele-lo a receber e a aceitar o convite de Cintra. A sua entrada para o Sporting, por troca com Robson, foi muito discutida mas, nesta temporada, o rigor que o professor imprimia à sua acção levou os sportinguistas a pensarem ser possível ganhar o campeonato há tantos anos desejado. E tudo foi bem, até ao jogo, para mais em Alvalade, em que João Vieira Pinto tirou a veledade aos sportinguistas de pensarem em ser campeões.

Restava a Taça de Portugal, com o Marítimo, e, aqui sim, Carlos Queirós conseguiu o seu primeiro título como treinador da equipa de um clube, acabando com as dúvidas de que apenas seria capaz de trabalhar com jovens no departamento técnico da FPF, que tem «nuances» bem diversas das exigidas pelos adeptos de um «grande» que querem vitórias um pouco a qualquer preço e não estão nada interessados no rigor técnico que dará os resultados desejados a médio ou longo prazo.

O mais interessante é que Queirós - que escolheu para adjuntos Costa, um ex-portista, e o «magriço» Hilário - depois de ter deixado Alvalade, não mais treinou em Portugal, até Julho de 2000, quer a nível de clubes, quer de selecções. E, apesar de ser um dos eleitos da FIFA para as suas acções de formação, o seu papel foi o de mero comentador de televisão...

Mais uma imagem da alegria dos «leões» após conquistarem a Taça - o primeiro título de Carlos Queirós ao serviço de um clube

ORDEN DE MÉRITO PARA JOÃO PINTO

Mesmo sem ter nada a ver directamente com esta Taça, o «DN» tinha uma série de notícias que sintetizaremos a seguir: os problemas entre dirigentes das Associações de Futebol de Braga, Braga e Aveiro contra a Liga continuavam, a Associação Sindical dos Juizes Portugueses pronunciou-se contra o ingresso de funcionários da Administração Central e magistrados do Ministério Público na carreira de juiz, mas nada disse quanto ao facto de que integrem órgãos do futebol, numa altura em que o o juiz Jesus Costa entendia que Jorge Coroado errara e o Benfica - Sporting devia ser repetido, mas que o árbitro não será punido se se provar que não teve culpa. O Arsenal quis levar Bobby Robson, que jurou fidelidade eterna

ao FC Porto e a Pinto da Costa. O Barcelona é que foi problema... Enquanto isso, João Pinto, o lateral direito do FC Porto recebeu a comenda da Ordem de Mérito entregue pelo Presidente da República e a festa do Sporting repercutiu-se em Faro, e de que maneira, porque, com a sua vitória na Taça, o Farense ficou qualificado para participar nas competições europeias. A segunda maior alegria em Faro para Paco Fortes: a primeira fora o nascimento da filha mais velha do treinador espanhol.



56.ª final: 1995-1996, Estádio Nacional, 18/5/1996



Benfica: 3

Preud'Homme; Calado, Helder, Ricardo e Dimas; Bruno Caires (Marcelo), Paulo Bento, Valdo e Kennedy (Iliev, 87m), Mauro Aires (Paredão, 83m) e João Vieira Pinto.

Marcadores - João Vieira Pinto e Mauro Aires.

Treinador: Mário Wilson.



Sporting: 1

Costinha; Luis Miguel, Naybet, Marco Aurélio e Nelson; Vídigal, Pedro Martins (Carlos Xavier, 64m), Peixe (Paulo Alves, 34m) e Afonso Martins; Sá Pinto e Iordanov (José Dominguez, 45m).

Marcador - Carlos Xavier.

Treinador: Octávio Machado.

Árbitro: Vítor Pereira (Lisboa).

Simplesmente lamentável

«Rocket» mortal acabou com a festa

A tarde foi de luto e de tristeza no Estádio Nacional, muito embora muitos espectadores não se tenham apercebido de imediato de que o lançamento de um «rocket» da bancada sul, por parte de um elemento da claque benfiquista, tinha atingido mortalmente um adepto «leonino» que estava na bancada do lado oposto. Para o dr. Gilberto Madail, presidente da FPF, «foi um acidente lamentável e todas as campanhas de sensibilização para o «fair-play» acabaram por ser insuficientes com esta fatalidade.

O dr. João Soares, presidente da Câmara, lamentou, a gravidade do incidente, Marcelo Rebelo de Sousa questionou a falta de segurança no futebol; D. Duarte de Bragança, apelou ao civismo dos portugueses; o próprio Preud'Homme - dando uma noção de desportivismo, para mais partindo de um estrangeiro - considerou que «era melhor perder esta Taça que uma pessoa morrer»; o ár-

Os vencedores de uma tarde a recordar com tristeza



bitro Vítor Pereira considerou que «quem perdeu foi o futebol e o País»; Jorge Sampaio fez uma declaração para apresentar condolências à família da vítima e explicou que não entregava o troféu, «porque o futebol é um momento de alegria; não pode ser um momento de tristeza e é preciso que os portugueses assumam o recolhimento necessário, que se partilhe a vitória com a derrota, pela serenidade e a paz que o País exige a uma manifestação desportiva».

Mas, como houve um jogo, que o Benfica venceu justamente, vamos dizer que, no final - e porque ia deixar de ser o técnico principal e este seria, eventualmente, o seu último grande triunfo - Mário Wilson dedicou a vitória a «mestre» Cândido de Oliveira, afirmando que os números podiam ter sido mais alargados tal a superioridade do Benfica, com o que Octávio concordou ao afirmar que «não conseguimos ser iguais a nós próprios».

Talvez porque o Sporting não contou com Oceano, Amunike e Pedro Barbosa, talvez porque, mais uma vez, João Vieira Pinto marcou dois golos e esteve numa série de outros lances de perigo para Costinha, extremamente inseguro, logo de entrada, a não deter o primeiro remate de Calado e permitindo a recarga fácil de Mauro Aires. A cinco minutos do intervalo, surgiu o segundo golo e Costinha continuou a ter problemas com Valdo, que falhou o golo, mas havia de marcar o canto de que resultaria o terceiro golo. Uma grande penalidade deu a Carlos Xavier a possibilidade de reduzir a diferença, mas não vamos mais falar de futebol, numa tarde em que este saiu muito pouco dignificado por culpa da falta de educação cívica das claques, que os dirigentes apoiam, como se fossem imprescindíveis para a imagem dos seus clubes.

OCTÁVIO CRÍTICO DE CARLOS XAVIER

Octávio Machado, como jogador do FC Porto, teve a alegria de ter ganho o troféu, mas entendemos mais curioso escutar a sua posição como técnico, em particular porque esta sua presença em Alvalade foi uma época especial

para o Sporting («fizemos um jogo maravilhoso sem qualquer dúvida, em Paris, com o FC Porto, e ganhámos a Supertaça Cândido de Oliveira, a que se seguiram uma série de coisas estranhas que nos impediram de ir mais longe no Campeonato», recordou Octávio) que voltou a estar presente na final da Taça, ganha, na época anterior, pelo professor Carlos Queirós.

Infelizmente, esta ficou marcada pela história do «very light», que vitimou um adepto dos «leões», caso único nos anais da prova e que será uma nódoa inapagável. Um caso de azar, sem dúvida; mas não é possível deixar sem uma palavra crítica o sistema de segurança montado pela PSP para o acompanhamento e entrada das claques, desde a Praça do Comércio. Para, depois, já na entrada para o estádio, ter sido possível deixar passar um adepto com uma arma mortífera... num jogo que a PSP considerava de alto risco e no qual era pressuposto revistar as pessoas para não as deixar entrar com simples bandeiras cujos cabos de aço pudessem ser perigosos.

«É evidente que há uma completa diferença entre ser-se finalista como jogador e como responsável técnico». E Octávio explicou: «Os jogadores tudo o que desejam é ganhar o jogo que representa o final da época, porque se trata de um só encontro, porque se trata da festa da Taça, porque pode ser a oportunidade para um contrato melhor. As responsabilidades do técnico são muito diferentes, tem

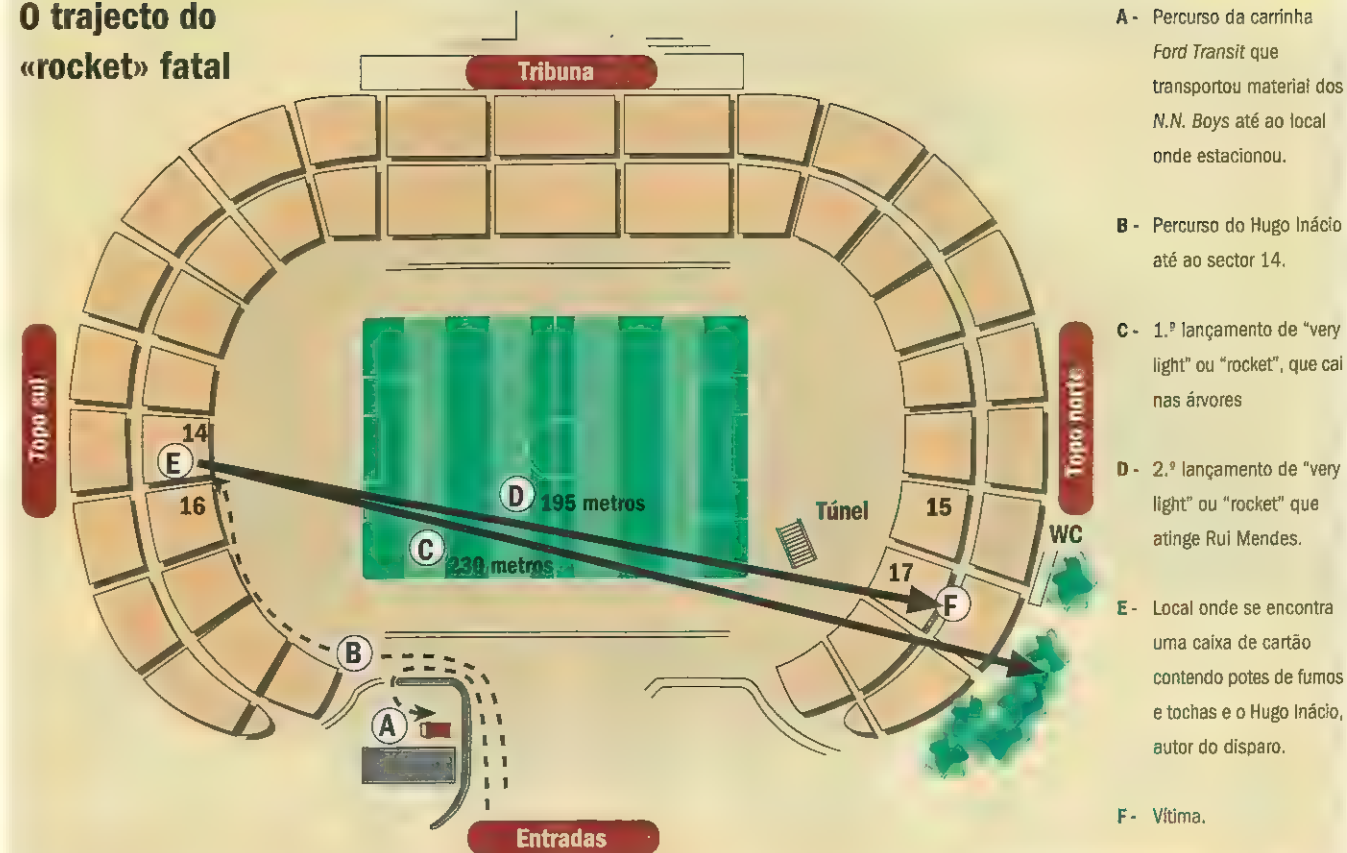
Octávio explicou as pressões e (em babó) Preud'Homme abraça Mário Wilson



de zelar pelo estado de espírito do colectivo, em todos os aspectos, nomeadamente no domínio psicológico.» E, depois de salientar que o jogo já tinha começado mal para o Sporting, «ao sofrermos um primeiro golo perfeitamente evitável, logo a seguir fomos atingidos por todo aquele drama que se estava a passar nas bancadas». E o treinador «leonino» adiantou: «Como se sabe, houve várias pressões, das mais altas autoridades, para que o jogo prosseguisse e não se registassem eventuais incidentes mais graves no Estádio Nacional. Tivemos assim, ao intervalo, no balneário, de gerir toda esta situação complicada, quer ao nível da falha do tal golo mal sofrido, quer da morte de um espectador. E fizemos tudo para que os jogadores soubessem ultrapassar as suas emoções e tentassem virar o resultado, ainda que ele não fosse a coisa mais importante depois do que se passara. Mas havia que honrar a camisola do Sporting e salvar o espectáculo, mesmo que o ambiente de festa estivesse já estragado. Se esta conversa não era fácil, imagine-se como tudo se tornou mais complicado quando um jogador - que, por sinal, estava como suplente - entendeu dizer que, na sua opinião, o Sporting não deveria voltar ao relvado... Foi uma machadada em tudo quanto tínhamos afirmado».

Tudo o que podemos adiantar é que Carlos Xavier confirmou, quando esta edição estava a ser elaborada, já no ano 2000, que, ao intervalo, «perguntei ao quarto árbitro o que se tinha passado e, ao saber que tinha

O trajecto do «rocket» fatal



Reproduzido, com a devida vénia, do jornal do Sporting

morrido um espectador, interroguéi-o igualmente se o jogo iria prosseguir ou não. Mais tarde, nas cabinas, manifestei a minha opinião de que não deveríamos continuar a jogar, porque entendi que se tratava de uma festa estúpida, sem razão de prosseguir»...

Percebe-se que interromper o jogo seria criar um clima muito confuso e de resultados imprevisíveis na multidão que enchia o estádio - muito da qual só se apercebeu do que se passara muito mais tarde; mas, naturalmente, o dr. Jorge Sampaio saiu mal terminou o jogo e a taça só foi entregue no decurso do campeonato do ano seguinte ao «capitão» do Benfica. A festa tinha acabado em luto para a mulher e dois filhos de Rui Lopes, mas tinha sido uma jornada de dor para todos os adeptos do futebol.

PENA DE QUATRO ANOS POR HOMICÍDIO NEGLIGENTE

O julgamento deste «caso» realizou-se no Tribunal de Oeiras e a sentença foi lida a 14 de Fevereiro de 1997. Hugo Inácio, autor da morte do adepto do Sporting, foi condenado a quatro anos de prisão por «homicídio por negligência», já que o Tribunal deu como provado que o simpatizante da «No Name Boys» disparou o projectil, mas sem intenção de matar, embora soubesse os perigos do mesmo. Rui Lopes encontrava-se na bancada sul do Estádio, quando foi atingido pelo «very light» lançado da bancada norte, onde estava a claque do Benfica, na tal separação ordenada pela Polícia,

que não revistou a carrinha onde seguiam os «rockets», afirmando «não saber que eram objectos proibidos», o que, no mínimo, foi uma desculpa algo esfarrapada.

O colectivo dos juízes considerou, entretanto, como não provadas as acusações de identificação falsa e da utilização de explosivos, da mesma forma que absolveu os restantes treze arguidos, inclusivé o indivíduo que vendeu os «rockets» à claque, com prazos de validade estragados,

O tribunal deu como provado o crime de «homicídio por negligência» e condenou o autor do disparo do «very light» a quatro anos de prisão

a setecentos escudos cada um. A respeito desta sentença, um dos advogados do Sporting, dr. Palma Carlos, fez questão de salientar que era «praticamente impossível fazer prova de que o autor tinha a intenção de matar, o que, de acordo com o Código Penal, lhe poderia valer mais dois anos de cadeia.

Importa salientar que, depois deste grave incidente, nas edições seguintes da Taça de Portugal, quer as entidades policiais, quer as unidades de segurança do Estádio Nacional, foram altamente reforçadas, por forma a evitar que pudesse surgir uma situação idêntica.



57.ª final: 1996-1997, Estádio Nacional, 10/6/1997



Boavista: 3

Ricardo; Paulo Sousa, Litos, Isaías e Mário Silva; Rui Bento, Tavares, Helder e Sanchez (Jimmy, 78m); Simic (Jorge Couto, 62m) e Nuno Gomes.

Marcadores - Sanchez e Nuno Gomes.

Treinador: Mário Reis.



Benfica: 2

Preud'Homme; Maninho (Tiago, 46m, depois Pringle, 66m), Tahar (Ronaldo, 46m), Jorge Soares e El Hadrioui; Calado, Amaral e Valdo; Valdir, João Pinto e Edgar.

Marcadores - Calado e Paulo Sousa (p.b.).

Treinador: Manuel José.

Árbitro: Paulo Paraty (Porto).

A vingança serve-se fria...

... E Sanchez retomou vocação «xadrezada»

A sexta presença do Boavista na final da Taça de Portugal correspondeu ao quinto triunfo, a confirmar a especial vocação da equipa de «xadrez» para este género de competição, realce que se justifica pelo facto de o clube nortenho não ter estado inscrito na galeria dos

Em seis presenças, o Boavista alcançou cinco vitórias

vencedores deste troféu durante anos. O clube vira interrompida uma série de quatro vitórias, perante o mesmo adversário e dirigido por Manuel José, precisamente o treinador que se encontrava agora do lado oposto. Os antecedentes próximos dos boavisteiros no Campeonato não avalizavam o categórico êxito que veio a registar-se, dada a sua irregular carreira no campeonato no qual não conseguira garantir lugar europeu, eventualmente a espelhar notórias indecisões na escolha dos responsáveis técnicos (nada menos que três...), tomando difícil a estabilização do conjunto. Nas últimas jornadas da época, a equipa do Boavista conseguiu uma certa regularidade de rendimento positivo, por acção de Mário Reis, o treinador que se apresentava pela primeira vez na final da Taça de

Portugal, chegado ao Bessa já com o «comboio em andamento» depois de uma carreira segura e eficaz de três anos ao serviço do Salgueiros e curta passagem por Setúbal. Reflexo mais significativo da recuperação da boa forma boavisteira era a eliminação do Sporting, na meia-final.

O Benfica tinha vivido uma campanha conturbada reflectida no terceiro lugar no Campeonato, que viria a terminar a 27 pontos de distância do campeão, o FC Porto, depois de acumular dez derrotas, a última das quais no Restelo, com o Belenenses (0-1), no domingo seguinte. Simultaneamente, preparava-se uma assembleia geral que se previa agitada e discutiam-se as contratações de Cadete e do internacional brasileiro Paulo Nunes, do Grémio de Porto Alegre. Como a equipa não funcionava, o estado de espírito dos sócios não era propício a grandes festas; não obstante, o Estádio Nacional voltou a encher-se e as crónicas registaram então ter acontecido uma final exemplar, incluindo um espectáculo futebolístico de nível muito aceitável.

Logo na abertura, o Boavista deu sinal dos seus propósitos, pois o internacional colombiano Erwin Sanchez respondeu «a tiro» à forma como havia sido rejeitado pelo Benfica, com a alegação vinda a público de que o jogador estaria «desvalorizado»: ainda haviam decorrido apenas sete minutos e já a rede benfiquista era «fuzilada» com um dos seus famosos remates, na marcação de um livre, podendo dizer-se que a sua «vingança» foi servida a frio; cinquenta minutos depois, converteu com outro remate indefensável um «penalty» em que incorrera o guarda-redes belga dos «encamados». A outra contribuição para a vitória foi dada por Nuno Gomes - já de malas aviadas para a Luz - a concluir certamente um passe do croata Simic, aos 28 minutos. Calado ainda reduziu a desvantagem colocando o marcador em 1-2; mas, para o segundo golo benfiquista foi necessária a colaboração do defesa Paulo Sousa, ao introduzir a bola na própria rede.

O Boavista dominou a situação em quase toda a



A entrada de Mário Reis, com o «comboio em andamento», levou o Boavista a recuperar a forma e a retomar o ciclo de vitórias na Taça de Portugal

primeira parte, devido à acção da sua linha intermediária, com destaque para Sanchez, citado como o melhor em campo. Mercê de ofensivas lançadas frequentemente em várias direcções, quase sempre sob a inspiração do internacional colombiano, os boavisteiros assumiam a iniciativa colocando em perigo a retaguarda da turma benfiquista, que não encontrava forma de ordenar o seu jogo e o seu ataque dificilmente chegava à grande área

Manuel José admitia já o pior (foto superior), como aconteceu, perante um Boavista sempre ao ataque, como se vê na outra imagem

DE CLUBE DE «BAIRRO»

AO «BOAVISTÃO» DA TAÇA

Hermani Ascensão, no ano 2000 era vice-presidente para o futebol dos «xadrezados», mas, ao tempo da primeira vitória, por sinal também com o Benfica, era adjunto do chefe do departamento de futebol profissional, Domingos Marques. Para ele, não há «segredos», nem milagres: «Há cerca de trinta anos, o Boavista, passe a expressão, era

oposta, onde os defesas nortenhos cortavam com autoridade todos os caminhos para a sua baliza.

Cerca da meia hora, a situação começou a modificar-se, quando Calado passou a deter a orientação das jogadas do Benfica a meio-campo, numa altura em que o brasileiro Valdo rendia menos naquelas funções.

E, no segundo tempo, inverteiram-se as coordenadas do encontro, quando se verificou uma quebra radical da equipa do Boavista, visto Sanchez haver perdido o fulgor da primeira parte, ao mesmo tempo que Helder e Simic baixavam notoriamente os seus índices de rendimento.

Perante este quadro, a exibição do Benfica subiu de tom, operaram-se várias alterações à formação inicial, tendo Calado como fulcro na defesa e na zona central, a ponto de a vantagem boavisteira parecer ameaçada. Mas a grande penalidade convertida magistralmente por Sanchez permitiu algum desafogo à turma do Norte, o suficiente para superar o deslize de Paulo Sousa ao «colaborar» no segundo tento benfiquista.

Referido anteriormente o destaque de Sanchez, na primeira parte, bem acompanhado por Helder, Tavares e Nuno Gomes, falta citar a participação de Jimmy Hasselbank, o notável goleador holandês que, no pouco tempo em que esteve em campo, ainda fez funcionar a sua agressividade pondo em xeque a organização defensiva contrária. Calado, Amaral e Preud'Homme foram os melhores da equipa de camisola vermelha, mas a sua acção não chegou para responder totalmente ao conjunto de xadrez.



um clube de bairro. Depois, chegaram dirigentes como Valentim Loureiro, Pinto de Sousa, Mexia Alves, Pais do Amaral, entre tantos outros que, de momento, posso não recordar, mas não esqueço, que imprimiram uma dinâmica ganhadora, naturalmente ganha a pulso. As estruturas foram melhoradas, pouco a pouco, até que a Comunicação Social, face aos êxitos conseguidos no plano nacional e internacional, nos passou a chamar "Boavistão", mas fruto de muito trabalho e não de mero acaso ou sorte.» Quanto a ser, ou não, um clube talhado para a Taça, aquele dirigente entendia que, além dos dados já referidos, «o Boavista passou a contar com um lote de excelentes jogadores e de bons técnicos e como tal é normal que os resultados aconteçam».

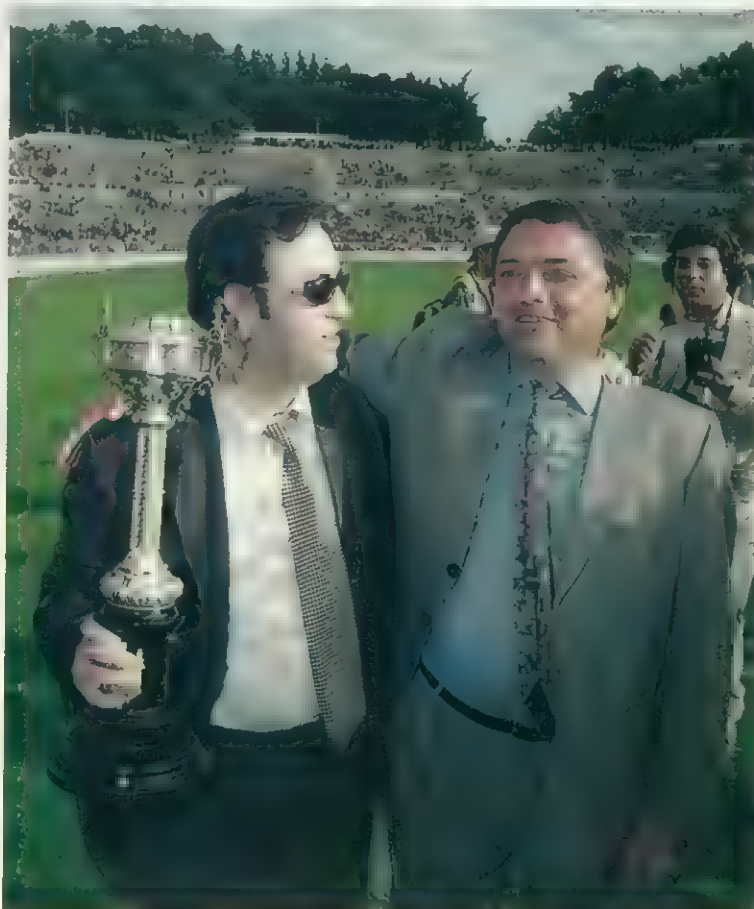
Oportuna e justa evocação de dirigentes que, nos últimos trinta anos, promoveram o clube do Bessa, feita por Hernâni Asencção, vice-presidente para o futebol

PARTICIPAÇÃO PORTISTA NA FESTA «AXADREZADA»

Ainda no que se refere a esta final da Taça, as gentes do Boavista festejaram animadamente a conquista de mais um troféu, pondo em alvoroço a Baixa portuense até altas horas da madrugada. E entre bandeiras e dísticos representativos da exaltação boavisteira notavam-se vários símbolos do FC Porto, já a viver as alegrias de mais um título nacional e acentuando ainda aquele sentimento regionalista tão estimulante do público nortenho, tanto mais que estava por terra o «inimigo» comum, o Benfica, batido em todas as frentes.

Na oportunidade, os portistas comemoravam exuberantemente, e com apropriada antecipação, a conquista do «tri», sob a direcção do treinador António Oliveira, que vinha

Controlo das entradas e, em baixo, João Loureiro e Mário Reis com a Taça



a ser oficialmente consumada no domingo seguinte, quando do triunfo sobre o Gil Vicente (3-0); ao mesmo tempo, vitoriava-se mais uma proeza do brasileiro Mário Jardel, guardando para si a «Bola de Prata», com 30 golos marcados no campeonato, embora não tivesse alinhado nas duas últimas jornadas, devido a uma intervenção cirúrgica.

Um registo final para o enorme aparato das medidas de segurança aplicadas para esta final, com cerca de 1500 agentes em todo o recinto e câmaras de vídeo instaladas nos lugares estratégicos para vigilância do público, cuja entrada se rodeou de controlo apertadíssimo. Por todo o lado, cartazes em locais bem visíveis fazendo a apologia do desportivismo e de

não-violência. Estava bem presente na memória colectiva a tragédia que ali, pouco mais de um ano antes, roubara a vida a um adepto sportinguista.

Não ficou registo de qualquer desacato e até se viram alguns momentos de convívio Norte-Sul, como desmentido a certos apelos mal disfarçados de confrontos entre as gentes do futebol, porque gostam do espectáculo e dos clubes.

58.ª final: 1997-1998, Estádio Nacional, 24/5/1998



Porto: 3

Rui Correia; Secretário, João Manuel Pinto, Aloísio e Kenedy; Sérgio Conceição, Paulinho Santos, Doriva e Zahovic (Jorge Costa, 66m); Jardel (Artur, 75m) e Drulovic.

Marcadores - Aloísio, Jardel e Artur.

Treinador: António Oliveira.



Braga: 1

Quim; Zé Nuno, Artur Jorge (Carlitos, 53m), Sérgio e Lino; Mozer, Jordão, Bajcevic e Formoso (Bruno, 53m); Sílvio (Propenko, 83m) e Karoglan.

Marcador - Sílvio.

Treinador: Alberto Pazos (Espanha).

Árbitro: Jorge Coroado (Lisboa).

Como numa operação anti-terrorista

Polícias e cães-polícias para controlar o povo

Continuava bem fresca na memória das pessoas a tragédia que ocorrera no Jamor, em final anterior, que vitimara mortalmente um adepto do Sporting, num acontecimento que ficou para a história triste do futebol luso como o «caso do very light». Não se estranhou, por isso, que as autoridades voltassem a montar um ngoroso sistema de segurança para controlar a multidão que, ao simples saltar de uma bola, perde as estribeiras e entra em comportamentos por vezes irracionais. Cerca de um milhar de agentes punham um tom cinzento e bélico no colorido cenário envolvente. Polícias fardados e à paisana, cães-polícias, uma brigada do Corpo de Intervenção, câmaras de vídeo e revista individual, como nos aeroportos; e até se estrearam os torniquetes - palavra sinistra, a lembrar instrumentos de tortura - enfim, todo um aparelho de sofisticada vigilância para conter a turba, como se de uma operação anti-terrorista se tratasse.

Foi neste ambiente que ali se apresentaram as equipas do FC Porto e do Sporting de Braga, pela segunda vez para o confronto decisivo e as perspectivas eram maioritariamente

Ganhou a equipa mais forte, mas os portistas não contavam com tais dificuldades



favoráveis ao conjunto comandado por António Oliveira, a viver uma fase de grande evidência, com uma supremacia suficientemente expressa num conjunto de seis títulos em sete edições do «Nacional» da I Divisão, desde 1991, e que acabava de alcançar o «tetra». Do lado oposto, encontrava-se um Boavista a terminar uma campanha irregular, com uma posição pouco significativa a meio da tabela do campeonato.

De entrada, os portistas deixaram desde logo uma sugestão de fadiga, só impondo a maior valia da sua formação nos momentos fundamentais do jogo. Até ao intervalo, a sua esperada superioridade consumou-se com dois golos: aos 16 minutos, centro de Sérgio Conceição e cabeceamento vitorioso do «interminável» Aloísio; oito minutos passados, o inevitável Jardel aproveitava um deslize de Zé Nuno para aumentar a vantagem. Embora, os minhotos não assumissem uma atitude submissa, usando o contra-ataque como arma preferencial, parecia que a solução já não oferecia dúvidas.

Mas o repouso intermédio levou o Braga a contrariar as convicções mais ou menos generalizadas e regressou dos balneários disposto a modificar a situação. Ainda não se haviam atingido os cinco minutos da segunda parte e já o marcador passava para 1-2, num remate certo de Sílvio, a passe de Formoso. A claque bracarense agitou-se entusiasmada e num dos sectores do anfiteatro avolumou-se a mancha vermelha e branca das bandeiras, cachecóis e ergueram-se bem alto as tradicionais mitras, símbolo da cidade dos arcebispos. O FC Porto defendia-se com dificuldade, tanto mais que ficou reduzido a dez jogadores a meia hora do fim; pouco depois entrava Jorge Costa, com sacrifício do esloveno Zahovic, para reforçar a retaguarda, perante o assédio cada vez mais intenso dos contrários.

Ante a ameaça do empate iminente, a um quarto de hora do termo, Oliveira sacou da cartola o golpe mágico que poria termo à inquietude: trocou um Jardel algo apático por um Artur movido pelo desejo ardente de ser útil. E este segundo brasileiro foi o agente introdutor da



calma que tardava, marcando um golo de belo efeito. O exigente Jorge Coroado passou uma tarde difícil, tendo de recorrer aos cartões para assegurar a disciplina; o amarelo foi mostrado 13 vezes e o vermelho uma. Dos dois lados o invectivavam pelo pretense escamoteamento de «penalties» e as ameaças choviam de todos os quadrantes. Chegou a correr o boato de que ele teria agredido um assistente, o que o árbitro se apressou a desmentir acto contínuo. De qualquer modo, ao subir à tribuna de honra teve de ser escoltado pela polícia.

ANTÓNIO OLIVEIRA: SÍMBOLO PORTISTA

Entre as muitas figuras simbólicas da mística portista podem citar-se de memória os nomes de Monteiro da Costa, Pinga, Pedroto e Hernâni, além de muitas e variadas individualidades, desde dirigentes e atletas de outras modalidades, que ficaram indelevelmente ligadas ao historial do Futebol Clube do Porto. À extensa galeria de portistas notáveis de sempre, permitimo-nos acrescentar aquele que foi um dos mais qualificados praticantes portugueses de todos os tempos e técnico de comprovados méritos: António Luís Alves Ribeiro de Oliveira.

Nascido em Penafiel em 10 de Junho de 1952, António Oliveira iniciou-se para o futebol no clube da sua terra e, aos 15 anos, apareceu no campo da Constituição (já desaparecido) para mostrar as suas habilidades, que já eram muitas. Ali, os especializados observadores Artur Baeta e António Feliciano perceberam imediatamente estar em presença de um diamante puríssimo para ser burilado em contornos rutilantes. Fez percurso brilhante nos juniores e a sua estreia internacional nesta categoria verificou-se

em Cádiz, aos 18 anos. Já então era uma realidade como jogador de vastos recursos, tendo sido seleccionado, ainda em 1970, para a Mini-Copa, no Brasil, onde não participou por lesão. Veio depois a vida militar, fora do país, e surgiu pela primeira vez na principal selecção portuguesa em Berna (Suíça), num encontro particular (0-3), em Novembro de 1974.

A seguir, conquistou, como jogador do FC Porto, a Taça de Portugal em 1977, os títulos de campeão nacional em 1978 e 1979. Entretanto, vários clubes portugueses e estrangeiros surgiam no mercado em busca de importante concurso de Oliveira, mas o jogador preferiu o Bétis, tendo sido recebido em Sevilha, apoteoticamente, no ano de 1980; mas ele não tinha espírito de emigrante e regressou ao Porto, a meio da temporada.

No ano seguinte entrou em conflito com alguns dirigentes do seu clube do coração (ele o afirmou sempre) e voltou à sua terra, como jogador-treinador do seu primeiro clube. Mais uma época passada e ei-lo no Sporting, em cuja equipa se tomou o «leão-mor» de muitas jornadas em grande estilo; e em Alvalade acumulou com o cargo de treinador, após a saída de Malcolm Allison. Acrescentou ao seu «palmarès» a Supertaça Cândido de Oliveira e levou os «leões» aos quartos-de-final da Taça dos Campeões.

O seu percurso como técnico estendeu-se a vários clubes portugueses, às selecções olímpicas e de esperanças, acabando por suceder a Carlos Queirós na chefia do gabinete técnico da Federação, no qual instituiu algumas remodelações. Conduziu Portugal à fase final do Europeu de 1996 e, no ano seguinte, estava de novo ao serviço do FC Porto, para conquistar mais duas Taças de Portugal e mais dois títulos de campeão. Em 1998, ainda voltou a Sevilha para treinar mais uma vez o Bétis, mas a nova experiência malogrou-se, por considerar indevidas as interferências do presidente, regressando ao país apenas um mês depois.

Polémico e controverso, senhor de forte personalidade, António Oliveira viu-se envolvido em vários confrontos com a imprensa e alguns jornalistas.



A final da Taça de Portugal tem sido palco para aproveitamentos de vária ordem. As fotos que ilustram esta página referem-se a um acontecimento cultural, relativo à inauguração pelo Presidente da Republica, dr. Jorge Sampaio - que vemos na foto superior, acompanhado de membros do governo e do presidente da FPF, de uma exposição de fotografias das diversas finais, até à do FC Porto-Braga, dessa tarde de Maio de 1998. Uma iniciativa do então secretário de Estado do Desporto, dr. Miranda Calha, organizada pelo Museu do Desporto. Os quadros, espalhados ao longo das escadas de acesso à tribuna presidencial, mereceram o olhar atento de várias personalidades, como é o caso (na foto inferior) de Valentim Loureiro, presidente da Liga de Clubes. Esta exposição integrou-se no chamado «Encontro com a Memória do desporto», mostra realizada no Museu da Electricidade e durante a qual o primeiro-ministro António Guterres galardoou vários atletas campeões mundiais e olímpicos de outras modalidades. Fotos cedidas por gentileza do Centro de Estudos e Formação Desportiva, CEFD





Beira-Mar: 2

Palatsi; Jorge Neves, Gila, Lobão e Caetano; Eusébio, Fusco, Ricardo Sousa (André, 80m) e Paulo Sérgio; Fernando e Fary (Simic, 65m).

Marcador - Ricardo Sousa.

Treinador: António Sousa.



Campomaiorense: 0

Poleksic; Quim Machado, Marco Almeida, René e Basílio (Vitor Manuel 62m); Mauro Soares, Nuno Campos, Isaias (Wellington, 54m) e Matias; Laelson e Demétrios.

Treinador: José Pereira.

Árbitro: Lucílio Baptista (Setúbal).

Alentejo esteve em chelo no Jamor

Ganhou a equipa despromovida

Talvez fosse maior a falange que veio do Alentejo - o Campomaiorense foi a primeira equipa alentejana a estar presente numa final da Taça de Portugal - do que os adeptos aveirenses, um tanto esmorecidos, como o próprio António Sousa, porque a equipa do Beira Mar já tinha traçada a descida à divisão de honra. Mas, a verdade é que o trofeu foi conquistado pela equipa que jogou

Esta final ficou marcada pela estreia de uma equipa do Alentejo no encontro decisivo da Taça

melhor, num «lance genial», como disse acerca do golo de Ricardo Sousa o seu treinador e pai, depois de quase uma hora de domínio da equipa de Campo Maior, a qual, depois de estar na posição de derrotada, nunca mostrou capacidade para dar a volta ao resultado.

Demétrios, nos primeiros dez minutos, fez os alentejanos saltarem das cadeiras - uma novidade no plano de remodelações do Estádio Nacional, onde, desta feita, a segurança incluiu agentes da GNR a cavalo, além das habituais forças da PSP - e apenas Isaias não estava em tarde sim para concluir as inúmeras avançadas da sua equipa, acabando por sair, depois do intervalo, um pouco antes do golo de Ricardo Sousa, marcado aos 67 minutos, na sequência de um livre que ele próprio apontou, dando a bola a Fusco; este devolveu-lha uns metros à frente, Ricardo correu em diagonal para a baliza alentejana, fintou dois defesas e rematou em arco, sem hipóteses para Poleksi.

O jogo ganhou alguma emoção e rispidez também, mas o futebol perdeu qualidade. Daí talvez que o treinador do Campomaiorense tenha dito que a sua equipa não teve inteligência para empatar, depois de ter dominado a situação, durante a maior parte do tempo, pelo que deu os parabéns ao seu colega, mas não ficou convencido com a derrota. O pior é que esse sentimento foi generalizado entre os adeptos, criticando José Pereira por ter feito sair Isaias, que também não poupou o treinador pela substituição feita tão cedo e dizendo que mais valia ter ficado logo no balneário. E os dirigentes de Campo Maior não terão ficado, também, muito satisfeitos, porque o técnico foi afastado a seguir, na reestruturação prometida pelo presidente João Nabeiro. Este, curiosamente, e apesar do domínio alentejano, declarou que vira o jogo com muita apreensão. E foi mais longe, ao referir que a derrota fechara uma porta na estratégia de congregar as gentes do Alentejo. Se o Campomaiorense tivesse ganho, tudo poderia ser diferente, em termos de futuro.



Quem não teve culpa nenhuma foi o Beira Mar, um justíssimo vencedor. E, em Aveiro, quem não se deslocou ao Jamor teve direito a ver o jogo num «écran» gigante montado numa das praças principais da cidade. E os adeptos vestiram de amarelo e vibraram com o golo que valeu a Taça.

E, enquanto João Nabeiro afirmava que o Campomaiorense mostrara a razão da sua permanência na primeira Liga, já o presidente da Câmara aveirense, Mano Nunes, não teve pejo em declarar ter-se provado que a equipa do Beira Mar fora empurrada para a divisão de honra.

«Alentejo ao ataque», a mensagem inscrita na T-shirt usada pela maioria da claque alentejana acabou por não ser a realidade desejada pelos «galgos» de Campo Maior. Mas isso não impediu que, em conjunto com os aveirenses, tenham montado um verdadeiro arraial junto à zona do Estádio Nacional, num encontro entre o litoral e o interior, que deu direito a um piquenique gigante das duas claques. Depois do convívio, dirigiram-se todos para as bancadas, onde aguardaram a chegada do Presidente da República, dr. Jorge Sampaio. Mas se, na verdade, no fim, a alegria premiou melhor as gentes de Aveiro, de qualquer modo, como Madalena Esteves escreveu no «Diário de Notícias», citando a canção de Chico Buarque de Holanda, nesta final inédita, «Foi bonita a festa, pá!».

A PESADA HERANÇA DE RICARDO SOUSA
Foi unanimemente consagrado como o «herói» desta final o jovem Ricardo Sousa, protagonista de uma exibição deslumbrante culminado com o golo

que valeu a primeira Taça de Portugal ao clube aveirense, na sequência de uma jogada magnífica, só ao alcance dos melhores executantes do «soccer». Apenas com 20 anos, ainda não havia na sua curta carreira qualquer conquista significativa, além da simpatia e apreço dos adeptos do seu clube, o Beira Mar. A propósito deste triunfo já digno de referência especial, Ricardo disse-nos: «Para mim, que nunca tinha ganho nada, foi o momento mais alto da minha carreira, com a nota relevante de ser treinado pelo meu pai».

Aludia ao antigo internacional António Sousa, antigo futebolista prestigiado do Beira Mar, FC Porto e Sporting - onde esteve com Jaime Pacheco, na linha dos problemas entre «leões» e portistas, que já vinham dos

tempos de Damas e Futre, mais tarde com Fernando Gomes a fazer uma época, ainda, em Alvalade, depois de deixar

Aveirenses e alentejanos montaram um arraial nas imediações do Estádio num piquenique que juntou o litoral ao interior: «Foi bonita a festa, pá!»

Ricardo Sousa foi um perigo constante para os aveirenses que (em baixo) dão a volta de honra

as Antas. Mas o pai Sousa regressou ao FC Porto, clube onde se notabilizou como centrocampista de uma célebre formação portista que venceu a Taça dos Campeões. E participou activamente na saga maravilhosa da selecção portuguesa no Europeu 1984, em França.





Ricardo recordou não só a festa em família, naturalmente, como as exuberantes comemorações promovidas pelas gentes de Aveiro, conhecida como a Veneza de Portugal, ainda que a descida do clube não tivesse permitido que a festa tivesse, ainda, maior repercussão. Na época seguinte, Ricardo Sousa entrava nos quadros profissionais do FC Porto, ainda realizou quatro jogos, mas a sua integração plena era difícil, pois a equipa dispunha de muitos jogadores já de classe largamente firmada.

Em Dezembro de 1999, transferiu-se para o Santa Clara, mas a sua presença regular no «onze» foi prejudicada por lesões. Além disso, confessou-nos as suas dificuldades de adaptação ao clima e às viagens exigidas quinzenalmente a uma equipa sediada nos Açores.

A alegria dos vencedores, vendo-se Ricardo Sousa - o «herói da tarde» - assediado pela comunicação social; e, a seguir, um aspecto da festa da claque



No defeso do ano 2000, Ricardo Sousa preparava-se para abandonar o arquipélago, sem saber ainda se voltaria a vestir a camisola azul e branca ou se continuaria a sua promissora carreira noutro clube.

Curiosamente o «DN» intitulava a crónica do jogo assim: «O golpe (do filho) de mestre...». E talvez seja oportuno recordar - quando, continuando a ser orientada por António Sousa, a equipa de Aveiro no fim da época de 1999-2000 regressou à primeira Liga - que o técnico aveirense, depois de ter ganho esta Taça (a primeira como treinador, pois já conquistara o troféu, mas como jogador portista), afirmou que preferia ter perdido o jogo a descer à divisão de honra.

Por outro lado, não se pode esquecer que João Nabeiro terá ficado de tal modo triste com a exibição da

equipa do Campomaiorense - a primeira presença de uma equipa do Alentejo numa final, como se disse - que o treinador José Pereira, apesar da sua ligação ao Sindicato, foi afastado e Carlos Manuel - depois das suas passagens pelo Estoril, Salgueiros e Sporting - «mudou-se» para a região fronteiriça a escassos quilómetros de Badajoz.

Mas, apesar daquela (compreensível) declaração, relacionada mais com a despromoção, António de Sousa comentava com algum a-propósito: «Talvez só por daqui a dez ou vinte anos voltemos a estar numa final da Taça de Portugal e esta agarrámo-la com as duas mãos. Tínhamos consciência do maior valor da equipa adversária, mas conseguimos vencer, apesar do muito calor e de o Campomaiorense estar mais habituado a trabalhar sob temperaturas tão elevadas».

60.ª final: 1999-2000, Estádio Nacional, 25/5/2000



Porto: 2

Vitor Baía; Secretário, Jorge Costa, Aloísio e Esquerdinha; Chainho, Deco (Alessandro, 92m) e Drulovic; Capucho (Dominhos, 92m), Clayton (Rui Barros, 77m) e Jardel.

Marcadores - Clayton e Deco.

Treinador: Fernando Santos



Sporting: 0

Schmeichel; Saber, Beto, André Cruz (Quiroga, 42m) e Rui Jorge; Duscher, Vidigal e Pedro Barbosa (Toñito, 67m); Mpenza, Ayew e Edmilsson (De Franceschi, 69 m).

Treinador: Augusto Inácio.

Árbitro: Lucílio Baptista (Setúbal).

«Finalíssima» à noite, no Estádio Nacional

Portistas impediram duplo êxito «leoniño»

O Sporting acabara de ganhar, ao fim de dezoito anos, o Campeonato Nacional, com inteira justiça, e Inácio queria fazer a «dobradinha» e vencer, também, a Taça de Portugal; o FC Porto perdera a possibilidade de chegar directamente à fase final da nova Liga dos Campeões Europeus, não logrou alcançar o sexto título consecutivo, muito embora tivesse chegado a dar a ideia de que conseguiria, uma vez mais, impor a sua estrutura e impedir os «leões» de fazerem a festa, pelo que um êxito na Taça seria como que o «salvar» de uma época menos boa em relação a um passado recente. Isto, apesar de Pinto de Costa recordar que o FC Porto vencera a Supertaça, além de ter acesso à próxima edição da Liga dos Campeões, ou seja, só perdera a possibilidade de vencer o campeonato pela sexta vez consecutiva. Havia, ainda, outros motivos de interesse, como o duelo entre os goleadores Jardel e Acosta, a possibilidade de Rui Jorge ganhar o troféu ao serviço dos dois clubes (já vencera um pelo FC Porto) e a despedida anunciada de Rui Barros, após uma

O Sporting no adeus de Rui Barros e, em baixo, a festa portista



carreira bonita, quer no plano nacional, quer a nível internacional. Não se sabia, na altura do primeiro jogo, realizado no domingo anterior, mas acabaram por se juntar a estes ingredientes um novo empate no final do prolongamento - o terceiro nos embates entre os dois clubes - e a lesão de Paulinho Santos, agredido por Acosta. Ambos impedidos de jogar a «finalíssima», ao contrário de Jorge Costa, que já cumprira o jogo de castigo, motivo para Inácio comentar a estratégia de Fernando Santos em apostar pouco no ataque no primeiro jogo e garantir a presença no segundo para poder contar com aquele centro-campista, Vítor Baía e Deco, estes recuperados de lesões.



A verdade é que foram motivos mais que suficientes para despertar interesse pelo segundo jogo, que teve a particularidade de se realizar numa quinta-feira, à noite, na estreia da iluminação do Estádio Nacional, para uma final da Taça de Portugal. E que tiveram influência no resultado, sem que se esteja a pôr em causa a justeza do êxito portista, porque os «leões», sem Acosta - que já pouco fizera no primeiro encontro, muito marcado por Paulinho Santos (daí o desentendimento entre ambos, em que o portista acabou por se lesionar com gravidade) - e não só, perderam objectividade e pujança atacante e raramente deram para que se entendesse, sequer, a forma do regressado Vitor Baía. E, ao longo da primeira parte, os lances de perigo maior pertenceram sempre aos portistas, com Esquerdinha, Jardel, Clayton e Chainho a terem oportunidades de ficar isolados frente a Schmeichel, enquanto, do lado «leonino», apenas Ayew falhou um remate e um cruzamento de Rui Jorge foi à trave, depois de bater na bota de Deco. Antes do intervalo, o Sporting teve a infelicidade de «perder» André Cruz, que se resentiu de uma lesão, o que agravou, de certa forma, algum nervosismo que a equipa mostrava.

Na segunda metade, continuou o FC Porto a aparecer com mais perigo, tendo Clayton marcado logo aos 48 minutos, para, a seguir, Jardel chutar por cima, depois de passar Beto. O meio-campo dos nortenhos impunha-se

André Cruz em luta com Jardel, nesta página; na seguinte, Acosta e Secretário (foto superior) e Clayton e Quiroga em duas outras fases dos dois jogos em que FC Porto e Sporting tiveram de ir à «finalíssima»

claramente e Pedro Barbosa não tinha hipóteses de pautar o jogo como ele gosta, e nem Vidigal, nem Duscher conseguiam sobrepor-se a Drulovic e Chainho. Aos 75 minutos, tudo ficou resolvido, quando Deco bateu o guarda de Alvalade num livre directo, estilo folha seca. Entretanto, os atacantes «leoninos» nunca tiveram hipóteses de criar perigo para as redes de Baía. De tal sorte que acabou por ser, num dos últimos lances do jogo, na sequência de um canto, aos 91 minutos, o guarda-redes Schmeichel - mesmo cometendo falta - a obrigar Baía a defender no solo um remate de cabeça. O que nunca tinha acontecido com nenhum avançado do Sporting.

Clayton e Deco foram particularmente importantes numa equipa que voltou a mostrar o valor do seu colectivo, enquanto Duscher terá sido o único «leão» a manter a exibição da final, verificando-se certa sofreguidão, na busca do empate, por parte de alguns companheiros, o que complicou a tarefa de Lucílio Baptista, a merecer algumas «indirectas» de Augusto Inácio. Este, no entanto, abraçou com veemência Fernando Santos no fim do jogo, depois de uma semana em que ambos dirigiram «piropos» um ao outro. Almeida Santos, presidente da Assembleia da República, na ausência de Jorge Sampaio, presidiu à «finalíssima», que juntou outros «vips» governamentais, como o primeiro-ministro, eng.º António Guterres, os ministros Fernando Gomes, Jorge Coelho, José Sócrates e o secretário de

Fernando Santos conseguiu a recuperação de Vitor Baía e Deco, além de contar já com Jorge Costa e evitou que Inácio alcançasse novo êxito, após ganhar o campeonato para o Sporting



Estado da Administração Portuária, Narciso Miranda. Todos eles recebidos pelo presidente da FPF, dr. Gilberto Madail, ladeado pelo major Valentim Loureiro, presidente da Liga, e pelos presidentes dos dois clubes, Jorge Nuno Pinto da Costa e dr. José Roquette.

No domingo anterior, 21 de Maio, com arbitragem de António Costa (Setúbal), as equipas tinham empatado (1-1), com golos de Jardel, aos 4 m, e de Pedro Barbosa, aos 50 m, tendo as equipas alinhado:

FC Porto: Hilário; Secretário, Aloísio, Ricardo Silva e Esquerdinha; Chainho, Paulinho Santos (Rui Barros, 36m) e Rubens Júnior (Clayton, 46m); Capucho, Drulovic e Jardel (Alessandro, 104m).

Sporting: Schmeichel; Saber, Beto, André Cruz, Rui Jorge (Quiroga, 68m), Vidigal, Duscher e Pedro Barbosa (Mpenza, 70m); De Franceschi (Toñito, 89m); Ayew e Acosta.



A FINAL DEVE SER NUM ÚNICO JOGO

Com as referências do que de mais significativo ocorreu nos dois jogos da sexagésima final da Taça de Portugal, a última do ano 2000, o «Diário de Notícias» colmatou a lacuna de não haver nada escrito a este propósito numa única obra. Talvez se possa apontar que o critério seguido não foi o melhor ou que também seria importante falar dos resultados das eliminatórias em cada edição, mas tivemos de atender às realidades que se nos depararam.

Esta obra, aliás, não pretende ser - e não é, certamente - um anuário de resultados, da mesma forma que, infelizmente, há muitos documentos perdidos já na voragem dos anos, nomeadamente no tocante a fotografias desaparecidas, por vicissitudes de vária ordem.

A época de férias de um elevado número de jogadores e técnicos, sem falar já na realização do Campeonato da Europa de 2000, também não nos permitiu alguns contactos que poderiam enriquecer a pesquisa feita no Centro de Documentação do «DN», cujo apoio temos de agradecer, bem como o de quantos colaboraram conosco, fornecendo-nos pistas ou dando os testemunhos que reproduzimos. Temos consciência das falhas que possam existir, mas sentimos que é mais importante terem-se reproduzido numa só publicação elementos dispersos sobre a Taça de Portugal, ao longo das suas sessenta edições.

É, quanto a nós, e afirmamo-lo com convicção, um trabalho que poderá servir para quem quiser, no futuro, completar ou analisar os elementos dados agora à estampa sobre a segunda mais importante prova do futebol nacional, a primeira ao nível da Federação Portuguesa de Futebol.

Restam, ainda, alguns dados estatísticos, passe a

A euforia de Pinto da Costa, Jorge Costa, Aloísio e Fernando Santos; e a equipa do primeiro jogo



expressão, para finalizar este último fascículo, mas julgamos ser curial considerar que, depois da última «finalíssima» desta temporada de 1999-2000 e dos protestos que se ouviram (para mais quando estava à vista a preparação para o «Euro-2000», depois de uma época particularmente desgastante), algo será mudado no futuro. Alterar a estrutura da Taça é uma resolução que cabe à Direção da Federação Portuguesa de Futebol tomar, ouvidas as Associações. Mas arriscamo-nos a afirmar que, num futuro próximo, com «golo de ouro» ou outra forma, o vencedor da Taça será encontrado num só jogo.



Eliminou o Sporting dos «violinos» e o FC Porto (por duas vezes)

Tirsense: o primeiro «tomba-gigantes»

Não se encontra nenhuma explicação sobre quando, onde e porquê começou a designação vulgar de chamar «tomba-gigantes» às equipas mais fracas que eliminam os conjuntos tidos por mais fortes. Mas também não interessa muito para o caso, São muitos os que conseguem essas proezas em meras eliminatórias, mas também já aconteceu na final de 1961-62, com o Leixões a vencer o FC Porto, nas Antas, como vimos; ou do Vitória de Setúbal a ganhar ao Benfica, em 1964-65; o próprio Braga a impôr-se, na época seguinte, aos sadinos; e, mais tarde, as vitórias do Boavista sobre o Benfica, FC Porto e Sporting, este com direito a segundo jogo. Será que, em 1988-89, a vitória do Belenenses sobre o Benfica, não merecerá o mesmo epíteto?

Há, no entanto, e fica a recordação de outros exemplos, a história antiga do Tirsense, na altura na 3.ª divisão, em 1948-49 a derrotar o Sporting dos «violinos (imagine-se só!) - logo após, em Guimarães, os «leões» terem garantido a sua quarta vitória consecutiva no Campeonato Nacional,

A equipa do Tirsense (à direita vê-se o famoso internacional Pinga, que era o treinador)



Convívio e saudade

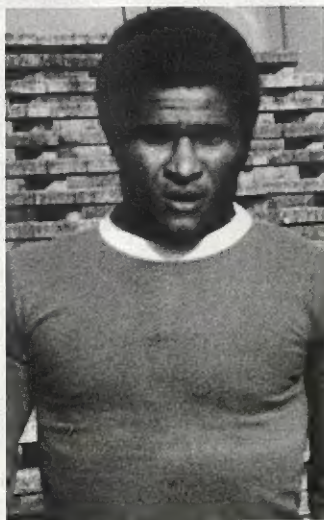
A Taça de Portugal é, para muitos que tiveram a honra de estar presente numa final, um motivo de recordações das mais diversas. A foto com que ilustramos a importância dessa saudade vivenciada ao longo dos anos, tem o significado do convívio de Rui André, Amílcar, António Augusto, Mergulho e José da Costa (sentados) e António Manuel, Gama, Gonçalves, Fernandes e o massagista Gois (na segunda fila), no decurso de uma homenagem que o Torrense prestou aos finalistas de 1955-56, com o FC Porto. Os portistas triunfaram (2-0) e conquistaram o troféu pela primeira vez, conseguindo Yustrich a «dobradinha» sempre tão ansiada. Recorde-se que foi esta a única vez em que a equipa de Torres Vedras esteve presente numa final, que Carlos Alberto, tantos anos passados, continuava a contestar, como outros torreeneses, a vitória portista, recordando a injustiça de uma grande penalidade apontada pelo árbitro Herminio Soares, quando a equipa do Oeste tentava a igualdade.

Rogério (15 golos) é o melhor marcador

Peyroteo único «leão» entre seis benfiquistas

Duas notas dominantes na lista dos melhores marcadores em finais da Taça: os 15 golos do benfiquista Rogério, um «record» muito difícil de igualar e que teve a ver com os golos marcados ao Estoril, Académica e Sporting, como já vimos; e o facto de, a seguir a Eusébio, com oito golos, e a Arsénio, com sete, surgir em quarto lugar, com cinco golos, Fernando Peyroteo, o grande avançado-centro do Sporting, das décadas de 30/40.

Este atacante internacional, que foi seleccionador nacional de Portugal e Angola, é, aliás, o único avançado sportinguista que figura entre os seis melhores goleadores de sempre, em finais da Taça, já que, a seguir, com quatro golos cada um, figuram Julinho e Nené, este com um famoso «hat-trick», ao FC Porto.



Com três golos: temos João Cruz, Albano e Chico Faria (Sporting); José Águas, Domiciano Cavém, João Vieira Pinto (Benfica), Hernani Silva, Jaime Magalhães e Jardel (FC Porto), Marlon Brandão (Sporting e Boavista), Manuel da Costa (Académica, Atlético e Benfica) e Paulo Futre (FC Porto e Benfica).

Com dois golos marcados: Arnaldo Carneiro (Académica), Gilberto (Belenenses), Nunes, Simões, Artur Jorge, Diamantino, Corona, José Augusto, José Torres, Manniche, Rogério de Sousa e Rui Águas (Benfica), Erwin Sanchez e Salvador (Boavista), Fernando Gomes, Sousa e Aloísio (FC Porto), Rola, Figueiredo, Fernando Mendonça, Peres, Tomé, Dinis, António Oliveira, Manuel Fernandes e Iordanov (Sporting), Joaquim Soares e José Maria (Vitória de Setúbal) e Rui Jordão (Benfica e Sporting).

Rogério (15 golos), Eusébio (oito), Arsénio (sete) e Peyroteo (cinco), os quatro melhores goleadores das finais

Com um só golo: Alberto Gomes, Celestino Bárbara, Ernesto Sousa, João Bárbara e Manuel António (Académica), Alexandre Brito, Alfredo Valadas, Carlos Manuel, César de Oliveira, Espírito Santo, Vata, João Martins, José Calado, Manuel da Costa, Coluna, Mauro Aires, Serafim Pereira, Vítor Paneira e Armindo, do Setúbal - na própria baliza (Benfica), Sidónio, Jesus Correia, Vasques, Diego Arizaga, Mascarenhas, Lúcio, Yazalde, João Martins, Marinho, Nelson, Menezes, Vítor Gomes, Carlos Xavier, Vujacic e Pedro Barbosa (Sporting), António Carvalho, Teixeira da Silva, Quaresma, José Faria, Juanico, Rafael e Matateu (Belenenses), Séninho, Custódio Pinto, Vermelhinho, Francisco Baptista, Nóbrega, Valdemar, Kostadinov, Artur, Clayton, Deco e Ve-

O «record» de 15 golos em finais da Taça de Portugal confere a Rogério Lantres de Carvalho um estatuto privilegiado, tratando-se de uma proeza difícil de igualar, mesmo no estrangeiro

loso, do Benfica - na própria baliza (FC Porto), João Alves, José Tavares, Júlio, Mané, Ricky, Nuno Gomes e Paulo Sousa, do Benfica - na própria baliza (Boavista), Manuel de Oliveira e Osvaldo Silva (Leixões), Amador, Bonjour, Guerreiro, Jaime Graça, Duda, Vicente e Pedras (Vitória de Setúbal), Calota e Marques (Atlético), Rui Lopes (Vitória de Guimarães), N'Habola (Rio Ave), Fernando Pires (Sporting da Covilhã), Paulo Bento e Ricardo Lopes (Sporting de Braga) Abdel Ghany e Ricardo Sousa, (Beira Mar).

A autoria dos golos é um pormenor susceptível de gerar equívocos, principalmente entre o público e, muitas vezes, nos próprios comentadores da informação. O critério usado nesta publicação foi, obviamente, o de seguir as opiniões publicadas pelos jornalistas do «DN» que escreveram as crónicas dos jogos.

Entre treinadores vitoriosos

José Maria Pedroto: líder bem destacado

José Maria Pedroto detem um «palmarès» invejável entre os treinadores, nacionais e estrangeiros, que orientaram equipas finalistas da Taça de Portugal. Ele esteve presente em nove dessas jornadas, conquistou o troféu cinco vezes, com o feito único de três triunfos consecutivos, e a particularidade de haverem sido obtidos à frente das principais equipas nortenhas, o FC Porto e o Boavista.

A primeira vitória de Pedroto verificou-se em 1967/68, a treinar o FC Porto, mas foi ao serviço do Boavista que alcançou dois êxitos consecutivos: sobre o Benfica, em Alvalade (2-1), em 1974/75; e, na temporada seguinte, nas Antas, ao vencer o Vitória de Guimarães (3-0). De novo ao serviço do FC Porto, em 1976/77, na sua quarta vitória, ganhou (1-0) ao Sporting de Braga. O seu último sucesso na Taça ocorreu já quando se encontrava doente e foi o seu



adjunto, António Moraes quem se sentou no «banco» portista, no Jamor, quando o FC Porto venceu (1-0) o Rio Ave, na final de 1984.

Com seis presenças em finais e quatro triunfos, segue-se Otto Glória, um técnico brasileiro a quem o futebol português muito deve da reestruturação encetada na década de sessenta, não só no Benfica, mas também na selecção nacional que dirigiu tecnicamente e obteve o terceiro lugar no Mundial-1966. Das quatro vitórias, três verificaram-se ao serviço do Benfica, em 1955, 1957 e 1960; e ganhou a quarta ao serviço do Belenenses, em 1969.

Fernando Vaz, outro nome grande, como treinador e como jornalista, regista três vitórias em sete finais: com o Vitória de Setúbal, em 1964 e 1966; e com o Sporting,

em 1970. Igual proeza foi conseguida pelo húngaro Janos Biri (naturalizado português), mas apenas em quatro presenças, sempre ao serviço do Benfica.

Com duas finais vitoriosas citamos Cândido de Oliveira, possuidor de profundos conhecimentos técnicos do jogo e uma das mais notáveis figuras de sempre do jomalismo: duas taças dirigindo o Sporting em 1946 e 1948. Êxito idêntico para José Szabo, outro húngaro naturalizado português, que ficou célebre não só pela sua qualidade técnica e humana, mas também pela forma curiosa como pronunciava o nosso idioma. Em Portugal, Szabo começou a treinar na Madeira (Marítimo), passou pelo FC Porto e só depois se fixou em Alvalade; a ele deve o Sporting a conquista da primeira Taça de Portugal, em 1941, e a de 1954. Um triunfo coube também a Ted Smith (inglês), Mário Lino (em 1974, nas circunstâncias descritas), Jimmy Hagan (inglês), Mário Wilson e John Mortimore (inglês).

Eis os técnicos com uma vitória: Albano Paulo, que conquistou a primeira Taça para a Académica; Rodolfo Faroleiro, idem para o Belenenses; Filpo Nuñez, para o Leixões; João Alves e António Sousa, respectivamente, com o Estrela da Amadora e o Beira Mar, equipas que venceram na sua única presença como finalistas. Mas há ainda a citar: Joaquim Ferreira, Cândido Tavares, Ribeiro dos Reis, Otto

Da esquerda para a direita: José Maria Pedroto, Otto Glória, Fernando Vaz e Janos Biri foram os treinadores mais vitoriosos

Bumbel, Valdivieso, Caiado, Juca, Czeiler, Sim-Sim, José Augusto, Rodrigues Dias, Lajos Baroti, Allison, Ivic, Eriksson, Pal Csernai, Marinho Peres, Artur Jorge, Manuel José, Toni, Carlos Queirós, Robson, Mário Reis, António Oliveira, José Pereira e Fernando Santos.

Nomes conhecidos figuram na lista dos treinadores vencidos na única vez que estiveram numa final: Tavares da Silva, Alberto Augusto, Lipo Hertzka, Armando Martins, Randolph Galloway, Alfredo Gonzalez, Augusto Silva, Bela Gutmann, Francisco Reboredo, Francisco Andrade, Henri Depireux, Manuel Florêncio, José Mendes, José Torres, Fernando Cabrita, Carlos Alberto Silva, Schwartz, Herman Stessl, Quinho, José Valle, Burkinshaw, Vítor Urbano, Pedro Areso, Paco Fortes, Paulo Autuori, Octávio Machado, Alberto Pazos, Carlos Manuel e Inácio.

Vítor Correia o mais nomeado

Até à sexagésima edição, na temporada de 1999-2000, o antigo internacional Vítor Correia, da Associação de Futebol de Lisboa, era o árbitro que registava maior número de nomeações para dirigir finais de Taças de Portugal: 1983-84 (FC Porto-Rio Ave), 1985-86 (Benfica-Belenenses), 1987-88 (FC Porto-Guimarães) e 1990-91 (FC Porto-Beira Mar).

Com duas nomeações seguem-se-lhe Vieira da Costa (AF Porto), Paulo de Oliveira (AF Santarém), Braga Barros, (AF Leiria), Francisco Guerra, (AF Porto), Décio de Freitas, (AF Lisboa), Clemente Henriques (AF Porto), Francisco Lobo (AF Setúbal), César Correia, (AF Faro), António Garrido, (AF Leiria), Mário Luis (AF Santarém) Alder Dante, (AF

Da esquerda: Vítor Correia, o árbitro que mais nomeações teve para finais da Taça, vindo-se, a seguir, António Costa e Lucílio Baptista, os juizes dos dois jogos Sporting-FC Porto da época de 1999-2000

Santarém), Raul Nazaré, (AF Setúbal), Veiga Trigo, (AF Beja) e Lucílio Baptista, (AF Setúbal), que dirigiu a última «finalíssima» do século.

Com uma única nomeação: António Palhinhas (AF Setúbal, o árbitro que apitou a primeira final), Santos Palma (AF Santarém), Álvaro Santos (AF Coimbra), Araújo Correia (AF Porto), Domingos Miranda (AF Porto), José Lira (AF Braga), Libertino Domingos (AF Coimbra), Reis Santos (AF Santarém), Evaristo Santos, (AF Setúbal), Hermínio Soares (AF Lisboa), Álvaro Rodrigues (AF Coimbra), Manuel Fortunato (AF Évora), Rosa Nunes (AF Faro), Salvador Garcia (AF Lisboa), Joaquim Campos (AF Lisboa) Ismael Baltasar (AF Setúbal), Henrique Silva (AF Lisboa), Fernando Leite (AF Porto), Porém Luis (AF Leiria), Rosa Santos (AF Beja), Carlos Valente (AF Setúbal), Fortunato Azevedo (AF Braga), José Pratas (AF Évora), Bento Marques (AF Évora), Vitor Pereira (AF Lisboa), Paulo Paraty (AF Porto) e Jorge Coroado (AF Lisboa).

Nas finais que obrigaram a «finalíssimas», os árbitros do primeiro jogo foram Francisco Lobo (AF Setúbal), Marques Pires (AF Setúbal), Manuel Nogueira (AF Porto), Fortunato Azevedo (AF Braga), e António Costa (AF Setúbal).

A final da Taça de Portugal constitui uma recompensa para o melhor árbitro da época; mas houve casos em que esse critério se desprezou quando os finalistas eram da sua associação



Sporting e FC Porto com quatro vitórias cada um

Campeonato de Portugal antecedeu a Taça

A Taça de Portugal é, agora, a nível nacional, a competição mais importante organizada pela Federação Portuguesa de Futebol. Antes de se ter passado a chamar Taça de Portugal, esta competição - que começou em 1921-22 - tinha o nome de Campeonato de Portugal e foi ganha nessa época pelo FC Porto, que derrotou (3-1, após prolongamento) o Sporting por 3-0; em 1923, o Sporting venceu a Académica, para, em 1924, o Olhanense ter ganho ao FC Porto, por 4-2. Os portistas voltaram a vencer o Sporting, por 2-1, em 1925, e o triunfo, na temporada de 1926, pertenceu ao Marítimo, que triunfou (2-0) sobre o Belenenses, vencedor da prova, por sua vez, em 1927, frente ao Vitória de Setúbal, por 3-0. Em 1928, o Carcavelinhos foi o vencedor, derrotando, por 3-1, o Sporting, tendo os «azuis» voltado a ganhar, por 2-1, ao União de Lisboa, na época de 1929.

O Benfica alcançou o primeiro êxito em 1930, ao vencer, no prolongamento, por 3-1, o Barreirense, e repetiu, na temporada seguinte, o triunfo (3-0) com o FC Porto, que, em 1932, ganhou, por 6-5, também após prolongamento (os noventa minutos terminaram com um empate 4-4) ao Belenenses. Mas foi esta equipa a vencer, por 3-1, a do Sporting, em 1933, tendo os «leões» ganho, em 1934, ao Barreirense, também após prolongamento, por 4-3. Em

1935, o Benfica derrotou o Sporting (2-1) e os «leões» ganharam, por 3-1, ao Belenenses, em 1936. No ano seguinte o FC Porto venceu (3-2) o Sporting, que triunfou, na última edição do campeonato, por 3-1, sobre o Benfica.

Em resumo, um total de quatro vitórias para FC Porto e Sporting, três para o Benfica e Belenenses, antes da criação da Taça de Portugal, em 1938-39, na sequência da remodelação das provas oficiais, ocorrida em 1934-35, mercê da influência de jornalistas dedicados ao estudo do futebol, como «mestres» Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Ricardo Omelas, entre o escol de uma geração a que se seguiram outros nomes de vulto no jornalismo desportivo portugueses.

BENFICA : 23 VITÓRIAS E 31 VEZES FINALISTA

Ao longo das suas sessenta edições - a prova só não se realizou duas vezes, como adiante se explica - a supremacia é do Benfica, com 23 vitórias em 31 presenças na final, contando o Sporting com 15 títulos em 21 presenças, o FC Porto, com dez títulos em 19 finais, seguindo-se o Boavista, com cinco vitórias em seis finais, o Belenenses, com três vitórias e quatro derrotas, e o Vitória de Setúbal com duas vitórias em oito presenças. Só mais quatro clubes conquistaram o troféu: Académica, na estreia da Taça; em



38-39, o Leixões, nas Antas, frente ao Porto, em 1960-61; o Estrela da Amadora, na «finalíssima» com o Farense, em 1989-90; e o Beira Mar, que venceu, por 1-0, o Campomaiorense, em 1988-89.

Como finalistas derrotados, o Guimarães é o líder, com quatro presenças e outras tantas derrotas e, além dos clubes já referidos, como tendo perdido algumas das vezes que foram finalistas, há ainda os casos do Atlético (duas), Olhanense, Sporting da Covilhã, Rio Ave e Marítimo.

Como notas curiosas, nunca nenhuma equipa da segunda divisão conquistou a Taça, embora o Setúbal, Estoril e Farense, em épocas em que foram finalistas, tivessem subido nas temporadas seguintes à primeira divisão, já que as duas vitórias dos sadinos ocorreram com a equipa já primodivisionária. Os clubes com maior número de finais entre si foram : Benfica- FC Porto e Benfica-Sporting (oito vezes cada); e, todos com três jogos, FC Porto-Sporting Benfica-Académica, Benfica-Vitória de Setúbal, Sporting-Belenenses e Benfica-Belenenses.

AS TAÇAS QUE NÃO HOUE

Resultaram inúteis todos os esforços desenvolvidos para obter explicações pormenorizadas dos motivos da não efectivação da Taça de Portugal nas temporadas de 1946-47 e 1949-50, dada a falta de registos completos, oficiais ou outros; e teve resultado muito precário o recurso à contribuição de elevado número de agentes do futebol contactados para o efeito. Deixamos aqui um resumo dos elementos recolhidos.

Época de 1946-47 - No rescaldo dos acontecimentos

que envolveram o termo da II Guerra Mundial, houve uma reestruturação dos calendários das competições futebolísticas, quando se verificou o aumento de dez para 12 do número de clubes da primeira divisão, com a inclusão de representantes de Portalegre e de Aveiro. Sabe-se que dificuldades várias de carácter organizativo e, principalmente, a falta de datas disponíveis determinaram a anulação da Taça.

Época de 1949-50 - Com a Federação em regime de comissão administrativa e já com 14 clubes na divisão principal, a organização da Taça viu-se confrontada com diversas questões de difícil conciliação, tais como: recusa dos clubes da segunda divisão devido aos prejuízos decorrentes das deslocações, visto vigorar, na altura, o sistema de dois jogos nas eliminatórias, além de pretenderem a realização de torneios regionais para os jogadores das equipas eliminadas poderem continuar em actividade; a convocatória de muitos jogadores dos principais clubes para as competições internacionais (A e Esperanças), com vista a jogos de preparação para as competições internacionais, nomeadamente a qualificação para o Mundial de 1950, em território brasileiro, deparando-se ainda, neste último caso, a hipótese de um convite para a presença da selecção portuguesa mais representativa no Brasil-50, na sequência de desistências em perspectiva; além disso, estava-se em plena euforia da Taça Latina, competição para a qual os países da Europa meridional previam uma importância e continuidade às quais a estrutura federativa de então não sentiu capacidade para responder. E, mais uma vez, a Taça foi retirada do calendário.

Eis a lista das finais, com os vencedores assinalados em maiúsculas

As finais em números

1.ª edição: 1938-39 - Estádio das Salésias - ACADEMICA, 4 - Benfica, 3	30.ª edição: 1969-70 - Estádio Nacional - BENFICA, 3 - Sporting, 1
2.ª edição: 1939-40 - Estádio do Lumiar - BENFICA, 3 - Belenenses, 1	31.ª edição: 1970-71 - Estádio Nacional - SPORTING, 4 - Benfica, 1
3.ª edição: 1940-41 - Estádio das Salésias - SPORTING, 4 - Belenenses, 1	32.ª edição: 1971-72 - Estádio Nacional - BENFICA, 3 - Sporting, 2
4.ª edição: 1941-42 - Estádio do Lumiar - BELENENSES, 2 - Guimarães, 0	33.ª edição: 1972-73 - Estádio Nacional - SPORTING, 3 - Setúbal, 2
5.ª edição: 1942-43 - Estádio das Salésias - BENFICA, 5 - Setúbal, 1	34.ª edição: 1973-74 - Estádio Nacional - SPORTING, 2 - Benfica, 1
6.ª edição: 1943-44 - Estádio das Salésias - BENFICA, 8 - Estoril, 0	35.ª edição: 1974-75 - Estádio Alvalade - BOAVISTA, 2 - Benfica, 1
7.ª edição: 1944-45 - Estádio das Salésias - SPORTING, 1 - Olhanense, 0	36.ª edição: 1975-76 - Estádio das Antas - BOAVISTA, 2 - Guimarães, 1
8.ª edição: 1945-46 - Estádio Nacional - SPORTING, 4 - Atlético, 2	37.ª edição: 1976-77 - Estádio das Antas - FC PORTO, 1 - Braga, 0
1946-47 - Não se realizou.	38.ª edição: 1977-78 - Estádio Nacional - SPORTING, 2 - FC Porto, 1
9.ª edição: 1947-48 - Estádio Nacional - SPORTING, 3 - Belenenses, 1	39.ª edição: 1978-79 - Estádio Nacional - BOAVISTA, 1 - Sporting, 0
10.ª edição: 1948-49 - Estádio Nacional - BENFICA, 2 - Atlético, 1	40.ª edição: 1979-80 - Estádio Nacional - BENFICA, 1 - FC Porto, 0
1949-50 - Não se realizou.	41.ª edição: 1980-81 - Estádio Nacional - BENFICA, 3 - FC Porto, 1
11.ª edição: 1950-51 - Estádio Nacional - BENFICA, 5 - Académica, 1	42.ª edição: 1981-82 - Estádio Nacional - SPORTING, 4 - Braga, 0
12.ª edição: 1951-52 - Estádio Nacional - BENFICA, 5 - Sporting, 4	43.ª edição: 1982-83 - Estádio das Antas - BENFICA, 1 - FC Porto, 0
13.ª edição: 1952-53 - Estádio Nacional - BENFICA, 5 - FC Porto, 0	44.ª edição: 1983-84 - Estádio Nacional - FC PORTO, 4 - Rio Ave, 1
14.ª edição: 1953-54 - Estádio Nacional - SPORTING, 3 - Setúbal, 2	45.ª edição: 1984-85 - Estádio Nacional - BENFICA, 3 - FC Porto, 1
15.ª edição: 1954-55 - Estádio Nacional - BENFICA, 2 - Sporting, 1	46.ª edição: 1985-86 - Estádio Nacional - BENFICA, 2 - Belenenses, 0
16.ª edição: 1955-56 - Estádio Nacional - FC PORTO, 2 - Torreense, 0	47.ª edição: 1986-87 - Estádio Nacional - BENFICA, 2 - Sporting, 1
17.ª edição: 1956-57 - Estádio Nacional - BENFICA, 3 - Covilhã, 1	48.ª edição: 1987-88 - Estádio Nacional - FC PORTO, 1 - Guimarães, 0
18.ª edição: 1957-58 - Estádio Nacional - FC PORTO, 1 - Benfica, 0	49.ª edição: 1988-89 - Estádio Nacional - BELENENSES, 2 - Benfica, 1
19.ª edição: 1958-59 - Estádio Nacional - BENFICA, 1 - FC Porto, 0	50.ª edição: 1989-90 - Estádio Nacional - AMADORA, 2 - Farense, 0
20.ª edição: 1959-60 - Estádio Nacional - BELENENSES, 2 - Sporting, 1	51.ª edição: 1990-91 - Estádio Nacional - FC PORTO, 3 - Beira Mar, 1
21.ª edição: 1960-61 - Estádio das Antas - LEIXÕES, 2 - FC Porto, 0	52.ª edição: 1991-92 - Estádio Nacional - BOAVISTA, 2 - FC Porto, 1
22.ª edição: 1961-62 - Estádio Nacional - BENFICA, 3 - Setúbal, 0	53.ª edição: 1992-93 - Estádio Nacional - BENFICA, 5 - Boavista, 2
23.ª edição: 1962-63 - Estádio Nacional - SPORTING, 4 - Guimarães, 0	54.ª edição: 1993-94 - Estádio Nacional - FC PORTO, 2 - Sporting, 1
24.ª edição: 1963-64 - Estádio Nacional - BENFICA, 6 - FC Porto, 2	55.ª edição: 1994-95 - Estádio Nacional - SPORTING, 2 - Marítimo, 0
25.ª edição: 1964-65 - Estádio Nacional - SETÚBAL, 3 - Benfica, 1	56.ª edição: 1995-96 - Estádio Nacional - BENFICA, 3 - Sporting, 1
26.ª edição: 1965-66 - Estádio Nacional - BRAGA, 1 - Setúbal, 0	57.ª edição: 1996-97 - Estádio Nacional - BOAVISTA, 3 - Boavista, 2
27.ª edição: 1966-67 - Estádio Nacional - SETÚBAL, 3 - Académica, 2	58.ª edição: 1997-98 - Estádio Nacional - FC PORTO, 3 - Braga, 1
28.ª edição: 1967-68 - Estádio Nacional - FC PORTO, 2 - Setúbal, 1	59.ª edição: 1998-99 - Estádio Nacional - BEIRA MAR, 1 - Campomaiorense, 0
29.ª edição: 1968-69 - Estádio Nacional - BENFICA, 2 - Académica, 1	60.ª edição: 1999-00 - Estádio Nacional - FC PORTO, 2 - Sporting, 0

Nota - Para se encontrar o vencedor de algumas finais teve de recorrer-se a prolongamentos (com o chamado «golo de ouro» no jogo de desempate do Setúbal-Académica, de 1967) e a «finalíssimas», conforme se pode ler no descritivo das várias edições.

Errata

- ✓ Página 11 - Na equipa do Benfica: Alexandre Brito, em vez de Alexandre Pinto.
- ✓ Página 14 - Na equipa do Benfica: Joaquim Teixeira e não Joaquim Baptista.
Na equipa do Belenenses: Alberto Jesus em vez de Alberto Gomes. Falta o avançado Horácio Tellechea.
- ✓ Página 15 - Na equipa do Sporting falta o médio Octávio Barrosa.
- ✓ Página 18 - Equipa do Benfica corrigida: Martins; César Ferreira e Carvalho; João, Silva e Francisco Ferreira; Espírito Santo, Arsénio, Julhinho, Joaquim Teixeira e Rogério. Marcadores: Rogério (5), Julinho (2) e Arsénio.
- ✓ Página 26 - Marcadores do Benfica: Rogério (3), Corona e José Águas.
Na sequência do marcador falta: 5-4, Benfica, aos 89 m, por Rogério.
- ✓ Página 29 - A foto superior da esquerda saiu errada. Deveria ser a de Virgílio, como está na legenda e aqui ao lado.
- ✓ Página 30 - Marcadores do Sporting: Martins e Fernando Mendonça (2)
Legenda: Martins (foto ao lado, em vez da de Vasques), o mais esclarecido atacante do Sporting.
- ✓ Página 32 - Na equipa do Benfica falta o médio Alfredo Abreu.



Virgílio



Martins

- ✓ Página 33 - Na equipa do Torreense faltam António Bernardo e Fomeri.
- ✓ Página 34 - No destaque, a cor, o nome da Académica começa por maiúscula.
- ✓ Página 36 - Marcador do Covilhã: Fernando Pires.
- ✓ Página 39 - Na equipa do Benfica, leia-se Alfredo Abreu.
- ✓ Página 41 - Onde está foto da direita leia-se: ... o irmão Vicente (foto da esquerda).
- ✓ Página 42 - Equipa do Leixões correcta: José Rosas; Santana e Pacheco; Ventura, Raúl Machado e Jacinto Santos; António Medeiros, Osvaldo Silva, Manuel Oliveira, António Silva e Eduardo Gomes.
Marcadores: António Silva e Manuel Oliveira.
Na equipa do FC Porto: Treinador - Francisco Reboredo (Argentina).
- ✓ Página 44 - Na ficha falta o árbitro: Manuel Fortunato (Évora).
- ✓ Página 45 - Equipa do Guimarães: Roldão; Caiçara, Daniel, João da Costa e Manuel Pinto; Virgílio Gomes, Paulino, António Peres e Lua; António Mendes e Armando Silva.
- ✓ Página 48 - Legenda: José Augusto (em cima) e Américo.
- ✓ Página 55 - Na legenda: Tomé e não Tozé.